UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS

Tiago Chagas Soares

Make it New: Hayek, Modernismo e a invenção do Neoliberalismo (1920-1950)

Versão Corrigida

São Paulo

2019

TIAGO CHAGAS SOARES

Make it New: Hayek, Modernismo e a invenção do Neoliberalismo (1920-1950)

Versão Corrigida

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutor em História Econômica

Área de Concentração: Teoria, Historiografia e Pensamento Econômico

Orientador: Prof. Dr. Francisco Assis De Queiroz

São Paulo

2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S676m Soares, Tiago Chagas
 Make it New: Hayek, Modernismo e a invenção do
Neoliberalismo (1920-1950) / Tiago Chagas Soares ;
orientador Francisco Assis de Queiroz. - São Paulo,
2019.
 209 f.

 Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
Departamento de História. Área de concentração:
História Econômica.

 1. Neoliberalismo. 2. Friedrich Hayek. 3.
Modernismo. I. Queiroz, Francisco Assis de, orient.
II. Título.

**ENTREGA DO EXEMPLAR CORRIGIDO DA
DISSERTAÇÃO/TESE****Termo de Ciência e Concordância do (a) orientador (a)**

Nome do (a) aluno (a): Tiago Chagas Soares

Data da defesa: 15/10/2019

Nome do Prof. (a) orientador (a): Francisco Assis de Queiroz

Nos termos da legislação vigente, declaro **ESTAR CIENTE** do conteúdo deste **EXEMPLAR CORRIGIDO** elaborado em atenção às sugestões dos membros da comissão Julgadora na sessão de defesa do trabalho, manifestando-me **plenamente favorável** ao seu encaminhamento e publicação no **Portal Digital de Teses da USP**.

São Paulo, 10/12/2019

(Assinatura do (a) orientador (a))

Nome: SOARES, Tiago Chagas

Título: Make it New: Hayek, Modernismo e a invenção do Neoliberalismo (1920-1950)

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de
Doutor em História Econômica

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, professor Francisco, pela generosidade e pelos comentários nas horas certas. A Pajé, Letícia e Rita por me acolherem quando tudo era difícil demais. Ao Rafa, por transformar uma fuga ao frio numa grande temporada. A Hugo e Lavignatti, que nunca me deixaram esquecer das mãos de fogo e de como a amizade é uma coisa simples. Ao Daniel e ao Danilo, por me ajudarem a começar coisas novas. À Aracele, por me empurrar à frente, e dividir de modo generoso os caminhos que tornaram essa pesquisa possível. Ao Odi, por me ajudar a entender onde os tempos passados se dividem das expectativas do presente; e, pela inalcançável verdade Parmera. Ao Tel Amiel, que me ajudou a entender melhor como meu ofício funciona. A Miguel, Ewout, Dani, Priscila, Filipe e todos amigos e amigas que me acompanharam em grandes investigações e projetos, e me ensinaram a ser um pesquisador melhor. À Vange, por me empurrar e pelas coisas todas que me ensinou. À Marcela e ao Felipe, e à Letícia e ao Daque, e à Carol e ao Alexandre, e à Cassi pela generosidade de todo mundo, e por me mostrarem que sempre dá pra gente ter uma família de novo. Ao professor Shozo, pela generosidade e paciência. À Marilda, por me ajudar a navegar pelos corredores. À Marília, Natália, Paulo, Marcelo, Fernando e todos/as colegas de CHC, por me ensinarem sempre. À Marta e todo/as colegas do grupo ICTS, por me acompanharem desde o começo. À Sara, por dividir comigo os pânicos do ofício e do mundo, e por me ajudar a entender como navegar por um e outro. A Gonzo, Male, Marie, Fefo, Caldera, Falcon, Pablo, Jurnio, Tubas e todo mundo que carregou quadros grandes demais noite adentro e sempre celebrou que a vida é luta. Ao David, por me puxar a inventar coisas e a me ensinar como inventar. Ao Armando, por me manter são. À Margaret, por ter sido a melhor amiga no meio do maior inverno. Ao Rômulo, por dividir o entusiasmo em descobrir os problemas de hoje na ficção científica e em outros mundos. À Kathy, por me ajudar a colocar tudo em perspectiva. À Ana, por vir ao resgate. À Lu e ao Miguel, por serem as pessoas mais generosas. Ao Dimar, pelo apoio. Ao meu pai, e à Cyntia, e à Luisa, pelo amor. Ao Teodoro, por ser o irmão mais interessante do mundo. À Helevi, por me colocar em movimento, me inspirar ao começo dessa investigação, e me apresentar o mundo de Alice. À Karen, e ao Fabiano, e ao Edu e ao Rafa, e ao Zé por me ensinarem a ver o mundo de outra maneira. À Suzana, por me lembrar que não importa muito quão escuras as nuvens, há um Sol a se mostrar nas menores brechas. À Alexandra Elbakyan e a toda a comunidade da educação livre e aberta, por tornarem este trabalho possível. A todo mundo que dividiu cafés e mesas de bar comigo nesses anos todos – vocês sabem quem são.

E à minha mãe, que me deu forças pra tentar transformar o mundo contra todas as coisas.

Mãe, este trabalho é pra você.

“Hay momentos para recitar poesías y hay momentos para boxear.
Para mí aquél era uno de estos últimos.”

Roberto Bolaño, **Los Detetives Salvages**

RESUMO

Este trabalho propõe uma investigação do pensamento econômico pelo prisma do modernismo do início do século XX. Ao mapear movimentos, tendências e redes de elaboração, a proposta é entender influências recíprocas entre a história da cultura e a ciência econômica, buscando uma arqueologia cultural da noção de *neoliberalismo*. Ao acompanhar a trajetória do economista austríaco Friedrich Hayek por três centros a organizar dinâmicas modernistas distintas - Viena, Londres e Chicago - são apontados alguns dos traços culturais a informar a renovação do pensamento liberal nas primeiras décadas do século XX.

Palavras chave: Neoliberalismo; Friedrich Hayek; Modernismo

ABSTRACT

This work is an investigation of economic thought through early twentieth century modernism. By mapping movements, trends and networks, it aims at an interface between cultural history and economics, seeking a cultural archeology of what came to be known as neoliberalism. Following the trajectory of the Austrian economist Friedrich Hayek through three distinct modernist hotbeds - Vienna, London and Chicago - are further examined some of the cultural traits informing the renewal of liberal thought through the first decades of the twentieth century.

Keywords: Neoliberalism, Friedrich Hayek, Modernism

Sumário

INTRODUÇÃO.....	1
PARTE 1. VIENA.....	25
CAPÍTULO 1. UM NOVO MUNDO.....	25
CAPÍTULO 2. UMA ESCOLA AUSTRIACA.....	45
2.1 Cafés, Círculos, Tempos Modernos.....	57
PARTE 2. LONDRES.....	65
CAPÍTULO 3. LSE E CAMBRIDGE.....	65
3.1 Fabianos e Liberais.....	73
3.2 Literatura, Manifestos.....	81
3.3 Fascismo, Conservadorismo, Modernismo.....	97
CAPÍTULO 4. CONTRA KEYNES, POR UMA “INTERNACIONAL LIBERAL”.....	105
4.1 A reviravolta metodológica.....	125
4.2 O Colóquio Walter Lippmann.....	149
PARTE 3. CHICAGO.....	159
CAPÍTULO 5. <i>ROAD TO SERFDOM</i> E A CONSTRUÇÃO DE UMA AVANT-GARDE NEOLIBERAL...	159
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	193
REFERÊNCIAS.....	199

INTRODUÇÃO

Em 1974, o acaso levou ao reencontro dois velhos conhecidos. A reunião entre o austríaco Friedrich Hayek (1899-1992) e o sueco Gunnar Myrdal (1898-1987) tinha motivo incomum: eram, ambos, agraciados com o Prêmio Nobel de Economia daquele ano.

Nomeados pelo “seu pioneiro trabalho na teoria da moeda e das flutuações econômicas, e por sua penetrante análise da interdependência entre fenômenos econômicos, sociais e institucionais”¹ (NOBEL FOUNDATION, 1974), Hayek e Myrdal encarnavam uma divisão para além do reparte dos cerca de US\$ 123.000 dados aos vencedores do Nobel – compartilhando o título, cada um tinha direito a metade do valor, US\$ 62.570. (THE NEW YORK TIMES, 1974). Em orientação política e diagnósticos econômicos, os dois não poderiam estar mais distantes.

Hayek vinha de uma família de tradição acadêmica: seu pai, August, era médico e professor de Botânica na Universidade de Viena (EBENSTEIN, 2014). Forjado na Viena do *fin-de-siècle*, ao longo de sua trajetória Hayek deslizou do ofício de acadêmico a uma incisiva atuação como intelectual público. Polímata, transitou pela economia, pela psicologia, pelas neurociências, pelo direito e pela história das ideias. Carregando a tocha da tradição austríaca do neomarginalismo, foi o arquiteto de uma ampla frente dedicada à reinvenção do liberalismo no pós-Segunda Guerra -- um programa que, sob seu comando, se consolidou em uma potente vanguarda de experimentação intelectual, divulgação científica, e disputa política (BURGIN, 2012; CALDWELL, 1988, 2004; DARDOT & LAVAL, 2016; DEKKER, 2016; EBENSTEIN, 2014, 2016; FOUCAULT, 2008; JONES, 2014; MIROWSKI & PLEHWE, 2015; PAULANI, 2005; FEIN, 2009; WAPSHOTT, 2011)

O economista Myrdal tinha familiaridade com o campo da Sociologia, disciplina à qual havia dedicado boa parte de sua trajetória acadêmica. Nascido no povoado rural de Gustafs, na Suécia, filho de um funcionário da estrada de ferro local, sua vida era demarcada por uma intensa atuação política. Entre as décadas de 1930 e 1950, Myrdal teve uma consistente participação nos espaços de governo da Suécia, atuando como senador eleito ao parlamento por dois mandatos (1934–1936 e 1942–1946), e como ministro do comércio (1945–1947). Seu compromisso com a ação institucional se desdobrou também aos espaços

1 No original: ...for their pioneering work in the theory of money and economic fluctuations and for their penetrating analysis of the interdependence of economic, social and institutional phenomena. (Tradução nossa.)

de deliberação internacional, servindo ao longo de dez anos (1947–1957) como secretário executivo da Comissão Econômica das Nações Unidas para a Europa.

Ambos ganharam a atenção do público por obras publicadas em 1944. *The Road to Serfdom* (1944/2014), de Hayek, e *An American Dilemma - The Negro Question and Modern Democracy* (1944), de Myrdal, se apresentavam como reações aos novos, complexos desafios do século que se desenhava. O sueco propunha uma análise sobre a relação entre desigualdade social e racismo, evidenciando os mal resolvidos ecos de uma escravidão ainda pouco distante²; o austríaco, uma reflexão à relação entre totalitarismo, mercado e governo, numa busca de diagnósticos para entender (e parar) o fascismo que se alastrava pela Europa (CALDWELL, 2004, 2014, 2016).

Desde o primeiro (e indireto) contato entre os dois, no início da década de 1930 -- forçado por circunstâncias de última hora, Hayek selecionou, a contragosto, um artigo de Myrdal para o volume *Beiträge zur Geldtheorie*, que editava em 1933) -- será estabelecida uma relação distante e de certo atrito (CALDWELL, 2016). Associado à Escola de Estocolmo, Myrdal se definia como um intervencionista, de contornos proto-keynesianos (GARVY, 1975) – um campeão do *welfare-state*, com afinidades com o campo social-democrata. Hayek, por sua vez, se estabeleceu entre as décadas de 1920 e 1930 como um dos principais nomes da academia austríaca, posicionando-se como proponente de um alargamento da tradição do liberalismo econômico, numa radicalização da lógica do *laissez-faire*.

Os dois tinham caminho acadêmico longo e diverso: graduado na Escola de Direito da Universidade de Estocolmo, em 1923 (universidade onde, dez anos mais tarde, seria apontado como professor, e para onde retornaria, em 1961, após se afastar dos espaços da política), Myrdal também teve, entre as décadas de 1920 e 1930, passagem pelo Instituto de Pós-Graduação em Estudos Internacionais, na Suíça; à época de sua premiação pelo Nobel, entre 1973 e 1974, estava envolvido com projetos em instituições dos Estados Unidos, inicialmente como pesquisador do Centro para o Estudo de Instituições Democráticas, em Santa Barbara, California (1973-1974), e na New York City University, onde atuou como professor emérito (1974-1975).

Hayek, por sua vez, era egresso da Universidade de Viena (1918-1923), onde estabeleceu uma relação duradoura com aquele que se tornaria o seu mentor, um dos líderes da escola neomarginalista austríaca, Friedrich Von Mises. Quando da publicação de *Road to*

2 A escravidão foi abolida, nos EUA, em 1865 –menos de cem anos antes da publicação do livro de Myrdal.

Serfdom, em 1944, Hayek compunha o corpo docente da London School of Economics (1931-1950), para onde foi inicialmente convidado como palestrante por Lionel Robbins (1898-1984), em 1931, para se somar às fileiras do grupo crítico ao pensamento keynesiano na academia inglesa. (CALDWELL, 2014; EBENSTEIN, 2014). A partir dali, sua carreira se desenhou num trajeto que passaria por instituições como a Universidade de Chicago, nos EUA, onde foi responsável pela constituição do que veio a ser conhecido como Escola de Chicago (1950-1962) (EBENSTEIN, 2015; VAN HORN e MIROWSKI, 2009) e, a partir da década de 1960, em seu retorno à Europa, por cadeiras nas Universidades de Friburgo (1962-1968) e Salzburgo (1969-1977) – esta, onde trabalhava ao receber o prêmio.

As trajetórias de Hayek e Myrdal indicavam a jornada de dois adversários: homens dedicados à elaboração de projetos de mundo em competição, articuladores de redes de ação que, na segunda metade do século XX, viriam a disputar a atenção do imaginário político e dos espaços institucionais do Ocidente na Guerra Fria. Uma luta pelo comando do debate econômico que se estenderá até as décadas de 1970 e 1980, aprofundando-se ao final do século.

Em 1974, o Nobel de Economia era uma honraria ainda recente. Os prêmios “originais”, dedicados às ciências naturais (Física, Química e Medicina), à arte (Literatura), e à política (Paz), foram criados em 1895. Estabelecido em 1968, o Nobel de Economia era na verdade uma espécie de ação complementar, financiada pelo Banco da Suécia. Embora seu status não seja exatamente o de um Nobel, o *Prêmio Sveriges Riksbank em Ciências Econômicas em Memória de Alfred Nobel* se apresentava, perante o debate público, com o mesmo status dos prêmios “originais.” Seus ganhadores, por exemplo, são anunciados na Cerimônia de Apresentação do Prêmio Nobel junto aos recipientes das outras disciplinas e, simbolicamente, recebem toda a atenção e reverência dedicadas a um prêmio Nobel.

As circunstâncias do reencontro entre Hayek e Myrdal não eram as melhores para desarmar os ânimos. O fato de uma ciência social aplicada, a Economia, ser reposicionada em meio às ciências naturais abria caminho a todo tipo de questionamento de ordem epistemológica. Além disso, o próprio fundo ideológico da iniciativa também levantava desconfianças na comunidade científica, que via no processo do Nobel de Economia uma manobra dedicada à promoção de agendas econômicas e políticas.

No ano anterior à sua indicação, o próprio Hayek havia criticado o prêmio em termos similares. O motivo foi a escolha, em 1973, de Wassily Leontief, pai da *input-output*

*analysis*³, e simpático a políticas de planificação de mercado – logo após receber o prêmio, Leontief, investido de toda a autoridade simbólica esperada de um recipiente do Nobel, escreveu ao *The New York Times* advogando por mecanismos mais estritos de controle para a economia global. Não era surpreendente que Hayek, de sua trincheira liberal, demonstrasse certo desconforto com o poder do novo prêmio para alavancar as ideias de Leontief junto à opinião pública. A desconfiança de Hayek em relação à celebridade dada aos economistas com o novo prêmio, e ao novo poder dedicado às suas ideias, não demorou a ser feita pessoalmente. Em verdade, Hayek teve a chance de apresentá-las em seu próprio discurso de aceitação do Nobel.

No discurso, Hayek é enfático na crítica à importação da lógica das ciências naturais para o campo econômico e se concentra no que, para ele, seria uma confusão no modo como o Nobel de Economia propõe o entendimento dos campos do conhecimento. O mercado, argumenta Hayek, é um mecanismo alimentado por uma “ordem complexa”, melhor entendida pela dinâmica das novas descobertas nos estudos da Comunicação do que nos da Econometria. As Ciências Econômicas, nesse cenário, se apresentam a Hayek como essencialmente interdisciplinares, dedicadas ao entendimento de uma ordem de informação tão difusa e complexa que não seria absorvível pelos paradigmas das ciências naturais. O que, claro, não impediria seus praticantes de tentarem mesmo assim – para Hayek, seria este, no fim, o motivo do movimento inflacionário experimentado pela economia do início dos anos 70, como explicado à plateia do Nobel em seu discurso de agradecimento:

Parece-me que essa falha dos economistas em orientar a política com mais sucesso está intimamente ligada à sua propensão a imitar, tanto quanto possível, os procedimentos das brilhantemente bem sucedidas ciências físicas - uma tentativa que, em nosso campo, pode levar a um erro total. É uma abordagem que passou a ser descrita como a atitude "cientificista" - uma atitude que, como a defini há cerca de trinta anos, "é decididamente não científica no verdadeiro sentido da palavra, pois envolve uma aplicação mecânica e acrítica de hábitos de pensamento a campos diferentes daqueles em que foram formados." Quero hoje começar explicando como alguns dos erros mais graves da política econômica recente são uma consequência direta desse erro científico⁴.

(HAYEK, 1974)

3 Método de análise macroeconômica baseado na interdependência entre setores econômicos e/ou indústrias, utilizado na avaliação dos impactos e desdobramentos de efeitos sofridos por uma economias.

Hayek prosseguirá explicando que os modelos macroeconômicos keynesianos elaborados e levados a cabo pelos gestores de políticas econômicas do pós-guerra oferecem dados incompletos, resultando em uma aplicação ineficiente de recursos e à exaustão de alguns setores da economia em detrimento de outros. Para o austríaco, sejam quais forem os graus de desenvolvimento das ferramentas matemáticas e da evolução dos modelos econométricos, a “ordem complexa” do mercado, moldada por uma arquitetura eternamente mutável de inputs de informação e fluxos estaria, sempre, além do compreensível e administrável por modelos ideais.

A crítica de Hayek à noção de um Nobel de Economia será acompanhada, não muito tempo depois, por Myrdal – embora em termos algo distintos:

Myrdal criticou a Academia de Ciências da Suécia por suas práticas secretas na escolha de beneficiários, um processo que dificultou a formação de qualquer oposição antes de sua recomendação. Ele também argumentou que, como a economia é, na melhor das hipóteses, uma ciência “suave”, a concessão de um Nobel tornou-se um ato político que deveria ser descontinuado. Myrdal então seguiu para uma discussão do prêmio que ele compartilhou com Hayek (outro ato político, em sua opinião), observando os “milhares de cabogramas que recebi de colegas de todo o mundo, principalmente me informando que eles eram profundamente críticos do Prêmio Nobel dado a von Hayek.”⁵

(CALDWELL, 2016)

Myrdal chegará a declarar que se “tivesse sido consultado sobre o estabelecimento de um Prêmio Nobel de Economia, teria decididamente recomendado o contrário”⁶ (MYRDAL, apud CALDWELL, 2016). Os diagnósticos de Myrdal ao estado da Economia da época

4 No original: It seems to me that this failure of the economists to guide policy more successfully is closely connected with their propensity to imitate as closely as possible the procedures of the brilliantly successful physical sciences - an attempt which in our field may lead to outright error. It is an approach which has come to be described as the "scientistic" attitude - an attitude which, as I defined it some thirty years ago, "is decidedly unscientific in the true sense of the word, since it involves a mechanical and uncritical application of habits of thought to fields different from those in which they have been formed." I want today to begin by explaining how some of the gravest errors of recent economic policy are a direct consequence of this scientistic error. (Tradução nossa.)

5 No original: Myrdal criticized the Swedish Academy of Science for its secretive practices in choosing recipients, a process that made it difficult for any opposition to form prior to their recommendation. He also argued that, because economics is at best a “soft” science, the awarding of a Nobel in it had become a political act that should be discontinued. Myrdal then segued into a discussion of the prize he had shared with Hayek (another political act, in his view), noting the “thousands of cablegrams I received from colleagues all over the world, mostly informing me that they were deeply critical of the Nobel Prize being given to von Hayek. (Tradução nossa.)

6 No original: ...if I had been consulted whether to establish a Nobel Prize in Economics, I should have decidedly advised against it. (Tradução nossa.)

mostravam-se afinados com o tom geral do debate público. Em sintonia com o movimento pacifista e com as ondas social-democratas a emergir do pós-guerra, Myrdal apontava à necessidade de uma rigorosa política de intervenção estatal, com o estabelecimento de um pacto pela interrupção da corrida armamentista da Guerra Fria, esvaziando investimentos militares e aumentando os subsídios aos países do terceiro mundo. (CALDWELL, 2016)

As críticas à validade do Nobel a partir do campo de Myrdal apresentavam, como um problema essencial, uma questão de ordem política: a relação de Hayek, via seu pupilo/colega na Escola de Chicago, Milton Friedman, com a ditadura chilena do general Augusto Pinochet (1915-2006). Em 1976, Milton Friedman venceu o Nobel de Economia. No ano anterior, Friedman tinha visitado o Chile, reunindo-se com Pinochet e se prontificando a atuar como consultor para o ditador chileno. O governo pinochetista, uma ditadura militar autoritária a alcançar o poder através de um violento ataque ao presidente socialista democraticamente eleito, Salvador Allende (1908-1973), teve, tanto com Hayek como com Friedman, uma relação de aproximação e demonstrações mútuas de simpatia. De fato, os tecnocratas responsáveis pela reengenharia da ordem econômica do país após o golpe de Pinochet eram, essencialmente, egressos do núcleo de formulação intelectual articulado por Hayek -- e, posteriormente, capitaneado por Friedman -- na Universidade de Chicago: o grupo que veio a ser conhecido como Escola de Chicago (EBENSTEIN, 2015; FISCHER, 2009; VAN HORN e MIROWSKI, 2009). Em 14 de dezembro de 1976, quatro dias após Friedman receber o Nobel, Myrdal publicou artigo no jornal sueco *Dagens Nyheter*⁷ criticando os responsáveis pelo Nobel na escolha de Friedman, apontando à falta de transparência e método na cessão de um título que, dedicado a uma *soft science*, tenderia a se conformar num fato essencialmente político. O texto, em que Myrdal chega a sugerir que o prêmio fosse descontinuado, se juntava a uma mobilização mais ampla entre outros recipientes do Nobel. Nos meses em torno da premiação de Friedman, quatro outros ganhadores do Nobel se manifestaram em cartas ao *The New York Times*. Os comunicados, assinados, cada um, por uma dupla de vencedores do prêmio, apresentaram argumentos em termos bastante duros:

Uma carta tratava da "deplorável exibição de insensibilidade" do comitê de seleção ao lhe dar o troféu, a outra chamava a decisão do comitê de "perturbadora" e "um insulto ao povo do Chile" que era "vítima das medidas econômicas reacionárias promovidas pelo Professor Friedman (M. Friedman & R.D. Friedman 1998, 596-97)"
(CALDWELL, 2016)⁸

7 O texto foi, mais tarde, publicado nos EUA em versão traduzida ao inglês na revista *Challenge*, influente publicação de economia voltada ao grande público.

8 No original: One letter spoke of the Nobel selection committee's "deplorable exhibition of insensitivity" in giving him the prize, the other called the committee's decision "disturbing" and "an

O Nobel de Economia parecia demarcar, enfim, a convergência de dois tensionamentos. De um lado, os questionamentos sobre os limites entre as dinâmicas e estruturas internas a informar os diversos campos da ciência e os limites da aplicação da lógica científica; de outro, a disputa entre os sentidos políticos e sociais dos projetos de economia política a emergir da polarização da Guerra Fria. Hayek, polímata forjado na Viena Modernista do *fin-de-siècle* e ideólogo essencial à criação e consolidação da escola de pensamento que, depois, viria a ser promovida por Friedman, parecia encarnar ambos sentidos. Em seus acenos ao debate público, as críticas de Hayek eram recebidas não apenas com questionamentos sobre sua atuação como ideólogo, como no caso da relação Escola de Chicago/Pinochet; a própria carreira acadêmica do austríaco, demarcada por transições entre campos de investigação e aproximações experimentais articulando áreas como a epistemologia, as ciências sociais aplicadas, e a biologia, era, também, alvo de seus adversários. Após criticar Leontief quando este se lançou ao debate público animado pelo recebimento do Nobel, Hayek recebeu deste uma resposta seca. Em texto enviado ao periódico de administração *The Morgan Guaranty Survey*, onde, em 1976, Hayek teve publicado artigo atacando a defesa pública das políticas de planejamento econômico, Leontief

colocou em questão as credenciais científicas de Hayek, notando que ele não encontrava referência a Hayek na *International Encyclopedia of the Social Sciences*. Ele concluiu que “Professor Hayek pode demandar a distinção única de ser o único Laureado ao Nobel cujo nome e contribuições não são mencionadas uma única vez no trabalho de referência de autoridade internacional na disciplina que ele representa.”⁹

(CALDWELL, 2016)

O Nobel de Hayek encapsulava não apenas os caminhos da disputa ideológica à qual, dos dois lados do Atlântico, ele dedicou uma vida -- um trajeto a partir do socialismo da juventude e de sua formação intelectual pelos cafés de Viena, à participação nos dois grandes conflitos globais da primeira metade do século XX (de forma direta na primeira Guerra Mundial, indireta na Segunda), até sua atuação como ideólogo e articulador da sociedade civil durante o pós-guerra e a Guerra Fria. Na centralidade dada à racionalidade econômica como

insult to the people of Chile”who were “burdened by the reactionary economic measures sponsored by Professor Friedman (M. Friedman & R.D. Friedman 1998, 596-97).” (Tradução nossa.)

9 No original: (...) called into question Hayek’s scientific credentials, noting that he could find no reference to Hayek in the *International Encyclopedia of the Social Sciences*. He concluded that “Professor Hayek can claim the unique distinction of being the only Nobel Laureate whose name and contributions are not mentioned even once in the authoritative international reference work on the discipline that he represents. (Tradução nossa.)

plataforma preferencial à formulação e prática interdisciplinar, como um programa de aplicação transformadora de novas sínteses da ciência, o entrelaçamento entre crítica do cientificismo e debate ideológico pareciam demarcar com certa familiaridade o terreno em que Hayek se movimentou.

A argumentação sobre a possível inconsistência científica da trajetória de Hayek, dolorida que possa ter sido, não é sem algum ponto de apoio. O percurso acadêmico de Hayek, não seria exagero sugerir, mostra algo de zigue-zague; há, no arco de sua produção, um traço que pode ser entendido como um gradual distanciamento em relação às ciências econômicas “tradicionais”. Esse afastamento dos marcos do formalismo econômico, e o seu aprofundamento em um esforço de investigação mais interdisciplinar e experimental, é um tema a mobilizar a curiosidade de seus biógrafos. Ebenstein (2014) e Caldwell (2004) sugerem um período em que essa transição poderia ser demarcada de modo claro: seu início seria encontrado em meados dos anos 1930, num movimento que se completaria no meio da década seguinte. Hutchison (1981, apud CALDWELL 2004) chega a elaborar um termo para esse movimento, “*methodological u-turn*” (ou, numa tradução aproximada ao português, “reviravolta metodológica”). Esse permanente tensionamento entre os méritos experimentais de seu programa intelectual interdisciplinar, e as inevitáveis inconsistências ou contradições que, pontuando sua produção, emergem dessas transições e aproximações entre diferentes metodologias e campos do saber, fazem de Hayek um tema complicado. Nas charadas e caminhos a se insinuarem a partir de seu trabalho, Hayek se apresenta ao mesmo tempo como mapa e Esfinge; uma rota que, em todas suas demarcações, apresenta-se também algo escorregadia para o entendimento do pensamento à direita na economia política dos últimos cem anos.

Intelectual disperso, proselitista de livre mercado, agitador político, gênio: em suas muitas faces, Hayek oferece os nexos e circunstâncias para que a resolução de sua charada seja resolvida tanto em desconstrução, como em hagiologia. Ebenstein (2015) sugere que as curvas e guinadas na trajetória do austríaco podem ser entendidas como distintas aproximações à questão liberal em sua juventude, maturidade e velhice. Enquanto próximo da tradição liberal clássica, reformista, na juventude e maturidade, ao se aproximar da velhice Hayek se dedicará à elaboração de um programa demarcado pela radicalidade antiestatal e individualista, e será um dos responsáveis pela emergência do programa que virá a ser entendido como “libertarianismo”.

Pelo lado que seja, Hayek é um personagem inescapável ao entendimento do pensamento público e da economia política do pós Segunda Guerra. Como acadêmico

transatlântico, teve atuação decisiva à construção de uma síntese do pensamento liberal/capitalista, articulando, às aproximações fortemente subjetivas a emergir da Áustria (sua formação é estreitamente associada à Universidade de Viena e aos cafés da capital austríaca), a tradição britânica (na London School of Economics, para onde se transferiu nos anos 1930), e o novo pensamento de livre mercado elaborado nos Estados Unidos (na Universidade de Chicago, onde se estabeleceu após a publicação de *Road to Serfdom*) (BURGIN, 2012; EBENSTEIN, 2015; FOUCAULT, 2008).

Intelectual público, lançou-se, com *Road to Serfdom*, a uma pioneira trajetória na divulgação científica, disputando, a partir do campo de defesa do liberalismo de livre mercado, o imaginário público contra os programas publicizados e levados a cabo pelos socialistas fabianos, bem como pelos liberais keynesianos associados ao grupo de *Bloomsbury* (CALDWELL, 2008; EBENSTEIN, 2014, 2016; JONES, 2014; FEIN, 2009; WAPSHOTT, 2011). Como ativista, foi ideólogo e estrategista de uma formação de vanguarda dedicada não apenas à difusão do novo pensamento liberal de livre mercado, mas à sua realização como força de transformação da realidade: a Sociedade de Mont Pèlerin. Entre experimentação, persuasão e disputa (e conquista) dos espaços do poder real, o novo pensamento proposto por Hayek se espalhou como uma força a varrer imaginações, governos, e academia.

Por vezes acusada de “vaga” -- ou, em termos mais acalorados, “xingamento coringa” -- a síntese hayekiana para a atualização do liberalismo oitocentista de livre mercado ecoa a marca da invenção e da potência modernizadora que viria a mobilizar forças da vanguarda dedicadas à criação de um novo mundo, de um novo homem: *neoliberalismo*.

Novo, o imaginário liberal reinventado por Hayek (e apresentado ao mundo, em seus traços essenciais, em *Road to Serfdom*) trazia, como nas *avant-gardes*¹⁰ e nos movimentos de transformação política e social do *fin-de-siècle* e do início do século XX, a promessa de superação das amarras do presente. Um substantivo/adjetivo que, como lembra Hobsbawm (2010), no panorama do que veio a chamar de *Era do Império* (1875-1914):

10 Informado pelo trabalho de Raymond Williams, este trabalho apontará referências aos movimentos e formações a disputar o sentido do debate e da opinião pública como “*avant-gardes*”; em clivagem com as traduções ao português, que usualmente sobrepõem as noções de “*avant-garde*” e “*vanguarda*” como intercambiáveis, o uso do primeiro propõe uma demarcação entre dois campos de atuação que se intercalam, mas não se confundem: “*avant-gardes*” como movimentos a mobilizar arte e cultura como energias para a transformação social e política, e “*vanguarda*”, ao recuperar o sentido militar de força e disputa, a delimitar lógicas de disputa estritamente, em registros historiográficos, como forças de transformação radical da estrutura política e institucional.

Realmente, o fato de que as mesmas palavras foram usadas para descrever a inovação social, cultural e estética enfatiza a convergência. O *New English Arts Club* (1886), a *art nouveau* e o *Neue Zeit*, a principal revista do marxismo internacional, usaram o mesmo adjetivo fornecido à "nova mulher". A juventude e o crescimento da primavera foram as metáforas que descreveram a versão alemã da *art nouveau* (*Jugendstil*), os rebeldes artísticos de Jung-Wien (1890)¹¹

(HOBSBAWM, 2010)

Ao mesmo tempo reinvenção, demarcação de um marco intelectual renovado, e programa de reforma social radical, o novo liberalismo hayekiano dedicou-se a promover um movimento que, numa ação dupla, animasse uma nova crítica das forças da tradição e, ao mesmo tempo, abrisse caminho à ruptura, à libertação das energias latentes à construção de uma nova ordem.

Em um momento em que o Ocidente parecia se equilibrar sobre as inconsistências de uma ainda jovem democracia liberal, o programa hayekiano se lançará, de modo marginal, à disputa ideológica em torno dos novos modelos utópicos de engenharia social. Da radical reconstrução do indivíduo sob as novas estruturas econômicas no socialismo real soviético, até a demolição e reconfiguração da ordem da vida sob a violenta ruptura histórica proposta pelo nazifascismo, o século europeu a se desenhar na transição dos 1800 aos 1900 propunha, no vazio aberto pela derrocada da ordem imperial ao longo do continente, uma competição de utopias, de saltos à reinvenção da vida em suas estruturas materiais e subjetivas. Em seu liberalismo renovado – embora forjado no Colóquio Walter Lippmann, realizado na França, em 1938 (DENORD, 2001, 2009; REINHOUDT & AUDIER, 2018), o termo *neoliberalismo*, será publicizado pelo círculo hayekiano apenas em 1951, em ensaio escrito por Milton Friedman, “*Neo-Liberalism and its Prospects*” (BURGIN, 2012) –, Hayek buscará uma alternativa ao socialismo real de traços soviéticos e ao *retro-aceleracionismo* violento articulado no nazifascismo. Contra a primazia da *massa-tornada-eleitória* e do dirigismo dos Estados expansionistas e intervencionistas, Hayek oferecerá, em seu programa, um antídoto sem quaisquer concessões. Assentado sobre o indivíduo, e sobre a noção de conhecimento, cognição e processamento intelectual como mediadores essenciais da ordem social, o novo liberalismo hayekiano verá no maquinário econômico e na noção de moeda – enfim, no ente

11 No original: Indeed, the fact that the same words were used to describe social, cultural and aesthetic innovation underlines the convergence. The New English Arts Club (1886), art nouveau and the Neue Zeit, the major journal of international Marxism, used the same adjective as was supplied to the ‘new woman’. Youth and springtime growth were the metaphors which described the German version of art nouveau (Jugendstil), the artistic rebels of Jung-Wien (1890). (Tradução nossa.)

do *mercado* – a arquitetura institucional a partir do qual os *inputs* e *outputs* de dados, necessidades, demandas públicas, se tornariam cognoscíveis, se acomodando e se equilibrando, num processo contínuo, descentralizado, *autorregulado*. Nesse jogo de disputa do imaginário social, se sobrepõem, em Hayek, o intelectual público, o cientista experimental, e o formulador ideológico.

Boettke (2001) se debruçará sobre o trabalho de Hayek como historiador do pensamento econômico para decifrar alguns dos sentidos da obra do austríaco. Autor de trabalhos sobre John Stuart Mill (1806-1873) e sobre a tradição liberal clássica britânica representada no *whiggismo*, Hayek desenvolveu, em sua pesquisa histórica, um arco de trabalho em que a aferição de fatos e episódios por vezes parece se reposicionar conforme as necessidades do debate do dia. Um autor que seria “melhor apreciado como um leitor oportunista da história do pensamento político, filosófico e econômico, e que oscila entre perspectivas Whig e contra-Whig em suas leituras.”¹² (BOETTKE, 2001. p. 125).

Chama a atenção, para Boettke, o modo como Hayek se relacionará com o pensamento da tradição liberal em relação aos debates conjunturais e à conformação das disputas ideológicas às quais se lançará ao longo de sua trajetória.

Quando quis, Hayek fez contribuições significativas para a história intelectual pura - por exemplo, seu trabalho sobre a teoria monetária de Thornton ou seu trabalho em Mill e Taylor. Mas das peças que contei da bibliografia de Hayek, que poderia ser caracterizada como trabalho na história intelectual, a maioria é melhor descrita como contribuições à teoria contemporânea que fazem uso liberal da história intelectual para construir a história que Hayek queria contar sobre teoria monetária e ciclo comercial, a natureza do sistema de preços e a incapacidade do socialismo para replicar seu funcionamento, e os princípios da ordem liberal.¹³

(BOETTKE, 2001. p. 125)

12 No original: (...) best appreciated as an opportunistic reader of the history of political, philosophical, and economic thought, and one who waffles between a Whig and contra-Whig perspective in his readings. (Tradução nossa.)

13 No original: When he wanted to, Hayek made significant contributions to pure intellectual history—for example, his work on Thornton’s monetary theory, or his work on Mill and Taylor. But of the pieces I have counted from Hayek’s bibliography that could be characterized as work in intellectual history, the majority are best described as contributions to contemporary theory which make liberal use of intellectual history to construct the story Hayek wanted to tell about monetary theory and the trade cycle, the nature of the price system and the inability of socialism to replicate its workings, and the principles of the liberal order. (Tradução nossa.)

De fato, Tribe (2009) lembra que o debate a respeito do liberalismo na Grã-Bretanha, quando Hayek se lança ao seu projeto de revitalização do whiggismo¹⁴, era algo já corrente e absorvido pelas forças políticas em ação no horizonte institucional inglês:

Hayek deixou de considerar por que, no final do século XIX, já havia sido desalojado na Grã-Bretanha pelo “novo liberalismo”. Na metade do século, essa também foi uma força gasta, porque as forças políticas haviam convertido o “clássico” em “novo” liberalismo. - a extensão da franquia, o surgimento do Partido Trabalhista e as consequências políticas da Primeira Guerra Mundial - por sua vez, enfraqueceram fatalmente o novo liberalismo nos anos 1920.¹⁵

(TRIBE, 2009)

Essa defesa e recuperação do whiggismo (ao qual se dedicará em parte significativa de sua obra após sua migração para a Inglaterra), se dá num movimento de reposicionamento, atualização, e *modernização* – um sentido de moderno que, para além de sua adaptação ao novo século XX, propõe o entendimento dos vetores da tradição liberal clássica como um *fator modernizante em si*.

Em ambos os casos, a intenção de Hayek era engajar-se hoje por meio de ontem. Sua leitura de Mandeville, Smith, Hume, Wicksell ou Menger foi em grande parte uma função do propósito para o qual ele esperava usá-las em suas batalhas intelectuais com seus contemporâneos. Ele invocou seu conhecimento da economia monetária britânica do século XIX em batalhas com Keynes, seu conhecimento do pensamento continental como uma crítica às propostas britânicas para o socialismo, e seu conhecimento do Iluminismo escocês, em contraste com o iluminismo francês, *para defender sua posição pelo liberalismo clássico em meados do final do século XX*¹⁶.

14 Tradição do liberalismo inglês associada aos novos extratos médios associados à aristocracia e ao financismo, a emergir com o desenvolvimento do capitalismo inglês, o *whiggismo* acena a variedades do liberalismo apoiadas sobre a ideia de um amplo, livre mercado sob a salvaguarda de um modelo institucional democrático.

15 No original: Hayek signally failed to consider why, by the later nineteenth century, it had already been displaced in Britain by “new liberalism.” By midcentury this was also a spent force, because the political forces that had converted “classical” into “new” liberalism—the extension of the franchise, the emergence of the Labour Party, and the political consequences of World War I - had in turn fatally undermined new liberalism by the later 1920s.

16 No original: In both cases, Hayek’s intent was to engage today by means of yesterday. His reading of Mandeville, Smith, Hume, Wicksell, or Menger was largely a function of what purpose he hoped to deploy them for in his intellectual battles with his contemporaries. He invoked his knowledge of nineteenth-century British monetary economics in battles with Keynes, his knowledge of Continental thought as a critique of British proposals for socialism, and his knowledge of the Scottish Enlightenment, in contrast to the French Enlightenment, to make his case for classical

(BOETTKE, p. 120)

Os sentidos abertos pelo liberalismo e seus significados são um jogo de espelhos. Bobbio (2013) lembra como a noção de liberalismo, em verdade, pode servir como campo de articulação a forças à esquerda e à direita, em dimensões variadas da vida e do conhecimento. Na relação entre o liberalismo e a democracia, a realização da liberdade individual se articula entre proposições inter-relacionadas e complementares. O liberalismo, e a noção de uma democracia nele assentada, uma democracia liberal, são construções histórico-filosóficas que não se subsomem uma na outra. O liberalismo não se iguala, como sinônimo, à noção de democracia; e vice-versa. A democracia liberal, em verdade, se concatena na interface entre aspectos de determinados tipos de liberalismo, e de determinados sentidos da arquitetura democrática. No centro de ambos, e como nexos comuns (embora, como lembra Bobbio, esse “movimento não seja retilíneo” (1988, p. 45)), há o ponto de partida do *indivíduo*. Um estudo assentado sobre a investigação do liberalismo se apresenta, portanto, como um desafio arriscado e, muito possivelmente, grande demais logo de saída. A Esfinge do liberalismo, espalhando-se pela filosofia, ciência política, economia, sociologia – e em seus entrelaçamentos, como no caso da filosofia política, ou da economia política – pode jogar luz sobre terreno grande e escorregadio demais para um estudo que se pretenda possível em limitadas páginas e tempo. Por esse motivo, a aproximação aqui proposta tratará não exatamente de uma comparação, ou análise crítica, do corpo de pensamento liberal e das elaborações epistemológicas operadas sobre ele por Hayek; o objetivo é, em verdade, buscar entender, a partir de sua auto estabelecida posição no campo liberal, como a produção hayekiana virá a oferecer por si mesma uma nova síntese, uma reinvenção e reposicionamento do liberalismo que, ao longo do século XX, virá a se expandir em variadas ramificações.

Foucault (2008), numa arqueologia intelectual da tradição liberal austríaca fundada por Carl Menger (1840-1921) (à qual dará o nome de *neomarginalismo*), situará em Hayek um ponto focal à renovação do liberalismo no arco a ser desenhado entre o *fin-de-siècle* e a primeira metade do século XX. Para Foucault, Hayek servirá como vetor à circulação transatlântica e síntese de uma nova variedade do programa liberal. Num continente europeu forçado a lidar com a demolição de fundamentos centrais à manutenção da democracia liberal europeia após a ascensão (e derrota) do nazifascismo, caberá à nova síntese liberal defendida por Hayek a construção de uma arquitetura social e institucional que não apenas sirva à sua regeneração e legitimação, mas que também determine salvaguardas à manifestação de uma

liberalism in the mid to late twentieth century." (Tradução nossa.)

ainda latente pulsão fascista. Esse reposicionamento se dará na prática, com a elaboração e espraio de um novo contrato institucional demarcado pelo território e pelas dinâmicas do mercado – uma transformação que exigirá, também, sugere Foucault, a invenção de uma nova subjetividade e de novos modos de vida; a conformação de um *neoliberalismo*.

Dardot e Laval (2016), em diálogo com Foucault, lembram que o liberalismo é um programa essencialmente fraturado, equilibrado sobre a tensão entre o reformismo social e a doutrina absoluta da liberdade individual. De fato, a ideia de uma unidade do liberalismo seria um mito retroativo, o motivo próprio da ideia de uma “crise do liberalismo” entre os anos de 1880 e 1930. Esse arco, que define também o período histórico de transformação modernizante abarcado sob a noção do Modernismo, se desaguará em um processo de reformulação das relações entre Estado, ideologia e sociedade. O resultado prático seria a conformação de liberalismos variados, de natureza pragmática: na França, solidarismo e radicalismo; na Inglaterra, fabianismo e o liberalismo social de Keynes; nos EUA, o nascimento da variante estadunidense de “liberalismo.” No programa capitaneado por Hayek, a mediação da liberdade individual será deslocada das instâncias de negociação da democracia liberal, realizando-se pelos mecanismos de circulação e processamento do conhecimento colocados em funcionamento pelo mercado. Em sua recuperação do whiggismo, e da tradição individualista ancorada nele, Hayek propõe, mais que um sentido de disputa reformista (algo que, anterior à sua entrada no debate, era já corrente na Grã-Bretanha), um reposicionamento da própria noção do liberalismo em relação à democracia. No neoliberalismo hayekiano (e Bobbio aponta ao termo para definir as leituras de Hayek para proposições liberais clássicas), a tradição de reflexão e salvaguarda dos princípios de liberdade e direitos do indivíduo se desloca, afastando-se das instâncias de construção de consensos públicos pela via da representação e do voto, para a primazia de uma “doutrina econômica consequente, da qual o liberalismo político é apenas um modo de realização, nem sempre necessário; ou, em outros termos, uma defesa intransigente da liberdade econômica, da qual a liberdade política é apenas um corolário.” (BOBBIO, 2013, p. 87)

Testemunha da ascensão da extrema direita austríaca entre os anos 1920 e 1930, e mais tarde, da expansão do nazifascismo, Hayek parece sugerir que, na impossibilidade de uma democracia liberal que não degenere para uma “tirania da maioria”, a solução passa por uma completa reinvenção da ideia do que seria um governo liberal. A capilaridade da economia, assim, se estende a todas as esferas da existência, da vida interior à manutenção do mundo material, sendo administrada, em suas muitas dimensões, pela lógica da moeda e da alocação de recursos - estes, transcendendo, nessa lógica, a simples noção de bens e serviços,

e se redefinindo como o todo da expectativa humana. O sentido ideal do programa hayekiano, porém, parece trazer uma contradição - para se realizar no mundo real, a reestruturação radical da noção de governo e Estado deve ser realizada, afinal, pelo próprio Estado. A transformação das instâncias deliberativas da democracia liberal em espaços de mediação direta, individual, da vida, é dependente, ainda, das instâncias de negociação da democracia para a construção e manutenção de uma arquitetura de leis e garantias essencial à ordem econômica. Ou, como sugerido por Paulani (2005), chega-se ao paradoxo da construção de um modelo de institucionalidade que sirva à dissolução dessa própria institucionalidade -- mas que, ao mesmo tempo, caso viabilize essa dissolução, deixa de ser possível. Nessa sugestão de ruptura, de um salto a uma nova ordem de vida e de realização subjetiva, há, enfim, um paradoxo que parece permear os muitos programas de reinvenção total da vida e do indivíduo colocados em movimento em meados do século XIX, e levados a extremos de experimentação entre o *fin-de-siècle* e a primeira metade do século XX. Uma tensão e um entrelaçamento entre a recuperação dos sentidos da tradição e de sua implosão em algo novo, *moderno*, reposicionando-a como fator de *ruptura e reconstrução*. À dinâmica que, para Peter Gay (2008), demarcaria (alguns dos muitos, e por vezes contraditórios) aspectos definidores do Modernismo.

O Modernismo é complicado. O nome, de prismas e ângulos múltiplos, se dispõe a variadas, por vezes antagônicas, sumarizações e classificações. Na história da arte, pode responder por arcos cronológicos ou articulações entre estilos e movimentos. Na arquitetura, demarca uma virada a uma nova racionalidade técnica, urbanística e social. Na história intelectual, encapsula proposições de experimento e linguagem, se espraiando entre formas narrativas, circuitos de disseminação e debate público, e elaboração do pensamento social subjacente a campos como os estudos da literatura, as ciências humanas, o desenvolvimento e consolidação das ciências sociais aplicadas e, até mesmo, da prática científica (BEVIR, 2017; SCHORSKE, 1981). Nascido na burguesia liberal de Viena do fim do século XIX, criado em meio à sensibilidade interdisciplinar e de celebração do universo subjetivo de uma Áustria que emergia do fim do Império Austro-húngaro (SCHORSKE, 1981; PERLOFF, 2016), Hayek é cria, e herdeiro, da tradição Modernista austríaca. Afinal, é entre os círculos da *avant-garde* e os cafés da Viena modernista que será colocado em movimento o debate sobre a viabilidade prática da economia política de governos socialistas. Essa disputa, animada entre austrossocialistas, austromarxistas, e os liberais neomarginalistas que viriam a ser conhecidos como Escola Austríaca (este, o grupo de Hayek) se conformará, nos anos 1920, no episódio batizado como “Debate do Cálculo no Socialismo”. A polêmica, que se estenderá

pelas décadas seguintes, se galvanizará em movimentos a se espalhar pelo continente, consolidando e colocando em movimento formações, redes de circulação intelectual, e elaborações críticas que movimentarão o debate continental pelas próximas décadas.

Uma investigação de Hayek informada por marcos do pensamento do século XX se apresenta como desafio e, em certa dimensão, como crônica. Para este trabalho, são acionadas algumas das proposições de rivais intelectuais do austríaco que, contemporâneos, eram também engajados no debate sobre os rumos do bloco ocidental. Alguns, como Raymond Williams (1921-1988) (cuja definição de cultura é central à tese) e Eric Hobsbawm (1917-2012) (utilizado como referência para o posicionamento dos arcos históricos debatidos na pesquisa) eram, como esperado de intelectuais da tradição marxista, posicionados, na academia britânica, em trincheiras opostas ao grupo dos novos liberais europeus. Outros nomes, como Karl Popper (1902-1994), cujas proposições teóricas são posicionadas como referências para entender o pensamento de Hayek, protagonizam este trabalho no papel duplo de personagens históricos (eram, ambos, do universo vienense próximo a Hayek) e referências teóricas. Encontrar um equilíbrio entre os personagens e suas ideias foi um dos mais estimulantes -- e desafiadores -- aspectos deste trabalho de história intelectual. Espero que o esforço tenha sido, de certo modo, bem-sucedido.

A síntese intelectual proposta por Hayek ao longo de sua trajetória de décadas, embora alicerçada sobre a economia política, é informada por elementos de campos variados. Entre formalismo econômico (e sua posterior negação crítica), psicologia, direito, ciência política, história, teoria da informação, cibernética, e ensaísmo literário, Hayek proporá um programa de reorganização social a encapsular a realização prática, utópica, de um novo, radical programa ideológico. Burgin (2012) sugere que o programa hayekiano, elaborado ao longo da quase totalidade do século XX (o austríaco dedicou-se à produção intelectual dos anos 1920 até pouco antes de sua morte, em 1992) desenha uma transição entre o que seria, inicialmente, uma elaboração de traços essencialmente intelectuais, teóricos, na primeira etapa de sua carreira, até uma transição a um programa negativo, de oposição prática ao keynesianismo, ao fascismo, ao socialismo real, e à social-democracia (enfim, a quaisquer variações do intervencionismo estatal à ordem econômica), chegando, por fim, entre os anos 1950 e 1960 (com a consolidação da formação articulada em torno da Sociedade de Mont Pèlerin), à elaboração de um programa positivo de ruptura e reordenamento social. Essas demarcações dos distintos momentos e proposições da trajetória intelectual de Hayek encontram apoio em investigações de autores e autoras diversos dedicados à investigação de sua obra (CALDWELL, 2008; DARDOT & LAVAL, 2016; DEKKER, 2016; FOUCAULT, 2008;

JONES, 2014; FEIN, 2009). Entre a proposição puramente especulativa, até a efetiva disputa pela reorganização da nova ordem ocidental do pós-guerra, o programa hayekiano mobilizou, em diferentes momentos, articulações distintas do universo intelectual e da economia política. Um esforço de consolidação desse novo liberalismo não apenas como programa racional, mas, também, como uma nova dimensão de *sensibilidade e imaginário*.

Os desafios em empreender uma investigação das disputas sobre ideologia, projetos de reforma social, e disputa do debate e do imaginário público sob o polissêmico filtro do Modernismo aparenta trazer à tona anteriores, e disputados, debates. Raymond Williams (1977, 1981), em sua sistematização sobre estudos da cultura como método histórico e multidisciplinar, sugere que o estudo de fenômenos culturais, em sua natureza multidimensional e dinâmica, pede, necessariamente, uma aproximação que seja não apenas interdisciplinar, como, também, maleável.

Em sua análise sobre a relação entre ideologia, sociedade e cultura, Williams oferece uma crítica do que entende como certo esquematismo, entre os teóricos alinhados à tradição marxista, na investigação de elementos a gravitar os campos da arte e do pensamento social. Ao questionar a noção de um "congelamento" de processos e interlocuções, "onde experiência, *feeling* imediato, e então subjetividade e personalidade são generalizados e constituídos de modo novo"¹⁷ (1981, p. 129), Williams sugere uma nova aproximação, escapando à rigidez de análises que, na investigação de processos do pensamento contemporâneo, se circunscrevem voluntariamente a conceitos fechados, intercambiáveis, e, por determinados a partir de seu posicionamento na linha do tempo da história, sedimentados em torno de eventos passados. Em alternativa a um método submetido à dupla sugestão de um esquematismo informado pelo hábito classificatório do método investigativo, e por linhas de análise informadas por impressões estáticas de ideias marxistas, Williams propõe um entendimento que, ao concatenar os sentidos da produção da vida, da cultura, da realização da ideologia no tempo presente, articule o entendimento do fenômeno social como o embricamento de muitas dimensões (geracional, institucional, intelectual), em processo aberto, contínuo, de retroalimentação e transformação mútua. Um processo do qual emergem transformações que

são sociais de duas maneiras que os distinguem dos sentidos reduzidos do social como o institucional e o formal: primeiro, em que são mudanças de presença (enquanto estão sendo vividos isto é óbvio;

17 No original: "(...) where experience, immediate feeling, and then subjectivity and personality are newly generalized and assembled". No original: (Tradução nossa.)

quando vividos, ainda é sua substancial característica); segundo, na medida em que, embora sejam emergentes ou pré-emergentes, não precisam aguardar definição, classificação ou racionalização antes de exercer pressões palpáveis e estabelecer limites efetivos à experiência e à ação¹⁸.

(WILLIAMS, 1977, p. 131-132)

A esse processo de transformação vivido, e analisado, no tempo presente, Williams dá o nome de *Structures of Feeling*. Um termo que, para além das dificuldades formais em sua elaboração original, oferece novas camadas de dubiedade em tentativas de sua tradução ao português. Ao mesmo tempo sinônimo a “sentimento” e “sensibilidade,” “*feeling*” é apontado como um termo que, no entrelaçamento desses dois sentidos, ofereceria, ao afastar-se de esquematismos, um entendimento mais maleável das estruturas mentais e materiais associadas à noção de ideologia. Um termo que “é difícil, mas “*feeling*” é escolhido para enfatizar uma “distinção de conceitos mais formais de ‘visão de mundo’ ou ‘ideologia’”. (WILLIAMS, 1977, p. 132). A proposta, em seus sentidos conceitual e analítico, poderia ser sumarizada na argumentação seguinte:

Não é apenas que devemos ir além das crenças formalmente mantidas e sistematizadas, embora, é claro, tenhamos sempre de incluí-las. É que estamos preocupados com significados e valores enquanto são ativamente vividos e sentidos, e as relações entre estas e as crenças formais ou sistemáticas são na prática variáveis (incluindo as coisas historicamente variáveis), ao longo de um intervalo de concordância formal com uma dissidência privada às interações mais matizadas entre crenças selecionadas e interpretadas e experiências representadas e justificadas.¹⁹

(WILLIAMS, 1977, p. 132)

Nesse sentido, o processo de elaboração, disputa e disseminação do pensamento social apresenta-se como um jogo em que processos institucionais, linguagem e ideologia se

18 No original: (...) are social in two ways that distinguish them from reduced senses of the social as the institutional and the formal: first, in that they are changes of presence (while they are being lived this is obvious; when they have been lived it is still their substantial characteristic); second, in that although they are emergent or pre-emergent, they do not have to await definition, classification, or rationalization before they exert palpable pressures and set effective limits on experience and on action. (Tradução nossa.)

19 No original: It is not only that we must go beyond formally held and systematic beliefs, though of course we have always to include them. It is that we are concerned with meanings and values as they are actively lived and felt, and the relations between these and formal or systematic beliefs are in practice variable (including historically variable), over a range from formal assent with private dissent to the more nuanced interaction between selected and interpreted beliefs and acted and justified experiences. (Tradução nossa.)

realizam em articulações variadas, maleáveis, distintos em sua natureza e funcionamento. Estéticas, representações simbólicas, formações de vanguarda, métodos produtivos, modelos científicos, tecnologias de comunicação: na emergência de circunstâncias históricas demarcadas na vida material, e nas movimentações informadas pelo pensamento social, renovados nexos e invenções são colocados em movimento. Um processo de capilarização e retroalimentação que delimita, no instante do presente, um movimento contínuo de entendimento, crítica, e transformação da vida. Demarcada sob outro (igualmente complicado) termo, o da "Cultura", a reflexão sobre os territórios e elementos acionados, disputados nesse nexo entre ideologia e Modernismo parece exigir algumas delineações iniciais.

A ideia de Cultura, partindo de sua inicial associação às práticas, métodos e sociabilidades engendradas em torno do cultivo de condições de subsistência (agricultura, pecuária, caça), até sua extrapolação a uma ampliada, pervasiva noção de um cultivo da mente e da vida interior, pressupõe, já de início, um desafiador entrelaçamento entre imaginário e vida material. Afinal, é a partir do cultivo da mente, das práticas comunitárias, e da relação face ao mundo material, que a emergência dos espaço da vida moderna se construiu como possível. Entre as práticas laborais do cultivo e as manifestações da expressão humana, há, em igual importância, articulações variadas entre a vida humana e a cognição de suas dimensões -- da apreensão dos ciclos naturais, da administração das angústias subjetivas, da elaboração de práticas de invenção e da maturação de noções de tentativa e erro. A ideia de Cultura se apresenta, então, como uma "forma total de existência" (WILLIAMS, 1981) ("*whole way of being*", no original), em que as fronteiras entre as dimensões subjetivas/mentais, e objetivas/materiais, não se assentariam sobre territórios e fronteiras fixadas; em vez disso, se apresentariam como dinâmicas, móveis, a demarcarem avanços, recuos e fronteiras em negociação constante.

A aparente contraposição entre os aspectos subjetivos e objetivos a informar (e determinar) a ideia de Cultura e as dimensões a ela associadas se manifesta, lembra Williams, sumariada em duas proposições. De um lado, a posição classificada como *idealista*; do outro, a noção *materialista*.

Na primeira, a ênfase seria no "'espírito informante' de todo um estilo de vida, que é manifesto sobre todo o arco de atividades sociais mas é mais evidente em atividades 'especificamente culturais' -- uma linguagem, estilos artísticos, tipos de trabalho intelectual"; na segunda, a ênfase é na "'totalidade da ordem social' na qual uma cultura específica, em estilos artísticos ou tipos de trabalho intelectual, é visto como produto direto ou indireto de

uma ordem primariamente constituída por outras atividades sociais" (WILLIAMS, 1981. p. 11-12). Ambas posições oferecem perspectivas e instrumentos importantes para o entendimento das dimensões da cultura em suas articulações com a ordem social. Ao mesmo tempo, oferecem, também, um ponto falso. Se entendidas como pontos de partida estanques, como modelos fechados para a investigação sobre as práticas da cultura, as aproximações idealista e materialista correriam o risco de passar ao largo de pontos de convergência que, mais do que conceitualmente coincidentes, serviriam como complemento analítico, como ferramentas para um mais rico, aprofundado entendimento de seus objetos de investigação. Na prática, Williams sistematiza essa convergência como termos de aproximação entre

(i) os termos antropológico e sociológico de cultura como uma "forma total de existência", dentro da qual, agora, um 'sistema de significados' distinto é visto não apenas como essencial mas essencialmente envolvido em todas formas de atividade social, e (ii) o mais especializado, ainda que mais comum, senso de cultura como "atividades artísticas e intelectuais", ainda que, por sua ênfase em um sistema de significação geral, esses sejam hoje mais amplamente definidos, incluindo não apenas as artes e formas de produção intelectual tradicionais mas também todas as "práticas de significação" -- de linguagem às artes e filosofia e jornalismo, moda e publicidade²⁰

(WILLIAMS, 1981. p. 13)

A aproximação convergente, complementar entre idealismo e materialismo se realiza, portanto, como um esforço de investigação em que manifestações intelectuais, projetos ideológicos, e os circuitos e plataformas da comunicação e da cultura se cristalizam em muitos sentidos -- as proposições intelectuais, ideológicas de uma *avant-garde*, por exemplo, podem servir de elemento estruturador central para a construção de novas formações de produção e difusão cultural; ao mesmo tempo, transformações nas tecnologias de comunicação, ou nas condições de vida urbana, podem ter impacto em estéticas e construções da linguagem. Examinar e entender as condições a informar cada fenômeno torna-se, então, um caminho não apenas multidisciplinar, mas também reticente a sistemas classificatórios estanques. Nessa dinâmica, formações sociais, instituições, ideologia, linguagens e condições

20 No original "(i) the anthropological and sociological senses of culture as a distinct 'whole way of life', within which, now, a distinctive 'signifying system' is seen not only as essential but as essentially involved in all forms of social activity, and (ii) the more specialized if also more common sense of culture as 'artistic and intellectual activities', though these, because of the emphasis on a general signifying system, are now much more broadly defined, to include not only the traditional arts and forms of intellectual production but also the 'signifying practices' - from language through the arts and philosophy to journalism, and fashion and advertising. (Tradução nossa.)

materiais e tecnológicas se inter-hibridizam e se retroalimentam. Retomando as proposições de Williams (1981) sobre as imbricações entre cultura e ideologia, e entre as complicadas armadilhas à análise que uma aproximação determinista da produção cultural como, essencialmente, manifestação ideológica pode demandar:

O que o sociólogo da cultura ou o historiador da cultura estuda são as práticas sociais e as relações sociais que produzem não apenas “uma cultura” ou “uma ideologia”, mas, de modo mais significativo, aqueles estados e trabalhos de fato dinâmicos dentro dos quais há não apenas continuidades e determinações persistentes mas também tensões, conflitos e irresoluções, inovações e mudanças reais.²¹

(WILLIAMS, 1981. p. 29)

É a partir da noção de Ideologia como “*Structure of Feeling*”, e da Cultura como seu campo de batalha, que este trabalho propõe uma reflexão sobre os circuitos de elaboração e disseminação do pensamento econômico europeu das primeiras décadas do século XX, e sua relação com o ambiente social e cultural em que são forjados, colocados em movimento e disputa – o arco histórico que viria a ser delineado sob a noção de Modernismo. A aproximação às ideias e programas da economia política se dará, portanto, sob a proposta de um entendimento de seus sentidos como *discurso e imaginário*, mais do que sob o da economia aplicada. Essa proposição de uma análise e tradução dos mecanismos do pensamento econômico como cultura e linguagem não é invenção recente. Deirdre McCloskey (1982), em seu *Rhetoric of Economics*, estabelece um pioneiro debate sobre a elaboração e circulação do pensamento econômico como exercício retórico. Para McCloskey, mais do que buscar a reelaboração crítica ou o estabelecimento de consensos no campo da Economia a partir da contraposição puramente científica de formalismos ou de proposições de economia aplicada, em moldes herdados das ciências naturais, a disputa pelo estabelecimento da hegemonia de ideias econômicas é, essencialmente, um embate retórico pelo convencimento do público. Há na proposição de McCloskey, porém, algo da crítica feita por Williams a respeito de aproximações estanques para o entendimento da relação a entrelaçar mentalidades e condições materiais. Numa posição que talvez possa ser entendida como algo esquemática, é sugerida uma centralidade do discurso como elemento “puro”, algo descolado

21 No original: What the cultural sociologist or the cultural historian studies are the social practices and social relations which produce not only “a culture” or “an ideology” but, more significantly, those dynamic actual states and works within which there are not only continuities and persistent determinations but also tensions, conflicts and irresolutions, innovations and actual changes. (Tradução nossa.)

das circunstâncias materiais e históricas a informar o campo de batalha das ideias. Há, nisso, a eminência de uma racionalidade discursiva que se sobreporia a elementos do imaginário e da sensibilidade pública, numa retórica que, de certa maneira, seria “purificada” do peso de elementos subjetivos. Argumentos retóricos e formalismo econômico se confundiriam, assim, como ferramentas distintas para o esgrima de uma mesma racionalidade cartesiana. De todo modo, as proposições de McCloskey sobre o papel de economistas como operadores do debate público é um valioso elemento analítico que, embora de modo algo indireto, informa todo o trabalho de produção desta tese. Também centrais à reflexão desta tese são os trabalhos de história intelectual de Carl Schorke (1981), Marshall Berman (1988), Modris Eksteins (1989), Mirowski e Plehwe (2009), e Erwin Dekker (2016). Enquanto os três primeiros, em seus clássicos trabalhos sobre a emergência do Modernismo como manifestação interdisciplinar e material (partindo do estudo de caso vienense, no caso de Schorske; e das transformações a articular mentalidades e relações produtivas, no caso de Berman; e nas novas rupturas e sínteses da Modernidade a emergir da Primeira Grande Guerra, no caso de Eksteins), o trabalho de Mirowski e Plehwe se debruçará sobre uma ampla investigação histórica acerca das redes de intercâmbio intelectual a se desenharem na Europa e na América na primeira metade do século XX, numa síntese dos programas e formações a informarem a renovação liberal da primeira metade do século XX – um fenômeno ao qual, dialogando com a história cultural e com a sociologia da ciência, darão o nome de *Neoliberal Thought Collective*, ou *Coletivo de Pensamento Neoliberal*. Dekker, por sua vez, em seu trabalho sobre o entorno cultural e os debates multidisciplinares a informar a tradição liberal vienense, oferece valiosas pistas sobre um universo no qual Hayek, enfim, se confundiria com um sem número de operadores da cultura e da opinião pública a se espalhar por campos variados do saber. Sobre a trajetória de Hayek, são utilizadas como referências principais o trabalho de dois de seus biógrafos: Alan Ebenstein e Bruce Caldwell. Embora o autor tenha nas proposições de Gramsci (1891-1937) sobre cultura, ideologia, e investigação social, uma inspiração, o caminho escolhido para esta investigação busca novos, e complementares, entendimentos a partir de conexões entre a história da cultura e a história do pensamento econômico. Por fim, no trabalho de Marjorie Perloff sobre as redes e os registros da produção cultural europeia da primeira metade do século XX, são mapeadas algumas das relações a informar os debates, as sensibilidades, e as mentalidades forjadas no universo europeu do início do século XX.

A partir da relação de Friedrich Hayek com três centros do pensamento liberal – Viena, Londres e Chicago – entre as décadas de 1920 e 1940, esta pesquisa busca apontar os

nexos pelos quais o debate sobre o entendimento público da lógica econômica se deu (e dá) pela disputa dos espaços da Cultura. Da construção de circuitos de experimentação e de avanço de propostas dissonantes à experimentação entre conhecimento, cognição, ciência e política, à consolidação de publicações, estratégias de disseminação. Dos debates entre os círculos vienenses, nos anos 1920, até os debates entre os grupos de Hayek e Keynes na imprensa britânica, nos anos 1930, à publicação de *Road to Serfdom*, nos anos 1940, e sua transformação, no mercado editorial dos EUA, em produto da cultura de massa, entre as décadas de 1940 e 1950, este trabalho propõe uma recuperação dos imaginários e sensibilidades mobilizados em torno da construção de uma nova apreensão do liberalismo. Mapeando as continuidades e descontinuidades nessa *structure of feeling* mobilizada por Hayek e seus parceiros intelectuais, suas formações e estratégias de vanguarda, é sugerida uma investigação do Neoliberalismo não como um programa de traços específicos, mas como um *imaginário* a mobilizar de modos múltiplos realização individual e de organização social.

Na busca dos nexos a informar, transformar e retroalimentar o modo como as práticas da cultura se entrelaçariam aos modos de elaboração da ciência econômica, este trabalho busca uma jornada de pesquisa original que também possa, no futuro, auxiliar interessados/as em novos estudos interdisciplinares em áreas diversas das ciências humanas, dos estudos de comunicação, das artes, e da economia. Nessa ambição, este trabalho se propõe como conciso. O objetivo, mais que esgotar dados e aprofundar o registro de acontecimentos, é apontar nexos, caminhos para uma pesquisa sobre pensamento econômico que conecte não apenas personagens e eventos, mas mentalidades e mecanismos da cultura que auxiliem a uma atualização dos termos do debate público sobre projetos de organização social contemporâneos.

No capítulo 01, é oferecido um panorama sobre a criação e a formação de Hayek em meio a uma Viena que, durante a crise do fim do império austro-húngaro, via, no início do século XX, a emergência de novos circuitos de produção interdisciplinar, com novas representações do universo subjetivo nas artes, nas ciências, e no pensamento social. No trauma e nas invenções que viriam a transformar a Áustria e influenciar o pensamento continental, Hayek passará pela experiência da guerra, circulará pelos cafés e formações de vanguarda, e se envolverá em conflitos intelectuais, dando início à elaboração de um programa de organização social e de mediação da vida individual que prosseguirá ao longo do século.

No capítulo 02, é resgatada ida de Hayek a Londres, sua experiência na *London School of Economics*, e, nas disputas intelectuais colocadas em movimento contra, por um

lado, os Fabianos socialistas e, por outro, o grupo de Keynes em *Cambridge* e *Bloomsbury*, sua imersão no universo do Modernismo inglês, as influências com as quais terá contato, e sua aproximação do debate público nos circuitos editoriais e da imprensa. É apresentado, também, um estudo das transições pelas quais seu programa intelectual passará na época, numa sugestão de aproximações entre sua economia política e o panorama da cultura e o debate modernista. Encerra o capítulo um resgate de personagens e programas discutidos no Colóquio Walter Lippmann, realizado na França, em 1938. A partir daí, é sugerido um levantamento das relações e elaborações programáticas neoliberais que viriam a se espraiair a partir da iniciativa.

No capítulo 03, é oferecida uma reflexão sobre o percurso intelectual e o programa formulados em *Road to Serfdom*. Num complemento ao capítulo, é resgatado o percurso de *Road to Serfdom* no mercado editorial dos EUA, com suas adaptações ao grande público a partir do *Reader's Digest*, até espalhar-se em versões em quadrinhos. A partir dos contatos realizados na turnê de *Road to Serfdom*, Hayek colocará em ação esforços para reproduzir os circuitos de *avant-garde* pelos quais circulou em Viena e Londres – inicialmente, com a consolidação, em escala transatlântica, da rede de intercâmbio intelectual conhecida como Sociedade de Mont Pèlerin; e, num momento seguinte, com a viabilização, na Universidade de Chicago, do grupo de pesquisa que veio a ser nomeado como Escola de Chicago.

Nas considerações finais, são debatidos alguns dos sentidos propostos por autores e autoras a respeito do conceito de neoliberalismo. A partir de uma crítica de suas dificuldades e de sentidos comuns, é levantada, então, a proposta de um entendimento dos circuitos, personagens e episódios da trajetória de Hayek como manifestações do debate Modernista, sugerindo uma reflexão sobre a apreensão do pensamento econômico como *imaginário* e *sensibilidade*.

PARTE 1. VIENA

CAPÍTULO 1. UM NOVO MUNDO

Friedrich August Von Hayek nasceu em Viena, em 08 de maio de 1899. A cidade, que em 1867 havia se tornado a capital do Império Austro-Húngaro, há séculos era um dos pontos centrais de intercâmbio comercial e cultural na Europa -- antes, havia sido a sede do Sacro Império Romano Germânico, e mais tarde, do Império Austríaco. No turbilhão do fim de século, Viena emergia como central à cultura germânica no continente.

Friedrich foi o primeiro filho de August e Felicitas. Nascido em Viena, em 1871, o médico e botânico August von Hayek era movido por uma inabalável aspiração acadêmica. Frequentador do universo do conhecimento da capital, tinha alguma proximidade com a Universidade de Viena, onde ocasionalmente dava aulas. De Felicitas von Juraschek, nascida em 1875, vinha a herança aristocrática: proprietária de terras, de linhagem tradicional e conservadora, sua família havia construído fortuna.

Um ano e meio após seu nascimento, Friedrich recebeu a companhia de Heinrich. Erich, o caçula, nasceria um pouco mais tarde, cinco anos após o primogênito. Pouco antes do nascimento de Friedrich, a mãe de Felicitas faleceu, deixando como herança uma considerável fortuna. Proviam daí boa parte dos rendimentos dos primeiros anos da família -- August, para além de sua paixão pela botânica, trabalhava como médico junto ao ministério da saúde.

Em suas reminiscências, Hayek afirmava sobre a vida familiar de sua infância ter sido “provavelmente ideal” (HAYEK apud EBENSTEIN, 2014). Um cotidiano de liberdade para explorar o mundo, refeições em família com discussões estimulantes, e leituras de dramas alemães e traduções de Shakespeare. O clima liberal que permeava a burguesia vienense da segunda metade do século XIX era um traço definidor de seu universo social -- Hayek sugere, em suas recordações, lembranças de um sincero fascínio com o universo do trabalho intelectual (HAYEK apud KRESGE, 1994).

Apesar de não ter conhecido a avó materna, Friedrich conviveu com seus dois avôs. Assim como August, eram, ambos, acadêmicos. Com a herança recebida após o falecimento de sua esposa, mãe de Felicitas, o avô materno de Friedrich tornou-se um homem rico. Mas,

antes disso, Franz von Juraschek era considerado um dos principais economistas do Império. Estatístico, trabalhou como encarregado de projetos junto ao governo nacional. Era amigo próximo de Eugen von Böhm-Bawerk, um dos três principais fundadores da escola econômica histórica de tradição austríaca (os outros dois são Carl Menger e Friedrich von Wieser -- este, também do círculo de von Juraschek). O avô paterno de Friedrich era Gustav Edler von Hayek. Acadêmico, foi autor de numerosos tratados sobre ciências naturais, e professor do *Realobergymnasium* Imperial de Viena por trinta anos.

As circunstâncias dos avós paternos de Hayek eram modestas se comparadas com as de seu lado materno. Embora o título de nobreza dos von Hayeks fosse uma geração mais antigo que o dos von Jurascheks, a posição destes na pirâmide social de Viena era de razoável superioridade. No ranking da nobreza da Áustria imperial, “Von” era o quarto, e mais baixo, título. No topo, ficavam os títulos relativos às famílias que há séculos comandavam o maquinário de poder do mundo germânico -- em relação a estes, famílias como os von Hayeks e os von Jurascheks, titulados provavelmente há pouco mais de um século, transpareciam o caráter recente de sua ascensão à nobreza. A cultura aristocrática vienense permeava o cotidiano da família de Friedrich. As visitas familiares à *villa* onde o avô materno vivia com sua segunda esposa eram uma constante, com grandes encontros familiares reunindo as diversas gerações da família. Em suas memórias, as recordações são de laços familiares que, estreitos, se estendiam por uma ampla constelação familiar. A tradição familiar de Hayek apontava a uma longa tradição germânica. Embora seu sobrenome sugerisse raízes Checas (o “ek” ao fim de seu nome remeteria, segundo Hayek, a um “Hagek”, de Praga, associado ao astrônomo Tycho Brahe (1546-1601), sua família seria falante do alemão há incontáveis gerações.

A experiência de crescer em meio a acadêmicos teria grande impacto sobre Friedrich. Embora seu pai não tenha levado a cabo a intenção de se estabelecer como um membro integral academia vienense (não ter conseguido uma posição fixa junto à universidade teria sido uma de suas grandes frustrações), a rotina de experimentações em família -- Friedrich acompanharia o pai em suas rotinas de pesquisa em botânica -- e o clima de debate intelectual imprimiram sobre ele um profundo fascínio pelo universo do conhecimento. A respeito, Hayek comentou, em entrevista, que sua “determinação para se tornar um acadêmico foi certamente afetada pela insatisfeita ambição de meu pai para se tornar um professor universitário” (HAYEK apud EBENSTEIN, 2014). Embora sua família não tivesse o hábito de levá-lo à igreja, seus pais eram, formalmente, de tradição Católica Romana.

Em sua infância, o principal hobby de Hayek eram as longas horas gastas com o pai no laboratório de botânica da família. A casa dos von Hayek girava em torno do laboratório do patriarca, com folhas, registros e fotos de espécies botânicas se espalhando pelos cômodos. August era editor de um “*Flora Exotica*”, e Friedrich era o pequeno assistente responsável por vários aspectos práticos do trabalho, acompanhando-o às reuniões da Sociedade Zoológica e Botânica de Viena. Em seu herbário, August tinha acumulado entre 75.000 e 100.000 folhas, recolhidas em expedições a pontos diversos da Europa e da África. Em suas coleções pessoais, Friedrich guardava “espécimes de vários tipos, incluindo insetos e minerais, assim como plantas” (EBENSTEIN, 2014).

Na adolescência, ao chegar aos 14, 15 anos, Friedrich dava mostras de certa frustração intelectual com o trabalho prático, classificatório que vivenciava na Biologia. Seu interesse por mais profundidade teórica fez com que seu pai o apresentasse um “gigantesco tratado” (HAYEK apud EBENSTEIN, 2014) sobre a teoria da evolução. A densidade da obra científica, apresentada cedo demais, não chegou a engajar Hayek de modo definitivo no estudo da Biologia. “Ainda não estava preparado para acompanhar a sustentação de um argumento teórico”, recordou Hayek. “Se ele (seu pai) tivesse me dado o livro um ano depois, talvez tivesse me mantido na Biologia. Aquelas coisas realmente me interessam profundamente” (HAYEK apud EBENSTEIN, 2014).

Em seu pai, Hayek teria a grande influência de sua vida. A carreira acadêmica nunca alcançada por August seria conquistada, décadas depois, por Friedrich. E o interesse na Biologia, sua porta de entrada ao universo do conhecimento, se manteria como um interesse a acompanhá-lo até o fim da vida. Nas décadas seguintes à publicação de “A Origem das Espécies”, o trabalho de Darwin pairava sobre o universo intelectual europeu com grande peso. O impacto sobre o pensamento de Friedrich seria considerável -- a noção de sobrevivência do mais forte, e de evolução randômica, dinâmica, não orientada, se estabeleceriam como centrais ao pensamento hayekiano.

No início do século XX, o mundo germânico era um ponto focal da transição à Modernidade que varreria o continente europeu. Um período que via, também, o que seria “o encerramento formal” da ascendência que, na segunda metade do século XIX, o liberalismo cultivado em Viena pela nova burguesia do Império teria sobre a sociedade da capital (SCHORSKE, 1981). Na Áustria, o pensamento liberal era símbolo e motor à experimentação e aos estudos da vida interior (Schorske, 1981). Da representação pictórica da vida, às tecnologias sonoras e visuais, até a efetiva transformação da lógica urbana e dos espaços físicos. A influência e profundidade da influência do liberalismo vienense no pensamento

continental pode ser entendida, porém, como inversamente proporcional a sua hegemonia social e política. Sua eminência sobre o cenário austríaco foi relativamente curto. Schorske (1981) sugere que o arco entre 1860 e 1895 poderia ser entendido como essencial ao entendimento do liberalismo vienense e às suas transformações e infiltração na sensibilidade e produção cultural e intelectual. Em 1860, os liberais emergem ao centro do poder austríaco, estabelecendo um regime constitucional, muito por conta do enfraquecimento da ordem aristocrática imperial em seus fronts externos. Essa hegemonia se estenderia por duas décadas, equilibrando-se sobre uma base que nunca teria deixado de ser frágil, "confinada aos alemães de classe média e judeus alemães dos centros urbanos. Cada vez mais identificados com o capitalismo, eles mantiveram o poder parlamentar pelo dispositivo antidemocrático da franquia restrita²²." (Schorske, 1981)

A tentativa de estabelecer controle sobre a participação cidadã -- uma desastrosa e algo autoritária iniciativa para domar uma sempre temida "irracionalidade das massas" -- não demorou a abrir frestas na hegemonia liberal. Grupos diversos (trabalhadores urbanos, artesãos, camponeses, povos eslavos), organizados em partidos de massa, ganhavam terreno sobre os liberais. O antissemitismo era um forte elemento de coesão em algumas das principais forças a emergir desses movimentos populares, especialmente no caso dos Christian Socials que, em 1895, ganhariam a prefeitura de Viena com a eleição de Karl Luger.

Em 1897, após dois anos de batalhas políticas, Karl Luger (1844-1910), líder do Partido Social Cristão Austríaco, grupo político a aglutinar as novas forças galvanizadas em torno de um sistemático programa antissemita, viria a ser ratificado como o prefeito eleito da capital. Seu apontamento ao cargo foi cercado de tensões -- o imperador havia se recusado a dar o endosso à posse do novo prefeito, e o governo chegou, mesmo, a buscar possível intervenção papal sobre o movimento capitaneado por Luger. Apesar de tudo, sua eleição foi reafirmada pelo eleitorado, deixando o governo sem escolha:

Os demagogos Social-Cristãos começaram uma década de governo em Viena que combinava tudo o que era anátema para o liberalismo clássico: anti-semitismo, clericalismo e socialismo municipal. Também no nível nacional, os liberais tiveram seu poder político quebrado em 1900, para nunca mais recuperá-lo. Eles tinham sido esmagados pelos modernos movimentos de massa cristãos, anti-semitas, socialistas e nacionalistas.²³

(SCHORSKE, 1981)

22 No original: (...) confined to the middle-class Germans and German Jews of the urban centers. Increasingly identified with capitalism, they maintained parliamentary power by the undemocratic device of the restricted franchise." (Tradução nossa.)

Esse clima de antissemitismo não era, porém, compartilhado pela família de Hayek, que cresceria em um universo de acelerada, profunda transformação cultural, tecnológica e política. Em sua juventude, Friedrich via o aparecimento do automóvel, a emergência do impressionismo e a constituição da psicanálise. E, também, a emergência do antissemitismo como força política, e a derrocada da ordem liberal burguesa como organizadora do mundo. O modernismo vienense colocava em movimento a reorganização dos sistemas de pensamento, e moldava novas aproximações e distanciamentos entre cultura, subjetividade e ciência (SCHORSKE, 1981).

Para além da reconfiguração do espaço e dos pontos de conexão a se espalhar por todo o continente, Viena via a emergência de uma nova dinâmica de circulação de ideias e de bens culturais. Se a experiência do tempo e do espaço era transformada e comprimida a partir do trem e do telégrafo, os livros, as exposições e as peças de teatro serviam como interfaces a uma nova lógica de descoberta e elaboração. Se muitos operadores da cultura e da produção intelectual circulavam pelas novas malhas a unir o continente europeu, os que se mantinham em suas bases eram colocados em contato com uma inédita produção a alimentar um intercâmbio de informações, pontos de vista e imaginários.

Conceitos científicos, modos de pensar e formas de conhecimento estavam, todos, sendo reexaminados. Einstein o fez quando descobriu sua teoria especial da relatividade, em 1905. Essa virada no pensamento também permeava o mundo fora da ciência. Em 1907, Pablo Picasso lançou o cubismo com seu "Les Femmes d'Alger", e em 1910 Wassily Kandinsky desvelou o expressionismo abstrato. Em 1913, Igor Stravinsky rompeu todas as convenções do balé clássico com seu "Rito da Primavera". A década de 1920 produziu a música de doze tons de Arnold Schönberg, a arquitetura da Bauhaus, e os extraordinários romances de James Joyce, que abrangiam desde a relatividade ao cubismo. Enquanto isso, Freud e Jung estavam investigando o inconsciente.²⁴

23 No original: The Christian Social demagogues began a decade of rule in Vienna which combined all that was anathema to classical liberalism: anti-Semitism, clericalism, and municipal socialism. On the national level as well, the liberals were broken as a parliamentary political power by 1900, never to revive. They had been crushed by modern mass movements, Christian, anti-Semitic, socialist, and nationalist. (Tradução nossa.)

24 No original: Scientific concepts, ways of thinking, and ways of knowing were all being re-examined. Einstein did so when he discovered his special theory of relativity in 1905. This upheaval in thinking pervaded the world outside science too. In 1907 Pablo Picasso launched cubism with his "Les Femmes d'Alger" and in 1910 Wassily Kandinsky unveiled abstract expressionism. In 1913 Igor Stravinsky ruptured all the conventions of classical ballet with his "Rite of Spring." The postwar 1920s produced the twelve-tone music of Arnold Schönberg, Bauhaus architecture, and James Joyce's extraordinary novels, which encompassed everything from relativity to cubism. Meanwhile Freud and Jung were investigating the unconscious. (Tradução nossa.)

(MILLER, 2009)

A ascendência de Hayek apontava à nova aristocracia que, como sugere Peter Gay (2002) viria a se impor como uma das grandes novas manifestações sociais consolidadas entre os séculos XIX e XX. Em sua investigação sobre o que viria a chamar de "*middle-class culture*", Gay sugere que a expansão de uma nova burguesia, assentada sobre um novo -- e contraditório -- conjunto de valores, códigos, e elementos de distinção, cristalizaria um novo ambiente cultural que se espraia pelos espaços da política, dos costumes, e das artes. Informada e influenciada pelas correntes de pensamento e pelos novos artefatos culturais a emergir e circular pelo continente europeu, a nova burguesia europeia seria ao mesmo tempo guardiã e porta-voz de uma mentalidade cosmopolita, articulada em torno da celebração da individualidade, das novas manifestações do pensamento, e da vida interior. O que não significa, em verdade, que se delineasse como um corpo homogêneo -- "a burguesia era uma e muitas ao mesmo tempo" (p. 6), lembra Gay.

Ao mesmo tempo, a efervescência vienense (e continental, em certa medida) delinearia, no caldo de cultura das revoluções estéticas e sociais uma manifestação que, sugere Gay (2002), se imporia como a nova sensibilidade de uma burguesia dinamizada pela energia popular e dedicada à transformação do mundo ao seu redor – numa Viena que, então, era a capital cultural do mundo germânico (EKSTEINS, 1989), e centro de irradiação de especial capilaridade no continente europeu. Esse processo, a apontar para o imponderável e, também, em consonância com as sensibilidades e manifestações do intelecto cultivadas pela nova cultura burguesa, se energizaria nas insurreições a se espalhar pela Europa – ao mesmo tempo em que, nas novas sociabilidades a emergir dos processos burgueses, serviria como estímulo aos processos de insurreição. As elaborações de Marx e as novas proposições do socialismo, a expansão de regimes democráticos – assim como sua inconsistência quanto às suas formas institucionais e representação geográfica -- animava uma ambivalente sensibilidade liberal. Sensibilidade esta que, do século XIX em diante, se estabeleceria como elemento constituinte da cultura burguesa. No caso austríaco, embora Schorske (1981) lembre que a nova sensibilidade liberal era um traço definidor da burguesia da capital do império, Gay (2002) aponta que "o *Burgertum* nunca estabeleceu uma base de massa segura, e foi condenado a testemunhar o barulhento triunfo de nacionalistas sem controle, antissemitas racistas, e políticos pouco comprometidos em seu partidarismo." Foi na esteira dessas inconsistências que, em 1897, o antissemita Karl Luger foi eleito prefeito de Viena.

A expansão e a prevalência da nova cultura burguesa de classe média, porém, se impunha como a organizadora do discurso social e da elaboração política. A força e a capilaridade das agendas articuladas pelos novos grupos burgueses tinha, nos espaços de deliberação e decisão da política, uma presença que extrapolava a real proporção demográfica de seus proponentes. Nesse sentido, não apenas o protagonismo das ideias e da mentalidade da nova burguesia, mas também de sua representação nas novas arquiteturas democráticas, parecia se sobrepor ao majoritário conjunto da população. A sensibilidade liberal, com sua defesa moral da liberdade individual e de sua representação através do sufrágio se contrapunha, nesse universo, a temores sobre a volatilidade das massas. A essa nova burguesia, uma questão se impunha: para além do novo universo subjetivo da burguesia, qual a garantia que a racionalidade e as novas sensibilidades do indivíduo liberal seriam asseguradas? A desconfiança de uma ascensão de uma espécie de cesarismo, com os poderes democráticos se deslocando a uma lógica democrática e personalista, parecia justificar a ideia de que a extensão universal do sufrágio seria um risco grande demais a se pagar se desse errado. Emerge, nisso, uma contradição que parecerá ecoar no debate austríaco pelas décadas seguintes. A defesa do sufrágio universal, enfim, será a justificativa para seu controle e para sua limitada expansão (não surpreendentemente, tendo em seu centro, como operadores do voto -- e candidatos à eleição -- homens situados em faixas elevadas de renda e patrimônio.) A subjetividade das novas classe médias a emergir no século XIX servirá de motor a um modernismo que, como sugere Gay (2002), era “incubado, em numerosas áreas em pleno desenvolvimento, anos antes de 1914.” (p. xx)

Quase simultaneamente em uma área após a outra, a intelligentsia daquela cidade produzia inovações que se tornariam identificadas, em toda a esfera cultural europeia, como “escolas” de Viena - notadamente em psicologia, história da arte e música. Mas mesmo nos campos em que a consciência internacional da conquista austríaca despontou mais lentamente - na literatura, na arquitetura, na pintura e na política, por exemplo - os austríacos se engajaram em reformulações críticas ou transformações subversivas de suas tradições que a própria sociedade percebia como radicalmente novas, se não, de fato, revolucionárias²⁵.

25 No original: Almost simultaneously in one area after another, that city's intelligentsia produced innovations that became identified throughout the European cultural sphere as Vienna “schools”—notably in psychology, art history, and music. But even in fields where an international awareness of Austrian achievement dawned more slowly—in literature, architecture, painting, and politics, for example—the Austrians engaged in critical reformulations or subversive transformations of their traditions that their own society perceived as radically new if not indeed revolutionary. (Tradução nossa.)

(SCHORSKE, 1981)

Uma nova sensibilidade liberal que teria, no projeto de renovação urbana da capital vienense, sua tradução última: nas novas percepções e experiências do tempo e do espaço oferecidas pela cidade, as reformulações de tradições e subjetividades se materializariam na própria organização territorial (e estética) da capital:

O contraste entre o velho centro da cidade e a área do Anel se ampliou de modo inevitável como resultado da mudança política. O centro da cidade era dominado arquitetonicamente pelos símbolos do primeiro e do segundo estados: o barroco de Hofburg, residência do imperador; os elegantes *palais* da aristocracia; a catedral gótica de St. Stephen e uma série de igrejas menores espalhadas pelas ruas estreitas. No novo projeto da *Ringstrasse*, o terceiro estado celebrava, na arquitetura, o triunfo da política constitucional sobre o *Macht* imperial, da cultura secular sobre a fé religiosa. Não mais palácios, guarnições e igrejas, mas centros de governo constitucional e alta cultura dominaram o Anel. A arte da construção, usada na cidade antiga para expressar a grandeza aristocrática e a pompa eclesiástica, tornou-se agora a propriedade comunal dos cidadãos, expressando os vários aspectos do ideal cultural burguês numa série dos chamados *Prachtbauten* (edifícios de esplendor).²⁶

(SCHORSKE, 1981)

Na condição de metrópole central à elaboração do pensamento europeu, uma das capitais e laboratórios do Modernismo (HARVEY, 2005; PERLOFF, 2016; SCHORSKE, 1981; WILLIAMS, 2007), Viena era motor e testemunha de novas manifestações que, para o bem e para o mal, transformariam o espírito e a face do século XX. A capital austríaca seria o território onde "Leon Trotsky tinha especial interesse por psicanálise desde a época de sua emigração a Viena em 1906, quando dividiu seu tempo entre o Cafe Central e a edição do jornal *Pravda*." (ETKIND, 2003), e, em 1907 um jovem Carl Jung faria a Sigmund Freud uma visita que revolucionaria o entendimento da mente humana ("Naquele primeiro encontro

26 No original: The contrast between the old inner city and the Ring area inevitably widened as a result of the political change. The inner city was dominated architecturally by the symbols of the first and second estates: the Baroque Hofburg, residence of the emperor; the elegant palais of the aristocracy; the Gothic Cathedral of St. Stephen and a host of smaller churches scattered through the narrow streets. In the new Ringstrasse development, the third estate celebrated in architecture the triumph of constitutional Recht over imperial Macht, of secular culture over religious faith. Not palaces, garrisons, and churches, but centers of constitutional government and higher culture dominated the Ring. The art of building, used in the old city to express aristocratic grandeur and ecclesiastical pomp, now became the communal property of the citizenry, expressing the various aspects of the bourgeois cultural ideal in a series of so-called *Prachtbauten* (buildings of splendor. (Tradução nossa.)

histórico, Jung chegou ao apartamento de Freud para almoçar às 13h. e saiu umas treze horas depois", afirma Miller (2009)). E seria lá, também, que um jovem Adolf Hitler entraria em contato com a doutrina de populismo radical e antissemitismo que o lançaria ao ativismo político e à construção do mais brutal maquinário totalitário conhecido pela humanidade.

Em sua biografia de Hitler (que viveu em Viena, entre 1908 e 1913), Ian Kershaw (2010) sugere que o processo de radicalização daquele que viria a ser o líder do Terceiro Reich se dá num movimento duplo, a entrelaçar política institucional e os novos circuitos da cultura, em que "o caldeirão político e social de Viena, no entanto, marcou uma transição crucial. As experiências na capital austríaca deixaram uma marca indelével no jovem Hitler e moldaram de modo decisivo a formação de seus preconceitos e fobias".

Ao mesmo tempo em que uma "Uma crescente admiração por Karl Lueger - "o maior prefeito alemão de todos os tempos" - ajudou a mudar sua atitude em relação aos judeus - "minha maior transformação de todas" - e em dois anos (ou em outro, registro, em um único ano) a transformação foi completa", também a construção de um novo imaginário público, informado pelas novas tecnologias de comunicação de massa, teria tido, muito possivelmente, um papel central:

Perto de onde Hitler morava em Felberstraße, existia um quiosque vendendo tabaco e jornais. Quaisquer que fossem os jornais e periódicos que ele comprasse além daqueles que ele devorava avidamente nos cafés, provavelmente eram os daquele quiosque. Quais exatamente ele teria lido além das muitas revistas baratas e toscas em circulação na época é incerto. Um deles era, muito provavelmente, um periódico racista chamado *Ostara*. A revista, que apareceu pela primeira vez em 1905, foi o produto da imaginação extraordinária e distorcida de um excêntrico ex-monge cisterciense, que viria a ser conhecido como Jörg Lanz von Liebenfels (embora seu nome verdadeiro fosse, simplesmente, Adolf Lanz). Mais tarde, ele fundou sua própria ordem, a "Nova Ordem Templária" (repleta de uma panóplia cheia de sinais e símbolos místicos, incluindo a suástica), em um castelo em ruínas, o Burg Werfenstein, num romântico trecho do Danúbio entre Linz e Viena.

Muito provavelmente, Hitler leu o *Ostara* junto à outra literatura barata racista proeminente nas bancas de jornais de Viena. Mas não podemos ter certeza.²⁷

27 No original: Close to where Hitler lived in Felberstraße was a kiosk selling tobacco and newspapers. Whatever newspapers and periodicals he bought beyond those that he devoured so avidly in cafés, it was probably from this kiosk. Which exactly he read of the many cheap and trashy magazines in circulation at the time is uncertain. One of them was very likely a racist periodical called *Ostara*. The magazine, which first appeared in 1905, was the product of the extraordinary and warped imagination of an eccentric former Cistercian monk, who came to be known as Jörg Lanz von Liebenfels (though his real name was plain Adolf Lanz). He later founded his own order, the 'New

(KERSHAW, 2010)

Essa inter-hibridização entre áreas e práticas do saber, bem como sua intensa articulação ao horizonte da cultura e das mentalidades, permeariam o universo intelectual de Hayek, informando os territórios de sua formação e sua produção ao longo do século XX. Polímata, o austríaco se lançaria a pesquisas na economia política, no direito, na história das ideias, na psicologia, e nas ainda nascentes neurociências.

O registros familiares do jovem Friedrich apontam para um estudante algo rebelde. O teatro e as obras dramáticas foram alguns de seus primeiros grandes interesses da juventude -- ele teria, mesmo, chegado a experimentar a escrita de tragédias. Frequentador das peças encenadas na Viena do início do século, sua preferência de leitura eram as traduções alemãs de clássicos franceses, gregos e espanhóis. A alta literatura alemã era outra de suas paixões, e a obra de Goethe era considerada por ele uma influência central às primeiras fases de seu pensamento. Seu intenso hábito de leitura não se estendia de modo especial ao universo das ciências humanas. Em suas memórias, Hayek lembrava que, até os tempos do ensino superior, sua juventude era de especial interesse a aspectos práticos. O estudo da história, ou a investigação de grandes temas sociais, ainda não havia despertado. Foi apenas com a Primeira Guerra Mundial que seu interesse intelectual passou a se deslocar às ciências humanas, bem como a breves, iniciais mergulhos no estudo da psicologia.

Pouco após seu aniversário de dezoito anos, em Março de 1917, Hayek se alistou no Exército. O conflito, e a entrada de Hayek na vida militar, seriam responsáveis por um dos raros (GRAY, 2015) encontros de juventude entre Friedrich e seu mais influente parente, o primo Ludwig Wittgenstein -- mais tarde, eles viriam a se aproximar em Cambridge, nos tempos de exílio britânico. Reunidos ao acaso, em uma estação ferroviária em agosto de 1918 (“ele provavelmente estava com o manuscrito do *Tractatus* em sua sacola. Mas eu não sabia disso na época” (HAYEK, 1994)), Hayek e Wittgenstein mergulharam, durante uma longa e noturna viagem de trem entre Bad Ischl to Innsbruck, numa conversa que viria a ter duradouro impacto sobre Hayek ao longo de sua trajetória -- o motivo, porém, passaria ao largo dos projetos epistemológicos que ambos encaminhariam ao longo do século que se iniciava. Hayek, em suas memórias, conta ter ficado “impressionado pela sua personalidade” e pela “característica mental” de Wittgenstein (HAYEK, 1994) -- mais tarde, parte da obra

Templar Order’ (replete with a full panoply of mystical signs and symbols, including the swastika), in a ruined castle, Burg Werfenstein, on a romantic stretch of the Danube between Linz and Vienna. Most likely, Hitler did read Ostara along with other racist pulp which was prominent on Vienna newspaper stands. But we cannot be certain. (Tradução nossa.)

hayekiana viria a empreender um intenso diálogo com o pensamento wittgsteiniano e a filosofia analítica (GRAY, 2013). A última discussão entre ambos, conta Hayek, teria sido sobre política. Sobre o clima intelectual a ecoar em suas conversas com Wittgenstein, Hayek dizia que

“O que mais me impressionou”, recordou Hayek, “era a radical paixão pela verdade em tudo (algo que vim a descobrir ser uma voga característica entre os jovens intelectuais vienenses da geração imediatamente predecessora à minha). Essa verdade se tornou quase uma traço característico nos grupos de fronteira entre partes da intelligentsia em que vim a me mover de modo tão intenso. Isso significava muito mais que a verdade no discurso. O indivíduo deveria “viver” a verdade e não tolerar qualquer pretensão em si ou nos outros. Algumas vezes isso produzia pura rudez e, certamente, desgostos. Toda convenção era dissecada e toda forma convencional exposta como fraude.”²⁸

(HAYEK apud EBENSTEIN, 2014)

Tanto Hayek, quanto seu pai, serviram na Primeira Grande Guerra. Sua família, ao que tudo indica, era firme apoiadora da participação no conflito. Karl Popper (1902-1994), o futuro amigo e parceiro intelectual de Hayek em seu projeto de renovação do pensamento liberal, sugeriu, em escritos biográficos, que o impacto da Guerra (e de seus desdobramentos) teria tido papel profundo no desenvolvimento intelectual da juventude vienense. O brutal encontro com a realidade da guerra, e os efeitos do patriotismo contaminante colocado em movimento pelo universo social da capital do império, viriam a informar de modo perene o entendimento das relações entre poder, indivíduo e sociedade presente em suas obras. Um traço que, sugere Ebenstein, poderia ser estendido, também, ao pensamento de Hayek.

O período de Hayek no universo militar seria de algum perigo e descoberta intelectual. Após sete meses de treino, ele foi lotado na Itália, onde ficou por cerca de um ano. Lá, Hayek se recordava ter ficado frente à ofensiva do inimigo em mais de uma ocasião. A esses períodos, eram seguidos longos tempos de inatividade e tédio. Foi no front que Hayek deu seus primeiros passos na leitura e no estudo da economia, lendo obras oferecidas por um

28 No original: He made these comments about his distant cousin, the philosopher Ludwig Wittgenstein, that shed further light on the society in which he grew to maturity. “What struck me most,” Hayek remembered, “was a radical passion for truthfulness in everything (which I came to know as a characteristic vogue among the young Viennese intellectuals of the generation immediately preceding mine). This truthfulness became almost a fashion in that border group between the parts of the intelligentsia in which I came so much to move. It meant much more than truth in speech. One had to ‘live’ truth and not tolerate any pretence in oneself or others. It sometimes produced outright rudeness and, certainly, unpleasantness. Every convention was dissected and every conventional form exposed as fraud.” (Tradução nossa.)

colega oficial. Seu interesse inicial se deu em panfletos socialistas, dos quais, aponta seu biógrafo Ebenstein (2014), ele teria recebido algumas de suas primeiras ideias. Entre suas preferências, figuravam, especialmente, os escritos de Walter Rathenau (1867-1922).

Hayek ficou na Itália por mais de um ano, até o fim da guerra. Em novembro de 1918, sofrendo de malária, e escapado por pouco de um destino como prisioneiro de guerra, ele retornou a Viena. Lá, encontrou um lugar diferente. A monarquia dos Habsburgo havia encontrado seu fim, após um ciclo de setecentos anos. A Áustria-Hungria havia desmoronado, num processo que seguia o acontecido aos *ancien* regimes da Europa central, Ocidental, e Oriental. Mais de um milhão de austro-húngaros tinham sido mortos na guerra (de uma população total estimada em cinquenta milhões), e cerca de dez milhões perderam a vida por todo o continente europeu. Com o Império Austro-Húngaro desmontado, emergia, na nova República da Áustria, um regime com cerca de um sétimo da população, e uma fração territorial, do império do qual era até então integrante. A ordem social do continente era de ruidosa, inquieta acomodação, tanto interna como externamente. Com o rescaldo da guerra, Viena vivia uma inédita pobreza. Fome, desabastecimento e uma inflação galopante lançavam a economia da nova República a um vórtice de choques políticos, sociais e culturais. A tradição aristocrática de Hayek não passou ilesa. A República da Áustria havia abolido os títulos de nobreza, desautorizando o uso de seus pronomes. Von Hayek tornava-se, então, apenas Hayek. A mudança de nome entrelaçava-se ao trauma que, em ondas de força e violência nunca vistas até então, transformavam, com a Primeira Guerra Mundial, não apenas o cenário urbano, geográfico, do continente europeu – mas também, e especialmente, as subjetividades e seu reflexo em estruturas sociais. Modris Eksteins (1989) sugere que a Primeira Grande Guerra teve, com as forças da modernidade europeia, uma relação de fascínio e cristalização mútua. Ao mesmo tempo em que novas, recém descobertas dimensões da vida interior serviam de combustível a perspectivas e ansiedades, numa voracidade de ruptura e transformação a se espalhar pelas artes, pela política e pelo universo científico, o mecanismo da guerra, idealizada como potencial de destruição purificadora, parecia um irresistível centro de gravidade. Marjorie Perloff (2003) em sua investigação sobre o Futurismo como elemento a articular os variados movimentos que viriam a conformar o Modernismo continental, recorda do fascínio com que os futuristas liderados por Filippo Tommaso Marinetti (1876-1944) se lançariam aos esforços de guerra movidos por uma irreduzível confiança no poder da ciência e das energias da vida interior como instrumentos com os quais seriam domadas as forças da destruição e da morte. O massacre ao qual foram submetidos não poucos futuristas – e os traumas sofridos pelos sobreviventes – teriam efeitos

profundos no universo cultural do entreguerras, e ajudariam a galvanizar o caldo de cultura do fascismo. Se para Peter Gay (2010) o Modernismo é um movimento definido por uma tensão contínua entre pulsões de ruptura e transformação, a Primeira Guerra Mundial, sugere Eksteins, se conformaria em seu grande laboratório. Forçado a abdicar de seu título aristocrático, lançado a uma ordem social em que o funcionamento do tecido social era submetido a uma nova dinâmica e funcionamento, Hayek se via levado a uma reinvenção de sua subjetividade e de seu papel social.

O impacto de sua experiência com a inflação, e com seu poder corrosivo sobre a economia e a malha social, deixou em Hayek uma marca profunda -- a preocupação com o processo inflacionário seria, pelo resto de sua vida, um dos pontos centrais de seu programa. Dessa confluência de ideias, opiniões e acontecimentos políticos colocados em movimento pelo pós-guerra, seria forjado o programa que, décadas mais tarde, se realizaria na escrita de *Road to Serfdom* (1944/2007) e sua teoria sobre a gênese dos Estados totalitários (EBENSTEIN, 2014).

Hayek retornou ao colégio, para receber o certificado que o permitiria ir à faculdade. Um objetivo que, por conta de seus interesses socialistas, chegou a ficar em jogo. Pego lendo um panfleto socialista durante uma aula de teologia, Hayek se envolveu em relativa confusão -- e é possível, talvez, que se não fosse pelo seu status de ativo durante a guerra o certificado não chegasse a ser conseguido (EBENSTEIN, 2014). Ao se matricular na Universidade de Viena, em fins de 1918, Hayek não sabia ao certo o caminho a seguir. Indeciso entre psicologia e economia, escolheu a última por motivos práticos: numa economia carcomida pelo pós-guerra, o ofício de economista ofereceria a possibilidade de uma carreira no serviço público.

À época, Hayek ainda nutria algum moderado fascínio pelo socialismo. O período, a durar algo entre seus dezessete e vinte e três anos, foi de aproximação cuidadosa, e nunca alinhada ao marxismo -- uma corrente de pensamento que seria, para ele, especialmente doutrinária, a contar pelos seus entusiastas entre os socialistas vienenses. De todo modo, o próprio Hayek não deixava de esclarecer que, apesar de tudo, teria sido o seu inicial entusiasmo pelo socialismo o responsável pelo seu interesse no estudo do pensamento econômico (EBENSTEIN, 2014). Seu interesse não era fora de lugar no clima intelectual da época. No mundo desmoronado pela Primeira Guerra Mundial, era aplainado o terreno para a construção de novas organizações políticas e sociais. Os novos regimes democráticos colocavam em eminência a disputa dos setores invisibilizados pela ordem antiga -- numa dinâmica, não raro, cindida pelo uso da força e pela escalada de animosidades

(HOBBSAWM, 2010). Nesse cenário, o experimento socialista e a reconstrução das dinâmicas econômicas informadas pelas novas ideias, tecnologias e estéticas lançava sobre o jovem Hayek um exercício intelectual sobre o qual ele viria a se debruçar por grande parte de sua jornada: até onde o socialismo seria, na prática, economicamente factível? E, para além disso, quais os caminhos possíveis para a construção de uma economia política, e de uma arquitetura econômica, que faça frente aos desafios enfrentados pelo novo tipo de sociedade a emergir no novo século?

Hayek se graduou em Direito (Economia era uma subseção deste programa), e tinha planos de combinar sua formação em legislação e economia como um caminho para o serviço diplomático. A interface entre o direito, a economia e a psicologia (uma de suas escolhas iniciais) se tornaria um aparato de pesquisa a acompanhá-lo, polímata, ao longo de sua carreira. Como estudante, ele se envolveu na organização de espaços de política partidária, na expectativa de viabilizar interlocução entre os conservadores e socialistas. Foi nessa época, em meio a seus estudos, que o sistema financeiro austríaco entrou em colapso.

O tratado de Saint-Germain-en-Laye, assinado em 10 de setembro de 1919, e colocado em vigor no ano seguinte, em 16 de julho de 1920, submetia a Áustria à hegemonia das forças aliadas. A dissolução do império dos Habsburgo era ratificada, e seu território reduzido a cerca de apenas três décimos de seu tamanho original. Eram descoladas de sua zona de influência a Checoslováquia, Polônia, Hungria, e o reino dos sérvios, croatas e eslovenos, no que veio a ser a Iugoslávia. Além disso, eram expressamente proibidos os encaminhamentos de relações bilaterais entre Áustria e Alemanha. As forças militares austríacas eram conduzidas sob a tutela dos Aliados, com o estabelecimento de um limite máximo de 30 mil militares em serviço.

Embora as reparações exigidas da Áustria não levassem ao pagamento de indenizações, o impacto do tratado sobre o país foi profundo. Perloff (2016) sugere que a dissolução da identidade imperial teve profundos impactos sobre a subjetividade e a cultura austríacos, servindo como caldeirão para uma identidade nacional a se forjar em fortes traços niilistas e introspectivos:

Nenhuma outra cultura nacional experimentou o trauma de uma ruptura repentina tão plenamente quanto os austríacos. A Alemanha, afinal de contas, era uma nação unificada há menos de cinquenta anos quando a guerra estourou, assim como a Itália. E, por mais terrível que tenha sido a guerra para os ingleses e franceses, seu senso de identidade nacional não foi realmente questionado em 1918.

(PERLOFF, 2016, p. 3).²⁹

De fato, economicamente e sociopoliticamente, a Áustria do entreguerras veio a se estabelecer como um ponto focal de instabilidades, com tensões duradouras a permear o tecido institucional e ideológico do país.

Nesse cenário, Hayek, como boa parte dos austríacos a retornar à empobrecida Viena do pós-Primeira Guerra, viria a ter como um de seus ídolos intelectuais o britânico John Maynard Keynes (KRESGE, 1994; WAPSHOTT, 2011). Acadêmico, economista, intelectual e servidor público, nascido em eminente família da academia britânica e membro de uma das principais *avant-gardes* da cultura da Inglaterra do século XX, o grupo de *Bloomsbury*, Keynes era considerado uma das mais brilhantes mentes do universo inglês. Visto, segundo Hayek, como um "herói no continente europeu" (HAYEK apud KRESGE, 1994) do pós Primeira Guerra, Keynes compôs, como funcionário público, a comissão britânica delegada para as negociações do Tratado de Versalhes. Impressionado pela experiência, ele viria, em 1919, a escrever o panfleto que se tornaria uma das principais obras de registro e análise do entreguerras: *The Economic Consequences of Peace* (1919). Um sucesso de vendas nos Estados Unidos e Grã-Bretanha (em abril de 1920, os números indicavam um total de 70 mil cópias vendidas no primeiro, e 18 mil no segundo), a obra teve ampla circulação global. Suas vendas ao redor do mundo, em junho do mesmo ano, batiam em mais de cem mil cópias, em traduções para o Espanhol, Francês, japonês, Chinês, Russo, Italiano, Holandês e Alemão. Foi esta última que Hayek, em sua juventude, veio a ler com entusiasmo (WAPSHOTT, 2011).

No livro, Keynes aponta que o caráter fortemente punitivo das reparações exigidas da Alemanha pelos Aliados, mais do que subjugar e enfraquecer o país, serviria como uma bomba relógio a potencializar não apenas as instabilidades políticas e econômicas de uma Alemanha em reconstrução, mas também a própria malha psicossocial da sociedade alemã:

O perigo que nos confronta, portanto, é a rápida depressão do padrão de vida das populações europeias a um ponto que significará verdadeira fome para alguns (um ponto já alcançado na Rússia e próximo de ser alcançado na Áustria). Os homens nem sempre morrem em silêncio. Pois a fome, que traz alguma letargia e um desamparado desespero, leva outros temperamentos à instabilidade nervosa da histeria e a um louco desespero. E estes, em sua aflição, podem derrubar o que resta de organização, submergindo a própria

29 No original: No other national culture experienced the trauma of sudden rupture as fully as did the austrians. Germany, after all, had been a unified nation less than fifty years when the war broke out, as had Italy. And however terrible the war was for the English and French, their sense of national identity was not really called into question in 1918. (Tradução nossa.)

civilização em suas tentativas de satisfazer desesperadamente as avassaladoras necessidades do indivíduo.³⁰

(KEYNES, 1919/2017)

Embora as circunstâncias da jovem república austríaca não fossem dramáticas como as da Alemanha, havia não poucos pontos de interlocução. Em ambos os casos, tratava-se de orgulhosos projetos imperiais levados ao desmantelamento e ao sufocamento de suas identidades expansionistas. O universo cosmopolita e de sofisticação intelectual das últimas décadas do século XIX dava, em ambos os casos, lugar a um universo de decadência social e de emergência de forças conservadoras. Ao ciclo de desenvolvimento tecnológico e científico prévio ao conflito, era contraposta a falência da infraestrutura nacional, com crescentes dificuldades para a produção e oferecimento de bens como eletricidade e alimentos. A esse respeito, as denúncias de Keynes à conduta das nações aliadas após o fim da Guerra era vocal:

O Tratado não inclui disposições para a reabilitação econômica da Europa -- nada para tornar bons vizinhos os impérios centrais derrotados, nada para estabilizar os novos Estados da Europa, nada para recuperar a Rússia; nem promove de forma alguma um pacto de solidariedade econômica entre os próprios aliados; nenhum acordo foi alcançado em Paris para restaurar as desordenadas finanças da França e da Itália, ou para ajustar os sistemas do Velho e do Novo Mundo.³¹

(KEYNES, 1919/2017)

A admiração de Hayek por Keynes viria, ao longo das décadas seguintes, a se transformar em aberta disputa, e em uma (nem sempre) cordial rivalidade (WAPSHOTT, 2011; EBENSTEIN, 2014) que não impediria, porém, que estabelecessem uma relação de proximidade e respeito mútuo. Nos turbulentos períodos do pós-guerra, as identidades intelectuais de ambos, em muito distintas, viriam, de todo modo, a encontrar um ponto

30 No original: The danger confronting us, therefore, is the rapid depression of the standard of life of the European populations to a point which will mean actual starvation for some (a point already reached in Russia and approximately reached in Austria). Men will not always die quietly. For starvation, which brings to some lethargy and a helpless despair, drives other temperaments to the nervous instability of hysteria and to a mad despair. And these in their distress may overturn the remnants of organization, and submerge civilization itself in their attempts to satisfy desperately the overwhelming needs of the individual. (Tradução nossa.)

31 No original: The Treaty includes no provisions for the economic rehabilitation of Europe, - nothing to make the defeated Central Empires into good neighbors, nothing to stabilize the new States of Europe, nothing to reclaim Russia; nor does it promote in any way a compact of economic solidarity amongst the Allies themselves; no arrangement was reached at Paris for restoring the disordered finances of France and Italy, or to adjust the systems of the Old World and the New. (Tradução nossa.)

comum. No universo europeu tornado página em branco para a reconstrução da ordem continental, se debruçariam, ambos, sobre os possíveis esforços e planos para a arquitetura institucional a ser construída a uma nova civilização: Keynes, de orgânica participação política, entrelaçando à sua produção intelectual os aspectos da cultura e da vida presente (SKIDELSKI, 2010; WAPSHOTT, 2011); Hayek, dedicado à produção de um projeto de sociedade assentado sobre um horizonte intensamente teórico e, no limite, ideal (CALDWELL, 2004; DEKKER, 2016).

O contato de Hayek com o liberalismo, e sua aproximação à tradição de livre mercado à qual se dedicaria pelo resto da vida, se deu na Universidade de Viena. Apesar de empobrecida pelas circunstâncias da guerra, a Universidade de Viena guardava ainda o espírito cosmopolita e intelectual dos tempos imperiais - não eram poucos os acadêmicos que, em meio ao desmantelamento do império, buscaram refúgio na instituição. Ebenstein (2014), em sua biografia de Hayek, sugere que a eminência central ao contato de Hayek com a tradição liberal seria encontrada na figura de Carl Menger (1840-1921) -- este, considerado, junto a William Stanley Jevons (1835-1882) e Léon Walras (1834-1910), um dos fundadores da Revolução Marginalista, e pai daquela que viria a ser conhecida como a *escola econômica austríaca* (KIZNER, 1987). Estudante direto daquele que seria o principal discípulo de Menger, Friedrich von Wieser (1851-1926), Hayek teria afirmado, em suas memórias, que, junto à forte influência de Wieser sobre sua vida estudantil, seria a leitura dos *Princípios de Economia*, escritos por Menger em 1871, a responsável por despertar nele a afinidade com o pensamento liberal. Wieser, com quem Hayek conviveria de modo mais próximo apenas em seu último ano de graduação e no ano seguinte à sua diplomação, tinha sido, antes de seu apontamento à cadeira de economia da Universidade de Viena, ministro do comércio durante o último ciclo de governo do Império Austríaco. Em verdade, apesar da recorrente associação de Hayek como discípulo de Friedrich von Mises (1881-1973), uma das principais eminências e ideólogos da escola austríaca de economia ao longo do século XX, Hayek, os registros indicam, seria já entusiasta do liberalismo austríaco de livre mercado quando de seu primeiro encontro com Mises, no seminário tocado pelo último. A relação próxima, e de certo apadrinhamento, porém, não deixa de ser real -- ao longo de sua trajetória, Hayek terá em Mises um importante apoiador intelectual e profissional.

Hayek encontrou Menger pessoalmente apenas uma vez, em 1920, em um evento ocorrido na Universidade de Viena. Os outros dois formuladores que, com Menger, seriam considerados os pensadores essenciais à consolidação da escola econômica austríaca também se estabeleceriam na Universidade de Viena. Colegas e sucessores de Menger, Friedrich von

Wieser e Eugen Böhm-Bawerk (1851-1914) traçariam uma linhagem intelectual que, do império à recente república, manteriam considerável eminência intelectual sobre o debate da capital.

Menger, nas últimas décadas do século XIX, exercia influência intelectual ao ponto de se tornar o tutor designado para o então futuro imperador, Rudolf (DEKKER, 2016). Böhm-Bawerk, além de referência acadêmica, era também um dos principais homens de estado da Áustria, e um intelectual de eminência: Joseph Schumpeter (1883-1950) foi um de seus estudantes (EBENSTEIN, 2014). Mises e Hayek, sucessores de Wieser e Böhm-Bawerk, seriam considerados, respectivamente, a terceira e a quarta gerações da escola de economia austríaca (sendo Menger, seu fundador, a “primeira geração”) (KIZNER, 1987).

É difícil não associar o pensamento econômico a emergir das décadas finais do século XIX à sensibilidade liberal galvanizada na ideia de Modernismo Vienense. Schorske aponta para a redefinição das disciplinas científicas, e para um profundo mergulho e investigação do universo da subjetividade. “No que se parecia como fragmentação ubíqua – Nietzsche e os Marxistas concordaram em chamar isso de “decadência” – a alta cultura europeia entrou em um redemoinho de inovação infinita, com cada campo proclamando independência do todo, cada parte, por sua vez, caindo em partes.” (SCHORSKE, 1981. p. xix)

O que veio a se convencionar como escola austríaca, em seu diálogo com o Marginalismo e a centralidade da dimensão das subjetividades e da potência de construção e destruição da ação humana a partir dos impulsos da vida interior, sugere uma permeabilidade não apenas à sensibilidade que pairava à época, como, também, com as tendências da cultura e da ciência informando o debate germânico (CALDWELL, 2004; DEKKER, 2016; SCHORSKE, 1981). Um dos mais eminentes pupilos de Mises em seu exílio nos Estados Unidos, Kizner (1984) sugere que o termo “economia austríaca” carregaria, em sua raiz, um sentido múltiplo. Moldado por variados desdobramentos e consolidações conceituais a partir dos anos 1930, a noção de economia austríaca, mais que encapsular um programa delimitado, sugeriria “um número de diferentes conotações na discussão contemporânea”, com algumas “conotações que, ao menos parcialmente, se sobreporiam”, enquanto “outras, ao menos parcialmente, seriam mutualmente inconsistentes”. Por esse motivo, o termo, ao gravitar um variado número de projetos ideológicos, movimentos políticos, e programas epistemológicos dos dois lados do atlântico ao longo do século XX, exigiria, para sua completa análise, perpassar um amplo universo de significados, em diferentes dimensões da pesquisa em economia política.

Por esse motivo, este trabalho delimitará, ao tratar o universo intelectual elaborado em torno da tradução austríaca da revolução marginalista (ou, como sugerido por Foucault (2008), pelo *neomarginalismo austríaco*), ênfase em dois aspectos. O primeiro, a ser elaborado a seguir, cuidará, numa sintética apresentação, das redes de atores e grupos colocados em movimento a partir dos debates em torno do marginalismo e das escolas de economia política a emergirem no debate austro-germânico da segunda metade do século XIX. O objetivo é iluminar as relações, os nexos, e os circuitos de apoio institucional e de elaboração e disputa conceitual que viriam a cristalizar a noção de escola austríaca como um *movimento*. O segundo aspecto, a ser apresentado no capítulo a seguir, tratará das dinâmicas culturais a informar o debate sobre economia política na Áustria do *fin-de-siècle* -- e os padrões, sensibilidades e programas intelectuais que, a partir disso, viriam a informar, também, a produção intelectual galvanizada no movimento.

CAPÍTULO 2. UMA ESCOLA AUSTRIACA

A investigação do pensamento hayekiano é um desafio e um enigma. Diversas sugestões sobre os sentidos, influências e desdobramentos do programa de Hayek foram levadas a cabo por historiadores do pensamento econômico, com apontamentos a alguns dos seus marcos essenciais, sem delimitar, porém, margens à articulação de um programa único. O caldo de cultura em que o pensamento hayekiano se estabelece é definido por uma profunda investigação dos marcos do pensamento econômico e metodológico não apenas internamente ao debate austríaco, mas também a trocas e reelaborações estabelecidas em um intercâmbio continental-europeu e transatlântico.

Schorske (1981) sugere que a emergência da nova burguesia liberal vienense teria uma peculiaridade em relação a fenômenos similares ocorridos na França e na Inglaterra. Ao contrário destes países, no caso austríaco a galvanização dessa nova classe não teria ocorrido com a destruição, ou absorção, da aristocracia. Ao mesmo tempo, sua fragilidade quanto à sua base de apoio e poderio político teria feito com que a burguesia se tornasse dependente dessa mesma aristocracia, e em acuada e sob constante ameaça de novas forças populares. Nesse universo, o cultivo de uma "peculiar receptividade de toda uma classe à vida da arte e, concomitantemente, em nível individual, uma sensibilidade aos estados psíquicos" se tornaria tanto um movimento de defesa como, também, uma via de ação. Se a assimilação pela aristocracia se fazia inviável pelas vias institucionais, espaços comuns poderiam ser desenhados nos territórios da cultura; e, se a ordem liberal se via situada em meio ao constante risco de sua demolição, "A ameaça dos movimentos políticos de massa deu nova intensidade a essa tendência já presente ao enfraquecer a tradicional confiança liberal em seu próprio legado de racionalidade, lei moral e progresso." É verdade que essa movimentação, essa emergência e cultivo da vida interior e de novas sensibilidades, não era um traço exclusivo aos vienenses.

A cultura moral e científica da alta burguesia de Viena é em pouco distinta do *garden-variety Victorianism* de outras partes da Europa. Moralmente, era seguro, reto e repressivo; politicamente, preocupava-se com o *rule of law*, sob o qual tanto os direitos individuais quanto a ordem social eram subordinados. Era intelectualmente comprometida com o domínio da mente sobre o corpo e com um Voltairismo tardio: para o progresso social através da ciência, educação e trabalho duro. As conquistas que resultaram de algumas poucas décadas de aplicação desses valores à vida legal, educacional e econômica da Áustria são muitas vezes subestimadas. Mas nem os valores nem o

progresso feito sob eles deram à classe média austríaca um caráter único.³²

(SCHORSKE, 1981)

O caráter algo continental -- "vitoriano" e "voltairista", segundo Schorske (1981) -- da sensibilidade liberal vienense se articula, de certo modo, às dinâmicas modernistas de circulação, intercâmbio e invenção que teriam, nas metrópoles, seus territórios de experimentação. Williams (2007) lembra que embora traços comuns informem a cultura das metrópoles no período Modernista, há, também, uma inflexão de quebras, movimentações e sínteses a se manifestar de modo distinto e complexo, universal em sua riqueza e variedade.

O poder do desenvolvimento metropolitano não deve ser negado. As excitações e desafios de seus processos intrincados de liberação e alienação, contato e estranheza, estimulação e padronização, são ainda disponíveis de modo poderoso. Mas não deveria mais ser possível apresentar esses processos específicos e rastreáveis como se fossem universais, não apenas na história, mas como se fossem acima e além dela. A formulação dos universais modernistas é, em todos os casos, uma resposta produtiva, mas imperfeita e, no final, falaciosa, a determinadas condições de fechamento, colapso, fracasso e frustração. A partir das necessárias negações dessas condições, e da estimulante estranheza de uma nova e (como aparentava) liberada forma social, o salto criativo para a única universalidade disponível - de matéria-prima, de meio, de processo - foi realizada de modo impressionante e influentemente.³³

(WILLIAMS, 2007. p. 47)

Ao se fundir à sensibilidade liberal forjada em Viena, a variação austríaca do pensamento neoclássico – ou, como sugerido por Foucault (2008), o *neomarginalismo*

32 No original: The moral and scientific culture of Vienna's haute bourgeoisie can scarcely be distinguished from garden-variety Victorianism elsewhere in Europe. Morally, it was secure, righteous, and repressive; politically, it was concerned for the rule of law, under which both individual rights and social order were subsumed. It was intellectually committed to the rule of the mind over the body and to a latter-day Voltairism: to social progress through science, education, and hard work. The achievements resulting in a few short decades from the application of these values to Austria's legal, educational, and economic life are too often underestimated. But neither the values nor the progress made under them gave the Austrian upper middle class a unique character. (Tradução nossa.)

33 No original: The power of metropolitan development is not to be denied. The excitements and challenges of its intricate processes of liberation and alienation, contact and strangeness, stimulation and standardization, are still powerfully available. But it should no longer be possible to present these specific and traceable processes as if they were universals, not only in history but as it were above and beyond it. The formulation of the modernist universals is in every case a productive but imperfect and in the end fallacious response to particular conditions of closure, breakdown, failure and frustration. From the necessary negations of these conditions, and from the stimulating strangeness of a new and (as it seemed) unbonded social form, the creative leap to the only available universality - of raw material, of medium, of process - was impressively and influentially made. (Tradução nossa.)

austríaco – se dedicará à centralidade da vida interior – e sua administração – como elementos a informar o pensamento econômico. De fato, Dekker (2016) aponta que o pensamento psicanalítico era, por exemplo, um elemento a informar de modo razoável as discussões e proposições do grupo organizado em torno do legado de Menger.

Acenando às recomposições do universo intelectual da segunda metade do século XIX, Passet (2002) sugere que o pensamento econômico de então (e, no caso específico, o debate que dará corpo ao pensamento neoclássico/marginalista) será encharcado pelo debate científico e cultural da época.

Em economia, já em 1758 Quesnay e os fisiocratas referem-se claramente à ordem natural a que devem obedecer as sociedades humanas, sob pena de se destruírem: "Malditos os príncipes, malditos os impérios" se desrespeitarem suas leis; em 1776, a concepção dos preços de Adam Smith, dita "gravitacional", mostra que o preço efetivo do mercado gira em torno do preço "natural" (igual ao custo de produção), como os planetas ao redor do astro central. Na década de 1870, "pais fundadores" da economia neoclássica -- o austríaco Karl Menger, o inglês Stanley Jevons e o francês Léon Walras (este inventor, em 1874, da teoria do equilíbrio geral) -- assumem explicitamente esta concepção.

Stanley Jevons define a economia como "a mecânica da utilidade e do interesse individual".

Para Léon Walras, "o sistema do universo econômico revela-se em todo o seu esplendor e sua complexidade: um sistema ao mesmo tempo vasto e simples que se assemelha, em sua beleza pura, ao universo cósmico". Por um lado no céu, uma infinidade de astros, obedecendo às leis da gravitação, organizam-se entre eles em um amplo sistema equilibrado, para cujo estabelecimento cada qual contribui de maneira ínfima, ao mesmo tempo estando globalmente submetido a ele.

(...)

Resultando da ação de forças puramente mecânicas, este equilíbrio estabelece-se espontaneamente -- em condições ideais -- acima dos particulares, o que torna inútil e mesmo nefasta qualquer ação do Estado.

(PASSET, 2002. p. 40-41)

Animado pelas invenções, descobertas, e sensibilidades a se cristalizar nos circuitos do pensamento austríaco, o programa de reinvenção do marginalismo proposto por aquela que viria ser conhecida como *Escola Austríaca* traria em seu bojo, para Dekker, um programa de reconstrução do entendimento e da administração das subjetividades, num movimento informado não apenas pela economia política, mas também pelas emergentes proposições da psicanálise, da filosofia e da cultura. A emergência do populismo de extrema-direita pela via popular, na última década do século XIX, teria colocado em alerta os pensadores liberais da

Viena de fins do império. Surge, aí, uma noção não apenas dos perigos e armadilhas engendrados pela vontade da multidão, levada ao protagonismo do palco europeu pelas novas democracias, mas também da própria natureza instável, destrutiva, de energias vitais libertadas pelas novas mediações colocadas em movimento pelo processo democrático. O desafio passava, então, a ser maior que a elaboração teórica sobre as ferramentas ótimas de participação econômica e política. O entendimento do funcionamento da economia e dos espaços institucionais se tornava de fato uma missão de controle de danos ao que, para a geração da Viena de fim de século, parecia ser um eminente processo de degeneração da civilização construída nos dois séculos passados. De fato, a própria definição da Escola Austríaca como “austríaca” traria, em si, um marco de tensionamento e crise:

Histórias tradicionais desta escola austríaca começam com uma discussão sobre o fundador Carl Menger, que viveu sob o Império Habsburgo (ou Austro-Húngaro). Toda a segunda geração, mais notavelmente Wieser e Böhm-Bawerk, também se identificaram como habitantes do Império, e não do Áustria. Mesmo os membros mais jovens atingiram a maioria no Império em vez de na Áustria, de modo que a escola de economia dos Habsburgo parece mais apropriada.³⁴

(DEKKER, 2016)

O fundo do programa elaborado por Menger, ao reposicionar o espaço do mercado como eixo central à organização social, seria informado por um profundo pessimismo em relação aos desenvolvimentos históricos. Mais que buscar uma dinâmica de *economização* da vida, o objetivo das primeiras gerações da Escola Austríaca seria o de erigir um cinturão de segurança para a manutenção de uma racionalidade que, para seus proponentes, era vista como condição essencial ao esforço civilizatório. Se "a liberdade, para todos esses pensadores, só é possível através de restrições: a liberdade é possibilitada pela civilização" (DEKKER, 2016), o mercado seria, então, um território moral. Uma dimensão que exigiria não apenas racionalidade mas, também, prudência: um mecanismo de acomodação e controle de energias da vida interior; energias essas que, fora de controle, poderiam levar a uma demolição da civilização sob as forças do irracionalismo e, mais tarde, do fascismo. Ao mesmo tempo, ao entender o mercado como um circuito a se conformar, também, por

34 No original: Traditional histories of this Austrian school start with a discussion of the founding father Carl Menger, who lived in the Habsburg (or Austro-Hungarian) Empire. The entire second generation, most notably Wieser and Böhm-Bawerk also identified themselves as inhabitants of the Empire rather than as Austrian. Even the younger members came of age in the Empire rather than Austria, so the Habsburg school of economics seems more appropriate. (Tradução nossa)

elementos subjetivos, eram colocados em jogo os exageros do racionalismo científico associados ao socialismo. Essa tradição de pensamento apontaria, portanto, que mercados “são instituições culturais com efeitos morais, ou melhor, efeitos culturais. Os mercados não são naturais, como às vezes se acredita, nem são projetados. Os mercados não funcionam porque os indivíduos são racionais, mas permitem que os indivíduos façam escolhas racionais.” (DEKKER, 2016). Uma proposição que será, ao longo de suas variadas encarnações e gerações, reelaborada e demarcada em novas sínteses e conjunturas – e o caso de seu talvez mais conhecido (e radical) representante, Hayek, é o eixo deste trabalho. A centralidade do mercado como espaço de organização da vida, porém, será um elemento a informar o sentido político da Escola Austríaca através do século XX.

Os estudantes vienenses da civilização foram inicialmente, durante as décadas de 1860 e 70, bastante otimistas quanto ao papel do indivíduo e a extensão do conhecimento humano. Esse otimismo logo foi dominado por desenvolvimentos políticos subsequentes no Império Habsburgo e em outros países europeus, especialmente pela ascensão dos partidos de massa e pelo fracasso do liberalismo político austríaco. Friedrich von Wieser refletiu extensamente sobre esses desenvolvimentos e ressalta a importância das forças morais e sociais que constroem e capacitam o indivíduo. Ele também argumenta que certas elites sociais serão capazes de romper com essas restrições. Hayek é mais crítico do papel dessas elites e enfatiza a importância das restrições culturais que, em última instância, permitem que o indivíduo floresça.³⁵

(DEKKER, 2016)

Pelos registros da literatura, a Escola Austríaca tem como obra fundadora o mesmo livro, que, na juventude, viria a marcar a trajetória intelectual de Hayek: *O Princípios de Economia*, de Menger. O trabalho, junto a *Teoria de Economia Política*, de Jevons (1871) e *Elementos de Economia Política Pura*, de Walras (1874), é considerado uma das obras fundadoras do que veio a ser conhecido como a “Revolução Marginalista” (KIZNER, 1987). A investigação proposta por Menger, porém, informada pelas correntes intelectuais e culturais

35 No original: The Viennese students of civilization were initially, that is during the 1860s and 70s, quite optimistic about the role of the individual and the extension of human knowledge. That optimism was soon tamed by subsequent political developments in the Habsburg Empire and other European countries, especially by the rise of mass parties and the failure of Austrian political liberalism. Friedrich von Wieser extensively reflected on these developments and he stresses the importance of moral and social forces that constrain and enable the individual. He also argues that certain social elites will be able to break from these constraints. Hayek is more critical of the role of such elites and emphasizes the importance of cultural constraints that ultimately enable the individual to flourish. (Tradução nossa)

da Áustria do fim do século XIX, traz alguns elementos que a posicionariam de modo algo distinto dos trabalhos de Jevons e Walras.

A origem da economia marginalista remonta tradicionalmente a três livros, escritos independentemente uns dos outros e quase simultaneamente por autores pertencentes a três áreas lingüísticas e culturais distintas: a *Teoria da Economia Política* de Stanley Jevons (1871), *Grundsätze der Volkswirtschaftslehre* (1871), de Carl Menger e *Éléments d'économie politique pure*, de Léon Walras (1874 a 1877). Esse florescimento repentino de ideias inovadoras estava enraizado em motivações comuns e em um princípio compartilhado e forte. Em suma, a motivação principal era obter um melhor conhecimento do papel da demanda na determinação dos preços das commodities e da faturação dos preços; o princípio compartilhado era que a demanda é fundamentada na escolha racional e que o teste da racionalidade exige que se considere os efeitos potenciais de pequenas variações na "margem" de escolha. Não que esses objetivos e métodos fossem completamente novos.

(...)

Os argumentos de Jevons, Menger e Walras foram apresentados nos mais diversos estilos (inspirados na lógica matemática, ou discursiva, ou como um sistema de equações, respectivamente), e diferiram amplamente em tópicos específicos, não sendo conclusivos sobre as potencialidades do nova abordagem.³⁶

(OPOCHER, 2017)

Em sintonia com os trabalhos que, em diálogo crítico com os economistas clássicos, viriam a fazer a crítica da noção de valor como informada pelos padrões do passado cronológico, Menger propunha que a aferição das variáveis de valor seria determinada pelas expectativas futuras e pelo engajamento de aspectos a dialogar com a subjetividade dos consumidores (como seus desejos, vontades, e necessidades). Porém, de modo diferente de

36 No original: The origin of marginalist economics is traditionally traced back to three books, written independently of one another and almost simultaneously by authors belonging to three distinct linguistic and cultural areas: Stanley Jevons's *Theory of Political Economy* (1871), Carl Menger's *Grundsätze der Volkswirtschaftslehre* (1871) and Léon Walras's *Éléments d'économie politique pure* (1874–77). This sudden flourishing of innovative ideas was rooted in common motivations and a shared strong, pervasive principle. In a nutshell, the leading motivation was to gain a better knowledge of the role of demand in the determination of commodity and factor prices; the shared principle was that demand is grounded on rational choice and the test of rationality requires one to consider the potential effects of small variations at the 'margin' of choice. Not that theses aims and method were completely new.

(...)

The arguments of Jevons, Menger and Walras were presented in the most diverse styles (inspired to mathematical logic, discursive, as a system of equations, respectively), they differed widely on specific topics, and were by no means conclusive on the potentialities of the new approach. (Tradução nossa.)

Jevons e Walras, Menger não propunha a apresentação de suas ideias como modelos matemáticos, preferindo trabalhar com variáveis mais sutis, menos reduzíveis a generalizações esquemáticas.

As ideias propostas por Menger, numa inversão de suas expectativas, não tiveram, no diálogo intelectual austro-germânico, a recepção esperada pelo autor. Publicadas em alemão, em estilo e substância distintos das correntes metodológicas a permear as universidades da Alemanha à época, as ideias de Menger se propunham a reforçar criticamente o diálogo econômico elaborado pelos acadêmicos alemães que, em novas aproximações, sugeria uma substituição da ortodoxia britânica clássica. Quando não ignorado, o livro parecia ser recebido de modo problemático -- suas ideias eram entendidas em aproximações metodológicas que nada teriam a ver com o inicialmente proposto por Menger (KIZNER, 1987).

Embora o impacto no amplo debate em língua alemã tenha sido aquém do esperado por Menger, suas ideias deram início a uma tradição intelectual entre acadêmicos austríacos que, da segunda metade do século XIX às primeiras décadas do século XX, viria a estabelecer uma rede de produção, intercâmbio intelectual, e apoio mútuo com impactos em ambos lados do Atlântico. Seguindo a trilha aberta por Menger, Wieser expandiu a aproximação austríaca ao marginalismo, estabelecendo o centro de um modelo com razoável importância à economia política do século XX -- embora parte das ideias do *neomarginalismo* austríaco tenha sido substituída pela revolução keynesiana, alguns dos princípios sugeridos por Menger vieram a ser absorvidos pelo mainstream econômico.

Menger e Wieser viriam a desenhar uma teoria assentada sobre a demonstração do papel das considerações subjetivas, de utilidade, para a determinação do valor econômico. Numa crítica ao modelo marshalliano -- segundo o qual o valor seria uma variável a ser composta por fatores subjetivos (utilidade) e objetivos (custo material) -- a proposta austríaca sugeria que o valor seria um dado projetado essencialmente pelas ações dos consumidores, dentro de uma estrutura dada quanto aos elementos produtivos; estes se adequariam, a partir daí, às acomodações subjetivas dos indivíduos. Junto a Wieser, Böhm-Bawerk se dedicaria, a partir da década de 1880, ao aprofundamento das ideias de Menger -- o termo "austríaco" em sua aplicação à economia política seria relacionado à recepção dessas obras pelos acadêmicos alemães, que, pouco entusiasmados com aquela produção, viriam, mesmo, a usar o epíteto em tom algo pejorativo.

Wieser viria a ser considerado o principal divulgador das ideias de Menger -- foi Wieser quem, em 1903, veio a assumir a cadeira de Menger na Universidade de Viena quando este se aposentou da vida acadêmica. Foi Böhm-Bawerk, porém, o responsável pela condução

do debate em torno das ideias de Menger no período anterior à Primeira Guerra Mundial. O seminário conduzido por ele após sua entrada na Universidade de Viena viria a se tornar "o centro intelectual da Escola Austríaca" (KIZNER, 1987), e se estabeleceu como um centro de gravidade a atrair alguns dos grandes economistas da época -- Josef A. Schumpeter e Ludwig von Mises eram alguns de seus frequentadores. O seminário era, também, o principal enclave neomarginalista a desafiar -- e a se defender -- do pensamento marxista austríaco da época. A briga colocada em movimento pelo círculo de Böhm-Bawerk se estenderia por boa parte do século. Em sua terceira e quarta geração, Mises e Hayek defenderiam o legado de Menger ao animarem o que viria a ser conhecido como o *debate sobre o cálculo no socialismo* -- uma disputa intelectual a respeito da viabilidade prática da economia política socialista sob um regime centralizado. Colocado em movimento no entreguerras, entre 1920 e 1940, o debate sobre o cálculo no socialismo colocaria frente a frente a escola austríaca, o socialismo austríaco, e os austromarxistas, num intercâmbio intelectual que informaria o debate produzido pelas décadas seguintes.

O seminário de Böhm-Bawerk ecoava o clima intelectual da Viena dos anos 1920 e 1930 -- "um dos grandes centros intelectuais da época. Nada podia ser mais excitante" (HAYEK apud EBENSTEIN, 2014). No círculo galvanizado em seu entorno, era estabelecido um amplo debate, a cruzar todo o espectro político vienense: para além de nomes como Mises e Schumpeter (este, um estudante de Böhm-Bawerk), de célebre devoção à sensibilidade liberal, e participavam, também, nomes como Otto Bauer (1881-1938), líder do partido Social democrata austríaco, e Rudolf Hilferding (1877-1941), um dos principais teóricos marxistas do século XX (CALDWELL, 1997). Além do mundo da Universidade de Viena, a vida da capital era efervescente nos círculos de debate espalhados pelos cafés, restaurantes e apartamentos. Organizados de modo independente, sem vinculação institucional, os círculos eram, ao mesmo tempo, um efeito do turbilhão modernista e uma imposição dos tempos difíceis. Muitos intelectuais e produtores da cultura, sem perspectiva de trabalhos pagos em suas áreas, ou de absorção em posições no mundo acadêmico, dedicavam-se à animação de circuitos de debate e elaboração, estabelecendo redes de apoio mútuo (DEKKER, 2016). Os obstáculos se impunham também no universo acadêmico: apesar do nível de instrução excepcionalmente alto, alguns dos principais professores da universidade atuavam de modo semiautônomo, no sistema de seminários privados (os "*Privatdozenten*"). O sistema, complementar ao corpo acadêmico regular, se baseava na emissão de licenças para professores dedicados a seminários e cursos. Em vez de pagos pela universidade, os *Dozenten* recebiam um pagamento mais modesto, feito diretamente pelos alunos. Mises e Freud

estavam entre os professores a atuar nesse sistema -- muitos dos *Dozenten* eram de origem judaica. Hayek, porém, não chegou a ter contato com Freud. Os círculos de Viena se desenhavam a partir dos circuitos que estruturavam a ordem social da capital -- e os espaços da comunidade judaica, apesar da eminência intelectual projetada sobre o debate, eram, compreensivelmente (dado o latente antissemitismo mobilizado pelas organizações da direita mais radical), de limitada interlocução.

Hayek não chegou a participar dos seminários de Böhm-Bawerk (quando este faleceu, Hayek tinha apenas dezesseis anos) mas os laços familiares fariam com que ambos se conhecessem: Böhm-Bawerk e o avô materno de Hayek eram amigos. Mas foi em um dos seminários privados tocados por um frequentador do círculo de Böhm-Bawerk (o *Privatseminar* de Mises na Universidade de Viena), que Hayek viria a conhecer uma de suas grandes influências e a se aprofundar no pensamento econômico austríaco. Visto por Hayek como um espaço que “representava a tradição de Böhm-Bawerk” (HAYEK apud EBENSTEIN, 2014), o seminário de Mises era um dos principais círculos de debate econômico no universo intelectual da capital. Apesar de frequentemente associado ao Círculo de Viena (e, em menor grau, ao Colloquium Matemático), o intercâmbio estabelecido entre os espaços de discussão da Áustria do fim de século sugere, como aponta Dekker (2014), para Círculos de Viena, no plural. Apontando à proposição de Schorske (1981) sobre o desenvolvimento do pensamento vienense em suas variadas manifestações -- filosóficas, científicas, artísticas -- os círculos de Viena sugeririam um *reposicionamento* da sensibilidade liberal de uma burguesia vienense que, com a implosão de sua aristocracia, se veriam expulsos dos espaços de poder até então demarcados no império Habsburgo. Os circuitos de elaboração e intercâmbio intelectual, e os projetos de pensamento a emergir a partir daí, seriam, então, a manifestação de um poder criativo que se reinventaria nas redes e espaços criativos espalhados pelas universidades e cafés -- seja nas pesquisas sobre a natureza da percepção, nos novos registros pictóricos do impressionismo vienense, ou nos estudos sobre a natureza do conhecimento e da economia política. Apesar de sediados no espaço institucional da universidade, alguns dos seminários privados se conformariam como redes maiores, expandidas, demarcando enclaves nos espaços públicos de cafés, restaurantes e apartamentos da capital.

Hayek frequentou o seminário de Mises entre 1924 e 1931 - ano em que deixou Viena rumo a Londres. Antes, entre 1922 e 1923, Hayek se transferiu a Nova Iorque, onde passou uma temporada. Sua ida, a partir de um convite de Jeremiah Jenks, então professor na New York University, foi marcada por desencontros. Jenks, que havia servido junto à comissão

internacional responsável por assessorar o governo alemão em suas reformas monetárias (Keynes era um dos membros do grupo), teria dito a Hayek, em uma visita a Viena, em 1922, que estaria disposto a empregá-lo como assistente para a pesquisa de um livro sobre a Europa Central. O contato entre Jenks e Hayek foi intermediado por Mises, que viria a ter papel essencial na viabilização do intercâmbio do aluno -- chegando, inclusive, a viabilizar questões financeiras. Em 1923, Hayek estaria recebendo sua segunda graduação, em Ciência Política (a primeira, em 1921, foi em Direito). Seu plano original, de um intercâmbio na Alemanha, para estudar sob orientação de Max Weber, tinha sido frustrado pelo falecimento deste, em 1920. Além disso, o processo inflacionário galopante a assolar a Áustria tinha dificultado significativamente a possibilidade de custeamento do período de estudos no exterior.

Munido de cartas de introdução e vinte e cinco dólares no bolso, Hayek partiu para Nova Iorque -- uma das cartas era escrita por Schumpeter, que à época era presidente de um banco na Áustria, e nutria grande admiração pelo avô de Hayek, von Juraschek. Antes de viajar, porém, Hayek não teria enviado a Jenks um telegrama avisando de sua chegada -- em suas memórias, Hayek afirma que o motivo do não envio seria a dura situação financeira pela qual passava, que o teria forçado a economizar o dinheiro gasto para mandar a mensagem. Ao chegar nos Estados Unidos, Hayek descobriu que Jenks estava de férias, e que tinha deixado ordens expressas para que não fosse contatado em hipótese alguma. Até o retorno de Jenks e sua contratação, Hayek teve que apertar o cinto por duas semanas.

Hayek se esforçou por estabelecer contatos acadêmicos, e chegou a dar início a um programa de doutoramento na NYU, nunca terminado. O período nova iorquino, apesar de curto, seria de profundo impacto na formação intelectual de Hayek. Mas teria sido em outra instituição, a universidade Columbia, à qual se aproximaria por conta própria e sem qualquer convite formal, que Hayek viria a encontrar uma de suas grandes influências intelectuais. Em Columbia, o austríaco se dedicaria a uma rotina de cursos sob tutoria de Wesley Clair Mitchell (1874-1948). O contato com Mitchell teria dado a Hayek um arcabouço intelectual que, distinto da tradição econômica austríaca, ofereceria ferramentas analíticas que moldariam o projeto intelectual hayekiano. De ênfase em aspectos metodológicos empíricos, qualitativos e estatísticos, Mitchell, professor da Universidade de Columbia e, por vinte e cinco anos, diretor no National Bureau of Economic Research, foi professor de, entre outros, Milton Friedman. Teria sido a partir do contato com o trabalho de Wesley Clair Mitchell que o pensamento de Hayek, até então de fundo profundamente teórico, viria a articular a elaboração de uma dimensão prática -- um projeto que, décadas depois, conformaria a

transição de seu programa à criação de frentes de ação e de reforma institucional (BURGIN, 2012; EBENSTEIN, 2014; KRESGE, 1994).

Também em Nova Iorque, Hayek seria apresentado e elementos centrais da tradição intelectual que, pelo resto da vida, se dedicaria a celebrar e reconstruir. Caldwell (2010) sugere que o contato de Hayek com pensadores institucionalistas a partir de Mitchel seria um ponto de convergência para diversos interesses a figurar no pensamento hayekiano. Entre esses, elementos como a crítica do cientificismo (que teria sido reforçada, em parte, pelas tensões levantadas em torno do movimento Tecnocrático³⁷ nos EUA do início do século XX) e a centralidade da relação entre subjetividade, instituições e momento histórico como elementos de concretização de programas da economia política. Crítico da noção de homem econômico racional presente no pensamento clássico ricardiano, Mitchell via uma grande sobreposição entre a noção cientificista de ação racional no pensamento econômico clássico e no marginalismo. Afinal, em ambos os casos, seja a partir de elementos objetivos ou subjetivos, a centralidade no entendimento da economia se assentava, em grande extensão, sobre a projeção de um modelo de um indivíduo a funcionar de modo ideal -- muito por conta de uma linha de pensamento entre Neoclassicismo e Marginalismo que, não totalmente rompida, embutiria no marginalismo traços de movimentos anteriores. Ou, como aponta Caldwell (2010, p. 21), “Apesar de mudanças na terminologia (por exemplo, Alfred Marshall substituindo “gratificação e sacrifício” por “prazer e dor”), Mitchell argumentava que a nova teoria (Marginalista) era ainda baseada na mesma, agora desacreditada, psicologia hedonista dos clássicos.” A essas críticas a um possível esquematismo remanescente no pensamento Marginalista -- um problema ao qual Hayek se dedicaria nas décadas seguintes, em seu projeto de reconstrução do Marginalismo e de reinvenção do liberalismo britânico -- Mitchell aliava uma aproximação da economia a partir das novas ferramentas oferecidas pela psicologia behaviorista. Essa centralidade da ideia de subjetividade como algo a definir indivíduos únicos, com alguns traços e padrões passíveis de mapeamento, mas não subsumíveis a modelos estáticos, seria um elemento a dialogar com as novas descobertas teóricas da época na ciência, economia política, e cultura. De certo modo, eram esses mesmos os traços encontrados no universo intelectual do Modernismo mapeado por Schorske (1981) na Viena dos tempos de formação de Hayek, e por Williams (1981; 2007) e Berman (1982) no

³⁷ Fundado após a Primeira Guerra Mundial pelo engenheiro Howard Scott (1890–1970), nascido nos EUA, a Tecnocracia foi popular nos anos 1920 e, especialmente, na década 1930, após a Depressão. Os promotores da Tecnocracia defendiam que, num mundo que tinha alcançado um estágio de abundância, a organização técnica da sociedade garantiria uma manutenção da paz e estabilidade social.

amplo debate modernista transatlântico. Ao mergulhar no diálogo interdisciplinar em economia política em andamento nos EUA, Hayek teria tido um momento não apenas de introdução a uma nova tradição crítica, mas de avaliação e reelaboração da própria tradição intelectual na qual havia se formado -- um movimento que, segundo Foucault (2008), colocaria Hayek em uma posição única de interlocução e síntese entre tradições específicas do liberalismo em ambos os lados do Atlântico.

Nos Estados Unidos, Hayek viria a dominar a língua inglesa, o que abriria as portas para um dos mais importantes movimentos de sua carreira -- a interlocução, e posterior absorção, junto ao corpo acadêmico da London School of Economics, em 1931. Antes de seu retorno a Viena, existia a possibilidade de alongar em mais um ano sua estadia nos Estados Unidos, a partir de um financiamento cedido pela Rockefeller Foundation (Hayek foi indicado para a posição, que previa uma vaga para um pesquisador austríaco, por Wieser). Antes de receber o comunicado sobre sua seleção para a posição, porém, Hayek já estava em jornada para sua terra natal. Ebenstein (2014) sugere que as memórias de Hayek sobre seu período nova-iorquino apontariam a um melancólico exílio. Embora tenha se aproximado da comunidade austríaca em Nova Iorque, seus registros da época narram um sentimento de desconexão, um solitário isolamento. Apesar disso, Hayek pretendia, nos anos futuros, fazer uso da bolsa de estudos Rockefeller Foundation, mas a ideia foi atropelada pelos acontecimentos da vida: logo após retornar à Áustria, Hayek se casou³⁸, e pouco tempo depois passou a trabalhar com Mises como diretor no Instituto Austríaco para Pesquisa em Ciclo de Negócios, aberto em 1927. Suas raízes viriam a se fincar novamente em Viena, e seriam passados mais de vinte anos até que, em meados dos anos 1940, Hayek viesse a retornar aos Estados Unidos, como intelectual público e acadêmico da Universidade de Chicago. É possível que, sem sua temporada em Nova Iorque e o mergulho no novo pensamento econômico com o qual veio a ter contato, Hayek não viesse, no decorrer de sua carreira, a se dedicar à economia como elemento unificador de seu programa.

Quando retornou a Viena, em maio de 1924, Hayek tinha acabado de completar vinte e cinco anos. Até então, Hayek não era tão influenciado por Mises -- isto viria a ocorrer após sua participação no círculo criado em torno do seminário privado, o *Mises Kreis* (DEKKER, 2014). Antes de sua viagem aos Estados Unidos, a maior eminência sobre sua elaboração intelectual seria, ainda, Wieser -- era este, afinal, o responsável pela supervisão de seus

³⁸ Em 1926 Hayek se casa com Helen Berta Maria von Fritsch (1901–1960), com quem terá duas crianças. A relação que será centro de alguma tensão quando, em 1950, Hayek se divorciará para se casar com sua prima, Helene Bitterlich (1900–1996), logo após se mudar para o Arkansas para aproveitar as leis mais liberais do estado americano em relação ao divórcio.

estudos. Sua relação com Mises, porém, era já estabelecida: Hayek trabalhou para Mises entre outubro de 1921 e março de 1923, quando seguiu a Nova Iorque (um vínculo que veio a se mostrar instrumental para Hayek quanto à constituição de vínculos junto à academia estadunidense). A posição, na Câmara Austríaca de Comércio (à qual Mises foi apontado em 1921, após seu serviço na Primeira Guerra Mundial), era dedicada ao processamento de débitos privados entre as nações envolvidas em conflito. À época, Mises era já um reconhecido, influente economista no cenário austríaco -- a atenção sobre seu trabalho se dava já a partir de 1912, quando ele havia publicado um livro a atrair grande atenção, sobre teoria monetária (KRESGE, 1994).

Inicialmente, Hayek e Mises não se deram muito bem. Ao se apresentar a Mises, munido de uma carta de recomendação redigida por Wieser, Hayek foi recebido com não muito entusiasmo -- as simpatias políticas de Hayek, à época, eram ainda algo divergentes das daquele que viria a ser uma de suas principais influências. Até então, Hayek não parecia fazer questão de acompanhar as aulas de Mises -- ao recordar as condições em que se encontrou com Mises para discutir o futuro emprego, Hayek diz que “tinha ido apenas uma vez às suas palestras, mas não gostava dele” (HAYEK, 1994). À época, suas simpatias eram ainda com acenos à esquerda, que tinha em Mises um dos seus mais vocais, e inflexíveis, críticos -- “um homem tão conspicuamente antipático ao tipo de visão Fabiana que eu tinha à época, não era o tipo de pessoa com quem eu queria contato” (HAYEK apud EBENSTEIN, 2014). No cerca de um ano e meio em que trabalhou com Mises antes de ir a Nova Iorque, Hayek estava ainda, essencialmente, sob a orientação de Wieser, para quem escrevia sua tese. Com a convivência, porém, Mises e Hayek se tornariam amigos e parceiros intelectuais, e construiriam um vínculo que se estenderia até a segunda metade do século XX. Após seu retorno dos EUA, Hayek trabalharia novamente com Mises, entre 1927 e 1931, no Austrian Institute for Business Cycle Research, uma instituição criada pelo segundo para viabilizar o trabalho intelectual colocado em movimento pela parceria. (HAYEK, 1994).

2.1 Cafés, Círculos, Tempos Modernos

As elaborações críticas de Mises sobre a viabilidade do Socialismo (sistematizadas, em 1922, no livro “Socialismo”) teriam impacto profundo em Hayek. Socialismo é um livro apontado pelo próprio Hayek como uma das principais obras a moldarem seu pensamento --

na década de 1920, Hayek e Mises fincariam trincheiras no debate continental sobre economia política, num trabalho conjunto de crítica sobre a impossibilidade da implementação dos mecanismos econômicos previstos no Socialismo, no que viria a ser conhecido como o Debate do Cálculo no Socialismo. A polêmica foi iniciada em 1920, com um artigo de Mises rebatendo algumas das ideias do polímata Otto Neurath (1882-1945). Marxista, membro do Círculo de Viena, Neurath circulava pela filosofia, sociologia, economia e epistemologia, e tinha intensa atuação nos círculos modernistas vienenses -- foi Neurath, por exemplo, o inventor do padrão ISOTYPE³⁹, e seus projetos encontravam interfaces com a arquitetura, as artes gráficas e o urbanismo.

O debate colocado em movimento por Mises em seu artigo de 1920 mobilizou, à esquerda e à direita, o pensamento interdisciplinar sobre economia política na Viena que emergia do pós guerra Primeira Guerra Mundial. Um dos principais antagonistas de Hayek e Mises, Oskar Lange (1904-1965), viria a estender as teorizações em torno do debate à elaboração de reais ferramentas de organização econômica, atuando junto ao governo da Polônia soviética. Com a migração forçada do universo intelectual vienense, no período iniciando-se nos anos 1920 e tornando-se mais intensa após a Anchluss (a anexação da Áustria à Alemanha Nazista), em 1938, os circuitos intelectuais, de ideias, e de produção e elaboração desenhados no debate do cálculo socialista se espalharão pela Europa e EUA, num fértil, longo processo de *interpolinização* junto às comunidades acadêmicas locais. O cenário de instabilidade e fluxo era uma constante a informar os círculos vienenses.

O seminário de Mises se inseria numa cultura de círculos de debate e elaboração entrelaçada à construção da escola econômica austríaca. Em suas reminiscências sobre o universo intelectual dos círculos de Viena, Mises oferece um retrato de um clima de interlocução e fluxo, e de circulação de pensamento não ancorado em espaços institucionais. Um universo de “*outsiders*, que não eram estudantes num sentido técnico, se espalhavam, por exemplo, em Paris, nos cursos de Renan, Fustel de Coulanges, e Bergson”⁴⁰. (MISES, p.4, 2003). Um circuito de intercâmbio intercultural entre os centros do Modernismo europeu, em que eram sedimentadas novas plataformas de produção e difusão cultural, e tomava corpo a emergência de novas linguagens, tecnologias narrativas, e programas intelectuais

39 Sistema de representação pictórica informado por campos variados do debate modernista, o ISOTYPE (International System of TYpographic Picture Education) propõe um universo de signos intercambiáveis, representativos de elementos diversos da vida social e técnica, numa espécie de "alfabeto" pictográfico capaz de apresentar conceitos e mensagens diversas. (LIMA, 2008)

40 No original: ...outsiders, who were not students in a technical sense, thronged, for instance, in Paris the courses of Renan, Fustel de Coulanges, and Bergson (Tradução nossa.)

interdisciplinares (HARVEY, 1992, 2015; WILLIAMS, 2007; BERMAN 1982; PERLOFF, 2016; SCHORSKE, 1981).

Nesse cenário, os *privatseminars* se estabeleciam como espaços híbridos, em que a cultura institucional, acadêmica, da alta burguesia vienense, se entrelaçaria aos espaços livres, plurais, de produção intelectual e cultural dos cafés vienenses (DEKKER, 2016). Uma dinâmica que sugere, para além das disputas entre grupos acadêmicos, uma profunda imersão dos círculos vienenses no clima intelectual de intercâmbio e reorganização sociocultural sugerido por Schorske (1981). Era, afinal, um universo de manifestação intelectual e estético, e de descolamento de estruturas de poder constituídas: um reposicionamento, um “afastamento do mundo”. Um sentido de redirecionamento em que “a burguesia apontava sua cultura estética apropriada em sentido introspectivo, ao cultivo do eu, ao caráter único de sua personalidade. Essa tendência inevitavelmente levou à preocupação com a vida psíquica do indivíduo. Isso oferece um elo entre a devoção à arte e a preocupação com a psique.” (SCHORSKE, 1981) Embora a clássica investigação sobre o Modernismo Vienense empreendida por Schorske aponte a um consistente, definidor elo entre as transformações sociais, as descobertas e invenções nas artes e nas ciências, e a redefinição da sensibilidade individual e cultural da Áustria a emergir do início do século XX (o que, em suas manifestações de registro literário, será objeto de aprofundado estudo por Perloff (2016)), é razoável supor que a sensibilidade modernista vienense se estendesse também aos círculos intelectuais delimitados nos *kreiss*. Estes eram, afinal, não apenas espaços de encontro e elaboração, mas também circuitos de disputa de projeto de mundo, e de reinvenção do próprio sentido e funcionamento das estruturas de lecionamento e de relação interpessoal entre professores e estudantes. A transferência dos grupos de discussão do ambiente normativo, hierarquizado, formal da Universidade de Viena, à relação interpessoal horizontalizada, assentada sobre vínculos afetivos, e baseada na reapropriação de espaços urbanos pode sugerir alguma sobreposição entre a arquitetura dos círculos intelectuais e as formas de organização e mobilização da cultura que serão entendidas, a partir de Williams (1986), como *movimentos*:

um tipo peculiar de formação cultural, na qual os artistas se unem na busca comum de algum objetivo artístico específico. Tais formações, sob os nomes de "movimentos", "escola", "círculo" e assim por diante, ou sob o rótulo dado ou tomado de um "ismo" específico, são tão importantes na história cultural e especialmente na história

cultural moderna, que apresentam um problema especial, difícil, mas inevitável, na análise social.⁴¹

(WILLIAMS, 1986. p. 62-63)

Na Áustria do colapso imperial, os cafés eram espaços públicos acessíveis, um lugar “onde você poderia passar um dia inteiro pagando apenas por uma xícara de café, era muito atraente para intelectuais de nível um pouco mais alto do que o dos estudantes; o café para estudantes era mais barato na universidade” (HAYEK, 1994). Muitos dos círculos se reuniam em outros espaços, como salões e gabinetes. Entre círculos, gabinetes, e cafés, Viena era um território mapeado, com espaços a entrincheirar seus diversos movimentos intelectuais. Ou, como sugerido por Silverthorne, em seu estudo dos cafés vienenses como pontos focais das vanguardas e dos experimentos da nova modernidade vienense da virada do XIX para o XX:

Em vez do longo século XIX do *fin-de-siècle* da França, o nascimento do modernismo em Viena caracterizou-se como um período de intensa compressão temporal. Os sinais e efeitos da modernidade foram experimentados e expressos em um período de tempo mais curto e sob maior pressão do que outras cidades européias. Movimentos modernos apareceram na década de 1890, e foram amadurecidos completamente duas décadas depois. (...) O espaço dos cafés, culturalmente carregado, mas academicamente neutro, representa um campo discursivo de estudo não pertencente a nenhuma disciplina acadêmica, mas compartilhado por várias.⁴²

(SILVERTHORNE, p. 3. 2011)

O círculo de Menger, por exemplo, formado por seus ex-alunos para discutir os rumos da política austríaca, se reunia no “*Kaffe Landmann*” (HAYEK, 1994). O Círculo de Mises, por sua vez, reunia seus participantes no escritório de Mises, na Câmara de Comércio, e se esticava por outros espaços -- normalmente, suas discussões seguiriam até as dez horas da noite, e então prosseguiriam, conforme a animação de seus membros, por restaurantes até, ao

41 No original: a quite different type of cultural formation, in which artists come together in the common pursuit of some specific artistic aim. Such formations, under the names of "movements", "school", "circle", and so on, or under the taken or given label of a specific "ism", are so important in cultural history, and specially modern cultural history, that they present a special, difficult, yet unavoidable problem in social analysis. (Tradução nossa.)

42 No original: Instead of the long nineteenth century of France's *fin-de-siècle*, the birth of modernism in Vienna has been characterised as a period of intense temporal compression. The signs and effects of modernity were experienced and expressed in a shorter time period and under greater pressure than other European cities. Modern movements appeared in the 1890s, and were fully matured two decades later. (...). The culturally-charged, but academically-neutral coffeehouse space represents a discursive field of study owned by no single academic discipline, but shared by several". (Tradução nossa.)

fim, passada a meia noite, se encerrar no Café Künstler (DEKKER, 2014; EBENSTEIN, 2014).

O encontro seria iniciado por um artigo do próprio Mises ou de algum outro membro tratando do mesmo problema em teoria econômica, metodologia, ciências sociais, ou política econômica. Sociologia, especialmente a "*Verstehende Soziologie*" de Max Weber, eram temas favoritos. A discussão, sempre animada, durava até às 10 da noite, quando o grupo seguia ao restaurante italiano "Ancora Verde" - "*Der grüne Anker*" na música de Kaufmann - onde o jantar era servido. Lá, continuava a discussão que, a respeito de elementos mais refinados da teoria, ganhava tons menos pesados. Às onze e meia, os membros que ainda não estavam exaustos seguiam ao Café Künstler, em frente à Universidade, o local de encontro favorito dos economistas em Viena naqueles dias. Mises sempre estava entre os mais resistentes, que iam ao Café Künstler, e era o último a ir pra casa, nunca antes da 1h.

(HABERLER, 1961)⁴³

Os seminários de Mises eram destinados àqueles que já tinham se graduado na universidade. Seus participantes se reuniam uma vez a cada duas semanas, de outubro a junho. Mises via a comunidade de ensino construída em torno de seu *Privatseminar* como seu “principal esforço de lecionamento” (MISES apud EBENSTEIN, 2014). Os encontros organizados no seminário eram o centro de algumas das principais discussões sobre teoria social e econômica em andamento na Viena da época -- um dos motores das discussões eram os debates sobre metodologia. Entre seus participantes, estava boa parte dos principais filósofos e economistas da austríacos: além do próprio Hayek, faziam parte Oskar Morgenstern (1902-1977), Fritz Machlup (1902-1983), Gottfried Haberler (1900-1995), Felix Kaufmann (1895-1949), Alfred Schütz (1899-1959), e Erik Voegelin (1901-1985).

No universo da Viena das primeiras décadas do século XX, os círculos, apesar de demarcarem limites e posições dos movimentos intelectuais, se definiam, também, pela sua porosidade. Não raro, membros gravitavam em mais de um círculo. O próprio Hayek, que viria a ter intensa participação no círculo de Mises, veio a animar, quando estudante, um

⁴³ No original: The meeting would be introduced by a paper by Mises himself or by another member on some problem of economic theory, methodology of the social sciences or economic policy. Sociology, especially the "*Verstehende Soziologie*" of Max Weber and related problems were favorite topics. The always lively discussion lasted until 10 p.m. when the group walked over to the nearby Italian Restaurant "Ancora Verde" – "*Der grüne Anker*" in Kaufmann's song – where dinner was served. There the discussion continued on finer points of theory and later usually took on lighter tones. At eleven thirty or so those members who were not yet exhausted went to the Cafe Künstler, opposite the University, the favorite meeting place of economists in Vienna in those days. Mises was always among the hardy ones who went to the Künstler Cafe and was the last one to leave for home, never before 1 a.m. (Tradução nossa.)

círculo com razoável eminência -- diversos de seus membros, depois, viriam a se aproximar também do Mises *Kreiss*, no clima de intercâmbio e circulação intelectual da capital.

Fundado por Hayek enquanto ainda era um estudante, antes de seu segundo diploma na Universidade de Viena, o *Geistkreiss* (algo como “círculo do espírito”, ou “círculo do intelecto”) se propunha como um espaço de profunda sensibilidade interdisciplinar. Para além das discussões sobre economia, filosofia e metodologia que viriam a dominar o movimento intelectual capitaneado por Mises, o círculo de Hayek devotava suas sessões à literatura, à arte, história, música e filosofia política. O grupo tinha apenas associados masculinos, diversos dos quais eram já, ou viriam a ser, membros do círculo de Mises -- Vögelin, Morgenstern e Machlup, por exemplo, eram alguns de seus debatedores. Além destes, o *Geistkreiss* reunia alguns proeminentes nomes da academia vienense, em um amplo arco de investigação científica e cultural. Debates sobre arte, história e pensamento social se entrelaçavam às discussões sobre economia e metodologia. Alguns de seus membros, como Otto Benesch (1896-1964) e Johannes Wilde (1891-1970), eram historiadores da arte. Outros historiadores envolvidos no grupo eram Friedrich Engel-Janosi (1893-1978), e Max Mintz (1919-), que veio a estabelecer carreira como historiador após se transferir para os Estados Unidos. O sociólogo e filósofo Alfred Schütz, e o jurista e também filósofo Felix Kaufmann (que se estabeleceu, mais tarde, na New School for Social Research, em Nova Iorque), eram alguns dos outros nomes dedicados aos debates interdisciplinares promovidos pelo *Geistkreiss*. Em suas memórias autobiográficas, Engel-Janosi recorda que o objetivo do círculo era essencialmente o de extrapolar o debate na Universidade de Viena para além do pensamento econômico, delineando um espaço que envolvesse homens jovens de todas as áreas do conhecimento (EBENSTEIN, 2014). Kaufmann, por exemplo, era também um membro do Círculo de Viena, composto pelos positivistas lógicos, e atuava como uma espécie de conduíte a informar os participantes do grupo de Hayek sobre os temas em discussão no círculo vizinho. Um elemento de diálogo e reelaboração entre tradições intelectuais interdisciplinares, em sintonia com o clima intelectual da Viena modernista esquadrihada por Schoske.

A experiência do *Geistkreiss* terá um impacto profundo no modo como Hayek entenderá o processo de construção intelectual e de redes de produção e difusão do pensamento. Em sua passagem pela Universidade de Chicago, a memória dos círculos vienenses será acionada em novos projetos dedicados à interlocução de ideias e atores dos campos da academia, da cultura e da política. Embora não tenha sido bem sucedido em todas as tentativas de reviver a tradição do pensamento modernista vienense no novo continente,

seus ecos serão encontrados naquela que, talvez, seja sua maior obra: a constituição da comunidade intelectual, transatlântica, de mobilização política e cultural consolidada na Sociedade de Mont Pèlerin.

O processo de transição do Fabianismo ao liberalismo de tons austríacos não foi imediato para Hayek. Após os primeiros encontros entre Hayek e Mises, em inícios da década de 1920, a aproximação do primeiro ao programa de livre mercado foi algo consolidado ao longo de muitos anos, estendendo-se ao longo de toda a década. A interlocução entre a tradição fabiana, o pensamento institucionalista liberal americano, a tradição marginalista austríaca, e o estudo do pensamento liberal britânico -- primeiros sob Mises, depois aprofundado em sua passagem pela Inglaterra --, darão a Hayek um fundo essencialmente interdisciplinar, dinâmico, e adaptável às novas circunstâncias da cultura, da ciência e da tecnologia a emergirem ao longo do século XX. Caldwell sugere que o pensamento hayekiano seria, por conta disso, de natureza essencialmente instável, sujeito a guinadas e sucessivas revisões, num processo empreendido por Hayek ao longo de toda sua vida.

Gráfico mapeando os *kreiss* de Viena no entreguerras, seus membros e conexões.

Fonte: Dekker, R. The Vienna circles: cultivating economic knowledge outside academia . Erasmus Journal for Philosophy and Economics. 2014

A investigação e o retorno ao pensamento dos liberais clássicos britânicos, com seu programa de celebração da racionalidade iluminista e de construção da nova individualidade racional europeia, era também um estudo para a possível engenharia reversa das manifestações populistas e coletivistas/cientificistas a ganhar protagonismo pela Europa. Esses grupos, chamados por Dekker de “estudantes da civilização vienenses” (2016), organizados para além da academia, se espalharavam pelos círculos sociais da capital austríaca, debruçando-se sobre o que seriam os amplos problemas intelectuais da época. A lógica de livre mercado liberal, sugere Dekker, seria, para esses atores, mais do que a investigação de um desenho ótimo, de eficiência superior, a outros arranjos institucionais. Ao situar sobre o indivíduo a responsabilidade de organização da circulação de riqueza e arranjos produtivos, enfatizando a administração da informação e dos circuitos comunitários, interpessoais de troca e colaboração econômica, o livre mercado atuaria como um mecanismo de controle e acomodação das energias vitais. Em sua flexibilidade, o livre mercado daria conta de uma ampla tecnologia de organização social que, sob os controles mais rígidos, vagos, essencialmente normativos das democracias liberais, falharia em seu papel como mediador das energias vitais do indivíduo, abrindo frestas para suas manifestações mais destrutivas. Nessa civilização sob ataque, os membros do movimento econômico austríaco tentarão, “ao menos, atuar como seus protetores. Eles tentarão mantê-la distante do racionalismo superconfiante, que será associado ao socialismo e, mais tarde, ao fascismo e ao irracionalismo”. (DEKKER, 2016)

É sob a tradição dessa *estrutura de sentimento*⁴⁴ que Mises e Hayek (expoentes de uma escola austríaca que, em sua terceira e quarta gerações, seriam, já, informadas por elementos novos em relação ao programa de seus fundadores) estabelecerão o diálogo que desenhará entre Viena, Inglaterra e Chicago um circuito para a reinvenção do pensamento liberal, em grupos diversos.

44 Formulada por Raymond Williams (1977), a noção de *estrutura de sentimento* (ou *Structure of Feeling*, em sua formulação original), entende a manifestação da ideologia em relação à cultura como um fenômeno de cristalização de tendências, manifestações subjetivas, e condições materiais a partir das quais obras e movimentos se delineiam como espaços de estabilização e disputa do pensamento e da política. Uma reflexão mais aprofundada sobre o pensamento de Williams é oferecida na Introdução.

PARTE 2. LONDRES

CAPÍTULO 3. LSE E CAMBRIDGE

Em janeiro de 1931, Friedrich Hayek desembarcou em Londres para uma série de quatro palestras na London School of Economics (LSE). Convidado por Lionel Robbins (1898-1984), então chefe do Departamento de Economia da LSE, as apresentações de Hayek eram dedicadas à introdução, nos circuitos de debate britânicos, dos rudimentos centrais do pensamento econômico austríaco. Baseadas nos estudos de Hayek sobre ciclo de negócios -- ele era, afinal, um dos responsáveis, junto a Mises, pelo estabelecimento do instituto de ciclo de negócios austríaco –, as palestras se baseavam em seu trabalho sobre a relação entre recessão e consumo, desenvolvida em *“The Paradox of Saving”* (1929) (o centro do argumento era a respeito de como recessões, ao contrário do afirmado pelo keynesianismo, não se instalavam a partir da queda do desejo de consumo dos consumidores). Era o início do que, na economia política, seria o grande duelo ao por do sol do século XX: a disputa entre Keynes e Hayek.

A iniciativa de Robbins tinha um sentido alinhado ao clima de intercâmbio da época: um dos raros acadêmicos a dominar o alemão na Inglaterra das primeiras décadas do século XX, Robbins via na reinvenção liberal dos austríacos da terceira e quarta geração um possível antídoto aos experimentos keynesianos (BURGIN, 2012).

A visita de Hayek era um novo ponto numa disputa de décadas pelo debate público. Até o momento, na batalha em torno do imaginário liberal britânico, os fabianos pareciam levar alguma vantagem. Eram fabianos, afinal, diversos dos principais intelectuais públicos essenciais à estabilização do pensamento político da época -- como H. G. Wells (1866-1946), que defendia abertamente o Socialismo como o futuro da moderna civilização ocidental. O novo prisma pelo qual os austríacos apresentavam a tradição liberal, definida pela centralidade da subjetividade individual e pela sua gravidade como elemento de organização comunitária, traziam ao mesmo tempo uma provocação e uma novidade.

Em sua primeira palestra, Hayek se submetia a um considerável batismo de fogo: em vez da London School of Economics, o austríaco fez sua primeira palestra em Cambridge, para a Marshall Society, a sociedade de economistas dedicada à memória daquele que é

considerado um dos patronos de Cambridge e um dos pais do pensamento neoclássico de fins do século XIX (e do pensamento econômico britânico), Alfred Marshall (1842-1924). A disputa entre a LSE (que, sob Robbins, se propunha a uma recuperação do liberalismo clássico de tradição inglesa), e Cambridge (este, o epicentro do pensamento keynesiano), era, em grande parte, uma das motivações pelas quais o departamento de economia fez o convite a Hayek, visto como promissor divulgador de um novo pensamento liberal. Burgin (2012) lembra que a disputa entre LSE e Cambridge se desenhava para além das trincheiras das universidades. Em verdade, Keynes e Robbins tinham tido, já no início dos anos 1930, desentendimentos no *Committee of Economists*, um comitê governamental apontado pelo então primeiro ministro britânico, Ramsay MacDonald (1866-1937). O conselho, formado por cinco integrantes, dedicava-se a investigar as causas da Depressão econômica do fim da década de 1920 e a elaborar sugestões para políticas públicas. Robbins, que havia sido sugerido ao comitê por Keynes, se recusou a assinar o documento final, acendendo uma rusga que viria a se estender pelos anos 1930.

Para além disso, entre os espectadores de sua estreia, estavam alguns dos membros do Cambridge Circus, o círculo de acadêmicos da Marshall Society, organizado em torno do antigo ídolo de Hayek: Keynes (enclave do pensamento neoclássico britânico e de uma nova síntese keynesiana sobre o pensamento marshalliano). Animado por um pequeno, consistente grupo de economistas, o Circus se reunia regularmente para debater não apenas a conjuntura e o pensamento de Keynes, mas também para elaborar coletivamente algumas das ideias que viriam a ser condensadas, em 1936, em sua *General Theory* (1936/2018). Em seu prólogo à *General Theory*, Keynes agradece a ajuda dos colegas Mr R. F. Kahn (1905-1989), Mrs Joan Robinson (1903-1983), Mr R.G. Hawtrey (1879-1975) e Mr R.F. Harrod (1900-1978). Destes, dois (Kahn e Robinson) eram membros organizadores do Cambridge Circus. Além deste, Keynes era, também, envolvido com o *Political Economy Club* -- ou *Keynes's Club* -- este porém era apenas para seus estudantes debaterem suas próprias produções.

Apesar do caráter coletivo e autoral do Circus, o próprio Keynes não costumava participar de suas reuniões. Usualmente, sua participação se daria de forma indireta -- seus manuscritos seriam apresentados ao grupo por quem seria o responsável pela compilação de ideias e ajustes a serem posteriormente aplicados ao texto. Skidelski (2003) lembra que os registros sobre a dinâmica de elaboração e os papéis desempenhados pelo Circus no processo de produção da *General Theory* abrem margem a algumas disputas. De todo modo, um de seus membros, Richard F. Kahn, aparenta ter papel central na animação do grupo e da produção intelectual movimentada em seu entorno. Era no gabinete de Kahn no Gibbs

Building, em King's College, que o Circus teve seu primeiro centro de reuniões. Schumpeter chega a sugerir que o livro foi uma obra coletiva (BLACK, 2013), e que Kahn seria merecedor do crédito de co-autoria.

A ação colaborativa do Circus em sua organização, disputa e demarcação do debate e do imaginário público não pareceria fora de sintonia com os experimentos de outro grupo, mais proeminente, a ter em Keynes um de seus participantes centrais. Afinal, ele era um dos nomes prontamente associados ao *Bloomsbury Group*, o coletivo interdisciplinar de vanguarda a reunir considerável fatia dos mais brilhantes e criativos pensadores e ativistas da Inglaterra da primeira metade do século XX (WILLIAMS, 1982, 2005). Um dos mais influentes episódios do Modernismo inglês, o *Bloomsbury Group* reunia políticos, escritores, acadêmicos e operadores da cultura - Clive (1881-1964) e Vanessa Bell (1879-1961), Virginia Woolf (1882-1941), E. M. Forster (1879-1970), e Lytton Strachey (1880-1932) eram alguns de seus membros. Para além dos experimentos intelectuais ou estéticos, o coletivo era, também, um efervescente espaço de experimentação social, dedicado ao questionamento e à invenção de novas formas de vida, relacionamentos e afetos -- um experimento que, décadas depois, viria a ter ecos nos movimentos comunistas da contracultura das décadas de 1960 e 1970 (TURNER, 2010, 2013). A ação política, artística e cultural de *Bloomsbury* se forjava num universo de produção em que os programas do grupo polinizavam distintos modos de ação e criação, criando obras não apenas interdisciplinares, mas de inversão de formas e estéticas. À literatura experimental, altamente subjetiva, de Virginia Woolf, se galvanizariam propostas de ação e de disputa política. A produção sobre economia política e economia aplicada elaborada por Keynes encapsulava, também, os sentidos da *avant-garde* que o acolhia. Em obras como *The Economic Consequences of Peace* (1919/2017), *Treatise on Money* (1930), e, sobretudo, em sua *General Theory* (1936/2018), o debate econômico seria tornado plataforma para a própria investigação do papel da subjetividade na construção do conhecimento, num vetor a infundir uma sensibilidade modernista ao que, até então, era, não raro, associado a um debate puramente lógico ou técnico; os termos do discurso, do entendimento da ciência econômica, e das manifestações humanas práticas e intelectuais dos indivíduos, eram propostos, em Keynes, como um universo rico, maleável, e subjetivo, a não se reduzir a esquematismos e apreensões rígidas informadas pela tradição. Junto ao projeto científico, caminharia a construção de uma identidade a se apropriar de novas formas da cultura. O keynesianismo projetaria, assim, um imaginário – centrado em um liberalismo cerebral, ponderado, de controle do maquinário construído pela tradição. Uma sensibilidade a

ecoar o universo de *Bloomsbury*. Ou, como afirmado pelo próprio Keynes no prólogo a servir de preâmbulo da *General Theory*,

A composição deste livro foi para o autor uma longa luta de fuga, e também deve ser sua leitura para a maioria dos leitores se o assalto do autor sobre eles for bem sucedido - uma luta de fuga dos modos habituais de pensamento e expressão. As idéias aqui tão laboriosamente expressas são extremamente simples e devem ser óbvias. A dificuldade reside não nas novas idéias, mas em escapar das antigas, que se ramificam, para aqueles criados como a maioria de nós, a todos os cantos de nossas mentes. (p. 5)⁴⁵

(KEYNES, 1936/2018)

É a esse universo que Hayek, em sua missão de demarcação do debate público, será desafiado a se inserir e a abrir novos flancos, disputando e aprendendo suas estratégias. E a primeira batalha, no evento realizado na Marshall Society, oferecia circunstâncias aquém das ideais. Acometido por um mal estar, sua tentativa de adaptar as suas quatro palestras previstas para a LSE em apenas uma apresentação resultou em uma fala não muito consistente, soterrada por elementos teóricos da Escola Austríaca que, mais do que demasiadamente densos, pretenderiam cobrir uma tradição intelectual à qual a academia britânica teria, então, um reduzido conhecimento e um frio interesse. A plateia, de antemão cética quanto ao corpo de pensamento a emergir da produção econômica austríaca, não demonstrou entusiasmo. Ao se deparar com a explicação de Hayek, que apesar de dominar o inglês após sua passagem por Nova Iorque, ainda tinha um sotaque considerável e alguma confusão na construção de argumentos complexos, a ala crítica da plateia sugeriu questionamentos às aproximações teóricas sugeridas por Hayek, como mal disfarçadas provocações. O grupo organizado em torno de Keynes e de suas ideias, afinal, era uma frente coesa, e a disputa pelo imaginário público e seu entendimento da economia política que emergia no novo século era o combustível a mobilizar a ação e a disputa intelectual.

Para além da disputa intelectual corrente -- o *Treatise on Money* (1930), obra de Keynes que precede e informa os contornos teóricos da Teoria Geral, havia sido recém lançado -- Ebenstein (2014) e Caldwell (2004) sugerem que a pouca familiaridade de Hayek com a língua inglesa teria tido um impacto decisivo na recepção de suas ideias pelo universo

45 No original: The composition of this book has been for the author a long struggle of escape, and so must the reading of it be for most readers if the author's assault upon them is to be successful — a struggle of escape from habitual modes of thought and expression. The ideas which are here expressed so laboriously are extremely simple and should be obvious. The difficulty lies, not in the new ideas, but in escaping from the old ones, which ramify, for those brought up as most of us have been, into every corner of our minds. (Tradução nossa.)

do debate britânico. Não apenas sua comunicação falada, mas também sua obra escrita, se desdobrariam, em suas produções em língua inglesa, em construções argumentativas permeadas de espaços de estranhamento quando submetidas às normas correntes do debate anglófono. A isso, se juntaria o descompasso do fundo teórico sugerido em sua produção. Muitas das noções subentendidas no pensamento hayekiano partiam de uma tradição de economia política completamente alienígena aos britânicos; e Hayek, ao partir do princípio de que as proposições do neomarginalismo austríaco (muitas destas, não disponíveis em traduções ao inglês) seriam de amplo conhecimento junto às suas plateias, não deixaria menor o ruído entre suas proposições e o entendimento junto ao público. Essa insularidade do debate sobre economia política no universo intelectual inglês não seria algo entendido apenas ao universo austríaco. Patinkin (1979) sugere que a “tradição de Cambridge”, que em Keynes tinha um de seus animadores principais, se organizaria em torno de certo isolamento conceitual no que diz respeito aos marcos teóricos a informar o trabalho de seus membros. Embora o intercâmbio internacional fosse uma constante -- a documentação a respeito da correspondência de Keynes junto a intelectuais de outros países da Europa aponta a uma farta interlocução -- as obras que serviriam à análise e elaboração do pensamento keynesiano seriam essencialmente as filtradas pela academia britânica, e transportadas ao país em edições traduzidas. Esse “recorte” do debate europeu e sua adaptação às circunstâncias do debate britânico seria perceptível, por exemplo, na relação entre Cambridge e o que viria a ser conhecido como a Escola de Estocolmo. Elaborada na produção de nomes como Wicksell (1851-1926), Lindahl (1891-1960), Ohlin (1899-1979) e Myrdal -- este último viria, em 1974, a dividir o prêmio Nobel de Economia com Hayek -- a Escola de Estocolmo foi responsável por invenções de economia política que, contemporânea a Keynes, viriam a sobrepor, ou complementar, algumas das ideias elaboradas na *Teoria Geral*. Apesar da influência da Escola de Estocolmo sobre Keynes, e seu papel na evolução do pensamento keynesiano sugerir uma direta influência dos suecos sobre Cambridge, a sua efetiva interface de circulação junto a esse circuito era limitada. Isso porque Keynes tinha limitada amplitude no que diz respeito ao idioma -- sua leitura era toda, essencialmente, em inglês. O intercâmbio de ideias através de correspondência, intenso, aparenta de fato ter servido como estímulo à elaboração criativa no processo de criação da Teoria Geral; mas o acesso às obras teóricas da Escola de Estocolmo, à época da elaboração conceitual da Teoria Geral, seria, ainda, fora do alcance do círculo keynesiano. Sobre essa relativa insularidade, Ohlin (1978) recorda que:

Quando conheci Keynes, em 1935, na Bélgica, onde ele me deu uma impressão geral de sua nova teoria, observei que havia uma grande semelhança com a teoria que os economistas de Estocolmo tinham desenvolvido com base na teoria de Wicksell. Fiz uma breve descrição do nosso raciocínio com processos cumulativos e variações de emprego. O comentário de Keynes foi que isso se parecia muito com o tipo de raciocínio com o qual ele vinha trabalhando alguns anos antes. Ele acreditava, no entanto, que poderia transmitir as idéias essenciais de uma forma mais simples.⁴⁶ (146-147)

(Ohlin, 1978)

A palestra de Hayek em Cambridge não era sua primeira visita à Inglaterra. Em fins da década de 1920, o austríaco tinha participado de uma viagem ao país em comitiva ao seu *Austrian Institute for Business Cycle Research*. O intercâmbio entre liberais austríacos e ingleses, consistente, dataria já do início da mesma década -- Mises seria, à época, vocal quanto ao estreitamento de laços com o patrono do pensamento liberal na London School of Economics, Edwin Cannan (1861-1935) (EBENSTEIN, 2014). De todo modo, a recepção algo tensa das ideias de Hayek em Cambridge serviu de alerta a Robbins. No preâmbulo à série de palestras do austríaco na LSE, o ambiente das apresentações foi cuidadosamente preparado. Robbins escolheu a dedo os membros da audiência, e garantiu que o público tivesse de antemão alguma familiaridade com a tradição econômica austríaca -- o mentor de Robbins, Cannan, era um dos presentes. A LSE era, à época ainda uma jovem instituição, com menos de quatro décadas de existência, e povoada, essencialmente, por estudantes ocasionais. (BURGIN, 2012) O cenário da apresentação foi, também, desenhado de antemão: o anfiteatro escolhido foi maior que o da recepção em Cambridge, e Hayek foi postado em destaque, acima do nível da audiência, sob a vista de dezenas de cadeiras. Robbins tinha grandes expectativas quanto ao impacto da palestra de Hayek, e da apresentação do pensamento econômico austríaco, sobre o horizonte intelectual britânico. A palestra teve, em todo seu entorno, contornos performáticos. Hayek era o astro de um espetáculo celebrando um renascimento da tradição liberal. Era dado o primeiro passo à missão à qual Hayek se dedicaria ao longo das décadas seguintes: garantir que as palavras sobre a sabedoria do livre mercado soprassem para muito além das paredes daquele lotado auditório. “Examinando a

46 No original: When I met Keynes in 1935 in Belgium, where he gave me a general impression of his new theory, I observed, that there was a great deal of similarity with the theory which the Stockholm economists had developed on the basis of Wicksell's theory. I made a brief outline of our reasoning with cumulative processes and employment variations. Keynes' comment was that this sounded very much like the kind of reasoning he himself had been working with a couple of years earlier. He believed, however, that he could convey the essential ideas in a simpler way. (Tradução nossa.)

multidão, Hayek foi rápido em reconhecer que o apoio para o funcionamento do livre mercado não era incomum dentro da profissão de economia. O problema, disse, é que suas idéias não demonstravam capacidade de influenciar um público mais amplo.” (BURGIN, 2012)

As expectativas de Robbins se confirmaram: as palestras de Hayek foram um sucesso, e suas apresentações se sucederam em eventos lotados, com centenas de estudantes e acadêmicos se espremendo para conhecer as novas ideias vindas do continente. O intercâmbio a se delinear como estranhamento em Cambridge ganhava, na London School of Economics, contornos de invenção: com as ideias de Hayek sobre a natureza do ciclo monetário e sobre a relação entre tempo, atividade humana, e mercado, o movimento keynesiano de Cambridge teria na LSE, enfim, um novo e dedicado oponente teórico. A recepção às ideias de Hayek se desdobrou em convite para que se juntasse à London School of Economics. A oferta, feita por William Beveridge (1879-1963) -- então diretor da LSE e, mais tarde, nome central à formulação do Estado de Bem Estar Social Britânico, com o *Beveridge Report*, relatório governamental publicado em 1942 e peça central à instituição de políticas públicas na Inglaterra dos anos 1940 (JONES, 2014) -- se destinava, inicialmente, a uma posição como professor visitante. Um ano depois, porém, Hayek foi absorvido pelo quadro da instituição, e apontado à *Tooke Chair in Economic Science and Statistics* (segundo Robbins, “Os votos foram unânimes a favor” (apud EBENSTEIN, 2014)). A transferência à Inglaterra era um sonho de Hayek, e a oferta foi aceita sem reservas.

O período de Hayek na LSE tem início em tempos de crise. Sua palestra inicial na instituição, em 01 de março de 1933, acontece apenas "um mês antes de Adolf Hitler, que detestava a democracia e preferia a reconstituição de outro (terceiro) Reich, ter se tornado chanceler da República de Weimar." (CALDWELL, 2007) Um evento que se seguiu à proibição, pelo então presidente alemão Hindenburg, de reuniões e publicações entendidas como risco à ordem pública, fechando o cerco sobre os comunistas e socialistas na Alemanha. Como lembra Caldwell (2007), na "manhã antes do discurso de Hayek, o mundo soube que o prédio do Reichstag havia sido incendiado e queimado; os nazistas foram rápidos em culpar o ato pelos comunistas e usar a situação para justificar novos atos de repressão." A radicalização nazifascista se galvanizava em movimentos a se espalhar pelo continente, e se tornaria uma preocupação a mobilizar, de modos diversos, o corpo acadêmico da LSE.

A isso, se somava a poeira do colapso da arquitetura econômica liberal que, em 1929, levou à crise da economia global. Pouco antes, em 1926, o líder do grupo de Cambridge, Keynes, tinha feito diagnósticos sobre a economia política da época que, com a crise, viriam a

se provar acertados. Apontando às dificuldades a surgir nos mecanismos econômicos a emergir da modernidade, Keynes sugeria que a ocasional intervenção de governos na economia viria a se mostrar como inevitável. Em julho de 1926, cerca de três anos antes da crise, Keynes havia publicado "*The End of Laissez-Faire*" (1926/1978), panfleto baseado em palestra dada em Oxford, em 1924, e na Universidade de Berlim, em 1926⁴⁷. Editado em inglês e em alemão (tradução que foi alvo de contundente crítica de Mises (MISES, 1927/2005)), o ensaio de Keynes argumenta que a noção de uma ordem econômica baseada na ação individual, e na acomodação autônoma de operadores e capital sem a ocasional participação de mecanismos de Estado, é apoiada sobre inconsistências fundamentais. O problema estaria, para ele, no fato de elementos de incerteza e de mobilizações subjetivas se imporem, inevitavelmente, sobre a expectativa de um funcionamento científico da lógica econômica (uma tendência que proporia, em verdade, a articulação de princípios econômicos do liberalismo dos séculos XVIII e XIX às novas descobertas da ciência, em especial o darwinismo) (SKIDELSKI, 2010). Ou, como colocado por Keynes:

Mas foram os economistas que deram à noção uma boa base científica. Suponha que, pelo funcionamento das leis naturais, os indivíduos que buscam seus próprios interesses de modo esclarecido, em condições de liberdade, sempre tendem a promover o interesse geral ao mesmo tempo! Nossas dificuldades filosóficas são resolvidas - pelo menos para o homem prático, que pode então concentrar seus esforços em assegurar as condições necessárias de liberdade. Para a doutrina filosófica de que o governo não tem o direito de interferir, e o divino de que não precisa interferir, é acrescentada uma prova científica de que sua interferência é inconveniente. Esta é a terceira corrente de pensamento, apenas descoberta em Adam Smith, que estava pronto para permitir que o bem público repousasse sobre "o esforço natural de cada indivíduo para melhorar sua própria condição", mas não totalmente e autoconscientemente desenvolvido até o início do século XIX. O princípio do laissez-faire havia chegado para harmonizar o individualismo e o socialismo, e para unir o egoísmo de Hume ao maior bem ao maior número possível. O filósofo político poderia se aposentar em favor do homem de negócios - pois o segundo poderia alcançar o summum bonum do filósofo simplesmente buscando seu próprio lucro privado.⁴⁸

47 Uma versão reduzida de "*The end of Laissez-Faire*" é publicada no volume *Essays on Persuasion*. O texto utilizado neste trabalho é o integral, editado no volume *The Collected Writings of John Maynard Keynes*.

48 No original: But it was the economists who gave the notion a good scientific basis. Suppose that by the working of natural laws individuals pursuing their own interests with enlightenment in conditions of freedom always tend to promote the general interest at the same time! Our philosophical difficulties are resolved—at least for the practical man, who can then concentrate his efforts on securing the necessary conditions of freedom. To the philosophical doctrine that government has no

(KEYNES, 1926/1978. p. 274-275)

Após a crise, as proposições do grupo keynesiano, impulsionadas pelas circunstâncias históricas, ganham proeminência do debate público -- o que, de certo modo, colocava na defensiva as formações britânicas liberais alinhadas à proposições mais próximas do conservadorismo, como o grupo de Cannan e Robbins. Nesse ambiente, Robbins viu em Hayek um potente aliado (embora, na crítica de aspirações cientificistas como substitutas do entendimento do processo econômico, talvez seja encontrado algo a explicar a relação próxima que o austríaco virá a alimentar com Keynes); Hayek, por sua vez, sentiu em relação ao país uma imediata afinidade -- um traço que, depois, será também ecoado em seu programa intelectual, fortemente influenciado, e dedicado a, o pensamento liberal britânico conservador. Quando da chegada de Hayek, a LSE tinha cerca de três mil estudantes, e cobria, em sua grade, amplo escopo das ciências sociais: economia, ciência política, antropologia, sociologia, história, filosofia, e por um tempo biologia social, entre outros campos científicos aplicados (EBENSTEIN, 2014).

A transferência de Hayek à LSE, e a posição da instituição como trincheira para a renovação do liberalismo e a crítica ao movimento intelectual galvanizado em Cambridge, tinha, também, algo de contraditório. Apesar da tradição conservadora a se cristalizar em alguns circuitos da LSE -- especialmente ao redor de Edwin Cannan, da qual Lionel Robbins era pupilo --, a instituição era, em verdade, estabelecida como um enclave fabiano.

3.1 Fabianos e Liberais

Fundada em 1895, a LSE foi desenhada como um projeto intelectual de Sidney Webb (1859-1947), eminência central do debate socialista britânico e um dos líderes do grupo articulado em torno da *Fabian Society* -- foi ele um dos responsáveis pelo rascunho da constituição do *Labour Party*, em 1918. Junto à sua esposa, Beatrice (1858-1943), Sidney foi

right to interfere, and the divine that it has no need to interfere, there is added a scientific proof that its interference is inexpedient. This is the third current of thought, just discoverable in Adam Smith, who was ready in the main to allow the public good to rest on 'the natural effort of every individual to better his own condition', but not fully and self-consciously developed until the nineteenth century begins. The principle of laissez-faire had arrived to harmonise individualism and socialism, and to make at one Hume's egoism with the greatest good of the greatest number. The political philosopher could retire in favour of the business man—for the latter could attain the philosopher's summum bonum by just pursuing his own private profit. (Tradução nossa.)

um dos principais elaboradores do pensamento socialista na Inglaterra do fim do século XIX e das primeiras décadas do século XX. Os membros da *Fabian Society* se apresentavam como defensores de um programa de mudança social gradualista, informado por fortes contornos tecnocráticos e entrelaçado à reelaboração de marcos do pensamento e da cultura a partir da produção e circulação de obras em interlocução ao grande público. Dardot e Laval (2016) lembrarão que, do diálogo entre liberais reformistas e socialistas, “O fabianismo, por meio de círculos e revistas, constitui um dos polos desses encontros” (p. 62). Burgin (2012), resgatando George Bernard Shaw, aponta ao caráter elitista do grupo fabiano, “uma minoria de esnobes culturais e socialistas táticos genuinamente científicos” que não tinham “tempo para gastar com a conversão e a educação socialista elementar de analfabetos e novatos políticos.” (SHAW apud BURGIN, 2012). O objetivo final, natural, do gradualismo exercitado pelos fabianos levaria, na teoria sugerida pelos seus membros, a uma inevitável transição ao Socialismo, com a propriedade coletiva dos meios de produção.

O compromisso da escola com a abertura intelectual e com o fomento do intercâmbio de ideias, e a decorrente arquitetura institucional erigida a partir disso, poderia ser considerado, à época, o motor do dinamismo instituído no relativo curto período desde sua fundação. Essa natureza algo auto-organizativa proposta para a circulação e depuração de ideias delineava, na prática, alguns arranjos heterodoxos: ou, como sumarizado por Burgin,

O compromisso dos fabianos com a abertura ideológica levou a instituição que eles fundaram a abrigar defensores das mesmas teorias econômicas que sua instituição buscava superar”. Um programa dedicado a uma “política de abertura intelectual, acreditando que suas ideias alcançariam “Permeação” se fossem compartilhadas com um público pouco amistoso em vez de apenas com o convertido.

(BURGIN, 2012)

Em seus diários, Beatrice Webb, uma das fundadoras da LSE, manifestava pouco apreço aos integrantes do corpo de Economia da escola, considerados por ela como “nossa antítese na Escola”, um grupo de “apologistas ultra individualistas do capitalismo gerador de lucro,” e “economistas individualistas fanáticos” (WEBB apud Burgin, 2012). De fato, o primeiro diretor da instituição chegou a ser alçado, mais tarde, à posição de membro do parlamento britânico pelos Conservadores. O compromisso dos Fabianos com a pluralidade ideológica, porém, revestia o grupo -- e seu comando sobre a LSE -- de uma legitimidade que, mais tarde, seria atestada pelo próprio Hayek:

Eu suponho que foi totalmente devido à pessoa de Edwin Cannan. Os Webbs eram nesse sentido muito decentes. Eles queriam um bom teórico que fosse uma mente independente e estavam tão convencidos de que o estudo sem preconceitos da economia deveria levar ao socialismo, que eles cometeram o erro de aceitar alguém que não concordaria com essa conclusão. E Cannan, que era o professor principal, e Foxwell, que tinha a cátedra de dinheiro e banco, foram completamente separados da parte fabiana...⁴⁹

(HAYEK, 1994)

O universo pedagógico da LSE articulava-se ao projeto intelectual proposto pelos fabianos. A instituição era essencialmente dedicada ao treinamento avançado em ciências sociais, para além do ensino instrumental; e seu corpo de ensino era aberto a variadas correntes de pensamento, não engessada a premissas ideológicas -- a depuração do pensamento a partir do debate seria, afinal, um caminho lógico a impor, de modo não traumático, a partir da pura análise crítica racional, a superioridade do socialismo sobre os outros programas de reorganização social a se apresentar no início do novo século. Um desenho organizacional que, para além da busca de um espaço de discussão e síntese programática entre correntes diversas do pensamento britânico em economia política, absorveria, também, membros das diferentes *avant-gardes* em movimento à época, como o grupo de *Bloomsbury*:

Você tem que distinguir entre o corpo docente e os alunos. No corpo docente, havia uma enorme diferença entre economistas de um lado e cientistas políticos e sociólogos do outro. Entre eles, existiam os advogados, os geógrafos, os historiadores econômicos, que eram neutros ou, você poderia dizer, o tipo usual de um fabiano muito brando. Pessoas do grupo de *Bloomsbury*, pessoas como Eileen Power, que ficaram no grupo *Bloomsbury*. Pessoas muito agradáveis e decentes a seu modo, não doutrinárias. (...) As pessoas de *Bloomsbury* eram todas suas vizinhas; ela conhecia todos eles dessa maneira. Eu não acho que ela era ativa -- mas todos eles eram muito familiares a ela. E Tawney, que obviamente era muito fabiano, mas um homem com quem você podia conversar, não doutrinário, um homem muito interessante; pessoalmente eu gostava de Tawney.⁵⁰

49 No original: I suppose it was wholly due to the person of Edwin Cannan. The Webbs were in this sense very decent. They wanted a good theoretician who was an independent mind, and were so convinced that unprejudiced study of economics must lead to socialism, that they made the mistake of accepting someone who wouldn't [agree with that conclusion] at all. And Cannan, who was the main professor, and Foxwell, who had the professorship of money and banking, were completely separated from the Fabian part... (Tradução nossa.)

50 No original: You have to distinguish between faculty and students. On the faculty there was an enormous difference between economists on the one hand and political scientists and sociologists on the other. In between there were the lawyers, the geographers, the economic historians, who were either neutral or, you could say, the usual type would be a very mild Fabian. People of the *Bloomsbury*

(HAYEK, 1994)

Cannan tinha sido autor, em fins do século XIX, de *A History of the Theories of Production and Distribution in English Political Economy from 1776 to 1848* (CANNAN, 1894). Na obra, ele se propõe a uma recuperação dos fundamentos da economia política balizada pela tradição britânica. No primeiro parágrafo da primeira página da Introdução, ele avisa sem meias palavras:

Como ninguém mais acredita que a economia política foi inventada por Adam Smith e aperfeiçoada por John Stuart Mill, tornou-se quase necessário pedir desculpas por tomar as datas da publicação de *A Riqueza das Nações* e dos *Princípios de Economia Política* de Mill para os limites de uma história de uma parte da teoria econômica.⁵¹
(CANNAN, 1894)

Na sequência, a decisão pelas datas de referência é repassada, no que soaria, talvez, como certo tom de exasperação:

Eu escolhi começar em 1776 porque o que pode ser chamado de estrutura das teorias de Produção e Distribuição que foram ensinadas em trabalhos econômicos ingleses nos últimos cem anos, parece dever sua origem inteiramente a essa combinação peculiar de economia *indígena* (Grifo e nota no autor: em conformação à ideia de *nativa*) com a sistema de Quesnay que se encontra na *Riqueza das Nações*. Eu terminei em 1848 porque ainda é muito cedo para tratar em um espírito histórico os vinte e cinco anos que se passaram desde 1868, e o período de estagnação que se seguiu à publicação do trabalho de Mill não é um assunto proveitoso de estudo, exceto em conexão com a explosão de novas ideias que o encerravam.⁵²

group, people like Eileen Power, who stuck in the *Bloomsbury* group. Very nice and decent people in their way, not doctrinaire. (...) The *Bloomsbury* people were all her neighbors; she knew them all in this way. I don't think she was any active—but they were all very familiar to her. And Tawney, who was of course all very Fabian, but a man you could talk with, not doctrinaire, very interesting man; personally I liked Tawney. (Tradução nossa.)

51 No original: As no one any longer believes that political economy was invented by Adam Smith and perfected by John Stuart Mill, it has become necessary almost to apologise for taking the dates of the publication of the *Wealth of Nations* and Mill's *Principles of Political Economy* for the limits of a history of a portion of economic theory. (Tradução nossa.)

52 No original: I have chosen to begin with 1776 because what may be called the framework of the theories of Production and Distribution which have been taught in English economic works for the last hundred years, appears to owe its origin entirely to that peculiar combination of indigenous economics with the system of Quesnay which is to be found in the *Wealth of Nations*. I have ended with 1848 because it is yet too early to treat in an historical spirit the twenty-five years which have elapsed since 1868, and the period of stagnation which followed the publication of Mill's work is not a profitable subject of study except in connexion with the outburst of new ideas which ended it.

(CANNAN, 1894)

No mapa formulado por Cannan para o entendimento do pensamento econômico britânico, a afinidade com o espírito ortodoxo britânico, de recuperação e cultivo das promessas do *laissez-faire*, se aproxima do reformismo de Mill. O que, de certo modo, colocava o conservador Cannan (e seu grupo intelectual) em peculiar interlocução com os Fabianos responsáveis pelo projeto da LSE -- Mill era, afinal, uma inspiração central ao programa dos Webb. Apesar do contundente tom com que tratará alguns dos fundamentos do liberalismo britânico clássico, Cannan se aprofundará na investigação do programa de Adam Smith a partir do fim do século XIX, produzindo, nas primeiras décadas do novo século, uma influente obra. É dele a edição daquela que viria a ser, ao longo do século XX, considerada a edição definitiva do *The Wealth of Nations* (SMITH, 1904).

No entreguerras, o grupo dos economistas conservadores irredutíveis se posicionava minoritariamente (DARDOT e LAVAL, 2016). Cercando as trincheiras do liberalismo clássico escavadas por Cannan, Robbins e Hayek, se encontravam proeminentes nomes da esquerda do pensamento britânico: além do próprio Sidney Webb, a LSE contava também com Richard Tawney (1880-1962), Clement Atlee (1883-1967), Graham Wallas (1858-1932), Hugh Dalton (1887-1962), e Harold Laski (1893-1950). Este, um dos mais populares nomes da academia britânica da época -- o próprio Hayek apontava Laski, em suas memórias, como um dos "melhores oradores" da LSE. Com status de intelectual público comparável talvez apenas ao de Keynes, Laski era, também, um dos principais antípodas de Hayek na LSE. Ou, como afirmado sem meias palavras por Hayek em suas memórias,

Harold Laski era quase uma piada, e eu nunca consegui aguentar Harold Laski, mas naquela época as pessoas o levavam a sério. Agora até mesmo seus companheiros do partido, mesmo antes de sua morte, não o levam a sério como pensador. Ele deve ter sido um jovem muito brilhante, mas quando eu o conheci ele não era.⁵³

(HAYEK, 1994)

Apesar da relação conturbada, Hayek e Laski manteriam um canal aberto de diálogo a partir de uma paixão comum por livros e literatura: “De certa forma, Laski e eu tínhamos algo

(Tradução nossa.)

53 No original: Harold Laski was almost a joke, and I could never take Harold Laski, but at that time people took him seriously. Now even his party fellows, even before his death, do not take him seriously as a thinker. He must have been as a very young man very brilliant, but by the time I knew him he was not. (Tradução nossa.)

em comum - éramos ambos ótimos colecionadores de livros -, mas fora isso não tínhamos, é claro, nada em comum. Nós quase não falávamos a mesma língua”. (HAYEK, 1994)

A eminência de Laski no debate público britânico, todavia, era assunto levado bastante a sério. Professor da LSE desde 1926, Laski havia chegado à escola em 1920. Junto a Keynes, ele era considerado, em sua época, um dos mais proeminentes pensadores do mundo social no mundo anglófono. Professor, escritor, e orador, a eminência de Laski como intelectual público se estendia por uma ampla esfera -- para além de sua popularidade como personalidade do debate de massas, ele era, também, um dos formuladores centrais à arquitetura do novo mundo que começava a ser desenhado com a dissolução dos regimes coloniais. Apesar de lançado a um relativo esquecimento, o social-democrata Laski foi um dos teóricos centrais à construção da nova ordem mundial pós imperial. Muitos dos líderes nacionalistas da África, Oriente Médio, e do subcontinente indiano envolvido em processos de independência após a Segunda Guerra Mundial (ao longo do século XX, o número de nações independentes se expandiu cerca de dez vezes) foram formados sob a esfera de influência de Laski, seja como alunos diretos, seja em meio a grupos informados pela sua obra.

O compromisso de Laski com a construção do pensamento como vetor de ação e da transformação da ordem social se manifestava, também, em iniciativas no front doméstico. Junto ao *publisher* Victor Gollancz (1893-1967), Laski foi um dos responsáveis por aquele que veio a ser o primeiro clube de livros moderno do mercado cultural britânico, o *Left Book Club* (NEAVILL, 1971). Criado em 1936, o *Left Book Club* articulava um claro sentido político a uma eficiente estratégia comercial. Pensada como uma plataforma a formar o público britânico para a luta contra o fascismo, a iniciativa previa o envio de um livro por mês aos seus assinantes, sempre a preços populares. O comitê editorial era formado por Gollancz, Laski e John Strachey (1901-1963). Os livros a circular pela rede de assinantes do *Left Book Club* tiveram significativo impacto na formação de uma nova cultura de esquerda britânica. As expectativas iniciais, de cinco mil assinantes, foram superadas logo após o lançamento da iniciativa. Já no primeiro mês, eram cerca de nove mil os membros a receber o primeiro livro publicado pela iniciativa: *France to-day and the people's front*, de Maurice Thorez (UNIVERSITY OF STIRLING). Em seu segundo lançamento mensal, em agosto de 1936, o *Left Book Club* publicou um de seus raros romances, *Days of Contempt*, de Andre Malraux, sobre a vida de um prisioneiro político na Alemanha.

Os livros do *Left Book Club* não eram postados pelos correios, mas distribuídos através de livreiros locais. A decisão tinha duplo impacto positivo: além do processo de retirada dos livros em balcão garantir a visita de possíveis compradores, os custos de

distribuição eram diminuídos de modo significativo. Em seu pico, em 1939, o número de participantes era de cinquenta e nove mil. O sistema de assinaturas era simples: os assinantes escolhiam um programa com duração inicial de seis meses, e se comprometiam a pagar uma mensalidade de “*two shillings and sixpence*” (NEAVILL, 1971). Isso daria aos membros o direito de retirar, em sua livraria local, um dos livros oferecidos a cada mês por Gollancz a partir de seu catálogo -- embora algumas das obras oferecidas pelo *Left Book Club* fossem já publicadas por Gollancz (ele era, à época, um bem estabelecido *publisher*), diversos títulos foram encomendados especialmente para a iniciativa.

Gollancz acreditava na formação política como elemento central de mobilização e transformação social, e estava convencido de que existia, na Inglaterra, um mercado potencial para a publicação de livros políticos. A noção do clube, portanto, tinha também um papel de mapeamento de mercado potencial -- através das assinaturas e da expansão da rede de divulgação, a iniciativa mantinha em vista o novo mercado que ajudava a construir. Existiam, ainda, planos alternativos: para os que não podiam pagar mensalmente, era oferecida a possibilidade de comprar livros em meses alternados (os títulos oferecidos, no caso, eram reduzidos, mas mantendo o cuidado de garantir acesso aos livros de maior apelo); um plano com um mínimo de quatro títulos anuais foi também oferecido após algum tempo, em 1938. Os preços desses planos eram distintos em relação ao do clube mensal. Para aquisições em meses alternados, o preço era *sixpence* mais caro; para os interessados em um mínimo de quatro títulos por ano, cada volume custava três *shillings* e *sixpence*. De todo modo, o cuidado com a satisfação de seus membros, e com a qualidade das obras, era uma obsessão de Gollancz. Após quatro meses, a encadernação dos títulos (apresentados com a capa laranja que viria a se tornar icônica) foi melhorada, pois Gollancz temia que edições em papel capa mole poderiam ser entendidas pelo público como insuficientes pelo preço cobrado.

A resposta ao *Left Book Club* veio numa iniciativa a delimitar espaços de modo bastante claro: o *Right Book Club*. Rodgers (2003), em investigação do *Right Book Club*, afirma que, embora a memória do *Left Book Club*, em sua capilaridade no debate público britânico, seja rememorada como a prototípica iniciativa literária dedicada à formação política do grande público, é importante recordarmos de uma iniciativa rival que, embora não tenha tido a mesma influência e pioneirismo, conseguiu se estabelecer como um consistente esforço comercial:

(...) Enquanto a Biblioteca Britânica carrega uma lista mais ou menos completa das publicações da LBC desde a sua fundação, em 1936, até

a sua liquidação, em 1948, o catálogo cita apenas um item do Right Book Club. No entanto, desde o seu lançamento, em 1937, ao longo crepúsculo dos anos 30 e nos anos de guerra e além, o Right Book Club ocupou um lugar distinto no cenário editorial como um locus de valores conservadores e, tão importante quanto, como um bem sucedido empreendimento empresarial.⁵⁴

(RODGERS, 2003)

De fato, o *Right Book Club* se estabeleceu como uma iniciativa a se sobrepôr, pelo menos em sua duração, ao *Left Book Club*. Enquanto o *Left Book Club* se estendeu até 1948, o *Right Book Club* chegou a funcionar nos anos 1950, deixando uma marca nos hábitos de leitura e na conformação do debate público e do mercado editorial popular inglês. Embora a iniciativa fosse de propriedade de W. A. Foyle, fundador e administrador da *Charing Cross Road* (uma das maiores livrarias londrinas), o comando do projeto era de sua filha, Christina, “que é talvez mais bem lembrada por seu papel de agente literária e empresária, e, é claro, em anos posteriores, como uma autocrata gerente em sua livraria familiar”. (RODGERS, 2003). A produção do *Right Book Club*, assim como a do *Left Book Club*, era direcionada ao universo de leitores “médios”, formados pelo sistema educacional e inseridos na disputa da opinião pública sob as novas dinâmicas da comunicação de massas. Um eixo a partir do qual o debate político se organizaria e se espraiaria nas novas linguagens do rádio, da publicidade e do cinema. Se a esquerda britânica do *Left Book Club* lançava mão das novas linguagens e plataformas do modernismo para disputar o imaginário público, os setores da direita se posicionavam em trincheiras opostas armados com arsenal similar:

Em várias entrevistas durante o curso de 1937, e em algumas reflexões quase cinquenta anos depois, Christina Foyle foi clara sobre o propósito do novo clube. Ela estava alarmada com o “fluxo de literatura comunista e semi-comunista... derramando-se das imprensas e ameaçando engolfar os membros mais sãos do público leitor”.⁵⁵

(RODGERS, 2003)

54 No original: (...) while the British Library carries a more or less complete list of the LBC’s publications from its founding in 1936 to its winding up in 1948, the catalogue cites only one item by the Right Book Club. 4 Yet from its launch in 1937, through the twilight years of the thirties and into the war years and beyond, the Right Book Club occupied a distinctive place in the publishing landscape as a locus of conservative values and, just as importantly, as a successful entrepreneurial venture. (Tradução nossa.)

55 No original: In several interviews during the course of 1937, and in some reflections nearly fifty years later, Christina Foyle was clear about the purpose of the new Club. She was, she said, alarmed by ‘the flood of communist and semi-communist literature . . . pouring forth from the printing presses and threatening to engulf the saner members of the reading public’. (Tradução nossa.)

De certo modo, ao menos no caso do *Left Book Club*, os receios de Christina Foyle não deixavam de se assentar em algo da realidade. Em seu último ano, em outubro de 1948, o *Left Book Club* somava 257 livros publicados. Embora, entre seus autores, a proporção de membros do *Labour Party* fosse considerável (especialmente os de sua ala mais à esquerda), o arco de escritores/as do *Left Book Club* cobria todo o espectro da esquerda britânica. As publicações, que cobriam compêndios com dados e informações, romances, peças de propaganda e obras de análise, conformavam um catálogo que, apesar de irregular, contou com alguns livros de perene importância. Destes, o mais notório, talvez, seja *Road to Wigan Pier* (1937/2001), de George Orwell (1903-1950), lançado em março de 1937. É a partir de *Road to Wigan Pier*, e das pistas que o livro oferece sobre experimentações de Orwell como intelectual público, ficcionista e experimentador a articular registros do jornalismo, da história, e das ciências sociais, que este trabalho buscará mapear, em investigação ensaística, as relações e sentidos delineados entre invenções narrativas e programas de transformação social e subjetiva. Na invenção de novos circuitos de construção de consensos e programas morais, e de mediação do debate público, novos programas de ruptura e invenção de um novo mundo serão galvanizados e circulados. Para entendermos essa história, sugiro um ponto de partida: a invenção do Manifesto.

3.2 Literatura, Manifestos

Considerada uma das principais obras publicadas pelo *Left Book Club*, *The Road to Wigan Pier* é um relato biográfico em que Orwell narra sua imersão no universo operário britânico. A obra é dividida em duas partes: na primeira, o autor registra as condições de vida da classe trabalhadora do norte da Inglaterra, a partir de um esforço investigativo em que circulará, anônimo, pelos espaços de um universo então invisível à análise política. Na segunda parte, um ensaio, Orwell buscará entender a identidade britânica a emergir das tensões cristalizadas pelo imperialismo (ele havia, afinal, servido junto às forças britânicas de segurança colonial durante a ocupação da Índia), e sua relação com as novas dinâmicas sociais engendradas pelo capitalismo industrial. No centro de seu argumento, Orwell tratará das dificuldades encontradas pelos socialistas para se relacionarem com uma classe operária que, no limite, seria hostil às suas ideias. Dialogando com elementos de análise conjuntural e, em sintonia com o clima do modernismo britânico, articulando noções de imaginário e linguagem a um então ascendente debate da cultura, Orwell apontará ao que seria um ponto falso entre as forças institucionais da esquerda e o grupo que, segundo ele, seria naturalmente

mais permeável às suas ideias. Em sua argumentação, Orwell lançará mão, reiteradamente, de suas próprias memórias e experiências de formação e prática política, buscando, a partir daí, mapear relações, afetos e imaginários colocados em movimento em sua vida subjetiva. O exercício de "tentar viver sob a pele", tanto de seu objeto de estudo (na primeira metade do livro), quanto de sua própria (especialmente na segunda metade da obra, onde parte a uma autoanálise de sua atuação como socialista em contraposição às condições de sua formação material e subjetiva), sugeriria, no esforço experimental-ensaístico de Orwell, algo que poderia, no entendimento de Rae (2008), ser associado à noção de uma "antropologia modernista": um gênero que, em sua completa ciência do papel da linguagem como elemento, ao mesmo tempo, de definição de observador e observado -- e, simultaneamente, de estranhamento mútuo -- lançaria a crítica do modernismo no mesmo universo modernista do qual tentaria se descolar. De fato, há em *The Road to Wigan Pier* um entrelaçamento entre experimentação linguística, debate intertextual, e modulação entre observações da vida material e subjetiva (numa dinâmica a apontar a outras investigações modernistas da vida urbana ou social, como o *Ulysses*, de James Joyce, ou *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf) que não fariam do livro algo fora do lugar em uma estante modernista. O papel da literatura, e dos debates e sensibilidades levados a cabo pelos autores e circuitos de disseminação das letras na Inglaterra do início do século XX, será um dos pontos a mobilizar, especialmente, sua atenção:

Assim, aos dezessete ou dezoito anos, eu era ao mesmo tempo esnobe e revolucionário. Eu era contra toda autoridade. Li e reli todos os trabalhos publicados de Shaw, Wells e Galsworthy (naquela época ainda considerados escritores perigosamente "avançados") e descrevi-me vagamente como um socialista. Mas eu não entendia muito bem o que o socialismo significava, e não tinha noção alguma de que a classe trabalhadora fosse composta de seres humanos. À distância, e por meio de livros - O Povo do Abismo, de Jack London, por exemplo -, eu podia sofrer com os sofrimentos deles, mas ainda os odiava e os desprezava quando chegava perto deles. Eu ainda estava revoltado com o sotaque deles e enfurecido com sua grosseria habitual.⁵⁶

56 No original: Hence, at the age of seventeen or eighteen, I was both a snob and a revolutionary. I was against all authority. I had read and re-read the entire published works of Shaw, Wells, and Galsworthy (at that time still regarded as dangerously 'advanced' writers), and I loosely described myself as a Socialist. But I had not much grasp of what Socialism meant, and no notion that the working class were human beings. At a distance, and through the medium of books – Jack London's *The People of the Abyss*, for instance – I could agonize over their sufferings, but I still hated them and despised them when I came anywhere near them. I was still revolted by their accents and infuriated by their habitual rudeness. (Tradução nossa.)

(ORWELL, 1937/2001)

No trecho, Orwell busca, em sua própria juventude, o que seria a matriz para o entendimento de uma desconexão latente: o universo ideológico e imaginário do socialismo acalentado pela pequena burguesia britânica seria incapaz, para ele, de criar vínculos orgânicos, transformadores, com as classes trabalhadoras. Que, em meados dos anos 1930, estaria, segundo Orwell, perigosamente sob o arco de influência do fascismo.

A classe trabalhadora britânica, na observação orwelliana, se deslocaria assim, de tempos em tempos, entre as posições de “nação estrangeira” e de “povo colonizado”, conforme a matriz a informar as impressões de Orwell -- por vezes, de completo estranhamento e certa repulsa aos hábitos da classe trabalhadora; por outras, como sujeitos de uma prática de sujeição que, moldada pelas tradições coloniais, seria a eles imposta pelos hábitos de convivência da burguesia britânica. Apoiadas sobre uma pressuposta superioridade civilizatória de seus operadores, as relações de poder do imperialismo britânico seriam, ainda, uma poderosa força de mobilização social e transmissão de costumes no universo social inglês. Frente à latente desumanização e alienação social a permear a sociedade britânica, Orwell sugere que o imaginário socialista e o programa de transformação social levados a cabo pelos operadores da cultura, seriam -- ainda que de inegável energia nos universos da estética e dos costumes -- insuficientes para mobilizar as necessárias transformações estruturais. Ou, como sugerido por Rae (2008), “Orwell vê seus colegas “de esquerda” como mantendo tenazmente a diferença de classe, mesmo quando expressam suas mais profundas simpatias pelas vítimas do outro lado da divisão de classes.”.

É interessante, de todo modo, lembrar que o esforço de observação “sob a pele” empreendido por Orwell em *The Road to Wigan Pier* tinha sido, alguns anos antes, levado a cabo por ele em outro livro (que veio a se tornar um de seus mais famosos): *Down and Out in Paris and London* (1933). Do mesmo modo, na passagem em que Orwell resgata sua memória de associação ao Socialismo como mediada pelo mercado de ideias literário (os *fabianos* H. G. Wells e George Bernard Shaw, em suas obras completas “lidas e relidas”, teriam tido papel central na construção do “imaginário socialista” mobilizado pelo jovem Orwell), há, não sem motivo, uma citação à obra que décadas antes, teria antecipado -- e possivelmente inspirado -- tanto o livro de 1933, como o lançado pelo *Left Book Club: The People of the Abyss*, de 1903 (O Povo do Abismo), escrito por Jack London (1876-1916). Na obra, o autor estadunidense -- e socialista militante -- se lança a uma investigação da classe operária inglesa em meio à emergência da nova economia fabril e da transformação dos

espaços urbanos. O esforço de registro de London, de contornos realistas, se insere em tradição a dialogar com crônica jornalística. Em seu tom e nos contornos da documentação levada a cabo por London, a obra sugere um diálogo com alguns de seus livros posteriores, como *The Iron Heel*, de 1908, e *The Scarlet Plague*, de 1912: trabalhos em que, apesar de ficcionais, London sugerirá, a partir da observação e crítica social, diagnósticos políticos incisivos articulados a um chamado à ação. Elementos que também Orwell, em ficções como *Animal Farm* (1945) e *1984* (1949), acionará, articulando alegoria, crítica política, e ativismo.

O expediente da ficção especulativa como elemento de investigação crítica e de demarcação programática se estabelecerá, em verdade, como um poderoso ponto de confluência a aproximar o embate ideológico do entreguerras à conformação da imaginação pública. Dois dos principais intelectuais públicos dos anos 1920, o britânico Aldous Huxley (1894-1963) e o russo Evgeny Zamyatin (1884-1937), delinearão, em obras que se tornarão canônicas, *Brave New World* (1932 /2007) (do primeiro) e *We* (1924/1993) (do segundo), as regras de uma moderna produção narrativa que, ecoando as alegorias políticas fundadas por Francis Bacon (1561-1626) e Thomas Morus (1478-1535), gravitarão em torno da tensão entre utopia e distopia.

A discussão proposta por Orwell, sobre a desconexão entre construção do imaginário público e real transformação política e econômica, pré-data o diagnóstico que, décadas depois, Berman (1982) fará sobre o processo de transformação social colocado em movimento pela Modernidade. Gravitando em torno de Karl Marx (1818-1883) – outro autor que, como Huxley e Zamyatin, se debruçará sobre a relação entre as condições de seu tempo e os prognósticos à construção (ou à imposição histórica) de novas ordens utópicas ou distópicas –, Berman se lançará à costura de uma conexão entre o que ele entende como duas dimensões (falsamente) estabelecidas como estanques: “”modernização” na economia e política, “modernismo” nas artes, cultura e sensibilidade””. (BERMAN, 1982 p. 88) Para Berman, chamaria a atenção, especialmente, uma corrente noção de incompatibilidade entre a noção de um “imaginário modernista” e a produção literária de Marx (assentada, usualmente, no compartimento dedicado à noção de “modernização” como elemento essencial à noção de economia política).

A cultura e a consciência modernistas remontam frequentemente à sua geração, a geração dos anos 1840 - a Baudelaire, Flaubert, Wagner, Kierkegaard, Dostoiévski -, mas o próprio Marx não classifica nem mesmo um ramo na árvore genealógica (...). E ainda assim, quanto mais nos aproximamos do que Marx realmente disse, menos esse dualismo faz sentido.

(BERMAN, 1982, p. 88-89)

O elemento de conexão, para Berman, estaria em uma invenção literária que, sob a vista de todos, transformaria não apenas a relação entre economia política, linguagem e imaginário -- mas o próprio modo como as artes se confundiriam com os projetos de transformação social dali para a frente: *o manifesto*.

Se seguirmos essa visão modernista de "derretimento", a encontraremos ao longo das obras de Marx. Em toda parte, ele puxa como uma ressaca contra as visões marxianas mais "sólidas" que conhecemos tão bem. Isso é especialmente vívido e marcante no Manifesto Comunista. De fato, isso abre toda uma nova perspectiva sobre o Manifesto como o arquétipo de um século de manifestos e movimentos modernistas que estão por vir. O Manifesto expressa alguns dos insights mais profundos da cultura modernista e, ao mesmo tempo, dramatiza algumas de suas mais profundas contradições internas.⁵⁷

(BERMAN, 1982, p. 89)

Embora manifestos existissem anteriormente ("O manifesto como concebido por Marx e Engels toma emprestado da história de folhetos revelatórios, como os escritos por Münzer e Winstanley; usa o projeto emancipatório da filosofia do Iluminismo; e baseia-se nos atos ocultos de instituir direitos de declarações" (PUCHNER, 2005, p. 19)), a síntese de agenciamento da imaginação pública, invenção literária, e mobilização de novos circuitos da produção e circulação da cultura terão no Manifesto Comunista seu marco fundador, emergindo "como um gênero distinto, um conjunto adicional de atos e circunstâncias" (PUCHNER, 2005, p. 19).

Harvey sugere que 1848, e especialmente os eventos revolucionários a se espalharem a partir de Paris, aponta a um momento de virada, uma "ruptura radical na economia política, na vida e na cultura parisienses" que se espalhariam em ondas de choque pela Europa. E, ao mesmo tempo que, à distância, Marx sentia os ecos dos eventos na França (ele havia visitado Paris em março de 1848), as influências do país sobre sua obra intelectual poderiam ser traçadas a tempos anteriores. Se "os eventos de eventos de 1848-1851 em Paris viriam a ser uma epifania sem a qual sua virada para um socialismo científico seria impensável"

⁵⁷ No original: If we follow this modernist "melting" vision, we will find it throughout Marx's works. Everywhere it pulls like an undertow against the more "solid" Marxian visions we know so well. It is especially vivid and striking in the Communist Manifesto. Indeed, it opens up a whole new perspective on the Manifesto as the archetype of a century of modernist manifestos and movements to come. The Manifesto expresses some of modernist culture's deepest insights and, at the same time, dramatizes some of its deepest inner contradictions. (Tradução nossa.)

(HARVEY, 2015), é também fato que pensadores franceses como Saint-Simon, Louis Blanqui e Étienne Cabet foram essenciais à investigação intelectual que se galvanizaria no marxismo; porém foi na obra de um literato, Balzac, que as articulações entre poder, economia e cultura teriam se desvelado como dimensões interconectadas, e interdependentes, da nova vida engendrada pela modernidade:

Paul Lafargue, genro de Marx, comentou que a admiração deste por Balzac “era tão profunda que ele planejava escrever uma crítica de A Comédia Humana assim que terminasse seus estudos de economia”[17]. Na opinião de Marx, toda a obra de Balzac era presciente sobre a evolução futura da ordem social.

(HARVEY, 2015)

Antes mesmo de Baudelaire apontar, em suas crônicas dos salões de Paris de 1845 e 1846, às transformações nos códigos da subjetividade e da vida urbana a emergir nos novos registros do espaço e do tempo impressos nas artes visuais, Balzac já havia lançado mão de elementos da literatura (sintetizados na figura balzaquiana do *flâneur*) para documentar o "crescimento rápido e aparentemente caótico de Paris no início do século XIX tornava a vida na cidade difícil de decifrar, decodificar e representar," dedicando-se a colocar "os mitos da modernidade sob o microscópio e usado a figura do *flâneur* para fazê-lo" (HARVEY, 2015).

Escrevendo no rescaldo de revoluções -- e esperando pela sua continuidade -- o Manifesto de Marx colocará em movimento uma linguagem de ruptura e mudança, que acompanhará o ímpeto modernista de reconstrução subjetiva e material pelas décadas -- e séculos -- seguintes. Como lembra Berman (1982), “Marx está escrevendo em um momento histórico em que, especialmente na Inglaterra e na França (o Manifesto realmente tem mais a ver com eles do que com a Alemanha do tempo de Marx), o desencantamento com o capitalismo é penetrante e intenso e quase pronto para inflamar formas revolucionárias”.

Publicado inicialmente em Londres, em 1848, sem indicação de autoria – o texto, em alemão, seria sugerido como uma manifestação da Liga Comunista, numa sugestão algo performática de autoria coletiva revolucionária e de unidade dos trabalhadores) – o Manifesto Comunista aponta, desde sua gênese, às forças de invenção e internacionalização a se desenharem na segunda metade do século XIX.

Devido aos esforços gigantescos de Bert Andréas e do publisher comunista italiano Feltrinelli, uma história da circulação do Manifesto de 1848 a 1918 pode ser baseada em um conjunto substancial de dados. Andréas distingue entre (1) edições parciais e

completas, (2) citações substanciais e (3) edições planejadas e provavelmente falhas e traduções. Esses dados confirmam a afirmação menos consistente de Engels sobre o Manifesto ter se tornado, cada vez mais, um índice de atividade revolucionária. O primeiro período foi de 1848 e 1852, com dez edições, quinze extrações e quatorze tentativas de edições. Os oito anos seguintes, de 1853 a 1863, marcam o período de menor atividade, com apenas mais uma edição e uma tentativa de edição; durante este tempo, o Manifesto existe quase exclusivamente através de doze extrações e citações.

(...)

O tempo da Primeira Internacional, desde a sua formação em 1864 até à sua morte no rescaldo da queda da Comuna de Paris no início da década de 1870, marca um quarto período de atividade moderada, com 15 novas edições, 3 tentativas de edições e 33 extrações. Em contraste com o primeiro período, a proporção entre edição e citação aumentou; enquanto anteriormente 10 edições levaram a apenas 15 citações, agora 15 edições levam a 33 citações.⁵⁸

(PUCHNER, 2005. p. 36-37)

Em sua jornada de construção de imaginários coletivos e de reconfiguração da linguagem como energia de desenvolvimento e transformação, o Manifesto se estabeleceu como "um dos mais impressos, traduzidos, e circulados textos na história, um exemplo de literatura mundial" (PUCHNER, 2005). Puchner lembra que

Mais do que apenas um índice, a distribuição do Manifesto acompanha os períodos de reviravolta revolucionária de 1848, 1871, 1905 e 1917, durante os quais também aumenta acentuadamente, primeiro através de extrações citadas e edições fracassadas, mas cada vez mais através de edições e traduções bem-sucedidas do próprio Manifesto⁵⁹

58 No original: Due to the gargantuan efforts of Bert Andréas and the communist Italian publisher Feltrinelli, a history of the Manifesto's circulation from 1848 to 1918 can be based on a substantial data pool. Andréas distinguishes between (1) partial and complete editions, (2) substantial citations, and (3) planned and probably failed editions and translations. These data confirm Engels's weaker claim that the Manifesto increasingly became an index of revolutionary activity. The first such period extended from 1848 and 1852, with ten editions, fifteen extractions, and fourteen attempted editions. The next eight years, from 1853 to 1863, mark the period of least activity, with only one more edition and one attempted edition; during this time, the Manifesto exists almost exclusively through twelve extractions and quotations.

(...)

The time of the First International, spanning from its formation in 1864 to its demise in the aftermath of the fall of the Paris Commune in the early 1870s, marks a fourth period of moderate activity, with 15 new editions, 3 attempted editions, and 33 extractions. In contrast to the first period, the ratio between edition and quotation has increased; whereas previously 10 editions led to only 15 quotations, now 15 editions lead to 33 quotations. (Tradução nossa.)

59 No original: More than just an index, the distribution of the Manifesto tracks the periods of revolutionary upheaval of 1848, 1871, 1905, and 1917, during which times it also increases steeply,

(PUCHNER, 2005. p. 38)

O Manifesto demarca a síntese entre Modernização e Modernismo proposta por Berman (1982), também, ao articular a emergente indústria editorial à mobilização social e aos movimentos de transformação político-econômica. Berman lembra que, para além da narrativa histórica e da intenção formativa das massas, há, na escultura de sons, imagens e ritmos narrativos do manifesto, uma vertigem no modo como busca lançar o leitor não apenas à racionalização do processo de transformação capitalista, mas à própria sensação de velocidade e circulação. É essa ruptura, e a inevitável tensão entre seus protagonistas, que o manifesto buscará projetar do imaginário público ao mundo real, colocando em movimento um novo movimento de transformação. Se, como Foucault (2008) sugere, há no marxismo uma noção da modernidade capitalista como ruptura, é no Manifesto, e em suas imagens, que esse imaginário se fundirá à percepção pública:

A prosa de Marx torna-se subitamente luminosa, incandescente; imagens brilhantes se sucedem e se misturam; somos arremessados junto a um ritmo impulsivo, uma intensidade sem fôlego. Marx não está apenas descrevendo, mas evocando e encenando o andar desesperado e o ritmo frenético que o capitalismo transmite a todas as facetas da vida moderna. Ele nos faz sentir que somos parte da ação, atraídos para o fluxo, arremessados, fora de controle, ao mesmo tempo deslumbrados e ameaçados pela corrida adiante.⁶⁰

(BERMAN, 1982. p. 91)

Ecoando Berman, Puchner (2005, p. 06) lembra que o imaginário e os novos dispositivos de linguagem colocados em movimento pelo Manifesto terão “imprevisível impacto e reações no Modernismo quando ele é transportado além de suas origens através de traduções, viagens e adaptações”. Do mesmo modo, Perloff (1984) lembrará dos expedientes gráficos e literários acionados por Marx e Engels em seu Manifesto -- fontes destacadas, aforismos, numeração textual -- que apontariam às invenções encontradas em novas linguagens como a publicidade.

first through quoted extractions and failed editions, but increasingly through successful editions and translations of the Manifesto itself. (Tradução nossa)

60 No original: Marx's prose suddenly becomes luminous, incandescent; brilliant images succeed and blend into one another; we are hurtled along with a reckless momentum, a breathless intensity. Marx is not only describing but evoking and enacting the desperate pace and frantic rhythm that capitalism imparts to every facet of modern life. He makes us feel that we are part of the action, drawn into the stream, hurtled along, out of control, at once dazzled and menaced by the onward rush. (Tradução nossa.)

Gay (2010) lembra que o caldo de cultura do que viria a ser entendido como modernismo é inseparável das transformações econômicas que viriam a transformar os estados-nação entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX. O sistema fabril e a emergência da produção – e, principalmente, do consumo – de massas seria o fenômeno essencial à construção de um novo hábito de consumo das artes e das manifestações da cultura. Um mundo em que

invenções como a máquina de escrever, o cabo do Atlântico, o telefone permaneciam como agentes do capitalismo em uma máquina criadora de riqueza que ampliava enormemente os círculos das florescentes classes médias na Europa e nos Estados Unidos. Um número incontável de burgueses participava animadamente de exposições de arte com dólares, libras e francos soltos em seus bolsos.⁶¹

(GAY, 2010)

Se Marx e Engels apontavam, no *Manifesto Comunista*, a uma aceleração e recomposição das experiências do espaço e do tempo, a expansão das ferrovias e do telégrafo reorganizavam o entendimento dos territórios e dos circuitos econômicos. Aos novos instrumentos de operação da economia e da dimensão imaterial do financismo, se articulavam, nas proposições de Freud, as descobertas sobre o universo subjetivo e de coordenação das energias psíquicas dos indivíduos (motivo pelo qual, afinal, Gay verá em Marx e Freud algo como dois patronos informais da racionalidade e do imaginário modernistas). Em diálogo com essa dinâmica de transformação econômica, invenção cultural e reelaboração subjetiva, Cohen (2004) sugerirá, para a investigação dos grupos de *avant-garde* como construções sociais, uma categorização a desenhar o papel de suas lideranças constituintes sob a seguinte taxonomia:

Quem eram esses líderes modernistas cujas características foram tão impressas em sua identidade do grupo? (...) eles podem ser agrupados em aproximadamente quatro tipos sobrepostos: (1) líderes como Filippo Marinetti, Ezra Pound e Wassily Kandinsky, que eram eles mesmos artistas sérios e que tipicamente organizavam o grupo em torno de princípios estéticos que eles estavam desenvolvendo em sua própria arte; (2) empresários e galeristas como Herwarth Walden, Alfred Stieglitz e Serge Diaghilev, que organizavam performances, exposições e apresentações (muitas vezes em suas próprias galerias),

61 No original: inventions like the typewriter, the Atlantic cable, the telephone stood as agents of capitalism in a wealth-creating machine that enormously enlarged the circles of the flourishing middle classes in Europe and the United States alike. Untold numbers of bourgeois earnestly attended art exhibitions with dollars, pounds, and francs loose in their pockets. (Tradução nossa.)

ou eram editores e publishers de revistas modernistas -- todos atraíram um "círculo" de artistas distinto e coeso; (3) artistas-pedagogos, como Arnold Schoenberg, cujo grupo compreendia seus alunos ou discípulos; e (4) "líderes locais": organizadores de clubes (Kurt Hiller), salões (Mabel Dodge, Alexandre Marcereau) e grupos de discussão de estúdio (Jacques Villon), se o grupo possuísse uma identidade e orientação estética razoavelmente distinta e consistente, ou produzisse coletivamente suas próprias obras.⁶²

(COHEN, 2004. p. 63-64)

Embora a proposição taxonômica de Cohen pareça esquemática, ela pode ser útil, em todas suas limitações, para delinear alguns primeiros traços comuns e interfaces entre os circuitos de elaboração intelectual e produção artístico-cultural a se desenharem pelo continente europeu na primeira metade do século XX. Se há, em alguns dos traços demarcados por Cohen, pontos de conexão com as proposições de Dekker a respeito dos *kreiss* como formações a dialogar com as estruturas das *avant-gardes*, a centralidade do papel das lideranças nessas novas formações apontará, também, às proposições de Williams a respeito dos movimentos duplos a animar formações e movimentos: “a organização interna de uma particular formação; e suas relações propostas e reais em relação a outras organizações no mesmo campo e em relação à sociedade de modo geral” (WILLIAMS, 1981. p. 68). Um movimento ao mesmo tempo “para dentro” e “para fora” que Cohen (2004) sintetizará do seguinte modo:

Se os líderes precisavam de grupos para realizar suas compulsões estéticas e seus impulsos megalomaniacos, os grupos obviamente precisavam de líderes, os dínamos visionários que organizavam o grupo, davam-lhe um propósito, geralmente uma afiliação; que organizasse suas exposições, publicações e apresentações; que divulgasse e moldasse sua persona pública; e que liderasse em um combate verbal, e às vezes físico, nesses mesmos eventos. Acima de tudo, a energia e a visão do líder davam ao grupo sua identidade, sua lógica, seu ímpeto.⁶³

(COHEN, 2004. p. 63-64)

62 No original: Who were these modernist leaders whose features so impressed themselves into the group's identity? (...) they can be grouped into roughly four overlapping types: (1) leaders like Fillipo Marinetti, Ezra Pound and Wassily Kandinsky, whoe were themselves serious artists and who tipically organized the group around aesthetic principles they were evolving in their own art; impresarios and gallery owners like Herwarth Walden, Alfred Stieglitz, and Serge Diaghilev who arranged performances, exhibitions, and presentations (often at their own galleries), or were editors and publishers of modernist journals -- all of whom attracted a distinct and cohesive "circle" of artists; (3) artist-pedagogues, like Arnold Schoenberg, whose group comprised their students or disciples; and (4) "locale leaders": organizers of clubs (Kurt Hiller), salons (Mabel Dodge, Alexandre Marcereau), and studio discussion groups (Jacques Villon), if the group possessed a fairly distinct and consistent identity and aesthetic orientation, or collectively produced works of its own. (Tradução nossa.)

O ambiente a se delinear nas formações de *avant-garde* aparenta ter deixado, de algum modo, marcas profundas no ambiente intelectual europeu (e, de certo modo, sugerem parentesco com as formações que, na economia política, se sedimentariam na ideia de *think tank*). Se os *kreiss* vienenses se desenhariam apenas na década seguinte ao mapeamento proposto por Cohen, a energia social a se organizar em tensionamentos e rupturas – uma característica que, em razoável extensão, viria a definir o Modernismo (COHEN, 2004; GAY, 2010; WILLIAMS, 1981) – não chegaria a apagar nexos, dinâmicas e programas a se impor, em maior ou menor grau, através das décadas. Um ponto de conexão a exemplificar esses vetores, articulando a invenção do manifesto no século XIX à emergência das *avant-gardes* e dos programas radicais de ultrapassagem histórica do século XX, pode ser encontrado naquele que, para Perloff (2003), encapsularia os sentidos sociais, artísticos e políticos do modernismo europeu: o Futurismo de Marinetti. E, de fato, Dekker (2018) chegará a encontrar em Schumpeter (personagem essencial à conformação do universo político e econômico austríaco das primeiras décadas do século XX), e em suas elaborações sobre a força do capitalismo como mobilizador de energias de destruição e renovação essenciais à construção e renovação de arquiteturas sociais (e em seu desdobramento, após o esgotamento das energias de transformação capitalistas, numa inevitável ascensão do socialismo), traços a informar a capilaridade e a influência do imaginário modernista de Filippo Tommaso Marinetti no debate continental.

Assim como a Viena da infância e juventude de Hayek, a Milão do italiano Marinetti era, também, um espaço em transformação pelo turbilhão da modernidade. Mas, ao contrário de Viena, coração de um império a atrair algumas das mais potentes forças do pensamento germânico, Milão era, ainda, um ponto periférico ao grande debate continental. Uma condição que, recorda Williams (2007), a lançaria, paradoxalmente, à condição de protagonismo no novo século modernista. Sob as novas forças da economia, da política e da tecnologia, as antigas periferias do ocidente europeu se apresentariam, ao mesmo tempo, como as mais essencialmente submetidas às forças da modernidade, e como os grandes laboratórios à formulação, emergência, e consolidação de novas organizações sociais -- na nova cidade continuamente demolida e reconstruída pela modernidade, nas novas experiências do espaço e

63 No original: If leaders needed groups to realize their aesthetic compulsions and megalomaniacal impulses, groups obviously needed leaders, the visionary dynamos who organized the group, gave it a purpose, a program, often a membership; who arranged its exhibitions, publications, and presentations; who publicized it and shaped its public persona; and who led it into verbal and sometimes physical combat at these same events. Most of all, the leader's energy and vision gave the group its identity, its rationale, its momentum. (Tradução nossa.)

do tempo, e no inevitável choque entre os diferentes espaços da cultura mobilizados pelo intercâmbio e pela migração. É desse mirante do universo europeu, informado pelo estranhamento de grupos e idiomas a se encontrarem e se reinventarem em sua diferença, e na ambivalente relação entre diferença de acesso e fascínio pelas novas tecnologias que transformavam a cognição e o entendimento do universo material, que Marinetti refinará, em seu *Manifesto Futurista*, a onda de impacto modernista encapsulada nos Manifestos.

Capa do diário francês Le Figaro, de 20 de fevereiro de 1909. Na coluna da lateral esquerda, a publicação do Manifesto Futurista, de Filippo Tommaso Marinetti.

Fonte: Catálogo online da Exposição Le Futurisme à Paris - Une avant-garde explosive. Centre Pompidou, 2008-2009.

Publicado na edição de 20 de fevereiro de 1909 do jornal *Le Figaro*, sob o título "*Le Futurisme*" (como o *Manifesto Comunista*, o manifesto de Marinetti, escrito por um italiano e publicado em um diário francês, traz, também, o marco de um novo internacionalismo), a peça escrita por Marinetti oferecerá, numa inédita linguagem a mobilizar imagens de poesia e violência, de destruição e comunhão, as diretrizes de um projeto intelectual que servirá à dupla função, artística e política: é, ao mesmo tempo, um chamado à ação para a forja de uma nova estética da arte e, ato contínuo, à própria reconfiguração do mundo real e das estruturas construídas pelas forças do pensamento, da economia e da política. O texto, curto, engendrará o ritmo, as regras e o horizontes da "arte de fazer manifestos"; uma receita que, como resgata Perloff (1984) em sua investigação sobre o Futurismo, é ditada pela intenção de "violência e precisão."

Marinetti escreve, então, de um mundo em movimento, feito em pedaços e reconfigurado pelas forças da Modernidade que, no Manifesto de Marx, eram ainda vultos no horizonte. Se o Manifesto Comunista é eco de um tempo de revoluções, numa expectativa da transformação do real sob as forças da modernidade, o Manifesto Futurista é o eco da própria transformação do real prevista por Marx. Profundamente transformada na primeira década do século XX, a Milão de Marinetti era "uma cidade de bancos, teatros, lojas de departamentos e salões de música, nos quais antigos prédios eram rapidamente demolidos para que grandes estradas pudessem ser cortadas pelo centro urbano. As ruas eram iluminadas por lâmpadas e tinham tráfego pesado: ônibus, bondes, automóveis, bem como as familiares bicicletas, estavam por toda parte."⁶⁴ (PERLOFF, 2009) É em eco a esse novo mundo, portanto, que Marinetti imagina, inicialmente, os títulos de "*Elettricismo*", ou "*Dinamismo*" para seu manifesto -- uma narrativa que, em suas imagens e ideias, "nos prepara para a violência, força, energia" (PERLOFF, 2009).

Se Marx era um pensador da economia política que se assentaria sobre as invenções da literatura e do mercado editorial para mobilizar o imaginário social em torno de seu projeto, Marinetti se apresentava como um poeta que, mobilizando as forças do pensamento político e das instituições, injetaria na própria linguagem o poder de transformar a realidade. Marinetti, é importante lembrar, era um acadêmico da teoria política (autor de uma tese de doutoramento sob o título "*La corona e il governo parlamentare*", ele havia, entre 1885 e 1899, se dedicado à pesquisa sobre legislação e política institucional); um interessado no anarcossindicalismo

⁶⁴ No original: a city of banks, theatres, department stores, and music halls, in which old buildings were rapidly demolished so that large roads could be cut through the urban center. Streets were illuminated with powerful arc lamps and bore heavy traffic: buses, trams, automobiles, as well as the familiar bicycles were everywhere (...) (Tradução nossa.)

que, ao se lançar a um programa para “livrar a Itália do papado e o que seria entendido como a inércia e impotência da democracia parlamentar” (BERGHAUS, 2009), ofereceria uma nova, radical interpretação das ideias a orbitar o moderno pensamento europeu:

Os primeiros escritos de Marinetti o revelam como um admirador do individualismo radical de Nietzsche e do conceito dinâmico de Bergson sobre o universo. Há indícios de que ele estudou Marx e Engels, Bakunin e Kropotkin. A teoria da violência de Georges Sorel tornou-se uma influência duradoura em seus pontos de vista políticos, assim como o conceito de ação revolucionária promovido pelo teórico sindicalista Fernand Pelloutier.⁶⁵

(BERGHAUS, 2009)

Ao lançar mão das novidades apresentadas por Marx, Marinetti servirá como eixo à conformação do imaginário político e estético de *avant-gardes* que, em graus variados de radicalidade, se propõem a reconstruir a arquitetura psíquica de uma nova humanidade a emergir dos processos de modernização. Ou, em sua variedade mais *total*, à própria reconstrução do mundo real. Como aponta, afinal, Berghaus (2009): “O futurismo foi um movimento de arte que visava nada menos que uma total reformulação das condições sociais e políticas prevalentes na Itália e uma revolução permanente em todas as esferas da existência humana”. E, se as imagens conjuradas por Marx e Engels propunham uma janela à forja de um novo mundo real ao dizer que:

Um movimento similar está acontecendo diante de nossos próprios olhos. A sociedade burguesa moderna, com suas relações de produção, de troca e de propriedade, uma sociedade que conjurou meios gigantescos de produção e de troca, é como o feiticeiro que não é mais capaz de controlar os poderes do mundo inferior que ele chamou por seus feitiços.⁶⁶

(MARX & ENGELS, 1848/2002)

Marinetti, em suas imagens de vertigem e velocidade, propunha aos feiticeiros do mundo que se lançassem sem temor ao limiar da destruição transformadora:

65 No original: Marinetti's early writings reveal him as an admirer of Nietzsche's radical individualism and Bergson's dynamic concept of the universe. There are indications that he studied Marx and Engels, Bakunin and Kropotkin. Georges Sorel's theory of violence became a lasting influence on his political viewpoints, as did the concept of revolutionary actionism promoted by the Syndicalist theorist Fernand Pelloutier (Tradução nossa.)

66 No original: A similar movement is going on before our own eyes. Modern bourgeois society, with its relations of production, of exchange and of property, a society that has conjured up such gigantic means of production and of exchange, is like the sorcerer who is no longer able to control the powers of the nether world whom he has called up by his spells. (Tradução nossa.)

Nós estamos no promontório extremo dos séculos!... Por que haveremos de olhar para trás, se queremos arrombar as misteriosas portas do Impossível?

O Tempo e o Espaço morreram ontem. Nós já estamos vivendo no absoluto, pois já criamos a eterna velocidade onipresente.

(MARINETTI, 1909/2013)

Há, em ambos, embora falando de pontos distintos da “grande estrada revolucionária”, a mesma síntese entre cognição, linguagem e cultura (Modernismo), e transformação tecnológica, burocrática e comunitária (Modernização):

Marx expõe as polaridades que moldarão e animarão a cultura do modernismo no século vindouro: o tema dos desejos e impulsos insaciáveis, a revolução permanente, o desenvolvimento infinito, a criação e a renovação perpétuas em todas as esferas da vida; e sua antítese radical, o tema do niilismo, a destruição insaciável, o estilhaçamento e o engolir da vida, o coração das trevas, o horror.⁶⁷

(BERMAN, 1982)

A partir do Manifesto Futurista, o manifesto como forma literária tomará a linha de frente das *avant-gardes* a emergir do mundo em constante reconstrução pelas forças da modernidade, tornando-se a peça definitiva do arsenal modernista: “Assim como Nietzsche criou sua mistura única de polêmica, ficção e profecia, e Wittgenstein seu *Tractatus* similar ao manifesto, Marx também criou uma nova forma de escrita teórica” (PUCHNER, 2005. p. 27).

Essa vida dupla, como carta de intenções dos movimentos da economia e da política, e como experimento/proposição à construção de novas formas de cognição e linguagem pelas frentes da arte e da cultura, se realizará em cruzamentos recorrentes a nublar as aspirações *modernizantes* da economia política, e *modernistas* das rupturas estéticas. Publicado na França, transmitindo as energias latentes e as novas ideias a emergir das metrópoles de um ponto a outro, o *Manifesto Futurista* é a essencial peça de imaginação transformadora modernista. Se, em suas sugestões imagéticas, as noções de velocidade e movimento mobilizarão a imaginação e a produção cultural de literatos, artistas gráficos e escultores, o sentido de uma modernização essencial, total, da ordem social a partir da dissolução da subjetividade do indivíduo e de sua rendição à máquina, à força da tecnologia, e ao fluxo

⁶⁷ No original: Marx lays out the polarities that will shape and animate the culture of modernism in the century to come: the theme of insatiable desires and drives, permanent revolution, infinite development, perpetual creation and renewal in every sphere of life; and its radical antithesis, the theme of nihilism, insatiable destruction, the shattering and swallowing up of life, the heart of darkness, the horror. (Tradução nossa.)

coletivo, servirão para animar as forças da cultura e da política fundamentais à emergência do fascismo (GENTILE, 1994; PAXTON, 2004; PERLOFF, 2003). Ao *Manifesto Futurista*, seguiram, sob autoria de nomes diversos, chamados à ação abrangendo espaços variados de organização da vida. Em 1910, era publicado o *Manifesto dos Pintores Futuristas*; em 1911, o *Manifesto dos Musicistas Futuristas e o Manifesto dos Dramaturgos Futuristas*; em 1912, o “*Manifesto Técnico*” da *Literatura Futurista*; em 1913, o *Manifesto Futurista do Traje Masculino*; em 1914, *A Arquitetura Futurista*; e, em 1915, o movimento posto em ação por Marinetti completa o círculo a articular arte e cognição como vetores de modernização econômica e política, com a organização do futurismo político, que se cristalizará, em 1918, em seu próprio manifesto -- o *Manifesto do Partido Político Futurista*. Apesar da forte ligação entre fascistas e futuristas ter sido um dos elementos constituintes essenciais à conformação do Fascismo italiano como força de reorganização social, o futurismo político em si, aponta Bernardini (2013), traria em seu centro as contradições a servir de combustível ao modernismo de Marinetti. Assim como seu *Manifesto do Partido Político Futurista* se apresentaria em cores liberais e anarquistas, sua circulação entre o universo das *avant-gardes* europeias ultrapassaria as demarcações a se impor entre os blocos políticos que, nos anos 1910 e 1920, redesenhariam o continente -- um circuito que se realizaria, num surpreendentemente contraditório exemplo, na interlocução entre os futuristas italianos e soviéticos que, aguerridos nas trincheiras dos regimes antagônicos a emergir do Fascismo Italiano e da Revolução Soviética, manteriam, contra todas as hipóteses, abertos canais de interlocução (BERNARDINI, 2013; PERLOFF, 2003). Afinidade que, ecoando Williams (2007), acenaria à relativa distância de Rússia e Itália em relação ao centro do debate cosmopolita entre o fim do século XIX e início do XX. Uma conformação que, em sintonia com o clima do modernismo continental, se estabeleceria em torno de discursos e grupos vanguardistas a dialogarem com a noção de geografia e poder, espaço e circulação de informação e capital.

Nascidas no que eram relativamente atrasados, apenas recentemente centralizados Estados-nação na periferia da cultura européia, as vanguardas italianas e russas cultivaram o Novo com uma vingança. (...) Assim, a notória afirmação de Marinetti no primeiro manifesto futurista (1909) de que “glorificaremos a guerra - a única higiene do mundo”, uma afirmação que fez muitos estudantes do Modernismo rejeitarem o Futurismo, foi um chamado ingênuo para a revolução e

limpeza que foi ecoada por Apollinaire na França e Mayakovsky na Rússia.⁶⁸

(PERLOFF, 2003, p. xxiii)

A centralidade da mobilização de imaginários e sensibilidades em torno do debate da cultura animado pelos futuristas, aponta Gentile (1994), era reconhecida pelo próprio Duce como um dos elementos essenciais à conformação do fascismo como movimento político; em uma das raras exposições de Mussolini sobre a relação entre o movimento de Marinetti e seu próprio, o primeiro não deixava escapar sua generosidade com o segundo: “Eu formalmente declaro que sem Futurismo nunca teria existido uma revolução fascista” (MUSSOLINI apud GENTILE, 1994). Paxton (2004), por sua vez, aponta nos Futuristas um dos elementos do tripé que serviria à síntese da massa social do Fascismo: veteranos da Primeira Guerra Mundial desmobilizados, sindicalistas pró-guerra e intelectuais futuristas (“ansiosos pela aventura da guerra em 1914, que continuaram a seguir Mussolini em 1919”).

3.3 Fascismo, Conservadorismo, Modernismo

Em 1934, Ezra Pound (1885-1972) publicou um livro chamado *Make it New* (1934).

Ezra Pound, como o modernismo, era um sujeito complicado. Nascido em Hailey, uma pequena cidade dedicada à mineração, no estado de Idaho, nos EUA, Pound se conformou numa espécie de manifestação definidora do Modernismo. Embora tenha buscado se lançar à carreira literária em seu país natal, foi apenas na Europa, para onde partiu em fins da década de 1910, que veio a ganhar reconhecimento. Em 1908, após circular por algum tempo por Espanha e Itália, parte para Londres, onde se aproxima dos círculos do escritor e editor Ford Madox Ford (1873-1939), do literato William Butler Yeats (1865-1939), e do filósofo T.E. Hulme (1883-1917).

Williams (1986, 2007) sugere que o estranhamento, a síntese de clivagens e invenções a emergir do diálogo entre culturas locais e grupos estrangeiros, virá a ser um dos traços definidores das formações e movimentos galvanizados nas novas metrópoles e circuitos de internacionalização da Modernidade. Uma dinâmica da qual Pound, talvez, se imponha como

68 No original: Born in what were relatively backward, only recently centralized nation-states on the periphery of European culture, the Italian and Russian avant-gardes cultivated the New with a vengeance. (...) Thus Marinetti’s notorious assertion in the first Futurist manifesto (1909) that “We will glorify war-the world’s only hygiene,” an assertion that has made many students of Modernism reject Futurism outright, was a naive call for revolution and cleansing that was echoed by Apollinaire in France and Mayakovsky in Russia. (Tradução nossa.)

exemplar. Na Inglaterra, encontrará reconhecimento para sua obra e será por vezes animador, por vezes líder de formações e iniciativas a se espalhar por linguagens variadas da arte e da cultura. Na Europa, se estabelecerá como correspondente de publicações dos EUA (será um dos responsáveis por divulgar as revistas estadunidenses *Poetry* e *The Dial*), produzirá uma extensa e influente obra (da qual seus Cantos, um ambicioso projeto iniciado em 1915 e que viria a se estender pelas décadas seguintes, será um marco central), e se dedicará à edição de periódicos europeus e obras literárias de nomes da vanguarda continental. Em Londres, onde viverá por doze anos, será ele um dos principais responsáveis pela descoberta e edição de obras que viriam a se tornar canônicas da literatura modernista: os romances *Portrait of the Artist as a Young Man* (1916/2008) e *Ulysses* (1918/1993), de James Joyce. Em Paris, trabalhará com Ernest Hemingway e ajudará T. S. Eliot na criação, edição e publicação do poema experimental *The Waste Land* (1922/2013). Será na Itália, porém, que Ezra Pound se lançará à mais controversa -- e, de certo modo, criativa -- página de sua trajetória.

Em 1924, Pound se muda para Rapallo, na Itália. O país, que será seu lar pelas próximas duas décadas, será, para ele, cenário a um radical laboratório a articular produção cultural e ação política. Pound chegará à Itália ainda mobilizado pelo trauma psíquico da Primeira Guerra Mundial -- em verdade, sua transição de Londres a Rapallo via Paris seria, em grande parte, movida por um incômodo gerado pelo violento experimento militar do primeiro conflito global. Lá, se aproximará do movimento fascista, do qual se tornará admirador e com o qual, no aprofundamento da Segunda Guerra Mundial, virá a colaborar como operador da cultura. Entre 1941 and 1943, será autor de centenas de transmissões radiofônicas pela Radio Roma -- antes, em sua temporada inglesa ele teria, na BBC, já se lançado a experimentos radiofônicos, entre 1931 e 1933 (FISHER, 2002). O esforço, em que se dedicará à defesa e promoção do programa fascista e a pensatas sobre economia política, artes, política internacional e cânones ideológicos, virá a ser, numa certa dubiedade, considerado como um dos mais inventivos - e influentes -- experimentos em linguagem radiofônica.

Em sua aproximação à animação política, a obra de Pound terá, também, algumas viradas. Na Itália, ele escreverá sobre política e ideologia, e publicará a elegia fascista *Jefferson and/or Mussolini* (1935). Impactado com a crise de 1929, também se dedicará à economia política. Será autor de uma série de panfletos sobre política monetária, os *Money Pamphlets*, em que elaborará uma crítica da economia em que articulará, a proposições redistributivas e de justiça social, as conspirações constitutivas do pensamento nazifascista e elaborações sobre o papel da moeda como veículo institucional e simbólico

(TRYPHONOPOULOS e ADAM, 2005). Um esforço para o qual convocará, na Inglaterra, o auxílio de alguns dos intelectuais do outro lado da trincheira: o núcleo de economia política da LSE dedicado à renovação do pensamento liberal. Após consulta de Pound, Lionel Robbins – no que poderia ser entendido como uma interface com as dinâmicas de disseminação e reelaboração Modernista – fará uma peculiar ponte entre o pensamento econômico austríaco e o pensamento cultural fascista, recomendando, ao literato estadunidense, a obra *Die Gemeinwirtschaft (Socialism)* (1922), de Mises, como "um bom livro sobre dinheiro." (WHITE, 2015)

Teórico a delinear invenções ainda hoje influentes no campo da teoria da comunicação, Pound foi formulador de novas linguagens a dialogar com as tecnologias de comunicação a emergir da revolução industrial. Embaixador do fascismo, encarnou, em sua afiliação fascista, uma radicalidade modernista que viria a animar uma ambiciosa ação de ruptura, quebra do contínuo histórico, e construção de um novo mundo. Seus últimos anos, após, em 1945, ser capturado pelos EUA com a derrota do Eixo, foram vividos em meio à rotina de um tratamento manicomial sobre o qual nem ele, nem seus admiradores pareciam ter alguma dúvida de uma permanente necessidade. (SWIFT, 2017).

Em *Make It New*, Pound revisitava tradições e as recuperava para as ultrapassagens de um mundo que, para ele, precisaria ter um pé em cada margem. De certa forma, a obra encapsulava a sede por ruptura, recuperação da tradição, e elaboração de uma nova síntese que animaria seu modernismo. Afinal, “*make it new*” era, acima de qualquer coisa, o lema de Pound. O mandamento pelo qual viria a ser conhecido, e que serviria de guia à sua ação como literato e como agitador e líder das formações de *avant-garde* às quais se integrou.

Retornando ao debate britânico e à ação antifascista do *Left Book Club*, não parece fora de lugar que, na crítica de Orwell à sensibilidade fascista latente no debate público britânico, sejam citados alguns nomes do Modernismo inglês que, situados no campo reacionário, servissem como espaço de interlocução aos aspectos mais radicais da política e da sensibilidade delineados no Futurismo italiano:

Algo dessa atitude já é claramente discernível em escritores como Pound, Wyndham Lewis, Roy Campbell, etc., na maioria dos escritores católicos romanos, em muitos do grupo de Douglas Credit, em certos romancistas populares, e mesmo, se alguém olhar sob a superfície, em intelectuais conservadores tão superiores como Eliot e seus inúmeros seguidores. Se você quiser algumas ilustrações inconfundíveis do crescimento do sentimento fascista na Inglaterra, dê uma olhada em algumas das inúmeras cartas que foram escritas para a imprensa durante a guerra abissínia, aprovando a ação italiana,

e também o uivo de alegria que subiu tanto dos púlpitos católicos quanto anglicanos (veja o *Daily Mail* de 17 de agosto de 1936) sobre a ascensão fascista na Espanha.⁶⁹

(ORWELL, 1933/2001)

Long (1988) apontará as políticas problemáticas de boa parte dos citados por Orwell. Num comentário ao “exasperante problema da literatura Modernista Inglesa e sua conexão com a política da direita radical” (p. 98), Ezra Pound, T. S. Eliot e Wyndham Lewis serão contrapostos a James Joyce. Para além dos experimentos sonoros, imagéticos e lexicais a trespassarem os autores, Long analisa o modo como os imaginários mobilizados na obras literárias de Pound, Eliot e Lewis se distanciam do de Joyce: o que, nos três primeiros, seria um vértice de ação e movimento a mobilizar a manutenção de uma ordem de tradição e força, em Joyce se apresenta como a emergência de novas maneiras de comunicação, fluxo e organização social a desaguar as forças populares colocadas em movimento pela indústria, pela comunicação de massa, e pela urbanização.

A noção de movimento, energia e estase em Pound e Lewis, em verdade, se apresentarão como um programa a dialogar com o fascínio do imaginário disruptor articulado por Marinetti. Puchner (2006) recorda os fatos e as tensões mobilizadas pelas aproximações de Marinetti ao universo modernista britânico. Em seu tour pela Inglaterra, entre palestras, aulas e leituras, Marinetti foi co-autor de um *Manifesto Futurista Britânico*. O italiano registrou sua colaboração transnacional na papelaria do *Rebel Art Center*, o grupo de *avant-garde* que tinha em Lewis um de seus operadores. Em um esforço para resguardar a autonomia de seu grupo, Lewis, pouco interessado em ter seu protagonismo de vanguarda radical lançado ao colo de Marinetti, “preparou uma série de medidas defensivas, muitas delas dedicadas às técnicas de disrupção pública adotadas pelos Futuristas.” (PUCHNER, 2006).

Embora seja razoável sugerir que, na Inglaterra, Marinetti tenha sido essencial à ampla circulação do manifesto nos modernos termos de transformação do clima político a partir da cultura, o modo em que o novo gênero será consolidado em uma linguagem britânica reflete

69 No original: Some such attitude is already quite clearly discernible in writers like Pound, Wyndham Lewis, Roy Campbell, etc., in most of the Roman Catholic writers and many of the Douglas Credit group, in certain popular novelists, and even, if one looks below the surface, in superior conservative highbrows like Eliot and his countless followers. If you want some unmistakable illustrations of the growth of Fascist feeling in England, have a look at some of the innumerable letters that were written to the Press during the Abyssinian war, approving the Italian action, and also the howl of glee that went up from both Catholic and Anglican pulpits (see the *Daily Mail* of 17 August 1936) over the Fascist rising in Spain. (Tradução nossa.)

circunstâncias especiais. No caso de Lewis, o *Manifesto Futurista* terá como alternativa o *Manifesto Vorticista* - que servirá de plataforma, para além da renovada percepção das ideias de linguagem, movimento e transformação, à elaboração de experimentos gráficos e em novas mídias que tangenciarão o debate modernista britânico -- e, nisso, é especialmente interessante, no debate sobre economia política, o esforço de contraposição de Lewis ao grupo de *Bloomsbury* (do qual "ele se sentia sistematicamente excluído", segundo Puchner (2006)).

Publicada em apenas dois números, entre 1914 e 1915, *Blast* foi um projeto editorial concebido por Wyndham Lewis e Ezra Pound como uma resposta ao Modernismo Continental. A associação de Pound e Lewis passava pela experiência editorial de ambos. Para além de Pound ter experimentado com um manifesto próprio (Imagismo), ambos tinham passagens por experiências como a *The Little Review* e a *The Dial* -- que, Puchner (2006) sugere, poderiam ser entendidos como primeiras tentativas na linguagem continental do manifesto, levada a cabo em *Blast*. Num clima em que “as doutrinas estilísticas de Ford, os panfletos de Pound, as tiradas de Lewis, os manifestos políticos de Bertrand Russell, os ensaios críticos de T. S. Eliot - esses e muitos outros são subgêneros e formas que devem competir com o manifesto” (PUCHNER, 2006), Pound e Lewis se adiantaram ao clima britânico, num aceno à construção de um eixo a partir do Vorticismo: um movimento de processamento e contenção das forças revolucionárias do processo de Modernização/Modernismo Continental -- que Puchner (2006) chamará de *Rear Guardism*. O que não significa que experimentações, proposições transformadoras, ou expectativas de demarcações no processo de elaboração intelectual do continente, estivessem fora do horizonte do Modernismo de extrema direita em movimento na Inglaterra dos anos 1930. Ezra Pound, por exemplo, não demorará a se associar aos fascistas italianos, inventando, a partir das novas linguagens e tecnologias de comunicação de sua tribuna na Radio Roma, “um tipo de declamação para a agitação que seria a síntese perfeita de fala e ação” (PUCHNER, 2006). Os experimentos de linguagem e de reordenamento cognitivo e subjetivo de Pound, em verdade, não se mostravam fora de uma intensa instrumentalização de novas ferramentas de comunicação, e especialmente do rádio, como eixo central ao fascismo (FELDMAN, 2014; RAGNEDDA, 2014). Uma clivagem entre ruptura, recuperação de um imaginário encharcado pela tradição (ou por um passado idealizado), e a invenção de uma nova ordem: uma radical transformação do mundo. Uma noção de modernidade que, assentada sobre um híbrido de futuro (numa celebração de contínuo desenvolvimento da técnica) e passado (na celebração de uma tradição idealizada/imaginada), dialoga com proposições modernistas

mapeadas em por historiadores da cultura como Gay (2010), que chamará esse fenômeno de “modernismo antimoderno”, e Herf (1984), que dará a esse tipo de manifestação o nome “modernismo reacionário”.

Da tribuna oferecida pelo *Left Book Club*, em si mesmo uma iniciativa a articular as *avant-gardes* da cultura e da política como frente de ação contra o fascismo, era compreensível, portanto, que Orwell visse com especial cuidado a permeabilidade do novo ambiente de debate público construído pela imprensa e pelos novos meios de comunicação -- um tema que, mais tarde, serviria como eixo argumentativo à sua obra prima sobre a natureza do totalitarismo, 1984.

No entreguerras, a emergência da nova tecnologia de comunicação de massa estruturou a arquitetura de debate público britânico sobre o tripé formado por imprensa, BBC, e noticiários cinematográficos. Na imprensa, especialmente, um certo olhar condescendente quanto ao movimento fascista britânico -- personificado em Oswald Mosley (1896-1980) e sua *British Union of Fascists* (BUF) -- era visível, na década de 1930, nos veículos associados aos *Tories*: *Times*, *Daily Telegraph*, *Daily Express*, *Daily Mail*, e *Daily Mirror* (este, mais especificamente no início da década) (DACK, 2010). Para além do pouco intenso rigor crítico da imprensa conservadora na cobertura da BUF, existia, de fato, uma expressão de admiração à política representada pelos regimes fascistas de Alemanha e Itália. Uma tendência que, mesmo após mudanças no tom dedicado à cobertura da BUF (que, em torno de seus crescentes atos de violência e antissemitismo, passou a atrair sobre si uma cobertura cada vez mais crítica), a simpatia editorial ao fascismo, especialmente nos jornais de ampla circulação popular, seguia como padrão. Uma naturalidade do mercado editorial britânico em relação ao fascismo e ao nazismo que será algo da ironia de Orwell em sua crítica da edição britânica do manifesto de Hitler, *Mein Kampf* (originalmente publicado em 1925):

É um sinal da velocidade com que os eventos estão se movendo que a edição não-expurgada de *Mein Kampf* de Hurst e Blackett, publicada há apenas um ano, é editada de um ângulo pró-Hitler. A intenção óbvia do prefácio e das anotações do tradutor é atenuar a ferocidade do livro e apresentar Hitler sob a luz mais gentil possível. Naquela época, Hitler ainda era respeitável. Ele havia esmagado o movimento trabalhista alemão e, por isso, as classes proprietárias estavam dispostas a perdôá-lo por quase qualquer coisa. Tanto a esquerda como a direita concordaram com a noção muito superficial de que o Nacional-Socialismo era apenas uma versão do conservadorismo. Então, de repente, descobriu-se que Hitler não era respeitável, afinal. Como resultado disso, a edição de Hurst e Blackett foi reeditada com uma nova capa explicando que todos os lucros seriam dedicados à Cruz Vermelha. No entanto, simplesmente, na evidência interna de

Mein Kampf, é difícil acreditar que qualquer mudança real tenha ocorrido nos objetivos e opiniões de Hitler. Quando se compara suas declarações de um ano ou mais atrás com aquelas feitas quinze anos antes, uma coisa que impressiona é a rigidez de sua mente, a maneira como sua visão de mundo não se desenvolve. É a visão fixa de um monomaniaco e provavelmente não será muito afetada pelas manobras temporárias da política do poder. Provavelmente, na opinião de Hitler, o Pacto Russo-Alemão representa apenas uma alteração de horário. O plano estabelecido em *Mein Kampf* era esmagar a Rússia primeiro, com a intenção implícita de esmagar a Inglaterra depois. Agora, como se viu, a Inglaterra é primeiro assunto a ser tratado, porque a Rússia era a mais facilmente subornável dos dois. Mas a vez da Rússia virá quando a Inglaterra estiver fora de cena - que, sem dúvida, é como Hitler vê a situação. Se isso acontecerá, claro, é uma questão diferente.⁷⁰

(ORWELL, 1940/1975)

No início dos anos 1930, a capilaridade da imprensa popular conservadora -- que, em *Road to Wigan Pier*, apresenta-se como um recorrente elemento para a análise das sensibilidades e hábitos das classes operárias -- era uma força considerável. Veículos como o *Daily Express* e o *Daily Herald* tinham mais de dois milhões de leitores. E, embora em curva descendente, a circulação de veículos como o *Daily Mail* (1,6 milhão) e o *Daily Mirror* (800.000) eram ainda consideráveis. No caso do último, a curva foi revertida após uma forte estratégia de aproximação à classe trabalhadora, o que levou o veículo, em 1939, a alcançar 1,5 milhão de leitores. (DACK, 2010) A eminência, entre os jornais populares, de linhas editoriais conservadoras e simpáticas às políticas fascistas em ascensão na Europa, dá mostra da urgência, e da imposição conjuntural, de uma articulação de estratégias de mobilização política e de disputa do universo da cultura como front essencial da luta antifascista.

70 No original: It is a sign of the speed at which events are moving that Hurst and Blackett's unexpurgated edition of *Mein Kampf*, published only a year ago, is edited from a pro-Hitler angle. The obvious intention of the translator's preface and notes is to tone down the book's ferocity and present Hitler in as kindly a light as possible. For at that date Hitler was still respectable. He had crushed the German labour movement, and for that the property-owning classes were willing to forgive him almost anything. Both Left and Right concurred in the very shallow notion that National Socialism was merely a version of Conservatism.

Then suddenly it turned out that Hitler was not respectable after all. As one result of this, Hurst and Blackett's edition was reissued in a new jacket explaining that all profits would be devoted to the Red Cross. Nevertheless, simply on the internal evidence of *Mein Kampf*, it is difficult to believe that any real change has taken place in Hitler's aims and opinions. When one compares his utterances of a year or so ago with those made fifteen years earlier, a thing that strikes one is the rigidity of his mind, the way in which his world-view doesn't develop. It is the fixed vision of a monomaniac and not likely to be much affected by the temporary manoeuvres of power politics. Probably, in Hitler's own mind, the Russo-German Pact represents no more than an alteration of time-table. The plan laid down in *Mein Kampf* was to smash Russia first, with the implied intention of smashing England afterwards. Now, as it has turned out, England has got to be dealt with first, because Russia was the more easily bribed of the two. But Russia's turn will come when England is out of the picture — that, no doubt, is how Hitler sees it. Whether it will turn out that way is of course a different question. (Tradução nossa.)

No caso do *Left Book Club*, a estratégia de mobilização do debate de ideias e do imaginário público se conformou, rapidamente, em um movimento de mobilização e ação política -- um esforço de animação política que consolidou vitalidade e organização a grupos e comunidades que, muito comumente, não tinham até então qualquer histórico de participação política. Em seu ápice, o *Left Book Club* contava com cerca de 1.200 grupos de discussão espalhados por todo o país; além disso, a iniciativa foi também catalizadora de ações específicas, mobilizando comunidades de cientistas, atores, escritores. Suas atividades se espalhavam, também, para além da Inglaterra, com grupos internacionais do *Left Book Club* sediados em países estrangeiros. Além disso, “o clube patrocinou comícios de massa, escolas de verão, aulas de educação política, palestras de autores do *Left Book Club* e produções amadoras de teatro. Tentou alcançar um *público* ainda maior através de panfletos e folhetos.” (NEAVILL, 1971) Em outubro de 1948, ao encerrar suas atividades, o *Left Book Club* tinha em seu catálogo mais de 250 títulos, num arco a cobrir da análise à propaganda -- um legado que, de todo modo, tinha entre suas publicações obras que, nas décadas seguintes, viriam a se revestir de inegável, duradouro mérito.

Em seu período britânico, Hayek se via pressionado por um fascismo latente não apenas nos novos movimentos de massa a emergir no continente, mas no próprio tecido social e político inglês. Um *déjà-vu* que, talvez não seja exagero sugerir, apontaria à mesma movimentação que, na Viena das primeiras décadas do século XX, teria levado à consolidação da extrema direita como elemento organizador da ordem social e de desidratação da ordem liberal. Se o impacto da extrema direita vienense teria em Hitler uma impressão duradoura e essencial à construção de seu imaginário político, a intenção imperial de uma ordem fascista europeia colocada em movimento pelo Führer se impunha como uma cruel volta do parafuso. Em tempos de crise, e em reação à emergência de movimentos demarcados por manifestos, Hayek se lançaria a um intenso esforço editorial; um campo minado, sobre o qual se movimentaria nos anos que se seguiram à sua chegada em Londres. E ele se adaptaria, como possível, ao terreno.

CAPÍTULO 4. CONTRA KEYNES, POR UMA “INTERNACIONAL LIBERAL”

As palestras em solo britânico pavimentaram o convite para que Hayek se integrasse à frente inglesa do debate econômico. Apontado por Robbins para uma posição na LSE, o austríaco se notabilizaria, dali em diante, como uma das mais incisivas vozes contra Cambridge e o grupo keynesiano. Sua chegada foi um dos episódios a demarcarem a LSE como o ponto de convergência de economistas opostos ao movimento capitaneado por Keynes. Mais que isso -- através das relações estabelecidas por Hayek na academia austríaca e em sua passagem pelos EUA, a LSE se estabeleceu, também, como elo de uma rede que serviria, ao longo do século XX, à articulação de um amplo intercâmbio acadêmico e político. Um movimento que, de fato, parecia aprofundar o esforço de invenção e reelaboração empreendido por Lionel Robbins no início dos anos 1930 - que, numa “disciplina que permaneceu distintamente insular, no entanto, ele alcançou significativa originalidade ao elaborar os *insights* de fontes estrangeiras que seus colegas consideravam amplamente obscuras.” (BURGIN, 2012)

Foi a partir de suas leituras do pensamento produzido pelos seguidores de Menger em Viena -- destas, teriam tido especial impacto a obra de Böhm-Bawerk sobre teoria austríaca do capital, e a crítica de Mises sobre o funcionamento prático do socialismo e seu impacto sobre a eficiência de mercado (BURGIN, 2012) -- que Robbins teria estabelecido um novo parâmetro para o pensamento liberal britânico em oposição a Keynes, estendendo sua amplitude a aspectos de elaboração abstrata. Seu alinhamento à suposição de que a interferência governamental na economia teria inevitáveis consequências danosas se galvaniza, portanto, não como uma continuidade, mas como uma reelaboração da tradição estabelecida na LSE por seu patrono Edward Cannan, de quem havia sido estudante, e para cuja sucessão foi apontado em 1929. Um movimento que, na renovação de seus quadros institucionais, posicionava a LSE, também, como laboratório para novas proposições do campo conservador. Capitaneado por Cannan, “Ao longo do tempo, à medida que seus alunos ascendiam a cargos de professor, o Departamento de Economia da LSE ficou conhecido por oferecer alternativas conservadoras às propostas mais progressistas de Cambridge.” (BURGIN, 2012) E, diferentemente de Cannan -- que, embora reconhecido como principal defensor da ortodoxia econômica na academia inglesa, não chegava a cruzar as fronteiras do debate econômico

britânico em suas críticas ao pensamento marshalliano de Cambridge -- Robbins encontrou na *novidade* apresentada pelo pensamento austríaco uma proposição que “abordou diretamente muitas de suas preocupações. Como seus colegas da LSE observaram, Robbins não era um pensador particularmente inovador; sua grande habilidade estava em sua capacidade de agregar e sintetizar as realizações acadêmicas de outros.” (BURGIN, 2012).

Embora o império britânico se apresentasse, à época, como uma das grandes forças ideológicas e geográficas do início do século XX, “o império onde o Sol nunca se põe”, a se estender por todos os continentes e abraçando perto de um quarto da humanidade, o debate econômico na terra da Rainha cobria paradoxalmente um arco limitado em volume de participantes e em extensão teórica. O esforço de Robbins, nesse sentido, abria um novo caminho não apenas na elaboração acadêmica, mas na própria expansão das possibilidades de engajamento em torno da nova, ainda em elaboração, alquimia entre o liberalismo tradicional britânico (então, visto como algo mais vago do que como um programa específico) e a releitura proposta pelos austríacos. Era mapeado, por Robbins, um novo entendimento a respeito da circulação, síntese, e pulverização acerca do pensamento e da elaboração institucional do liberalismo que emergia no rescaldo da Primeira Guerra Mundial, moldado pelos novos circuitos de comunicação. Nesse processo, Hayek se apresentava como uma ponte não apenas entre as academias austríaca e britânica, mas também num arco transatlântico, estendendo-se aos Estados Unidos. Com Hayek, vieram pontos de contato que determinaram a LSE como um ponto de convergência à elaboração em oposição ao keynesianismo, e de reeaboração do pensamento liberal.

No percurso entre sua temporada nova-iorquina, a animação de seminários em Viena, e sua entrada no circuito de debates londrino, Hayek havia estabelecido um considerável universo de relações e contatos. Para além disso, o alcance de sua elaboração teórica era único entre o grupo galvanizado em torno da LSE: familiar com o debate da economia política em língua inglesa dos dois lados do Atlântico, ele se apresentava também como um dos mais festejados herdeiros da escola de pensamento estabelecida pelos neomarginalistas austríacos. Apesar de suas credenciais, sua relativa juventude e insularidade -- sua atuação era, majoritariamente, relacionada às disputas do pensamento austríaco -- faziam com que, antes de sua aproximação ao grupo de Robbins, seu trabalho fosse ainda pouco conhecido fora dos círculos vienenses.

A atração exercida pela LSE em relação ao debate econômico internacional estabeleciam a instituição como um ponto de convergência para o debate realizado para além das fronteiras inglesas. Burgin (2012) chega a apontar a escola como uma “Meca para o novo

pensamento liberal clássico”, um ponto de interlocução a articular nomes como “Gottfried Haberler e Fritz Machlup de Viena, os economistas escandinavos Bertil Ohlin e Ragnar Frisch (ambos futuros vencedores do Prêmio Nobel) e Frank Knight e Jacob Viner de Chicago.” A proeminência da LSE na produção intelectual e no debate em torno do liberalismo a consolidava como, provavelmente, “o mais importante centro para o novo liberalismo” (HAYEK apud BURGIN, 2012). Um ponto de elaboração que, junto a Viena e Chicago, viria a reposicionar os termos conceituais e políticos da tradição do liberalismo clássico, estabelecendo uma rede de intercâmbio e colaboração não apenas no continente europeu, mas também em ambos lados do Atlântico.

O trabalho delegado a Hayek, de estabelecer junto a Robbins os termos de uma nova síntese do pensamento liberal britânico, numa contraposição à moderna elaboração keynesiana, foi colocado em funcionamento sem demora. O austríaco tornou-se uma figura proeminente no periódico de economia política da LSE, o *Economica*. No período de um semestre desde as palestras como visitante, Hayek teve publicadas na revista duas longas críticas do então recém lançado *A Treatise on Money* (ref), de Keynes. Os textos de Hayek, em tom agressivo e frontalmente contrários à proposição do economista de Cambridge, foram os tiros iniciais em uma batalha que se estenderia pela década seguinte. Especialmente incomodado com a acidez do austríaco, Keynes considerava desnecessária a contundência das críticas a um trabalho que, em sua introdução, já se apresentava como uma obra em andamento, passível de revisão -- etapa de um projeto intelectual que viria a se realizar, anos depois, em sua *General Theory*.

Entre 1931 e 1932, o trabalho de Hayek dominou o *Economica*. E, se a primeira publicação do austríaco bancada por Robbins foi não tão impactante – uma tradução de “*The ‘Paradox’ of Saving*” artigo de Hayek publicado em alemão, e apresentado como texto principal da edição de Maio – o artigo seguinte daria início a um dos debates definidores da economia política do século XX. Em agosto de 1931, na edição seguinte, Hayek publicou sua contundente crítica do *A Treatise on Money*, de Keynes. Em seu número de novembro, o *Economica* teve entre seus artigos um contragolpe desferido pelo próprio Keynes. A resposta do pensador de Cambridge à crítica de Hayek foi publicada como texto principal da edição, levando a uma tréplica de Hayek no número seguinte, em fevereiro de 1932.

A resposta de Keynes, apontam Skidelsky (2010) e Wapshott (2011), denotava certa surpresa com o tom agressivo do austríaco, com o qual, até então, parecia existir uma relação de cordial rivalidade. Em verdade, Keynes teria mesmo, alguns anos antes, em 1927, respondido de modo gentil a uma requisição bibliográfica de Hayek, então um economista

praticamente desconhecido dos círculos ingleses – o austríaco enviou carta a Keynes perguntando sobre a possibilidade de empréstimo do livro *Mathematical Psychics*, de Francis Ysidro Edgeworth, publicado, então, já há meio século. Na resposta, o britânico, já à época um dos principais intelectuais públicos do debate britânico, respondeu, num cartão postal a oferecer curta mensagem, num polido senso de humor: “Sinto dizer que meu estoque de *Mathematical Psychics* está esgotado” (KEYNES apud CALDWELL, 2013).

De fato, Hayek, bem como as esperadas divergências entre o keynesianismo e a escola neomarginalista austríaca, tinham sido objeto de moderada citação por Keynes em seu *A Treatise on Money*. O austríaco, que é por duas vezes nomeado no livro, é lembrado (junto a Mises) como associado a uma “escola de pensamento que tem se desenvolvido na Alemanha e na Áustria, cuja teoria da taxa bancária em relação ao equilíbrio da poupança e do investimento, e a importância da segunda para o ciclo de crédito, está bastante próxima da teoria deste tratado” (KEYNES apud WAPSHOTT, 2011).

Keynes prossegue, de modo simpático, a apontar, em nota, sobre o grupo de Mises:

“Eu teria feito mais referências ao trabalho desses escritores se seus livros, que só chegaram em minhas mãos enquanto essas páginas estão sendo passadas pela imprensa, aparecessem quando meu pensamento estava em um estágio anterior de desenvolvimento, e se meu conhecimento da língua alemã não fosse tão pobre (em alemão só posso entender com clareza o que já sei! - as novas ideias se escondem de mim pelas dificuldades da língua).”⁷¹

(KEYNES apud WAPSHOTT, 2011)

Mais que isso, existia, também, o que Keynes via como um elemento de seletividade na análise crítica empreendida por Hayek. Isso porque Keynes era claro, em sua apresentação de *A Treatise on Money*, sobre a obra apresentar-se como passível de inconsistências, já que poderia ser definida como uma sistematização parcial de um programa de investigação ainda em andamento. Um esforço de investigação que viria, enfim, a se consolidar na elaboração de sua *General Theory* – e que, em meio ao fogo cruzado desse intercâmbio entre a LSE e Cambridge, teria levado Keynes, e seu grupo, a se lançarem a um esforço coletivo e estrito na elaboração da sequência de *A Treatise on Money*.

71 No original: I should have made more references to the work of these writers if their books, which have only come into my hands as these pages are being passed through the press, had appeared when my own thought was at an earlier stage of development, and if my knowledge of the German language was not so poor (in German I can only clearly understand what I know already!—so that new ideas are apt to be veiled from me by the difficulties of language). (Tradução nossa.)

Ebenstein (2014) sugere que, entre 1931 e 1932, a disputa entre Hayek e Keynes em torno da crítica de *A Treatise on Money* no Economia seria, ao contrário do comumente lembrado, menos debate do que performance pública. E, de fato, o tom do intercâmbio talvez se apresente algo acima do tom.

Em sua introdução no debate britânico, o recém chegado Hayek usa as partes iniciais de seu segundo texto publicado no *Economica* para fazer as críticas esperadas, formais à qualidade do autor/oponente ao qual se debruçará em análise. Após elogiosa menção a Keynes e seus admiráveis feitos, Hayek se lança a um ataque seco:

“(...) no caso, o Tratado prova ser tão obviamente - e, penso eu, reconhecidamente - a expressão de uma fase transitória em um processo de rápido desenvolvimento intelectual que não se pode dizer que sua aparência tenha aquele significado definitivo que anteriormente se esperaria⁷².”

(HAYEK apud WAPSHOTT, 2011)

À insignificância dada de cara como característica básica no trabalho de Keynes em seu *Treatise*, Hayek elencará outros elementos que servirão menos como análise crítica que como declaração de guerra. Na figura do líder das formações organizadas em torno de Cambridge, Keynes será associado, no artigo de Hayek, à sugestão de uma exaustão da escola de pensamento colocada em movimento por Marshall, preso a paroquialismos do debate anglo-saxão, e ignorante de novos desenvolvimentos na ciência econômica e política a emergir do debate liberal austríaco – ao que aproveitará para colocar na mesa, de modo algo desajeitado em relação ao debate inicialmente proposto por Keynes, algo do novo arsenal teórico que tinha trazido à LSE.

Se o objetivo de Robbins era trazer sangue novo para o ataque do time da LSE, a missão parecia de acordo com o plano. Keynes teria ficado especialmente incomodado com o tom do texto de Hayek – os registros do acervo de Keynes mostram, na edição que trouxe a crítica do austríaco, uma de suas mais anotadas edições, com trinta e quatro anotações ao longo de vinte e seis páginas (EBENSTEIN, 2014).

Especialmente desconfortável, também, era o fato de Keynes, num movimento reativo à contundência dos termos do argumento de Hayek, ter de se voltar à defesa de um corpo de ideias a respeito do qual não se sentia mais tão comprometido – ao aprofundar-se em seu

72 No original: (...) in the event, the *Treatise* proves to be so obviously—and, I think, admittedly—the expression of a transitory phase in a process of rapid intellectual development that its appearance cannot be said to have that definitive significance which at one time was expected of it. (Tradução nossa.)

programa de pesquisa, algumas inconsistências passaram a ser por ele entendidas em relação ao trabalho. Disso, seria colocado em movimento o processo de revisão e reelaboração que culminaria no seu *General Theory* (KEYNES, 1936/2018). De todo modo, a resposta de Keynes à ofensiva de Hayek foi sem concessões. Um movimento em que o austríaco seria tratado como “um oponente que ele achava estar tão programado na estreiteza do pensamento da Escola Austríaca que era incapaz de entender um ponto de vista que exigia um salto ousado de imaginação.”⁷³ (WAPSHOTT, 2011).

Os termos de Keynes, duros, apontavam ao que, em Hayek, se traduziria numa espécie de fundamentalismo:

Qualquer negação de sua própria doutrina lhe parecia tão impensável, que mesmo milhares de minhas palavras dirigidas à sua refutação foram como “água nas costas do pato”, e embora ele perceba que tenho conclusões inconsistentes a esse respeito, ele parece ainda não saber que as coloco em questão desde o início⁷⁴.

(KEYNES apud WAPSHOTT, 2011)

O saldo das trocas entre Keynes e Hayek no *Economica* serviram às formações associadas à LSE e a Cambridge mais como demarcações das sensibilidades e modos de entendimento (do próprio grupo, e do outro), do que como episódios de debate teórico ou conceitual. Embora tenham se reforçado as linhas a separar as frentes liberais no debate inglês, com os liberais sociais de Cambridge de um lado, e, do outro, os partidários do conservadorismo cultivado na LSE⁷⁵ – Keynes, afinal, era associado à *avant-garde* liberal de *Bloomsbury*, e posicionado em campo contrário aos socialistas, comunistas e marxistas –, não existiu, no episódio, esforço persuasivo, aprofundado engajamento argumentativo ou concessões lógicas. A proximidade entre o pensamento de Keynes e o liberalismo chegou, em verdade, a ser vocalizada por ele na palestra “*Am I a liberal?*” realizada na Liberal Summer

73 No original: (...) an opponent he felt was so hardwired in the narrowness of Austrian School thinking that he was incapable of understanding a point of view that demanded a daring leap of imagination (Tradução nossa.)

74 No original: Any denial of his own doctrine has seemed to him so unthinkable, that even thousands of words of mine directed to its refutation have been water off a duck’s back, and whilst he notices that I hold conclusions inconsistent with it, he seems still unaware that I have disputed it from the outset (Tradução nossa.)

75 A esse respeito, é importante levar em consideração que, apesar da proeminência do grupo conservador de Cannan e Robbins em seu departamento de economia, parte considerável do corpo de pensamento, bem como de formação de quadros do que viria a se conformar em torno da ideia de liberalismo social é, também, egresso da LSE. William Beveridge, articulador essencial à conformação da moderna noção de *welfare state* britânico, foi membro da LSE.

School, em agosto de 1925 -- depois publicada, em duas partes, na *Nation and Athenaeum*, em 8 e 15 de agosto de 1925, e mais tarde depois reproduzida na coletânea *Essays on Persuasion* (1931/2010):

Na primeira parte da palestra, Keynes discute se ele deveria se juntar ao Partido Conservador, Liberal ou Trabalhista. Ele não pode ser um conservador - "eles não me oferecem nem comida nem bebida - nem nutrição intelectual... ou espiritual"; o Partido Trabalhista repele por ser um partido de classe, "e a classe não é minha classe. Eu posso ser influenciado pelo que me parece ser justiça e bom senso; mas a guerra de classes me encontrará do lado da burguesia educada." Isso deixa o Partido Liberal "como o melhor instrumento de progresso futuro - se tiver liderança forte e o programa certo"⁷⁶

(KEYNES apud SKIDELSKI, 2016)

De todo modo, a definição dos novos campos políticos a se galvanizar em torno das ideias rivais das frentes de economia política organizadas na LSE e de Cambridge, com seus códigos, imaginários e proposições sobre funcionamento social e o papel do indivíduo, vieram a reposicionar o debate sobre economia política para as décadas seguintes.

Nos bastidores, fora da arena pública, Hayek e Keynes vieram a estabelecer uma linha auxiliar de comunicação, em termos não tão estridentes. Se no *Economica* os termos eram duros, Hayek e Keynes, fora do debate aberto, pareciam se comunicar em outro tom. Entre dezembro de 1931 e janeiro de 1932, eles trocaram dez cartas, cinco de autoria de cada. Em fevereiro de 1932, Keynes escreveu a Hayek a carta que daria fim ao intercâmbio iniciado com a crítica do austríaco. E, enquanto Hayek deixava transparecer a importância (e, em certo modo, admiração) que tinha pela opinião de Keynes, este, por sua vez, parecia se interessar menos, no geral, pelas ideias de Hayek do que a troca de artigos poderia sugerir. Ebenstein (2014) sugere que, posto de modo simples, o britânico teria encerrado por puro tédio. Em troca de mensagens com seus colegas de Cambridge, Richard Kahn e Piero Sraffa, Keynes teria dito sobre o debate com Hayek: "Eu sinto o abismo bocejar – e também o faço"⁷⁷ (KEYNES apud EBENSTEIN, 2014).

Se o debate pessoal entre Keynes e Hayek parece ter se esvanecido em razão da falta de interesse do britânico, na arena pública o austríaco teria, nos holofotes de sua briga com o

⁷⁶ No original: In the first part of the lecture Keynes discusses whether he should join the Conservative, Liberal or Labour Party. He can't be a Conservative – 'they offer me neither food or drink – neither intellectual ... nor spiritual nourishment'; the Labour Party repels by being a class party, 'and the class is not my class. I can be influenced by what seems to me to be justice and good sense; but the class war will find me on the side of the educated bourgeoisie.' That leaves the Liberal Party 'as the best instrument of future progress – if only it has strong leadership and the right programme' (Tradução nossa.)

⁷⁷ No original: I feel that the abyss yawns – and so do I (Tradução nossa.)

grupo de Cambridge, o prelúdio do crepúsculo. Se, no início dos anos 1930, as novas ideias trazidas por Hayek mobilizaram uma multidão de hayekianos na LSE, no fim da década seu grupo havia se tornado minoria. Ao se aproximarem os anos 1940, a maioria dos antigos hayekianos tinham se juntado às hostes de Keynes. Com o passar do tempo, até Robbins se renderia ao pensamento de Cambridge, recorda Burgin (2012):

Robbins tornou oficial sua conversão em uma série de palestras realizadas em Cambridge na primavera de 1947. Em três palestras ele expressou algum apoio à taxa progressiva dos ricos e redistribuição de renda para os pobres, uma interpretação expansiva dos bens públicos e uma vigorosa autoridade reguladora.

(...)

Ele chegou até a se apropriar, com algumas ressalvas, do termo “planejamento” para descrever sua perspectiva.

(BURGIN, 2012. p. 30-31)

Keynes era, ele também, expoente de uma das principais publicações acadêmicas de sua época. Ele foi o editor do *Economic Journal*, para onde foi apontado por Marshall em 1912, aos 29 anos de idade, posição que manteve por trinta e cinco anos. Ali, se manteve como uma espécie de *gatekeeper* de parte do debate britânico sobre economia política, servindo de filtro e curador da interface entre a conversa continental e a discussão inglesa – posição que o colocava, também, como um dos mais bem informados intelectuais britânicos a respeito do debate econômico europeu, ainda que circunstanciado pela língua inglesa.

À sua atividade como divulgador acadêmico, Keynes conjugava a função de disseminador público das ideias sobre economia política. Nisso, ele administrava uma posição delicada: na disputa teórica e de sensibilidade pública a respeito do funcionamento e das diretrizes da economia, ele articulava um discurso que deslizava entre o front científico/acadêmico, a argumentação pública nos jornais de prestígio entre o que seria uma classe média esclarecida, e a disputa pelo imaginário da cultura de massa em panfletos publicados nos jornais populares. Entre 1929 e 1939, Keynes publicou 311 artigos acadêmicos e 832 artigos em jornais, entre argumentações pontuais, divulgação científica e panfletos (ANUATTI, 2003). No caso da produção acadêmica, o britânico não se lançou a qualquer publicação entre 1934 e 1935, período da elaboração do *General Theory*; o que não significa que tenha, no mesmo período, deixado de publicar as ideias de sua *General Theory* nos circuitos da imprensa. Em verdade, um de seus panfletos, *Means for Prosperity*, de 1935,

antecipava uma versão aplicada da *General Theory* para a opinião pública educada (ANUATTI, 2003)⁷⁸.

O aparecimento da imprensa de massa em meados do século XIX transformou o mercado de opinião e os circuitos de intercâmbio intelectual e modos de produção, reposicionando, no processo político, o papel do discurso, das manifestações da subjetividade, e do imaginário – enfim, da *cultura*. Com as primeiras décadas do século XX, e emergência dos novos meios de comunicação eletrônicos de massa e do *broadcast*, o movimento iniciado com a imprensa de massa transformou, novamente, não apenas o mercado de opinião – mas, também, o próprio papel do intelectual, do produtor literário e artístico, e da análise em ciências humanas. Há, na emergência dos novos meios de comunicação eletrônicos, um processo de mão dupla: inicialmente, a pulverização de emissores e agendas promove uma desorganização no mercado de comunicação; ao mesmo tempo, a natureza desses meios, arquitetados em torno de novas relações técnicas e de construção da linguagem e do discurso, galvaniza – e dissemina – novas relações comunicacionais. A jogar apenas com o som na construção de um imaginário organizado em torno da sugestão de imagens, de uma elaboração narrativa e textual a articular elementos da dramaturgia e da coloquialidade, e tornado *mensagem* a partir da aplicação de novas ferramentas técnicas – em performance teatral, engenharia sonora, equipamentos de transmissão –, a linguagem radiofônica projetava (e exigia) engajamento e invenção. Um processo em que dramaturgos, literatos, intelectuais, artistas plásticos e engenheiros levavam aos estúdios suas propostas experimentais, a serem reelaboradas em novas técnicas de *broadcast*; e que, ao retornarem a seus escritórios e estúdios, teriam, nessa mesma nova técnica, combustível para novos experimentos em suas obras autorais. Nessa expansão dos novos meios de comunicação eletrônicos, eles se relacionam também, portanto, ao processo criativo Modernista – um entrelaçamento de técnica, experimentação cognitiva, articulações entre subjetividade e linguagem. Entre as décadas de 1930 e 1940, Wyndham Lewis, Ezra Pound, Jean Paul Sartre, George Orwell (cujo

⁷⁸ É importante registrar que, no que diz respeito às participações radiofônicas de Keynes, o estudo de Annuati, baseado nos registros oferecidos pela versão impressa das obras completas do britânico (drafts de palestras, ensaios para divulgação por rádio), parece mostrar alguma disparidade com os registros oferecidos pelo acervo online da BBC – estes, referentes à grade publicada pela emissora nas edições do guia Radio Times. O levantamento oferecido por Moggridge (Ed.) (2010) aponta, também, algumas disparidades em relação tanto a Annuati, como ao registro da BBC (Moggridge não conta, por exemplo, participações de Keynes como comentarista em algumas das atrações registradas pelo Radio Times, como uma dele no noticiário, em 1925, e sua colaboração com o programa “Any Questions?”, de 1941, em que intelectuais, militares e servidores públicos ingleses debatiam e respondiam consultas enviadas pelas tropas britânicas). Para este trabalho, foi dada preferência, no estudo do *broadcast*, aos levantamentos de Moggridge e do acervo da BBC.

524
RADIO LIAISON
June 11, 1935

SUNDAY DAVENTRY

NATIONAL PROGRAMME

A presença de Keynes na BBC, no debate circulado pelos novos meios radiofônicos de comunicação de massa, foi de uma intensidade constante, desde meados nos anos 1920. Já em 1925, Keynes era, como comentarista, atração no noticiário *Weather Forecast and News*, em sua edição de nove de janeiro (BBC GENOME PROJECT). Dali em diante, Keynes faria aparições periódicas. Em 1933, Keynes chega a ter uma conversa transatlântica com Walter Lippmann (1889-1974), jornalista dos EUA e um dos mais influentes intelectuais públicos do país americano (Lippmann será, depois, personagem central a uma iniciativa de renovação do liberalismo europeu a partir de lançamento, na França, de uma de suas obras). Entre janeiro de 1925 e julho de 1945, Keynes realizou 21 transmissões via *broadcast*, 20 delas pela BBC.

Wapshott (2011) lembra que a proeminência de Keynes no debate público britânico era evidente à época da chegada de Hayek em Londres para seus compromissos com o departamento de economia da LSE, em 1931. Em 12 de janeiro de 1931, às 21h20, Keynes comandou um segmento chamado “*The Problem of Unemployment*”, no qual apresentava, em algumas de suas ideias sobre gestão econômica – como lembra Wapshott, “No mês em que Hayek chegou a Londres, Keynes estava pedindo às donas de casa de Londres em um programa de rádio que gastassem, gastassem, gastassem.” (WAPSHOTT, 2011) Buscando animar a população britânica a injetar dinheiro na economia do país, Keynes se lançou à construção do imaginário pelo discurso radiofônico para movimentar os bens de consumo parados pelas ondas de crise de 1920. Ao tratar do desaquecimento econômico, o britânico é grave não apenas em seu impacto material, mas também, sobretudo, em seus efeitos subjetivos, psicológicos: “A privação e - o que às vezes é pior - a ansiedade que existe hoje em milhões de lares em todo o mundo é extrema.” (KEYNES, 1931/2010)

Guiando a nação pelo labirinto de uma ordem econômica que parecia descolar-se de qualquer sentido ou entendimento prévio quanto ao seu funcionamento, Keynes tomava as ondas radiofônicas para explicar que “Muitos milhões de libras de bens poderiam ser produzidos todos os dias pelos trabalhadores e pelas fábricas que permanecem ociosas” (KEYNES apud Wapshot, 2011). A ação de *broadcast* teve impacto imediato. Cerca de quarenta jornais se lançaram em editoriais para criticar, ou debater, o argumento de Keynes. O que, na percepção do intelectual britânico, seria, possivelmente, a maior onda de atenção às suas ideias recebida até a data. Em carta para Lydia⁷⁹, Keynes afirmou: “Nunca [vi] tal publicidade em minha vida” (KEYNES, apud WAPSHOTT, 2011).

A construção de um imaginário econômico conectado ao espírito humano como manifestação e realização da vida interior permeavam a palestra de Keynes. Em sua investigação do Modernismo como arco histórico, Peter Gay (2010) propõe uma análise multidisciplinar, que buscará, em registros das artes plásticas, da literatura, da arquitetura, das ciências, e da filosofia política pontos de ligação entre as novas elaborações do trabalho criativo entre as últimas décadas do século XX e a primeira metade do século XX. Ao se lançar sobre as obras e episódios da literatura, Gay enxergará, no aparecimento dos experimentos que rompem com os formalismos das estruturas narrativas da literatura realista, um movimento que definiria a sensibilidade Modernista: um espírito de jornada ao mundo interior. Na avalanche causada pela revolução freudiana (que, para ele, seria o centro da nova

79 Lydia Lopokova (1892-1981), bailarina russa associada aos Ballets Russes desde 1910, era esposa de Keynes, com quem havia se casado em 1925.

sensibilidade que emergia da modernidade), as novas construções na escrita literária, na estruturação dos romances, e no desenvolvimento dos enredos, seriam registro a informar não apenas uma nova percepção do tempo e do espaço, mas também uma inflexão a demarcar a literatura como terreno privilegiado à exploração das estruturas de cognição e processamento do conhecimento. Em invenções como a narrativa em fluxo de pensamento, ou na quebra de elementos então essenciais à construção discursiva (como a intencional supressão da apresentação de locais, personagens ou motivos), os limites entre vida subjetiva e mundo concreto, e a não linearidade/falibilidade do processo cognitivo e da memória eram tratados como temas e experimentalmente replicados em texto. É verdade, lembra Gay, que a vida interior era já uma preocupação a alimentar a literatura realista. Mas o deslocamento da reflexão contida, controlada pelas estruturas formais do realismo, à sua transformação em evento replicável a partir da experimentação de novas estruturas discursivas delimita uma nova invenção.

Embora a palestra de Keynes em “*The Problem of Unemployment*” se delineasse como uma aula a explicar os princípios do funcionamento geral do sistema econômico em consonância com a política, o texto oferece alguns elementos de invenção que, ao articular o funcionamento da ordem social à vida interior, poderia ser entendido como uma espécie de experimento em sentido contrário: em vez de experimentações com a lógica formal da escrita narrativa para explorar os ritmos e forças da experiência psicológica, Keynes o fará a partir das formalidades da escrita econômica.

Ao explicar sobre a complexidade na gestão de uma economia nacional em meio a um inédito processo de integração internacional – e, portanto, de modo igualmente inédito vulnerável a instabilidades fora de suas fronteiras –, Keynes fundirá, de modo engenhoso, as percepções da vida interna e do mundo concreto como uma só. Na segunda parte de “*The Problem of Unemployment*” – que viria a ser intitulada “*Saving and Spending*” – Keynes tratará desses elementos como dimensões a se retroalimentar e se fundir: “O pior é que temos uma excelente desculpa para não fazer nada. Em grande medida, a cura está fora do nosso próprio poder.” (KEYNES, 1931/2010) O que pode parecer um comentário sobre o efeito de uma depressão econômica serve, também, como um comentário sobre a depressão individual. O país que tenta reorganizar sua vida econômica por si, em meio à desorganização regional da Europa do entreguerras se conecta, e é feito espelho, do indivíduo que, golpeado por uma guerra e pelo horizonte incerto, se lança à espiral descendente do processo depressivo. Onde acaba um e se inicia o outro, e sob quais mecanismos a moral de um replica, ou afeta, a moral

do outro? A proposta de Keynes apontava à dubiedade, e ao que poderia ser visto como uma realização, e expansão, da vida interior como uma manifestação da vida cívica:

Portanto, oh donas de casa patrióticas, partam amanhã cedo para as ruas e sigam às maravilhosas promoções anunciadas em toda parte. Vocês farão bem a si mesmas - pois nunca as coisas foram tão baratas, baratas além de seus sonhos. Faça um estoque de roupa de casa, de lençóis e cobertores para satisfazer todas as suas necessidades. E tenha agregada a alegria de aumentar o emprego, aumentar a riqueza do país porque está a colocar de pé atividades úteis, trazendo uma oportunidade e uma esperança para Lancashire, Yorkshire e Belfast.

Estes são apenas exemplos. Faça o que for necessário para satisfazer as necessidades mais sensatas de si e do seu agregado familiar, faça melhorias, construa.⁸⁰

(KEYNES, 1931/2010)

Um universo de possibilidades “além de seus sonhos”, “satisfazer vontades”, “fazer coisas”; a receita keynesiana, de aquecer a economia a partir da expansão da circulação da riqueza pelo consumo e pelo investimento produtivo, era mais do que uma fórmula econômica esculpida em formalismos e aspirando à ciência: era um momento de reflexão íntima e de expansão, também, de humores.

Para além do jogo entre vida interior e economia política, há, no ciclo de debate público promovido por Keynes, um aspecto de experimentação discursiva. As palestras escritas pelo britânico para a BBC eram, também, circuladas como peças de divulgação e debate na imprensa e no mercado editorial. “*The Problem of Unemployment*”, por exemplo, foi publicada, sob o título “*Saving and Spending*”, também na revista *The Listener*, e, mais tarde, no livro *Essays on Persuasion* (1931/2010). A transição entre palavra falada e escrita, e entre os níveis de elaboração previstos entre distintas plataformas, trazia, também, novas questões editoriais. Por vezes, a BBC teria reclamado que a produção radiofônica de Keynes seria fora do tom – em sua ambição de circulação em rádio, mídia impressa, e mercado editorial, e sem interesse em reescrever o mesmo texto para cada um desses meios, Keynes

80 No original: Therefore, O patriotic housewives, sally out tomorrow early into the streets and go to the wonderful sales which are everywhere advertised. You will do yourselves good - for never were things so cheap, cheap beyond your dreams. Lay in a stock of household linen, of sheets and blankets to satisfy all your needs. And have the added joy that you are increasing employment, adding to the wealth of the country because you are setting on foot useful activities, bringing a chance and a hope to Lancashire, Yorkshire, and Belfast.

These are only examples. Do whatever is necessary to satisfy the most sensible needs of yourself and your household, make improvements, build. (Tradução nossa.)

fazia uso de uma linguagem que pretendia em vários níveis sem dar prioridade a algum específico. (CORNISH, 2010)

Esty (2000) sugere que o clima intelectual semeado no grupo de *Bloomsbury* pode ser encontrado, em Keynes, em acenos à subjetividade britânica como elemento definidor do país que emergia em meio às transformações da economia global e da decadência das ordens imperiais. Se o império britânico parecia desmontar-se pouco a pouco, era colocada em xeque também a imagem de uma identidade nacional que, moldada pelo império, se via reconhecida através do realismo literário vitoriano e suas construções normativas -- um movimento que, também, levaria em seu rescaldo o formalismo econômico de livre mercado, matemático e de aspirações científicas e maquinicas.

A escrita de Keynes surgiu no mesmo mercado que inspirou exposições de estilo modernista metropolitano, como *The Waste Land*, de T. S. Eliot, e *Mrs. Dalloway*, de Virginia Woolf. Essas obras ajudaram a fazer de Eliot e Woolf os representantes-chave de um modernismo londrino dos anos 1920 que adquiriu poder de alta cultura enquanto absorvia alguns dos choques de vanguardas mais radicais de inflexão continental.

(...)

Como Woolf, Keynes tomou inspiração estilística de forças de mercado irracionais, de formas quase mágicas e altamente voláteis de discurso, incluindo moda e publicidade. Os estonteantes estímulos da metrópole exigiam e inspiravam belas figuras de linguagem e acentuadas reviravoltas na ficção e na economia. Se tais estímulos foram inspiradores para Keynes, o escritor, no entanto, eles eram também problemáticos para Keynes, o teórico econômico.⁸¹

(ESTY, 2000)

Apesar da recorrente menção à rixa entre formações de *avant-garde* no Modernismo e a cultura de massa, o fato é que Keynes, bem como o grupo de *Bloomsbury*, eram figuras de ampla circulação nos espaços associados à ideia de “média” e “baixa cultura”. Para além do debate sobre as tensões entre *avant-garde*, indústria cultural, e níveis de cultura, levantamentos realizados por Garrity (1999) e Wood (2010) sugerem que o circuito da imprensa de massa foi essencial à popularização das ideias a gravitar em torno de

81 No original: Keynes's writing came into its own in the same marketplace that inspired such landmark displays of metropolitan modernist style as T. S. Eliot's *The Waste Land* and Virginia Woolf's *Mrs. Dalloway*. Those works helped make Eliot and Woolf the key representatives of a 1920s London modernism that gained high-cultural power while absorbing some of the shocks of more radical, continentally inflected avant-gardes. (...) Like Woolf, Keynes took stylistic inspiration from irrational, quasi-magical market forces and highly volatile forms of discourse including fashion and advertising. The dazzling stimuli of the metropole required and inspired beautiful figures of speech and sharp rhetorical turns in fiction and economics alike. If such stimuli were inspiring to Keynes the writer, however, they were also troubling to Keynes the economic theorist. (Tradução nossa.)

Bloomsbury, posicionando o grupo, e seus membros, como uma espécie de frente de *avant-garde* a traduzir os debates experimentais ao gosto da classe média informada. Do mesmo modo, em pesquisa no acervo da britânica revista *Vogue* entre 1916 (época de seu lançamento) até 1941 (o ano do falecimento de Virginia Woolf), é sugerido que

(...) Durante a década de 1920, o magazine era um fascinante híbrido cultural, justapondo artigos sobre moda, casa e cosméticos com uma enorme variedade de materiais culturais que hoje classificamos como “high brow” (nota do tradutor: “alta cultura”). Em particular, a revista foi uma verdadeira homenagem para o mundo de *Bloomsbury*, publicando críticas literárias e culturais de e sobre uma ampla gama de críticos e artistas associados ao Grupo: Virginia e Leonard Woolf, Clive e Vanessa Bell, Vita Sackville West, Harold Nicolson, Roger Fry, Duncan Grant, David Garnett, os Sitwells, G. E. Moore, Ottoline Morrell, E. M. Forster, Desmond Mac Carthy, Raymond Mortimer e John Maynard Keynes.

(...)

Reconhecendo que o Grupo era uma mercadoria comercializável, a *Vogue* explorou a posição intelectual de classe alta da *Bloomsbury* ao mostrar a influência de suas visões culturais e a imposição de seu gosto à “vida nacional” da Inglaterra (...) ⁸²

(WOOD, 2010)

A disputa em torno dos rumos econômicos na Inglaterra, em sua batalha pela mente e imaginação da opinião pública esclarecida e dos responsáveis por políticas públicas, parecia, então, absorvida por uma nova dimensão de circulação e negociação de ideias. Se a emergência da imprensa popular de massas, em meados do século XIX, havia estabelecido uma nova dimensão de disputa do funcionamento do Estado e das exigências e sentidos da vida social, com a rápida capilarização de ideias, mediadas de modo acelerado, a partir da nova figura do intelectual público, a aparição dos novos meios eletrônicos de *broadcast* e a popularização das experimentações formais do Modernismo deu a esse amplo debate público uma nova camada. A batalha retórica era importante, mas igualmente essencial era a galvanização de um imaginário e de uma sensibilidade que mobilizasse seus concidadãos.

82 No original: (...) during the 1920s the magazine was a fascinating cultural hybrid, juxtaposing articles on fashion, homemaking, and cosmetics with a huge range of cultural materials that we would today classify as “high brow.” In particular, the magazine was a veritable homage to the world of *Bloomsbury*, publishing book and cultural reviews by, and about, a diverse range of critics and artists associated with the Group: Virginia and Leonard Woolf, Clive and Vanessa Bell, Vita Sackville West, Harold Nicolson, Roger Fry, Duncan Grant, David Garnett, the Sitwells, G. E. Moore, Ottoline Morrell, E. M. Forster, Desmond Mac Carthy, Raymond Mortimer, and John Maynard Keynes. (...) Recognizing that the Group was a marketable commodity, *Vogue* exploited *Bloomsbury*’s intellectual, upper-class position by showcasing the influence of their cultural views and the imposition of their taste upon England’s “national life” (...) (Tradução nossa.)

A partir de meados do século, as décadas vitorianas se transformaram em uma época de bibliotecas emprestando títulos, dias livres em museus, tratados populares acessíveis e com preços razoáveis sobre temas surpreendentes, assentos baratos em teatros e salas de concerto, uma explosão na comercialização da cultura, e a popularização de técnicas baratas de reprodução, como litografia e fotografia. Isso é óbvio; a proliferação dos gostos modernistas é, afinal, um elemento central de sua história. Mas é essencial reconhecer que a nova profusão de objetos culturais, dirigida a audiências sempre em expansão, contribuiu muito para aumentar sua diversidade.

(GAY, 2010)⁸³

Se o grupo de Lionel Robbins e Friedrich Hayek na LSE não se confundia à aura de uma formação de vanguarda como *Bloomsbury*, algo do inventário Modernista ainda gravitava o grupo. Ecoando os *kreiss* espalhados pelos cafés da *avant-garde* vienense do *fin-de-siècle*, Robbins e Hayek estabeleceram na LSE um dos principais espaços de elaboração e debate sobre pensamento econômico na Londres dos anos 1930. O seminário organizado pelos dois era, de certo modo, um “grande evento” entre os debates do circuito londrino. Retomando algo da experiência de sua juventude em Viena, Hayek era, também, organizador de um seminário próprio, a ocorrer no período noturno. Frequentado pelo corpo discente e por estudantes veteranos, o seminário Robbins-Hayek tinha, nas memórias do austríaco,

“(...) sempre um tema principal para todo o ano. Eu acho que, sem injustiça, posso dizer que Robbins fez todo o trabalho de organização, incluindo o tópico geral. Mas uma vez iniciada a discussão, eu mais ou menos dominava a discussão. (risos) Era um grande seminário; suponho que trinta ou quarenta pessoas compareciam. Mas sempre houve uma fileira na frente, com pessoas que participavam do seminário há dois ou três anos e dominavam a discussão. Isso incluía não apenas estudantes ... [mas] assistentes e palestrantes juniores.”⁸⁴

(HAYEK apud EBENSTEIN, 2014)

83 No original: From midcentury on, the Victorian decades became a time of lending libraries, free days at museums, accessible and reasonably priced popular tracts about some astonishing offerings, cheap seats in theatres and concert halls, an explosion in the commercialization of culture, and the popularization of inexpensive reproductive techniques like lithography and photography. That is obvious enough; the proliferation of modernist tastes is after all a central element in their history. But it is essential to recognize that the new profusion of cultural objects, addressed to ever-expanding audiences, did much to increase their diversity. (Tradução nossa.)

84 No original: “(...) always a main topic for the whole year. I think without injustice I can say that Robbins did all the organising work, including the general topic. But once it came to discussion, I more or less dominated discussion. (laughter) It was a large seminar; I suppose thirty or forty people attended. But there was always a front row of people who had been members of the seminar for two or three years already, and they dominated the discussion. This included not only students... [but] assistants and junior lecturers.” (Tradução nossa.)

O circuito dos *kreiss* se apresentava como uma rede a conectar as ideias e debates que gravitavam cada grupo (era comum que, em Viena, um círculo contasse com membros de outros grupos, configurando uma complexa malha essencial à difusão crítica do pensamento na capital). Ao mesmo tempo, entre os grupos espalhados pelos muito seminários econômicos londrinos, existia, ao menos, uma importante interface: um evento conjunto periódico que reunia economistas iniciantes de Cambridge, da LSE, e de Oxford. Ebenstein (2014), recuperando a memória de Elizabeth Durbin, filha do político trabalhista Evan Durbin (este, socialista, foi, nos anos 1930, também professor na LSE), sugere que o principal evento do tipo eram mesmo os

(...) “seminários conjuntos de Londres-Cambridge-Oxford, que eram realizados regularmente durante o período letivo, em um dos três locais. Aparentemente todos vinham, particularmente os economistas mais jovens - Durbin, Gaitskell, Lerner, Hicks, Kahn, Sraffa, Joan Robinson, Harrod, Meade; ocasionalmente, os grandes nomes também apareciam - Keynes, Hayek ou Robbins. Rosenstein-Rodan lembra-se vividamente de uma reunião em que apresentou um artigo sobre dinheiro e suas diferentes funções, argumentando que tanto Keynes quanto Hayek estavam errados porque não levaram em conta o papel do tempo e seu efeito nas antecipações. Hayek respondeu com uma “longa diatribe”; ele foi seguido por Keynes, “que se levantou para dizer que concordou inteiramente e que em seu próximo livro ele lidava com isso.””⁸⁵

(DURBIN apud EBENSTEIN, 2014)

Robbins era, de modo indiscutível, o principal nome de seu departamento na LSE. Embora Hayek tivesse proeminência como um dos mais vocais, e criativos, adversários dos keynesianos e fabianos, Robbins tinha uma aguçada sensibilidade ao novo debate público, e às dimensões do imaginário acionadas nos novos discursos da comunicação de massa. Em 1934, ele publicou *The Great Depression* (1934/2011), livro em que sintetiza, numa prosa “fluida, clara, e ocasionalmente dramática” (BURGIN, 2012), o programa de economia política e as recomendações institucionais que elaborava em parceria com Hayek (cuja linguagem escrita, perpassada por construções truncadas e desafiadoras colocações teóricas, era tida como, no geral, desafiadora). Burgin (2012) sugere que *The Great Depression* tem, como traço definidor, uma aproximação incomum em relação aos programas reformistas ou

85 No original: joint London-Cambridge-Oxford seminars, which were held regularly during term time in one of the three places. Apparently everybody came, particularly the younger economists—Durbin, Gaitskell, Lerner, Hicks, Kahn, Sraffa, Joan Robinson, Harrod, Meade; occasionally the big guns would also show up—Keynes, Hayek or Robbins. Rosenstein-Rodan vividly remembers one meeting in which he presented a paper on money and its different functions, arguing that both Keynes and Hayek were wrong because they did not take account of the role of time and its effect on anticipations. Hayek responded with a ‘lengthy diatribe’; he was followed by Keynes, ‘who rose to say he entirely agreed and that in his next book he dealt with it.’ (Tradução nossa.)

de modernização da época. De modo distinto do programa positivo oferecido pelos keynesianos, o diagnóstico de Robbins (e, em certa dimensão, de Hayek) em *The Great Depression* era essencialmente de ação negativa – em vez de sugerir um programa alternativo, o grupo liberal da LSE oferecia a crítica, e os motivos de não funcionamento, do receituário de Cambridge. Uma característica que parecia reformular, às novas circunstâncias de uma metrópole que se desenhava à decadência do império britânico, o programa negativo, essencialmente idealista, proposto pelo grupo neomarginalista austríaco (DEKKER, 2016).

De todo modo, o imaginário em torno de um “desastre inescapável” a assombrar Robbins e Hayek não demorou a encontrar mais combustível. Se as inconsistências que o próprio Keynes apontava em seu *A Treatise on Money* serviam como freio à real adoção de um programa para sua ampla aplicação, a publicação da sua *General Theory*, em 1936, oferecia, enfim, terreno para uma reforma concreta – mobilizando, também, a resistência do grupo da LSE. Se a cultura é, como sugere Williams (1981), “um modo total de vida” informado pelas circunstâncias do mundo material e pelas construções mentais, a hipótese de uma *General Theory* escrita coletivamente, refinada em novas formações de criação e circulação intelectual, e estruturada como um programa a entrelaçar dimensões técnicas e morais, não parece, assim, tão fora de lugar. Assim como os grupos articulados nas *avant-gardes* se organizavam em novas formações e métodos, estruturando programas rivais e disputando a arena da cultura, também no debate da economia política a disputa da cultura, sintetizada na noção de uma *opinião pública*, lançava mão de estratégias, formações, e métodos novos para a elaboração, disseminação e consolidação de um programa e de um imaginário comum. É verdade que o *Cambridge Circus* não era, exatamente, o grupo de *Bloomsbury*; ainda assim, eram, ambos, espaços de elaboração a compartilhar um mesmo clima, atores e agendas. Do mesmo modo, se os circuitos da *avant-garde* vienense não eram exatamente superpostos aos *kreiss*, é razoável supor que as ideias, discussões, e invenções a se desenhar em um e outro não fossem estanques. E, assim como os pontos de interlocução entre as formações da *avant-garde*, a se consolidar nos novos territórios metropolitanos do capitalismo transnacional, desenhava um circuito à troca e invenção de programas em estala internacional, os seminários da LSE em Londres – e os seminários organizados pelos interlocutores da LSE em Viena, e em Chicago – se conformavam em laboratórios para uma nova dinâmica de produção intelectual de colaboração, invenção e troca em nova intensidade e escala. Se as novas forças da Modernidade transformavam a face e as ações das comunidades criativas e dos espaços de produção intelectual, a academia, um de seus

essenciais pontos de convergência, era, também, transformada e entrelaçada a esse novo mundo.

Além de Robbins e Hayek, entre os mais proeminentes quadros da LSE na década de 1930 estavam Ronald Coase (o criador do "*Coase Theorem*"), Arthur Lewis (primeiro negro a receber o Nobel de Economia, em 1979), John Hicks (co-recipiente do Nobel de economia em 1972), Arnold Plant, Abba Lerner, Nicholas Kaldor, e Arthur Seldom (BURGIN, 2012). A respeito de Robbins, este afirma em suas memórias que "Suas palestras e escritos foram o toque de clarim do liberalismo clássico no contra-ataque ao socialismo." (SELDON apud MULLER, 1996) Hicks ofereceu importantes subsídios teóricos ao keynesianismo, embora não fosse um seguidor de Keynes. Kaldor, inicialmente próximo a Robbins e Hayek, distanciou-se ao passar do tempo, estabelecendo-se nas décadas seguintes, como um dos mais influentes economistas keynesianos. Caminho próximo fez Lerner -- hayekiano ao princípio, Lerner tornou-se mais próximo ao socialismo ao longo da década de 1930.

No grupo de Robbins, alguns nomes se destacavam na disputa pelo imaginário do debate público. Arthur Seldom (1916-2005)⁸⁶, acadêmico de pouco impacto em seu trabalho original, teve importante participação no universo editorial, onde ajudou a viabilizar a publicação e aperfeiçoamento de centenas de acadêmicos e intelectuais de aspiração liberal clássica ou *libertarian* – de jovens aspirantes a pensadores renomados.

Arnold Plant era outro que se destacava em meio ao debate público. Considerado o "número três" do grupo liberal da LSE, ao lado dos amigos Robbins e Hayek (moravam em locais próximos, no *Hampstead Garden Suburb*, e costumavam se frequentar e trocar livros fora da universidade), Plant também tinha sido pupilo de Edwin Cannan, e se destacava especialmente pela habilidade como professor e orador. Contemporâneo de Robbins (era da mesma idade deste, e um ano mais velho que Hayek), Plant não parecia ter, como o austríaco, apreço à alta aplicação teórica. Além de sua atuação como intelectual público, Plant era um economista aplicado, e sua especial área de interesse era o tema da organização industrial. Sua formação inicial era como engenheiro, e sua pesquisa na LSE (onde se matriculou como estudante nos anos 1920, de onde seguiu para a *University of Cape Town*, onde trabalhou por sete anos antes de retornar à instituição londrina) era dedicada ao "problema das corporações públicas central para um conjunto mais amplo de preocupações sobre o conhecimento e a economia" (JOHNS, 2010). Seu trabalho de investigação, que se expandiu a temas como a

86 Sobre Seldom, Burgin (2012) lembra que "Como diretor editorial do Institute of Economic Affairs de 1957 a 1988, ele foi uma fonte importante no auxílio à criação do clima político em que Margaret Thatcher pudesse implementar reformas voltadas ao mercado na Grã-Bretanha, nos anos 1980."

publicidade e à análise histórica do conceito de propriedade intelectual, informou colaborações suas com o *Economica*, em 1934. “Ele atacou a BBC como monopolista por negligenciar os ouvintes (e depois os espectadores); ele criticou a lei de direitos autorais por proteger editores e autores contra leitores; e ele atacou patentes por servir aos monopólios contra os usuários” (JOHNS, 2010). Central à sua crítica da estrutura britânica de comunicação de massas, estava uma questão que viria, a partir dos anos 1930, a gravitar o projeto intelectual de Hayek até o fim de sua vida: a relação entre a livre circulação do conhecimento e a construção, funcionamento, e manutenção dos mecanismos de mercado. Para Plant, o eventual crescimento da intervenção do Estado no funcionamento dos monopólios econômicos levaria à “deformação” dos mecanismos a partir do qual suas inovações, produtos, e conhecimento se disseminariam entre o público consumidor. O que, por sua vez, levaria a um efeito bola de neve – a partir da deformação inicial, grandes grupos econômicos tenderiam a internalizar essas deformações, o que levaria à consolidação interna de uma cultura de baixa transparência, debilitando o funcionamento da dinâmica de mercado. Sua crítica da BBC é um bom exemplo: segundo Plant, o grupo governamental de comunicação, ao controlar toda a cadeia produtiva da comunicação de massas, da elaboração intelectual à radiodifusão e à capilaridade de seu alcance, levaria a desequilíbrios no fluxo informacional. Ao receber dados incompletos, ou vagos demais, ou submetidos à eventual inacessibilidade a conjuntos de conhecimentos, os setores da sociedade se organizariam de modo imperfeito, “tateando no escuro”. Adrian Johns (2010) sugere que a crítica de Plant teria impacto no que, do final dos anos 1930 em diante, se tornaria uma pedra de toque do projeto hayekiano, a percepção de “corporações públicas como passos para o totalitarismo” (p. 81). Retomando a autobiografia de Robbins, Burgin (2012) aponta à influência central atribuída a Plant no que diz respeito ao desenvolvimento dos departamentos de administração e economia da LSE. Do mesmo modo, o próprio Plant afirmaria, também, que sua interação com Hayek teria levado ao cultivo de um especial interesse, compartilhado por ambos, no que diz respeito à propriedade pública e privada, seus escopos, e suas funções (BURGIN, 2012).

Apesar das críticas à BBC, Plant era uma voz corrente do grupo de Robbins na emissora britânica. Nos arquivos da Radio Times, Plant tem registradas, na grade de programação da emissora, mais de uma dezena de participações como palestrante ou debatedor: quatro em 1931, duas em 1932, uma em 1935, uma em 1937, e três em 1938⁸⁷. A

87 As participações de Arnold Plant registradas na Radio Times são referentes aos seguintes programas: "How wealth has increased", 28/09/1931; "Industry and trade" — II, 05/10/1931; "Industry and Trade" — III, 12/10/1931; "How wealth has increased" — VI, 02/11/1931; "How has the state met the change?" — II, 22/02/1932; "Must Britain starve?", 11/5/1932; "Workaday World" — II,

disputa do debate público era, portanto, também parte do programa intelectual no qual Hayek era imerso na LSE. As trincheiras, estratégias e programas dedicados à engenharia de um novo mundo se espalhavam, então, em amplo arco – algo não redutível a um simples jogo retórico, ou à divulgação de uma mentalidade a articular um convencimento reformista, ou à invenção de novos imaginários e sensibilidades, ou a um programa científico. Engolidos pelo turbilhão de uma civilização lançada à aceleração tecnológica e cognitiva, e forçada, na primeira Guerra Mundial, a encarar seu potencial para a destruição ilimitada, a disputa pela arena das ideias era, mais que uma queda de braço pela supremacia ideológica, uma disputa em torno da própria sobrevivência e manutenção do tecido social. (EKSTEINS, 1989) Os novos tempos pediam a construção de uma ampla frente, transnacional e interdisciplinar, que colocasse a serviço da sobrevivência e manutenção da ordem liberal as novas forças da modernidade.

4.1 A reviravolta metodológica

Enquanto, passada a agitação do duelo público entre os dois, Hayek era eclipsado por Keynes (e, neles representados, seus respectivos grupos intelectuais), eram colocadas em movimento invenções teóricas que, a seu tempo, viriam a varrer os espaços do consenso keynesiano do pós segunda guerra. Entre meados e o fim da década de 1930, o austríaco formularia os marcos de uma síntese interdisciplinar que, articulando teoria econômica, epistemologia, psicologia, biologia, ciência política (e, mais tarde, os novos campos da teoria da informação e da cibernética) (CALDWELL, 1994, 2004, 2007; MIROWSKI, 1999, 2002; MIROWSKI e NIK-KHAH, 2017), se espraiaria, em variadas formas, por vanguardas teóricas dos dois lados do pacífico.

Esse período de reposicionamento permanece, de certo modo, um mistério a mobilizar seus biógrafos. Em suas memórias, o próprio Hayek parece não dar um sentido definitivo a essa guinada, ou apontar a esse debate metodológico como um ponto de virada em sua trajetória. O questionamento -- que Caldwell, resumizando o drama do historiador, colocará como "Este é apenas mais um exemplo de como a memória pode enganar a mente, ou como sobre como desenvolvimentos posteriores ditam a lembrança do passado?" (CALDWELL, 2004, p. 206) -- aponta, para além das motivações do austríaco, as veredas que se bifurcarão

26/4/1935; "This planning business", 08/5/1937; "Can the growth of towns and industries be controlled?", 04/3/1938; "For the schools", 30/6/1938; "History in the Making", 29/11/1938. Levantamento realizado em março de 2018. Edições ou novas digitalizações pelo acervo online da BBC podem levar a futuros registros não encontrados no processo desta pesquisa.

de seu programa inicial. E que servirão de insumo intelectual e ideológico (e ao seu eventual embaralhamento) no desenvolvimento de seu programa de renovação do liberalismo.

Entre meados da década de 1920 e o início da década de 1940, Hayek publicou quatro grandes trabalhos técnicos em economia. Em 1929, sua tese de habilitação na Universidade de Viena, *Monetary Theory and the Trade Cycle* (1933), foi publicada em alemão (e republicada, em 1933, em inglês); suas palestras de 1931 na LSE foram publicadas no mesmo ano, com uma segunda edição, em 1935, sob o título *Prices and Production* (1932); em 1939, foi publicado *Profits, Interest and Investment* (1939), uma série de artigos sobre economia industrial. A quarta obra, *The Pure Theory of Capital* (1941/2007), era pensada como um contragolpe à *General Theory* de Keynes, e foi publicada em 1940.

O período de 1930 foi prolífico para Hayek. Além de seus trabalhos técnicos, ele se comprometeu com uma intensa produção de artigos, edições, e panfletos (LIGGIO, 1978-1979)⁸⁸. Transitando pela história econômica, economia política, e epistemologia (e, não raro, entrelaçando esses campos em esforços interdisciplinares), Hayek terá em Londres – e nos novos espaços de interlocução oferecidos por uma intensa dinâmica cosmopolita, da qual a cidade era um dos polos formadores – um período de profunda invenção. Ali, ele se lançará a uma revisão e renovação de sua trajetória teórica, num movimento duplo: ao mesmo tempo em que servirá de conduíte para a transmissão das ideias do debate econômico continental para o caldo intelectual britânico, ele também irradiará da Inglaterra ao continente as novas formulações a emergir na LSE. Essa volta do pêndulo, que dialogará com seus velhos interlocutores austríacos e centro-europeus, se espalhará para além dos limites da Europa continental: posicionados em um dos nós do novo fluxo de transmissão do conhecimento forjado pela modernidade, Hayek e o grupo da LSE veriam suas ideias cruzarem o Atlântico, encontrando ecos de reverberação e invenção também nos Estados Unidos, especialmente através dos canais de diálogo abertos com pensadores da Universidade de Chicago.

Três publicações de Hayek ajudam a demarcar esse reposicionamento do pensamento hayekiano: o artigo “*The Trend of Economic Thinking*” (1933), de 1933; a coletânea *Collectivist Economic Planning* (1935/1963), de 1935, e o ensaio “*Economics and Knowledge*” (1937), de 1937. Caldwell delimitará esse momento na publicação de “*Economics and Knowledge*”; em Ebenstein, podemos encontrar esse momento entre o artigo publicado no *Economica* e a publicação de *Collectivist Economic Planning*. Serão, ambas,

88 Um detalhado levantamento da produção de Hayek pode ser encontrado na coletânea organizada por Leonard P. Liggio: *Literature of Liberty: A Review of Contemporary Liberal Thought*, publicada pelo Cato Institute (1978-1979) e pelo the *Institute for Humane Studies* (1980-1982). <<https://oll.libertyfund.org/titles/1305>>

obras a apontar a uma transição, da economia técnica aos temas mais amplos das ciências sociais aplicadas e do debate interdisciplinar. Se, em *Collectivist Economic Planning*, a apresentação e recontextualização do debate do cálculo no socialismo servirão para arrematar a transição/transformação do corpo intelectual continental em que Hayek teria se formado, “*Economics and Knowledge*” se definiria no sentido inverso: seria um recado a seus antigos colegas de pesquisa austríacos sobre algumas das novas formulações que o distanciariam de certo corpo apriorístico da tradição neomarginalista. A esses, sugiro, como complemento, o artigo “*The Trend of Economic Thinking*” (1933) – em que Hayek oferece, para além da transição epistemológica sugerida na “reviravolta metodológica”, uma dimensão que viria a informar sua atuação como pensador da economia política e como intelectual público: o papel da comunicação pública, e dos circuitos de opinião da esfera pública, como elementos a conformar o mecanismo de mercado e os insumos a informar o seu próprio funcionamento.

“*The Trend of Economic Thinking*”, sua palestra inaugural como acadêmico da LSE, se propõe como uma sumarização das ideias que Hayek formulava à época, e que levava à academia britânica. O texto se inicia com um aceno à centralidade do pensamento econômico como organizador da vida – uma noção à qual Hayek se dedicará ao longo de toda sua trajetória intelectual. Ao mesmo tempo em que aponta a especificidade do papel do economista no universo intelectual, uma posição “distinta da dos praticantes de qualquer outro ramo do conhecimento”⁸⁹ (HAYEK, 1933), ele posiciona uma tendência a mobilizar sua curiosidade e seu plano de ação: enquanto as habilidades intelectuais do economista se engajariam em incomum frequência com as novas questões sociais apresentadas pela modernidade, o modo como ele era visto pela opinião pública se “moveria em direção contrária”. Para Hayek, esse curto-circuito teria um motivo claro. Apesar de instrumentalmente equipados para lidar com a complexidade articulada pelas questões do novo século, o aparato de ideias sob o qual os economistas se movimentariam seria obsoleto, em descompasso com as “reais” dinâmicas e camadas de entendimento a organizar o mundo dos anos 1920 e 1930. O debate econômico aplicado se encontraria, então, em uma encruzilhada.

No caso dos economistas clássicos, isso se daria pela percepção errada das estruturas econômicas como um mecanismo que poderia ser “ajustado” a partir da aplicação de novos fatores e forças; já para os economistas alinhados à escola histórica alemã (os velhos rivais dos neomarginalistas austríacos), o problema estaria numa redução da análise econômica à

89 No original: “The position of the economist in the intellectual life of our time is unlike that of the practitioners of any other branch of knowledge.” (Tradução nossa.)

sua pura dimensão histórica – à percepção do mercado como algo reduzido a uma espécie de subproduto do processo histórico, uma manifestação da natureza institucional articulada entre Estado e sociedade; e, ao fim, com os socialistas, o problema seria o modo como eles buscariam retirar o mercado completamente da equação, submetendo sua análise da ordem social a desenhos econômicos fundamentalmente distorcidos e falhos. Ao centro de todos esses desequilíbrios, emergem entrelaçadas, para Hayek, duas proposições: a extensão das medidas de planejamento estatal, e a extensão de seu alcance. Em ambos os casos, sugere Hayek, o esforço do economista, por bem intencionado, acabaria em alguma espécie de estrago, com os esperados efeitos em sua popularidade – ou, nas palavras de Hayek, “objeto de antipatia e suspeita”. (HAYEK, 1933) A solução – convenientemente encapsulada no corpo de pensamento que o austríaco trazia à LSE – estaria em entender os pontos falsos a se desenhar nas correntes de pensamento econômico predominantes e oferecer um caminho de ação alternativo.

Se Hayek encontrava nas correntes de pensamento a gravitar o debate público um obstáculo ao avanço da ciência econômica (e, a reboque, o futuro do mundo), ele não se furtará a oferecer sua contribuição à resolução do problema. Esse esforço se concretizará, em 1935, no volume *Collectivist Economic Planning*. Editado por Hayek, o livro encapsulará uma tentativa de reposicionar – e transformar – o clima corrente à época na economia política britânica. Lançando mão de arsenal teórico familiar ao universo intelectual austríaco, o debate do cálculo no socialismo, *Collectivist Economic Planning* se apresentará como uma pioneira introdução, em língua inglesa, ao debate levado a cabo no continente nas primeiras décadas do século XX entre os defensores e os críticos da planificação econômica.

Collectivist Economic Planning é composto por seis artigos. Destes, dois são de autoria de Hayek: o prólogo (intitulado “*The nature and history of the problem*”), onde ele oferece uma breve apresentação do debate do cálculo do socialismo e seus desdobramentos técnicos, epistemológicos e políticos, e o posfácio (intitulado “*Present state of the debate*”), onde ele faz um primeiro esforço à transição, para a discussão inglesa, dos termos do debate continental. Nos outros textos selecionados por Hayek, o volume se propõe a cobrir os rumos do debate até então, tanto em seu arco histórico, como em sua capilaridade internacional e solo europeu. O centro do debate levado por Hayek para o circuito intelectual britânico se assentará, porém, sobre o publicado no universo germânico, com ensaios de acadêmicos da Holanda (N. G. Pierson), Áustria (Ludwig von Mises), Alemanha (Georg Halm). O livro conta, ainda, com um ensaio do italiano E. Barone – esse, porém, é oferecido como um anexo. O motivo, explica Hayek, teria a ver com o texto ser mais relevante como documentação de

caráter histórico e técnico (o artigo, intitulado “*The ministry of production in the collectivist state*”, é de 1908), e não tão relevante para os temas então correntes na discussão britânica. Completa o volume um levantamento das publicações dedicadas, até então, ao debate do cálculo no socialismo, cobrindo argumentos contra e a favor articulados dos dois lados do Atlântico. A bibliografia oferecida no anexo chega, mesmo, a oferecer as produções da esquerda austríaca refratária à posição de Mises e Hayek, com indicações de textos de Karl Polanyi (1886-1964) e Otto Neurath - este, vale lembrar, foi o alvo da crítica miseana que, no início dos anos 1920, colocaria em movimento toda a controvérsia. Para além da defesa das trincheiras do grupo liberal da LSE, continuamente pressionada pelos fabianos, em um flanco, e pelos keynesianos, em outro, há em *Collectivist Economic Planning* um esforço de divulgação e convencimento público, que, como atestará o próprio Hayek, "pode servir como base para uma discussão mais aprofundada, em vez de uma exposição sistemática ou conectada de um único ponto de vista" (HAYEK, 1935). Ao buscar uma interlocução com um público médio e uma introdução ao estado da arte do debate do cálculo no socialismo em sua circulação por centros dos dois lados do Atlântico – assim como a previsão de um volume complementar (que traria um texto, inicialmente traduzido ao alemão, sobre os efeitos da planificação econômica na economia soviética, escrito pelo economista russo Boris Brutzkus (1874-1938)) – a iniciativa de Hayek não deixa de apontar algumas similaridades com as estratégias postas em prática por Laski em seu *Left Book Club*.

Na introdução à obra, Hayek retoma o diálogo proposto em “*The trend of economic thinking*”, recordando que:

Por um período comparativamente curto, em meados do século passado, o grau em que os problemas econômicos eram vistos e compreendidos pelo público em geral era, sem dúvida, muito maior do que atualmente.

(...)

A queda do sistema clássico tendeu a desacreditar a própria ideia de análise teórica, e tentaram substituir por uma compreensão do porquê dos fenômenos econômicos como uma mera descrição de sua ocorrência. Em consequência, a compreensão da natureza do problema econômico, a conquista de gerações de ensino, foi perdida.⁹⁰

90 No original: For a comparatively short period in the middle of last century, the degree to which the economic problems were seen and understood by the general public was undoubtedly much higher than it is at present. (...) (Tradução nossa.)

The downfall of the classical system tended to discredit the very idea of theoretical analysis, and it was attempted to substitute for an understanding of the why of economic phenomena a mere description of their occurrence. In consequence, the comprehension of the nature of the economic

(HAYEK, 1935/1963)

Ao que prosseguirá, associando a emergência do debate socialista ao que seria uma dissolução do pensamento liberal clássico na discussão econômica:

Os economistas que eram ainda interessados em análises gerais estavam preocupados demais com a reconstrução dos fundamentos puramente abstratos da ciência econômica para exercer uma influência perceptível na opinião sobre políticas.

Foi em grande parte devido a esse eclipse temporário da economia analítica que os problemas reais conectados às sugestões de uma economia planificada receberam exame surpreendentemente tão pouco cuidadoso.⁹¹

(HAYEK, 1935/1963)

É interessante notar que a hipótese de Hayek, ao contrapor uma suposta pureza do pensamento liberal e sua imaginada hegemonia junto à opinião pública, parecem se assentar mais sobre percepções pessoais do que em evidências históricas. Essa leitura aparentemente peculiar da história do pensamento econômico parece apontar a dois sentidos. Por um lado, há o que Boetkke (2001) verá como uma tendência “oportunista” de Hayek ao se debruçar sobre a “história do pensamento político, filosófico, e econômico”. Nesse sentido, o esforço do austríaco a reposicionar uma leitura idealizada da tradição liberal como contraponto à cientificação (e aplicação prática) da ciência econômica se informa pela mesma necessidade de diálogo e persuasão da opinião pública que aponta em seus críticos. Na outra ponta, há uma idealização do pensamento liberal do século XIX que, em verdade, não pareceria se sustentar se levadas em consideração as tensões a permear o liberalismo desde o século XVIII. Passet (2002), Bobbio (2011, 2013), Losurdo (2015) e Dardot e Laval (2016) pontuarão a respeito das disputas e contradições a moldar o pensamento liberal nos séculos que antecederão os 1900. A idealizada projeção que Hayek fará do liberalismo – e, especialmente, da tradição do whiggismo – pode se delinear, portanto, como uma simplificação destinada à opinião pública e, também, no esforço de debate público e renovação do pensamento liberal em curso na LSE, *como uma idealização a ser realizada*. E,

problem, the achievement of generations of teaching, was lost. (Tradução nossa.)

91 No original: The economists who were still interested in general analysis were far too much concerned with the reconstructing of the purely abstract foundations of economic science to exert a noticeable influence on opinion regarding policy.

It was largely owing to this temporary eclipse of analytical economics that the real problems connected with the suggestions of a planned economy have received so surprisingly little careful examination. (Tradução nossa.)

de fato, ao se dedicar à apresentação e posicionamento do problema do debate econômico, Hayek não se furtará a lançar mão de simplificações também para o campo adversário:

Alguém pode procurar em vão, em seus escritos, qualquer afirmação definida dos princípios gerais sobre os quais a atividade econômica na comunidade socialista seria dirigida.

(...)

Chegamos agora a um ponto em que é necessário separar claramente vários aspectos dos programas que, até agora, consideramos socialistas. Para a parte inicial do período em que a crença no planejamento central cresceu, é historicamente justificado identificar, sem muita qualificação, a idéia de socialismo e de planejamento. E no que diz respeito aos principais problemas econômicos, isso ainda acontece hoje.

(...)

Por ora, será conveniente usar o termo socialismo para descrever os fins socialistas tradicionais e usar o termo planejamento para descrever o método, embora mais tarde usemos o socialismo no sentido mais amplo. No sentido mais estrito do termo, pode-se dizer, então, que é possível ter muito planejamento com pouco socialismo ou pouco planejamento e muito socialismo.⁹²

(HAYEK, 1935/1963)

Essa definição de socialismo como um amplo programa à rearticular a relação entre Estado, indivíduo e dinâmica econômica se encontrará presente ao longo do projeto hayekiano, e se estabelecerá como um dos eixos a estruturar o argumento que, na década seguinte, informará a obra que encapsulará seu programa: *Road to Serfdom*.

Hayek sugerirá que a capilaridade do pensamento informado pelo socialismo, em suas muitas faces, absorverá não apenas o imaginário do debate público mas, também, as dimensões práticas da economia política. As variedades de políticas públicas informadas pela lógica de intervencionismo estatal na economia, em suas muitas intensidades e programas, tornarão o socialismo, para Hayek, numa espécie de guarda-chuva para experimentos

92 No original: One may search his writings in vain for any definite statement of the general principles on which the economic activity in the socialist community would be directed.

(...)

We have now reached a point where it becomes necessary clearly to separate several different aspects of the programmes which we have so far lumped together as socialistic. For the earlier part of the period in which the belief in central planning grew it is historically justified to identify, without much qualification, the idea of socialism and that of planning. And in so far as the main economic problems are concerned, this is still the case to-day.

(...)

For the present it will be convenient to use the term socialism to describe the traditional socialist ends and to use the term planning to describe the method, although later we shall use socialism in the wider sense. In the narrower sense of the term it can be said, then, that it is possible to have much planning with little socialism or little planning and much socialism. (Tradução nossa.)

diversos. Na reflexão que acompanha os textos selecionados em *Collectivist Economic Planning*, Hayek criticará o socialismo soviético, a social-democracia, e planificações localizadas em setores de economias capitalista. Na crítica hayekiana, a diferença de escopo, intensidade e profundidade desses experimentos não farão tanta diferença – são, todos, manifestações do socialismo.

Hayek se esforçará em fazer uma ponte entre a tradição acadêmica austríaca e o debate liberal britânico:

Vale a pena notar que, já em 1854, o mais famoso entre os predecessores da moderna escola da "utilidade marginal", o alemão H. H. Gossen, chegou à conclusão de que a autoridade econômica central projetada pelos comunistas logo descobriria ter estabelecido para si uma tarefa que, em muito, excedia os poderes individuais dos homens. Entre os economistas posteriores da escola moderna, o ponto em que Gossen baseava sua objeção, a dificuldade do cálculo racional quando não havia propriedade privada, era frequentemente sugerido. Isso foi oferecido de modo particularmente claro pelo Professor Cannan, que enfatizou o fato de que os objetivos dos socialistas e comunistas só poderiam ser alcançados "abolindo tanto a instituição da propriedade privada quanto a prática da troca, sem a qual o valor, em qualquer sentido razoável da palavra, não pode existir".⁹³

(HAYEK, 1935/1963)

É interessante levar em consideração que a crítica à intervenção estatal e à premissa de uma possibilidade lógica de funcionamento da economia (tanto em nível estrutural como, especialmente, no que diz respeito à dinâmica de alocação de informação e recursos) é, na Londres de meados da década de 1930, ainda articulada, essencialmente, sobre o estado do debate presente na Viena dos anos 1920. Na apresentação da controvérsia, e na justificação intelectual do marco central ao debate, Hayek posicionará no centro do tabuleiro o debate germânico:

Além da Rússia, onde a rapidez da mudança nos anos imediatamente posteriores à revolução deixou pouco tempo para uma reflexão tranquila, foi principalmente na Alemanha e, ainda mais, na Áustria, que essas questões foram mais seriamente debatidas. Particularmente

93 No original: It is perhaps worth noting that as early as 1854 the most famous among the predecessors of the modern "marginal utility" school, the German, H. H. Gossen, had come to the conclusion that the central economic authority projected by the communists would soon find that it had set itself a task which far exceeded the powers of individual men. 1 Among the later economists of the modern school the point in which already Gossen based his objection, the difficulty of rational calculation when there is no private property, was frequently hinted at. It was particularly clearly put by Professor Cannan, who stressed the fact that the aims of socialists and communists could only be achieved by "abolishing both the institution of private property and the practice of exchange, without which value, in any reasonable sense of the word, cannot exist. (Tradução nossa.)

na última, cujos socialistas sempre desempenharam um papel de liderança no desenvolvimento intelectual do socialismo, e onde um partido socialista forte e não dividido provavelmente exerceu uma influência maior sobre a política econômica do que em qualquer outro país fora da Rússia, os problemas do socialismo assumiram enorme importância prática.

(...)

Entre essas primeiras contribuições socialistas para as discussões, em muitos aspectos, a mais interessante e, em qualquer caso, a mais representativa para o ainda muito limitado reconhecimento da natureza dos problemas econômicos envolvidos, é um livro do Dr. O. Neurath que apareceu em 1919, no qual o autor tentou mostrar que as experiências de guerra mostraram que era possível dispensar quaisquer considerações de valor na administração da oferta de mercadorias e que todos os cálculos das autoridades centrais de planejamento deveriam e poderiam ser realizados *in natura*, ou seja, que os cálculos não precisam ser realizados em termos de alguma unidade comum de valor, mas sim que poderiam ser feitos em espécie.⁹⁴

(HAYEK, 1935/1963)

A citação a Neurath, e a argumentação a respeito do debate do cálculo no socialismo ser elaborado de modo especialmente sério na Alemanha e na Áustria, servem como preâmbulo ao que Hayek apresentará, no livro, como o centro da discussão. De fato, o chute inicial à partida que se estenderia ao longo das próximas décadas seria dado na interlocução entre Neurath e Mises – mais especificamente, na resposta deste à argumentação do primeiro. Ao tratar do texto de Mises publicado no livro, “*Economic calculation in the socialist commonwealth*”, Hayek explicará que no artigo,

(...) que surgiu na primavera de 1920, ele demonstrou que a possibilidade de cálculo racional em nosso sistema econômico atual se

94 No original: Apart from Russia, where the rapidity of change in the years immediately following the revolution left little time for quiet reflection, it was mainly in Germany and even more so in Austria that these questions were most seriously debated. Particularly in the latter. country whose socialists had always played a leading role in the intellectual development of socialism, and where a strong and undivided socialist party had probably exercised a greater influence on its economic policy than in any other country outside of Russia, the problems of socialism had assumed enormous practical importance. (...)

Among these early socialist contributions to the discussions, in many ways the most interesting and in any case the most representative for the still very limited recognition of the nature of the economic problems involved, is a book by Dr. o. Neurath which appeared in 1919, in which the author tried to show that war experiences had shown that it was possible to dispense with any considerations of value in the administration of the supply of commodities and that all the calculations of the central planning authorities should and could be carried out in natura, i.e. that the calculations need not be carried through in terms of some common unit of value but that they could be made in kind. No original: (Tradução nossa.)

baseava no fato de que os preços expressos em dinheiro forneciam a condição essencial que possibilitava tal cálculo.⁹⁵

(HAYEK, 1935/1963)

Mises é apresentado, em *Collectivist Economic Planning*, não apenas como um autor relevante para informar o estado do debate. Em verdade, ele é o autor que teria sintetizado, para Hayek, o conjunto de proposições a encerrar, e estabilizar epistemologicamente, a controvérsia:

A distinção de ter primeiro formulado o problema central da economia socialista de forma a tornar impossível que isso nunca mais desapareça da discussão pertence ao economista austríaco, Professor Ludwig von Mises.⁹⁶

(HAYEK, 1935/1963)

Os outros autores trarão elementos importantes, mas, em comparação com Mises, serão posicionados mais como subsídios que como elementos para demarcar o posicionamento da opinião pública. Sobre o texto do alemão Georg Halm, “*Further considerations on the possibility of adequate calculation in a socialist community*”, Hayek explicará:

No que diz respeito ao resultado das discussões alemãs, o professor G. Halm, que participou ativamente desses debates, resume, em sua contribuição para o presente volume, o presente estado de opinião entre aqueles que adotam uma atitude crítica para o presente⁹⁷.

(HAYEK, 1935/1963)

E, sobre o texto do holandês N.G. Pierson, “*The problem of value in the socialist community*”, originalmente publicado em 1902, a relevância da publicação é apresentada como um marco a esclarecer a trajetória histórica do debate:

Foi apenas no começo do século que, finalmente, uma afirmação geral do tipo que acabamos de examinar sobre a impraticabilidade do

95 No original: (...) which appeared in the spring of 1920, he demonstrated that the possibility of rational calculation in our present economic system was based on the fact that prices expressed in money provided the essential condition which made such reckoning possible. (Tradução nossa.)

96 No original: The distinction of having first formulated the central problem of socialist economics in such a form as to make it impossible that it should ever again disappear from the discussion belongs to the Austrian economist Professor Ludwig von Mises. (Tradução nossa.)

97 No original: "In so far as the result of the German discussions are concerned, Professor G. Halm, who has taken a very active part in these debates, summarizes in his contribution to the present volume, the present state of opinion among those who take a critical attitude to the present. (Tradução nossa.)

socialismo, pelo eminente economista holandês N. G. Pierson, provocou K. Kautsky, então o principal teórico do socialismo marxista, a quebrar o silêncio tradicional sobre o funcionamento real do futuro estado socialista, e para dar numa palestra, ainda um tanto hesitante e com muitas desculpas, uma descrição do que aconteceria no Dia da Revolução. Mas Kautsky só mostrou que não estava ciente do problema que os economistas tinham visto.⁹⁸

(HAYEK, 1935/1963)

Há em *Collectivist Economic Planning*, portanto, dois elementos que serão encontrados na obra hayekiana em sua produção futura. O primeiro é uma noção de amplitude e capilaridade sobre o que seria o pensamento socialista – algo que servirá, no programa hayekiano, para alargar seu convencional entendimento. Mais do que um programa de economia política a encapsular um posicionamento ideológico e um entendimento muito específico do processo histórico, para Hayek o socialismo será definido a partir de sua concretização em variadas implementações de estruturas de planificação e intervenção econômica. Planificação essa que, na leitura hayekiana, manifestaria uma tentativa de controle da história – e de submissão, a partir da crença no processo social como cientificamente administrável, à ideia de um determinismo histórico:

Em muitos aspectos, a escola de socialismo mais poderosa que o mundo viu até agora é essencialmente um produto desse tipo de "Historismus". Embora em alguns pontos Karl Marx tenha adotado as ferramentas dos economistas clássicos, ele fez pouco uso de sua principal contribuição permanente, sua análise da competição. Mas ele aceitou de todo o coração a alegação central da escola histórica de que a maioria dos fenômenos da vida econômica não era o resultado de causas permanentes, mas apenas o produto de um desenvolvimento histórico especial.⁹⁹

(HAYEK, 1935/1963)

98 No original: It was only early in the present century that at last a general statement of the kind we have just examined concerning the impracticability of socialism by the eminent Dutch economist, N. G. Pierson, provoked K. Kautsky, then the leading theoretician of Marxian socialism, to break the traditional silence about the actual working of the future socialist state, and to give in a lecture, still somewhat hesitantly and with many apologies, a description of what would happen on the Morrow of the Revolution. But Kautsky only showed that he was not even really aware of the problem which the economists had seen. (Tradução nossa.)

99 No original: In many respects the most powerful school of socialism the world has so far seen is essentially a product of this kind of "Historismus". Although in some points Karl Marx adopted the tools of the classical economists, he made little use of their main permanent contribution, their analysis of competition. But he did wholeheartedly accept the central contention of the historical school that most of the phenomena of economic life were not the result of permanent causes but only the product of a special historical development. (Tradução nossa.)

Essa definição de socialismo e a crítica ao historicismo se reapresentarão de forma estruturante em *Road to Serfdom*. É interessante lembrar que a crítica do historicismo como elemento formador do liberalismo renovado proposto por Hayek é também apresentada, como elemento central da renovação liberal encapsulada no neoliberalismo, por Karl Popper em seu *The Open Society and Its Enemies* (1945/2011) (Popper era, afinal, contemporâneo de Hayek em seus tempos de juventude em Viena, e viria a ser seu colega em Londres e interlocutor próximo no período de produção de *Road to Serfdom* (JONES, 2014)).

O segundo elemento é a centralidade da ideia de *conhecimento e informação*, e de seu processamento entre os variados operadores do processo econômico. De como o funcionamento da vida em sua dimensão econômica se realizaria de variados modos, articulados a partir de processos em parte subjetivos e dificilmente classificáveis – ou *planificáveis* – em sua totalidade. Para Hayek, o real substrato da dinâmica econômica e seus arranjos encerrariam, em verdade, o sem número de elementos que estruturariam a ordem social. Ontologicamente, a dinâmica econômica seria uma manifestação da riqueza, complexidade e ininteligibilidade dos processos vitais encontráveis não apenas na biologia, mas também nos processos subjetivos que alimentam a vida interior. A conexão entre as dimensões psíquica e biológica da vida como manifestação econômica será um tema a se entrelaçar ao programa hayekiano até, pelo menos, a década de 1950¹⁰⁰. Em *The Road to Serfdom* e *The Counter Revolution of Science* (1953), por exemplo, Hayek oferecerá uma reflexão sobre como programas intelectuais e estruturas de poder podem se cristalizar em plataformas para a manifestação de “deformações” da subjetividade e da energia psíquica; do mesmo modo, em *The Sensory Order* (1952), psicologia, biologia e medicina serão acionadas num incipiente estudo do que viria a ser a neurociência – ao buscar entender os gatilhos e mecanismos do processo cognitivo, Hayek abriria caminho a uma fuga do apriorismo miseano (baseada numa inata tendência humana a agir segundo uma lógica de cooperação pontual que teria, como objetivo inescapável, o ganho individual), reposicionando o entendimento do processo econômico como a síntese do processamento coletivo dos dados da realidade. Ao colocar como substrato do mecanismo econômico o acesso, emissão, e distribuição do conhecimento, ou *informação*, a economia passa a ser entendida como um contínuo processamento da diversidade de interesses, objetivos e ações a partir das quais a

100 Embora parte significativa, e especialmente influente, da obra de Hayek tenha se estabelecido entre as décadas de 1960 e 1970, este trabalho, por circunstâncias de pesquisa e recorte investigativo, se dedicará às décadas entre 1920 e 1950. Onde for o caso, de modo breve serão tratadas obras que, mais tarde, viriam a se delinear como canônicas ao pensamento hayekiano, como *The Constitution of Liberty* (1960), e *Law, Legislation and Liberty* (1973).

vida, em sua dimensão econômica, se organiza (CALDWELL, 2004). O centro desse processo é, ainda, o indivíduo e sua contínua busca por autorrealização e satisfação pessoal. Mas, ao levar em consideração uma incalculável dimensão de manifestações do que, exatamente, poderia ser entendido como “satisfação pessoal” – num universo científico que, poucas décadas após as primeiras descobertas de Freud, apenas começava a entender a profundidade da vida psíquica e de suas manifestações – o elemento central ao entendimento da economia passa a ser os variados sinais emitidos pelos indivíduos e o modo como eles viriam, numa complexa e ininteligível ordem, a organizar o maquinário econômico. Hayek elaborará sobre essa premissa ao oferecer, como exemplo, os mecanismos de coordenação do sistema produtivo das primeiras décadas do século XX:

As abstrações teóricas usuais usadas na explicação de equilíbrio em um sistema competitivo incluem a suposição de que certa faixa de conhecimento técnico é "dada". Isso, é claro, não significa que todo o melhor conhecimento técnico esteja concentrado em uma única cabeça, mas que pessoas com todos os tipos de conhecimento estarão disponíveis e que entre aquelas que competem em um determinado trabalho, falando amplamente, aquelas que fazem o uso mais apropriado do conhecimento técnico serão bem-sucedidas. Em uma sociedade centralmente planejada, essa seleção dos mais adequados entre os métodos técnicos conhecidos só será possível se todo esse conhecimento puder ser usado nos cálculos da autoridade central.¹⁰¹
(HAYEK, 1935/1963)

Hayek se dedicará, a partir daí, a alguns desdobramentos a gravitar a questão da coordenação e processamento do conhecimento. Sobre as dificuldades matemáticas, tecnocientíficas subjacentes à elaboração de um sistema de organização econômica necessário a uma economia planejada, ou semi-planejada (este último caso cobriria o que Hayek entenderia como o “socialismo de mercado” discutido no debate social-democrata), os prognósticos do austríaco eram de algum ceticismo:

É improvável que qualquer um que tenha percebido a magnitude da tarefa envolvida tenha proposto seriamente um sistema de

101 No original: The usual theoretical abstractions used in the explanation of equilibrium in a competitive system include the assumption that a certain range of technical knowledge is "given". This, of course, does not mean that all the best technical knowledge is concentrated anywhere in a single head, but that people with all kinds of knowledge will be available and that among those competing in a particular job, speaking broadly, those that make the most appropriate use of the technical knowledge will succeed. In a centrally planned society this selection of the most appropriate among the known technical methods will only be possible if all this knowledge can be used in the calculations of the central authority. (Tradução nossa.)

planejamento baseado em sistemas abrangentes de equações. O que de fato tem estado nas mentes daqueles que têm debatido esse tipo de análise é a crença de que, partindo de uma dada situação, presumivelmente a da sociedade capitalista pré-existente, a adaptação às pequenas mudanças que ocorrem no dia a dia podem ser gradualmente levadas a um método de tentativa e erro.¹⁰²

(HAYEK, 1935/1963)

A questão subjetiva, de fundo algo moral, a se manifestar na hipotética transição da ordem da livre concorrência para a mecânica econômica planificada, é também levantada pelo austríaco. Ao se debruçar sobre o exemplo de como funcionaria a racionalidade por trás de deveres, expectativas e decisões de investimento numa economia socialista de mercado, Hayek argumenta:

E enquanto o empresário individual teria, com toda a probabilidade, uma certa estabilidade contratual para administrar a fábrica que lhe foi confiada, todo novo investimento será necessariamente direcionado centralmente. Essa divisão na disposição sobre os recursos teria, então, simplesmente o efeito de que nem o empreendedor nem a autoridade central estariam realmente em posição de planejar, e que seria impossível avaliar a responsabilidade pelos erros. Assumir que é possível criar condições de competição total sem fazer com que aqueles que são responsáveis pelas decisões paguem por seus erros parece ser pura ilusão. Será, na melhor das hipóteses, um sistema de quase concorrência em que a pessoa realmente responsável não será o empresário, mas o funcionário que aprova as suas decisões e, em consequência, todas as dificuldades surgirão ligadas à liberdade de iniciativa e à avaliação de responsabilidade geralmente associada à burocracia.¹⁰³

(HAYEK, 1935/1963)

102 No original: It is improbable that anyone who has realized the magnitude of the task involved has seriously proposed a system of planning based on comprehensive systems of equations. What has actually been in the minds of those who have mooted this kind of analysis has been the belief that, starting from a given situation, which was presumably to be that of the pre-existing capitalistic society, the adaptation to the minor changes which occur from day to day could be gradually brought about by a method of trial and error. (Tradução nossa.)

103 No original: And while the individual entrepreneur would in all probability be given some definite contractual tenure for managing the plant entrusted to him, all new investment will necessarily be centrally directed. This division in the disposition over the resources would then simply have the effect that neither the entrepreneur nor the central authority would be really in a position to plan, and that it would be impossible to assess responsibility for mistakes. To assume that it is possible to create conditions of full competition without making those who are responsible for the decisions pay for their mistakes seems to be pure illusion. It will at best be a system of quasi-competition where the person really responsible will not be the entrepreneur but the official who approves his decisions and where in consequence all the difficulties will arise in connection with freedom of initiative and the assessment of responsibility which are usually associated with bureaucracy. (Tradução nossa.)

Collectivist Economic Planning poderia ser visto como um preâmbulo, portanto, aos elementos de transição e síntese que serão apresentados em “*Economics and Knowledge*”. Ao mesmo tempo em que Hayek recuperará, e atualizará para o debate britânico, a discussão colocada em movimento por Neurath e Mises na Viena do início dos anos 1920, ele também estabelecerá, a partir daí, alguns dos elementos que informarão seu programa nas décadas seguintes – será o elemento estruturador do que Ebenstein (2015) definirá como a sua fase madura, em que se afastará de preceitos da economia política liberal clássica (defendidas, em menor ou maior grau, em sua juventude), e se posicionará num programa anti-estatal de crescente radicalização.

As transições pelas quais passará o programa liberal de Hayek serão investigadas por Foucault (2008). Em seu seminal trabalho, Foucault sugere um ponto comum de disseminação e transformação intelectual a estabelecer certos pontos de conexão entre o socialismo de fins do século XIX e o liberalismo a emergir nas primeiras décadas do século XX. Do mesmo modo que a migração intelectual e os episódios de exílio em fins do século XIX teriam sido instrumentais à difusão e consolidação do Socialismo, movimento similar poderia ter se conformado com o exílio forçado dos pensadores das escolas antiestatais liberais do século XX.

De fato, a Áustria que emergia da Primeira Guerra Mundial vivia tempos de instabilidade, e era um país sob o espectro do exílio. Da expansão de uma direita a flertar com o antissemitismo, com a eleição do chanceler Ignaz Seipel (1876-1932), do Partido Socialista Cristão¹⁰⁴, em 1922, até a ascensão da direita radical, com a vitória, em 1932, dos austrofascistas liderados por Engelbert Dollfuss (1892-1934), culminando na Anschluss (a anexação da Áustria pela Alemanha Nazista, em 1938), o horizonte político do país levou a uma profunda transformação do cenário intelectual germânico, com efeitos especialmente profundos na vida austríaca:

104 Sobre o antissemitismo na Áustria do início do século XX, Schwarz lembra que "Large segments of the Austrian population were also fiercely anti-Semitic, a phenomenon that to some extent still distinguishes the Second Republic from the Federal Republic of Germany. It dates back to the religious indoctrination of the Middle Ages and the Counter-Reformation, as well as to Habsburg days when Jews were ubiquitous in the monarchy, the only minority without a fixed territory, who were distrusted or even hated by all others." O Partido Socialista Cristão, a ascender, sob a chancelaria de Seipel, ao controle do país, era representante de uma corrente fortemente demarcada pelo populismo e antissemitismo que influenciariam seu fundador, o ex-prefeito de Viena Karl Lueger -- "the city's anti-Semitic mayor, became young Hitler's admired and emulated model." (SCHWARZ, 1996)

A extensão exata está em disputa, mas de acordo com uma de minhas fontes, 150.000 a 200.000 pessoas emigraram nos anos críticos, começando já em 1934. Outra fonte fala de "mais de 130.000" a quem "os Nacional-Socialistas expulsaram entre março de 1938 e novembro de 1941"- quando as fronteiras foram fechadas - "por meio de éditos discriminatórios, leis e terror aberto". De acordo com esse autor, "a Áustria se entregou" àquilo que era "provavelmente a mais ampla 'exportação' de cultura, conhecimento científico, experiência prática e qualidade artística em sua história". A lista de intelectuais derrotados, nas palavras do prefeito de Viena, se parece com o "Quem é quem" da história intelectual austríaca e europeia."¹⁰⁵

(SCHWARZ, 1996)

Para além das dificuldades econômicas do entreguerras, que forçaram o deslocamento de parte do universo intelectual vienense a se organizar, não raro, à margem da institucionalidade oferecida pelas universidades (DEKKER, 2016), as tensões entre políticas a ultrapassar as décadas de 1920 e 1930, com perenes disputas e conflitos entre comunistas, socialistas e grupos de direita (como no experimento da Viena Vermelha¹⁰⁶ e na subsequente repressão violenta aos social-democratas e ascensão do austro-fascismo), serviram como catalizadores a uma intensa migração intelectual. Utilizando-se, “por motivos práticos”, do termo “intelectuais para juntar escritores, artistas, acadêmicos particulares, cientistas e outros profissionais da universidade”, Schwarz (1996) posiciona a migração intelectual austríaca como um processo onde

A imagem é turva, uma vez que a emigração de cientistas naturais austríacos começou no rescaldo da Primeira Guerra Mundial, quando as oportunidades eram escassas em uma Áustria truncada, e muitos acadêmicos e praticantes de ciências sociais emigraram durante o

105 No original: The exact extent is under dispute, but according to one of my sources, 150,000 to 200,000 persons emigrated in the critical years, starting as early as 1934. Another source speaks of "more than 130,000" whom "the National Socialists drove out between March 1938 and November 1941"— when the borders were closed — "by means of discriminatory edicts, laws and open terror." According to this author, "Austria indulged" in what was "probably the vastest 'export' of culture, scientific knowledge, practical expertise, and artistic quality in its history." The roster of routed intellectuals, in the words of the mayor of Vienna, reads like the "'Who's Who' of Austrian and European intellectual history." (Tradução nossa.)

106 O período da Viena Vermelha refere-se ao governo social-democrata instaurado na capital austríaca em 1918. Após a Primeira Guerra, as radicais transformações sociais e políticas galvanizadas pelo conflito global, bem como a introdução do sufrágio universal, deram impulso a mudanças no cenário vienense. O período da Viena Vermelha foi um episódio de tensão e um laboratório a novas proposições de organização social, com experimentos em educação, políticas públicas em relação esporte e lazer, urbanismo, e medicina. Com a passagem da década de 1920 e a entrada nos anos 1930, o governo social-democrata vienense foi violentamente reprimido, até seu desmantelamento, pelas forças de direita ascender ao poder central da Áustria. (MATTL, 2013)

fascismo clerical da década de 1930. Nas universidades, a discriminação contra os judeus e pensadores que nós, nos Estados Unidos, chamaríamos de "humanistas seculares", começou muito antes de 1938.

(...) A tomada pelos nazistas da vizinha Alemanha, a sangrenta repressão aos social-democratas em 1934, o assassinato de Doufuss pelos nazistas no mesmo ano, o regime antidemocrático dos austro-fascistas, sua ambivalência em relação aos judeus e o deslocamento a uma acomodação com a Alemanha, e o abandono da Áustria por Mussolini foram advertências severas. Mas o perigo claro e presente para vida e membros veio apenas em 11 de março de 1938.¹⁰⁷

(SCHWARZ, 1996)

Nesse processo, onde “os proeminentes e bem conectados não tiveram problemas para encontrar refúgios, enquanto os mais jovens, que ainda não tinham feito seus nomes, tiveram que superar dificuldades em que muitos morreram.” (SCHWARZ, 1996) – um caso que parece se aplicar à trajetória de Hayek –, a expressão da instabilidade social, estranhamento cultural, e intercâmbio a se desenhar em torno das dinâmicas de migração forçada se conformaria em expressões diversas:

Em relatos pessoais, romances e filmes - por exemplo, em *Flotsam* de Erich Maria Remarque, *Transit*, de Anna Seghers, trilogia de filmes *Whereto and Back* de Georg Stefan Trailer, autobiografias como *Malevolent France* de Lion Feuchtwanger, e *Journey of Destiny* de Alfred Doblin, e até mesmo comédias como *Jakubowski and the Colonel*, de Franz Werfel - essa fase já foi descrita inúmeras vezes.¹⁰⁸

(SCHWARZ, 1996)

Esse caráter de invenção e de embaralhamento entre tensão subjetiva, experimentação intelectual, e ambiente em transformação será o eixo a partir do qual Raymond Williams (2007) explicará as práticas e ideias dos movimentos que servirão de motor à renovação do

107 No original: "The picture is blurred, since the emigration of Austrian natural scientists began in the aftermath of World War I, when opportunities were scarce in a truncated Austria, and many scholars and practitioners of social science emigrated during the clerical fascism of the 1930s. In the universities, discrimination against Jews and thinkers whom we in the United States would call "secular humanists" set in much earlier than 1938.

(...) the Nazi takeover in neighboring Germany, the bloody suppression of the Social Democrats in 1934, the murder of Doufuss by the Nazis in the same year, the undemocratic regime of the Austro-Fascists, their ambivalence toward the Jews and drift toward accommodation with Germany, and Mussolini's abandonment of Austria were severe warnings. But the clear and present danger to life and limb came only on March 11, 1938" (Tradução nossa.)

108 No original: In personal accounts, novels, and movies—for example, in Erich Maria Remarque's *Flotsam*, Anna Seghers's *Transit*, Georg Stefan Trailer's film trilogy *Whereto and Back*, autobiographies such as Lion Feuchtwanger's *Malevolent France* and Alfred Doblin's *Journey of Destiny*, and even comedies such as Franz Werfel's *Jakubowski and the Colonel*—this phase has been described innumerable times. (Tradução nossa.)

pensamento e da circulação da cultura ao longo do arco que ele sugerirá ser a maturação do período definido como *modernista*. Embora o arco modernista seja de fato um tema delicado, podendo cobrir não apenas um período longo como definir-se de modo insular, encapsulado em tradições intelectuais muito específicas – arquitetura, artes plásticas, literatura – é importante, neste trabalho, definir marcos temporais e conexões.

Esse circuito urbano, a conectar cidades que se apresentavam como os territórios de realização desse projeto, em que frentes de ação viriam a transformar sua organização urbana e lançá-las a uma global de troca e invenção, servirá de laboratório à reelaboração e à disseminação de novas ideias. Ideias essas que cruzarão os espaços das artes plásticas, da arquitetura, das artes cênicas, na literatura, mas também da elaboração intelectual que será influenciada por todo esse caldo. Os novos locais entabulados pela cidade, e os novos espaços de intercâmbio e invenção (cafés, ateliês, redações de jornais com seus telégrafos, clubes), serão ao mesmo tempo foco de aglomeração, referências a organizar o fluxo intelectual urbano, sinais a buscar novas interfaces e a convidar *avant-gardes* de territórios distintos.

Williams (2007) tratará da metrópole como um epicentro das dinâmicas que desenharão a ideia de modernismo. A emergência de novas tecnologias e novas instituições, e a transmissão de conhecimentos, perspectivas ideológicas, e posições de configuração e controle das possibilidades abertas pela máquina pública constituirão não apenas uma dinâmica de intercâmbio, mas de reorganização dos territórios do conhecimento e de redesenho do próprio mecanismo de representação popular. É em meio a esse universo que não apenas o grupo de Hayek na LSE, ou as *avant-gardes* (como o grupo de *Bloomsbury*, que servirá de comunidade intelectual a Keynes), mas os próprios arranjos institucionais que servirão de âncora a essa dinâmica, se conformarão. Afinal, aponta Levin (1960), a “Escola de Paris foi presidida por um Espanhol expatriado, Picasso, que tem seu monumento em Nova Iorque”.

Há, como lembra Williams (2007), um tipo de crítica que emergirá dos movimentos organizados – classe trabalhadora, socialistas e anarquistas – e que se traduzirá em conformações diversas.

Por uma série de razões sociais e históricas, a metrópole da segunda metade do século XIX e da primeira metade do século XX mudou-se para uma dimensão cultural bastante nova. Agora era muito mais do que a cidade muito grande, ou mesmo a capital de uma nação importante. Era o lugar onde novas relações sociais e econômicas e culturais, além da cidade e da nação em seus antigos sentidos, estavam começando a se formar; uma fase histórica distinta que na

verdade deveria ser estendida, na segunda metade do século XX, pelo menos potencialmente, para o mundo inteiro.¹⁰⁹

(WILLIAMS, 2007)

Seja em livros, ou exposições, ou performances, ou debates no circuito impresso, esses grupos a emergir do que seria uma espécie de modernismo a entrelaçar os projetos da política e da cultura, como sugerido por Berman (1982) e Perloff (2003), promoverão um entrelaçamento entre o sentido de práticas da cultura e demarcações do universo acadêmico e editorial.

De fato, “estetizar o político” e “politizar a estética” pode vir a ser dois lados da mesma moeda. Talvez a dificuldade com todas essas avaliações definitivas de termos como Modernismo ou Avant-Garde ou Futurismo seja que as realidades históricas continuam a aludir ao seu poder totalizante. Certamente, traçar o curso dos chamados movimentos de avant-garde das primeiras três décadas do século é tornar-se cada vez mais consciente de suas profundas diferenças, entre as quais a diferença entre o ethos da *avant guerre* e o período pós-guerra.¹¹⁰ (p. 34-35).

(PERLOFF, 2003)

O grupo de Hayek na LSE, delimitando caminhos de debate e interlocução entre a Universidade de Viena e Universidade de Chicago, se posiciona nessa dinâmica, consolidando, na lógica do intercâmbio, a elaboração e disseminação de suas ações e ideias. Para o grupo a se galvanizar na LSE, o contato com frentes acadêmicas internacionais era também uma garantia de um escape à resposta local para as proposições pouco populares desenhadas com seus colegas. De todo modo, a tradução e literal importação do debate do cálculo no socialismo, e as adaptações sugeridas inicialmente pelo próprio Hayek como acomodações do debate ao cenário britânico, demonstram de certo modo essa força de

109 No original: For a number of social and historical reasons the metropolis of the second half of the nineteenth century and of the first half of the twentieth century moved into a quite new cultural dimension. It was now much more than the very large city, or even the capital city of an important nation. It was the place where new social and economic and cultural relations, beyond both city and nation in their older senses, were begining to be formed; a distinct historical phase which was in fact to be extended, in the second half of the twentieth century, at least potentially, to the whole world. (Tradução nossa.)

110 No original: Indeed, “aestheticinzing the political” and “politicizing the aesthetic” may turn out to be two sides of the same coin. Perhaps the difficulty with all such definitive assessments of terms like Modernism or Avant-Garde or Futurism is that the actual historical realities continue to ellude their totalizing power. Certainly, to trace the course of the so-called avant-garde movements of the first three decades of the century is to become increasingly aware of their profound differences, not the least of which is the difference between the ethos of the *avant guerre* and the postwar period. (Tradução nossa.)

gravitação das metrópoles europeias do início do século XX como espaços de absorção e reprocessamento dos programas nacionais do continente europeu do começo do século. É interessante lembrar, porém, que, se a ascensão da direita radical fascista se apresentava como uma ameaça à sensibilidade liberal, seus operadores, de ambos os lados, não deixarão de travar uma relação ambivalente, que se desdobrará em apoios mútuos e realizações programáticas em países diversos, antes e depois da Segunda Guerra Mundial. Mises será vocal em seu apoio a aspectos do projeto fascista italiano nos anos 1920, e se envolverá com o programa de Dollfuss na Áustria, a quem servirá como assessor econômico. Na França da década seguinte, o animador central à articulação da rede de ação intelectual e política em torno do Colóquio Walter Lippmann virá a ser denunciado como um colaboracionista do Regime de Vichy - assim como alguns dos principais financiadores do Colóquio, também mobilizados em apoio ao programa fascista (ANDERSON, 1992; DENORD, 2001).

Nesse cenário, a tradução e importação do debate do cálculo no socialismo, portanto, se posicionaria como, ao mesmo tempo, uma necessidade e uma invenção. Necessidade porque Hayek teria se visto com um universo de debate intelectual completamente distante daquela para o qual se preparou; e invenção porque, ao se posicionar no cenário inglês e europeu, a tradição austríaca a informar o debate do cálculo seria um contra-argumento à maneira como o universo britânico organizaria esses debates. Ao delimitar novas referências, o grupo hayekiano na LSE teria, enfim, uma salvaguarda e um arsenal.

Uma definição um pouco mais clara desse jogo entre circulação intelectual, invenção e frente de disputa pode ser encontrada naquela que será entendida como a virada de Hayek - o artigo "*Economics and Knowledge*", publicado em 1937. Nele, Hayek expandirá a noção de conhecimento, sobre a qual se debruça no debate do cálculo no socialismo, e que se esforça, de algum modo, a adaptar ao debate britânico em *Collectivist Economic Planning*. No artigo, ele construirá um jogo ontológico a partir do qual o indivíduo e sua relação com o conhecimento se posicionarão como eixo do motor de mercado.

Embora o salto pareça pequeno, a reorganização social em torno da proposição hayekiana transformará o modo como a economia, e sua relação com a sociedade, são entendidas.

Originalmente apresentado como um discurso presidencial ao *London Economic Club*, em 10 de novembro de 1936, "*Economics and Knowledge*" foi publicado no periódico *Economica* em 1937. Ali Hayek elaborará o programa que será o ponto de inflexão ao que Caldwell (2004), recuperando Terrence Hutchinson (1981), denominará como um "*methodological U-turn*", ou "reviravolta metodológica", numa tradução adaptada.

Orientando de Joan Robinson, Hutchinson foi pioneiro ao elaborar uma crítica ao liberalismo da LSE informado pelo debate continental. Se Robbins e Hayek eram o principal ponto de conexão e difusão do pensamento produzido fora dos circuitos anglófonos na academia econômica inglesa, Hutchinson seria o ponta de lança de um movimento que traria ao debate britânico as proposições metodológicas do Círculo de Viena. Sua crítica à proposição de Lionel Robbins e Friedrich Hayek, em que defende uma guinada à economia política, deslocando a pesquisa e aplicação da ciência econômica do campo da abstração, reposicionando-a de modo próximo à pesquisa factual e empírica, antecipa a presença que o positivismo centro-europeu terá em círculos de investigação das ciências sociais no debate anglófono. De todo modo, essa difusão e expansão do pensamento continental positivista no circuito inglês terá motivos variados -- entre esses, com especial importância, a diáspora de cientistas forçados à imigração pela ascensão da extrema direita e do nazifascismo na Europa dos anos 1930 (CALDWELL, 2007; SCHWARZ, 1996).

Hutchinson sugere que, em *"Economics and Knowledge"*, será colocado em movimento um deslocamento, uma nova síntese intelectual por Hayek que viria a afastá-lo dos sentidos de apriorismo encontrados na tradição austríaca representada por Mises. Em verdade, trata-se de uma obra em que busca oferecer a Mises uma explicação sobre seu reposicionamento e sobre as novas ideias com que entra em contato -- explicação essa que será dada pelo próprio Hayek a Hutchinson, em troca de correspondências (EBENSTEIN, 2014). Descolando-se do pensamento miseano, Hayek se aproximaria, ali, das novas ideias do amigo e colega de academia britânica Karl Popper sobre o processo incremental, de continuo falseamento, a servir de motor para a construção histórica -- um raciocínio que trazia, também, uma nova aproximação crítica sobre a impossibilidade do determinismo histórico (um pensamento que, para Popper, estaria na raiz do pensamento de Hegel e Marx, e serviria de combustível aos processos de violência revolucionária (JONES, 2014; POPPER, a Sociedade Aberta).

Do mesmo modo, essa virada pode apontar ao que Ebenstein (2015) entende como a fase madura de Hayek. Em sua produção entre a juventude adulta e a meia idade, Hayek se aproxima de uma tradição definida como "liberal clássica", em que contratos de solidariedade e ações de governo seriam vistos como elementos organizadores e essenciais à organização social. Em sua fase madura, mais próxima da velhice, porém, Hayek se aproximaria de um radicalismo que serviria de matriz às correntes que viriam a ser nomeadas como "libertarianas", de total rejeição à intervenção do estado na economia, oposição a qualquer noção de contrato de solidariedade mediado pelo governo (na figura do Estado de bem estar

social), e de generalizada crença na total incapacidade da esfera estatal para a realização de ações benéficas à sociedade. (p. 159-161)

Em “*Economics and Knowledge*”, Hayek dará musculatura à crítica da pretensão tecnicista como solução à organização planificada – e, de certo modo, utópica – presente no amplo espectro socialista. Existiam, ali, traços da crítica ao utopismo e à percepção de determinismo científico – o que Hayek chamará de “Cientificismo” – que virá a gravitar seu programa intelectual pelas décadas seguintes. Partindo de uma crítica da noção de equilíbrio prevista na teoria neoclássica, Hayek traçará um ataque que, passando pela tradição walrasiana, termina por acertar em cheio os rivais de Cambridge, com sua tradição marshalliana. No centro do argumento, Hayek coloca em questão dois elementos centrais do pensamento neoclássico: a noção de um “tipo ideal”, calculável sob aspectos generalizados, e de um “mercado perfeito”, que, organizado sob dinâmicas estáveis e de conhecimento geral, permitiria sua redução a mecanismos epistemológicos similares aos das ciências naturais, como a física. Embora Hayek conceda que “A análise de equilíbrio torna-se, em princípio, aplicável a uma sociedade progressista e àquelas relações de preços intertemporais que nos causaram tantos problemas nos últimos tempos” (HAYEK, 1937), ele ressaltará, partindo da noção de mercado, o que vê como uma insuficiência à sua aplicação em meio à modernidade do século XX:

O dispositivo geralmente adotado para esse propósito é a suposição de um mercado perfeito, onde cada evento se torna conhecido instantaneamente para cada membro. É necessário lembrar aqui que o mercado perfeito que é necessário para satisfazer os pressupostos da análise de equilíbrio não deve ser confinado aos mercados específicos de todas as mercadorias individuais; todo o sistema econômico deve ser considerado um mercado perfeito em que todos sabem tudo. A assunção de um mercado perfeito, portanto, significa nada menos que todos os membros da comunidade, mesmo que não seja suposto que sejam estritamente oniscientes, devem pelo menos saber automaticamente tudo o que é relevante para suas decisões. Parece que aquele esqueleto em nosso armário, o “homem econômico”, que exorcizamos com oração e jejum, retornou pela porta dos fundos na forma de um indivíduo quase onisciente.¹¹¹

111 No original: The device generally adopted for this purpose is the assumption of a perfect market where every event becomes known instantaneously to every member. It is necessary to remember here that the perfect market which is required to satisfy the assumptions of equilibrium analysis must not be confined to the particular markets of all the individual commodities; the whole economic system must be assumed to be one perfect market in which everybody knows everything. The assumption of a perfect market, then, means nothing less than that all the members of the community even if they are not supposed to be strictly omniscient, are at least supposed to know automatically all that is relevant for their decisions. It seems that that skeleton in our cupboard, the

(HAYEK, 1937)

A isso, Hayek articulará sua crítica à premissa de um possível "tipo ideal" a partir do qual a experiência humana e a subjetividade seriam reduzidas à expectativa do modelo econômico. Um raciocínio que, dialogando com algumas das premissas de *Collectivist Economic Planning* (e sua reflexão do debate do cálculo no socialismo), levaria novamente ao centro de sua argumentação a noção de *conhecimento* – ou, “a questão geral de por quê os dados subjetivos para as diferentes pessoas correspondem aos fatos objetivos” (HAYEK, 1937). A partir da noção de conhecimento, e da definição do que viria a ser entendido como “dado”, no sentido de *input* necessário à quantificação e cálculo científico, Hayek delimitará uma nova aproximação ao entendimento da economia, distanciando-se do apriorismo:

Parece não existir dúvida possível de que esses dois conceitos de "dados", por um lado, no sentido dos fatos reais objetivos, como o economista observador deve conhecê-los, e, por outro, no sentido subjetivo, como as coisas conhecidas das pessoas cujo comportamento tentamos explicar, são realmente fundamentalmente diferentes e devem ser cuidadosamente distinguidas.¹¹²

(HAYEK, 1937)

E, se o conhecimento e dados são também processamentos de manifestações subjetivas, reconfigurar o funcionamento cognitivo não deixaria de ser um ato de equalização, equilíbrio. O subjetivo e o imaginário tornam-se também, nesse caso, matéria prima e campo de batalha – é compreensível, portanto, que o esforço de entendimento e disputa da opinião pública, e de divulgação e recontextualização de informação e programas científicos (como observado em “The Trend of Economic Thinking” e *Collectivist Economic Planning*), sejam ações que, entrelaçadas à produção acadêmica tradicional, se configurassem em parte indissociável do programa hayekiano:

É importante lembrar que os chamados "dados", dos quais partimos neste tipo de análise, são (além de seus gostos) todos os fatos dados à pessoa em questão, as coisas como são conhecidas (ou acreditadas como tal) existirem, e não, estritamente falando, fatos objetivos.¹¹³

(HAYEK, 1937)

"economic man," whom we have exorcised with prayer and fasting, has returned through the back door in the form of a quasi-omniscient individual. (Tradução nossa.)

112 No original: There seems to be no possible doubt that these two concepts of "data," on the one hand, in the sense of the objective real facts, as the observing economist is supposed to know them, and, on the other, in the subjective sense, as things known to the persons whose behavior we try to explain, are really fundamentally different and ought to be carefully distinguished. (Tradução nossa.)

Há aí, portanto, um salto, que reposicionará a lógica de organização econômica (e seu espraio à própria organização social) como um contínuo, infinito processo de acomodação de necessidades materiais e subjetivas. O mecanismo que melhor definiria esse “cálculo impossível” seria, para Hayek, o sistema de preços: uma ordem de alocação de dados e recursos que, sem controle central, seria capaz de acomodar e quantificar, do modo mais eficiente, recursos e valores de troca ao longo de todo o tecido social. Em vez de submetido a uma lógica mecânica, passível de predição, a economia se manifestaria, em verdade, *como a viabilização ótima de um eterno presente*:

O problema que pretendemos resolver é como a interação espontânea de um número de pessoas, cada uma possuindo apenas pedaços de conhecimento, provoca um estado de coisas em que os preços correspondem aos custos, etc., e que, de modo deliberado, poderiam ser causados apenas por alguém que possuísse o conhecimento combinado de todos aqueles indivíduos. A experiência nos mostra que algo desse tipo acontece, uma vez que a observação empírica de que os preços tendem a corresponder aos custos era o começo de nossa ciência. Mas em nossa análise, em vez de mostrar quais bits de informação as diferentes pessoas devem possuir para produzir esse resultado, recaímos na suposição de que todo mundo sabe tudo e assim nos evadimos de qualquer solução real do problema.¹¹⁴

(HAYEK, 1937)

É verdade que Hayek não encerrará sua produção sobre teoria econômica aplicada após sua virada metodológica, mas poderá ser observada a partir daí uma transição de seu programa a um esforço crescentemente interdisciplinar e distante do formalismo e dos aspectos técnicos e matemáticos da ciência econômica. Mas o caminho de proposição experimental, radical em seu caráter como modelo ideal, trará, em sua síntese em contínua evolução, o centro do programa neomarginalista austríaco do qual Hayek se consagrará como

113 No original: It is important to remember that the so-called "data," from which we set out in this sort of analysis, are (apart from his tastes) all facts given to the person in question, the things as they are known to (or believed by) him to exist, and not, strictly speaking, objective facts. (Tradução nossa.)

114 No original: The problem which we pretend to solve is how the spontaneous interaction of a number of people, each possessing only bits of knowledge, brings about a state of affairs in which prices correspond to costs, etc., and which could be brought about by deliberate direction only by somebody who possessed the combined knowledge of all those individuals. Experience shows us that something of this sort does happen, since the empirical observation that prices do tend to correspond to costs was the beginning of our science. But in our analysis, instead of showing what bits of information the different persons must possess in order to bring about that result, we fall in effect back on the assumption that everybody knows everything and so evade any real solution of the problem. (Tradução nossa.)

representante central. Se “O que os liberais vienenses estavam tentando formular era um liberalismo auto-sustentável para uma civilização avançada” (DEKKER, 2016), o trabalho de Hayek nas décadas que se seguirão à virada metodológica e, especialmente, após a publicação de *Road to Serfdom*, se dedicará à materialização desse programa. Sua influência e liderança sobre a frente intelectual que virá a se organizar a partir da renovação liberal à qual ele se dedicará será colocada em movimento, essencialmente, pela abrangência de seu programa em frentes do conhecimento diversas – em verdade, Milton Friedman ao declarar a aberta influência da obra técnica de Hayek sobre sua trajetória acadêmica, afirma:

(...) deixe-me enfatizar, sou um admirador enorme de Hayek, mas não por sua economia. Acho que *Prices and Production* foi um livro muito falho. Eu acho que seu livro de teoria do capital é ilegível. Por outro lado, *The Road to Serfdom* é um dos grandes livros do nosso tempo. Seus escritos em [teoria política] são magníficos, e eu não tenho nada além de grande admiração por eles. Eu realmente acredito que ele encontrou sua vocação certa - sua especialização correta - com *The Road to Serfdom*.¹¹⁵

(FRIEDMAN APUD EBENSTEIN, 2014)

As opiniões sobre habilidade a habilidade de Hayek como economista técnico não parecem, ao longo de sua trajetória, ter grande peso na eminência que o austríaco viria a construir junto a seu grupo intelectual. Em verdade, seu papel como organizador, animador e formulador de um novo liberalismo seria essencial à materialização de nexos e intercâmbios internacionais. Disso, o Colóquio Walter Lippmann é um bom exemplo.

4.2 O Colóquio Walter Lippmann

Em 1938, pouco menos de um ano antes do início da Segunda Guerra Mundial, e menos de seis meses antes da Anschluss, Hayek (assim como seus colegas da Áustria e da Inglaterra), participou, como convidado, de um evento com grandes expectativas, realizado na França. O período de crise – não muitos meses antes da Anschluss e da espiral descendente que transformaria em guerra as tensões diplomáticas do continente – era um catalisador

115 No original: (...) let me emphasize, I am an enormous admirer of Hayek, but not for his economics. I think *Prices and Production* was a very flawed book. I think his capital theory book is unreadable. On the other hand, *The Road to Serfdom* is one of the great books of our time. His writings in [political theory] are magnificent, and I have nothing but great admiration for them. I really believe that he found his right vocation—his right specialization—with *The Road to Serfdom*. (Tradução nossa.)

poderoso, dando urgência à conformação de esforços de cooperação e à aglutinação de movimentos. O evento em questão, um colóquio em homenagem ao jornalista estadunidense Walter Lippmann, era organizado por uma figura controversa – o filósofo francês Louis Rougier (1889-1972), a respeito de quem, mais tarde, viriam a ser levantados fortes indícios de colaboracionismo com o regime de Vichy. Rougier tinha, em sua ação como acadêmico e intelectual público, a disputa política como um componente essencial. Sua atuação, que se espalhava em textos e conferências, era comprometida ao que ele entendia como um resgate e atualização do programa liberal – que, no rescaldo da crise de 1929, viria a perder terreno, tornando-se alvo constante de formações à esquerda (com a expansão de programas informados pelo socialismo e pela reforma radical do Estado) e à direita (com a emergência do Fascismo e de novas racionalidades públicas totalizantes). O liberalismo pensado por Rougier se posicionaria como uma espécie de terceira via, entre o fundamentalismo liberal clássico baseado no puro *laissez-faire*, e os modelos de organização econômica planificada, que eram motor, para ele, tanto do comunismo como do fascismo. A solução viria, então, de um novo liberalismo – uma nova racionalidade liberal que se conformaria, para Rougier, a partir da síntese de proposições diversas para a renovação do liberalismo então formuladas dos dois lados do Atlântico. Uma missão que, o tempo viria a mostrar, não conseguiria escapar às tensões constituintes do liberalismo, e se capilarizaria, na prática, em conformações conceituais e grupos de ação a se posicionarem de modo diverso.

O evento a servir de catalisador para o colóquio se entrelaçaria, como no caso britânico, com o universo editorial e com os circuitos da cultura franceses. Rougier era colaborador de uma casa editorial dedicada à publicação e disseminação de ideias de direita, a *Librairie de Médicis*. Fundada em 1937, a editora era um projeto de Marie-Thérèse Génin, que entre fins da década de 1920 e meados dos 1930 atuou como assessora de políticos à direita no cenário francês. Partindo de sua atuação no universo político, Génin se lançou, com a *Librairie de Médicis*, à disputa do debate público através da edição e circulação de livros e brochuras – um movimento que, para Denord (2001), se relaciona às tensões e rupturas do universo econômico que “seguiram à Primeira Guerra Mundial e à crise dos anos 1930, levou indivíduos que tinham até então se mantido fora do debate econômico a tomar lado.” Entre 1937 e 1940, a editora lançou cerca de quarenta obras, esforço no qual Louis Rougier parece ter tido papel importante. Os temas cobertos pelas publicações da *Librairie de Médicis* não pareciam diferir muito do que se propunha no front liberal do debate britânico encastelado na LSE:

Os temas escolhidos não eram particularmente originais: três livros sobre a URSS e uma impressionante coleção de escritos de economistas de universidades com o objetivo de repelir o controle estatal: *Socialism and The Illusions of Protectionism and Autarky*, de Ludwig von Mises, *A Few False Remedies to Economic Depression*, de Umberto Ricci, *A Guide to Economic Panacea*, por Fritz Machlup, *The Purchase Power Policy Confronted with Facts*, por André Piettre e vários trabalhos contra a economia planificada: *The Crisis and its Remedies*, por Bernard Lavergne, *Planned Economy and the International Order*, por Lionel Robbins e o trabalho coletivo *Planned Economy in a Collectivist Regime*, com introdução e conclusão de Friedrich Hayek. Todos esses trabalhos denunciando a intervenção do Estado na economia expressavam o ponto de vista negativo de seus autores. A reação a eles não foi, portanto, surpreendente.¹¹⁶

(DENORD, 2001)

Em 1938, a publicação, pela *Librairie de Médecis*, do livro *The Good Society* (1937/2017), escrito por Walter Lippmann, foi a deixa para que Rougier organizasse uma conferência em torno da obra e de seu autor. A obra (cujo título seria traduzido ao francês como *La Cité Libre*) foi muito bem recebida (fator que viria a ser central à viabilização do encontro), o que despertou o interesse da opinião pública francesa. Lippmann, influente editor do *New York Herald Tribune*, era um dos mais influentes – se não o mais influente – intelectuais públicos dos EUA, e uma figura central à construção dos novos consensos a se estabelecer em torno da relação entre as novas comunicações de massa, a esfera pública, e a esfera institucional a construída em torno da democracia liberal. O encontro, realizado no Instituto Internacional de Cooperação Intelectual entre 26 e 30 de agosto, tinha Lippmann como convidado de honra. Além dele, foram selecionados intelectuais liberais de vários países, de universos do conhecimento diversos. Em verdade, o corpo do evento era essencialmente internacional – franceses eram minoria.

Em *The Good Society*, Lippmann elabora um argumento que, em traços gerais, sugeriria um novo entendimento do liberalismo. Em seu entrelaçamento às novas instituições

116 No original: The chosen themes were not particularly original: three books on the USSR, and an impressive collection of writings by university economists aiming to dismiss state control: *Socialism and The Illusions of Protectionism and Autarky* by Ludwig von Mises, *A Few False Remedies to Economic Depression* by Umberto Ricci, *A Guide to Economic Panacea* by Fritz Machlup, *The Purchase Power Policy confronted with Facts* by André Piettre, and several works against planned economy: *The Crisis and its Remedies* by Bernard Lavergne, *Planned Economy and the International Order* by Lionel Robbins, and the collective work *Planned Economy in a Collectivist Regime*, with introduction and conclusion by Friedrich Hayek. All of these works denouncing state intervention in the economy expressed the negative standpoint of their authors. The reaction to them was therefore unsurprising. (Tradução nossa.)

da política, da comunicação e da cultura, a obra sugere uma organização do tecido político e social assentado sobre o arcabouço legal, sobre o respeito às novas individualidades forjadas pela modernidade, e na articulação de uma estrutura de administração do corpo social baseada na primazia da técnica e nas novas ferramentas de organização do conhecimento. Termos que, em verdade, posicionaram, em torno de Lippmann, um ambivalente entendimento sobre seu programa intelectual. Ao mesmo tempo em Lippmann é entendido como um liberal progressista – especialmente no que diz respeito às suas proposições sobre o cultivo da subjetividade e da diversidade de modos de vida a emergir da modernização e do caldo de cultura modernista –, há, em suas sugestões sobre a primazia do tecnicismo e do papel dos experts como antídoto às supostas pulsões populistas que gravitariam a democracia representativa, uma noção de aspectos de seu programa como elitista e antidemocrático. Uma tensão que, se reflete de certo modo as tensões constitutivas do próprio liberalismo, antecipariam, também, as impossibilidade de um consenso entre os participantes do colóquio que recebia seu nome.

Lippmann teria mostrado certa desconfiança ao receber o convite. Em seu contato com o escritor de *The Good Society*, Rougier teria indicado de modo vago os nomes que pretendia convidar para o encontro:

Em vez disso, Rougier simplesmente mencionou André Maurois e alguns “colegas da Faculdade de Direito”, mas acrescentou os nomes de Paul Baudouin, diretor do Banque d'Indochine, e Marcel Bourgeois, “o patrocinador das Edições de Médicis”. Tanto Maurois quanto Baudouin tinham financiado movimentos fascistas como o Parti Populaire Français (PPF) de Jacques Doriot.¹¹⁷

(DENORD, 2009. p. 47)

Lippmann já tinha encontrado Rougier anteriormente, em Genebra, junto a Ludwig von Mises, William Rappard (1883-1958), e Wilhelm Röpke (1899-1966). De todo modo, a presença de intelectuais como Mises e Hayek, com quem Lippmann teria alguma interlocução, serviriam para tranquilizá-lo, servindo ao encaminhamento do evento. A motivação de Rougier para a realização do encontro ia além do intercâmbio intelectual previsto no convescote. De fato, a ideia era que o Colóquio Walter Lippmann fosse o chute

¹¹⁷ No original: Tradução do autor: Instead, Rougier simply mentioned André Maurois and some “colleagues from the Law Faculty,” but added the names of Paul Baudouin, the director of the Banque d'Indochine, and Marcel Bourgeois, “the sponsor of the Editions of Médicis.” 5 Both Maurois and Baudouin had financed fascist movements such as the Parti Populaire Français (PPF) of Jacques Doriot. (Tradução nossa.)

inicial para a construção de uma rede internacional de intelectuais, formações e instituições dedicadas à elaboração e disseminação de uma renovada noção liberal. Os termos do convite eram claros quanto à intenção:

Numa carta datilografada, datada de julho de 1938, enviada aos principais convidados que foram abordados, o filósofo francês descreveu nesses termos o programa doutrinário do Colóquio: “Os amigos de Walter Lippmann, por ocasião de sua estada em Paris e da tradução de seu livro *The Good Society*, publicado sob o título *La cité libre* na editora *Librairie de Médicis*, decidiu realizar um pequeno e fechado colóquio, para discutir as principais teses deste trabalho, no que diz respeito ao declínio do liberalismo e às condições por retornar a uma ordem liberal renovada, distinta do *laissez-faire* manchesteriano”. O convite especificava ainda que “este colóquio terá como objetivo prático estabelecer um programa de estudos com vistas a organizar um congresso internacional em 1939 sobre os mesmos assuntos”. Finalmente, a lista dos principais participantes convidados já era exibida: “Este convite foi enviado para o MM. Baudin, Casillero [ou seja, Castillejo-Ed.], Detoeuf, L. Einaudi, Hayek, Huizinga, Kittredge, Lavergne, Lippmann, Marlio, Mercier, Ludwig von Mises, Nitti, Ortega y Gasset, Rappard, Ricci, Rist, Robbins, Röpke, Rougier, Rueff, Truchy e Marcel van Zeeland.” A busca por um liberalismo “renovado” que marca uma ruptura com o liberalismo “Manchesteriano” estaria também no centro da apresentação pública do Colóquio Walter Lippmann, publicado em 30 de agosto de 1938, no jornal *Le Temps*, um jornal, então, altamente influente do republicanismo moderado.¹¹⁸

(REINHOUDT & AUDIER, 2018)

Embora a conferência de 1939 nunca tenha ocorrido, o Colóquio teve efeitos duradouros em seu objetivo de coordenação internacional. Dele resultou o *Centre*

118 No original: In a typed letter dated July 1938 that was sent to the main invitees who were approached, the French philosopher described in these terms the doctrinal program of the Colloquium: “The friends of Walter Lippmann, on the occasion of his stay in Paris and the translation of his book *The Good Society* published under the title *La cité libre* at the *Librairie de Médicis* publishing house, have decided to hold a small and closed colloquium, to discuss the key theses of this work, with regard to the decline of liberalism and the conditions for returning to a renovated liberal order, distinct from Manchesterian *laissez-faire*.” The invitation further specified that “this colloquium will have as practical goal to establish a program of studies with a view to organizing an international congress in 1939 on the same subjects.” Finally, the list of the principal invited participants was already displayed: “This invitation has been sent to MM. Baudin, Casillero [that is to say Castillejo-Ed.], Detoeuf, L. Einaudi, Hayek, Huizinga, Kittredge, Lavergne, Lippmann, Marlio, Mercier, Ludwig von Mises, Nitti, Ortega y Gasset, Rappard, Ricci, Rist, Robbins, Röpke, Rougier, Rueff, Truchy, Marcel van Zeeland.” The search for a “renovated” liberalism marking a break with “Manchesterian” liberalism would also be at the center of the public presentation of the Walter Lippmann Colloquium, published on August 30, 1938 in the newspaper *Le Temps*, a then-highly influential newspaper of moderate republicanism. (Tradução nossa.)

International d'Études pour la Rénovation du Libéralisme, “que funcionou como um protótipo para a Sociedade de Mont Pelerin (uma sociedade acadêmica e rede de influência, que todos os anos, desde 1947, reuniu partidários do neoliberalismo)” (DENORD, 2001). E, se o Colóquio não chegou à síntese de um novo liberalismo como pretendido por Rougier, as discussões nele ocorridas certamente serviram para a organização de correntes, pensamentos e frentes de ação dedicadas a iniciativas diversas de renovação liberal. O caráter diverso dos participantes do encontro (que, vale lembrar, foi essencialmente masculino) talvez ajude a entender a variedade de tensões e frentes de ação a se cristalizar no Colóquio:

Os economistas foram os mais numerosos entre os participantes, incluindo os franceses Louis Baudin, Jacques Rueff, Bernardo Lavergne, André Piatier, Étienne Mantoux, Robert Marjolin; os alemães Wilhelm Röpke e Alexander Rüstow, os líderes da escola austríaca Ludwig von Mises e Friedrich Hayek, apoiados em parte por Michael Heilperin, e outros economistas mais heterodoxos, como John Bell Condliffe, formado no Reino Unido. Os filósofos incluíam, além de Rougier, Raymond Aron - que já estava se voltando para a sociologia - e Michael Polanyi. Os cientistas sociais incluíram Bruce Hopper e Alfred Schütz, cujas preocupações intelectuais se cruzaram com as dos “filósofos”. Os funcionários públicos incluíam o francês Roger Auboin e o belga Marcel van Zeeland (não confundir com seu irmão, Paul van Zeeland, o estadista belga, mas a quem Rougier convidou um pouco como “porta-voz” deste último, de quem ele estava próximo intelectualmente). O Colóquio também incluiu empresários de sucesso, industriais e tecnocratas (Marcel Bourgeois, Auguste Detoef, Louis Marlio, Ernest Mercier), um jurista espanhol (José Castillejo) e, claro, um jornalista (Walter Lippmann). Assim, embora muitos participantes do Colóquio fossem franceses, esse encontro tinha um forte contingente internacional composto de austríacos, alemães, americanos (Hopper, Lippmann) - mas nenhum economista americano, seja de “Chicago” ou de outro lugar - um belga (van Zeeland), um espanhol (Castillejo), um neozelandês que lecionava economia na London School of Economics, ou LSE (Condliffe), e um húngaro (Polanyi), depois exilado na Inglaterra. Muitos outros eram exilados - Röpke, que se recusara a se curvar ao regime nazista, veio do Instituto de Pós-Graduação em Genebra (Institut Universitaire des Hautes Études Internationales, IES), e de Istambul, como seu amigo Rüstow; Mises fora forçado a fugir de Viena e do anti-semitismo, e seu apartamento foi esvaziado pelas forças de segurança alemãs durante a Anschlöss; e Schütz também fugiu do Nacional-Socialismo e do anti-semitismo.¹¹⁹

119 No original: Economists were the most numerous among attendees, including the Frenchmen Louis Baudin, Jacques Rueff, Bernard Lavergne, André Piatier, Étienne Mantoux, Robert Marjolin; the Germans Wilhelm Röpke and Alexander Rüstow, leading members of the Austrian School Ludwig von Mises and Friedrich Hayek, supported partly by Michael Heilperin, and other more heterodox economists such as John Bell Condliffe, educated in the United Kingdom. Philosophers included, besides Rougier, Raymond Aron — who was already turning toward sociology — and Michael Polanyi. Social scientists included Bruce Hopper and Alfred Schütz, whose intellectual concerns

(REINHOUDT & AUDIER, 2018)

Para além da natural variedade de linhas teóricas e métodos que, independente de afinidades ideológicas entre acadêmicos, são naturais às áreas do conhecimento, a amplitude de áreas do saber e de ofícios traria uma esperada camada de discordâncias às proposições dos participantes. No caso do Colóquio, essa variedade teria se manifestado em duas correntes principais (DENORD, 2009). De um lado, um grupo que veria no novo liberalismo uma versão fundamentalmente distinta do espírito e do programa do velho liberalismo (entre esses estariam Louis Rougier, Auguste Detoeuf, Louis Marlio, Wilhelm Röpke, e Alexandre Rüstow); do outro, defensores de um retorno a um “velho liberalismo (agrupamento liderado por Louis Baudin, Jacques Rueff, e os representantes da Escola Austríaca, Friedrich Hayek e Ludwig von Mises). Essa divisão não cobria todos os participantes, e alguns se veriam entre divididos entre pontos de um e outro programas. À complicada síntese pretendida, se juntava uma questão de ordem prática: como chamar esse novo programa liberal? Ao longo dos debates, nomes diversos foram sugeridos (REINHOUDT & AUDIER, 2018): “liberalismo de esquerda”, “liberalismo positivo”, “liberalismo social”. A nomenclatura a se impor como menos divisiva, porém, foi a que se registraria, nas décadas seguintes, como referente à variedade de programas culturais e de políticas públicas a se organizar a partir dos muitos grupos reunidos no Colóquio Walter Lippman: neoliberalismo. Um nome que, em sua sugestão de ruptura, renovação, e resgate programático, traduziria não apenas os tensionamentos e pontos de conexão a emergir do colóquio, mas o próprio clima intelectual moderno/modernista em que o encontro, e seus participantes, se encontravam:

intersected with those of the “philosophers”. Civil servants included the Frenchman Roger Auboin and the Belgian Marcel van Zeeland (not to be confused with his brother, Paul van Zeeland, the Belgian statesman, but who Rougier had invited a little bit as the “spokesman” of the latter, to whom he was close intellectually). The Colloquium also included successful businessmen, leading industrialists and technocrats (Marcel Bourgeois, Auguste Detoeuf, Louis Marlio, Ernest Mercier), a Spanish jurist (José Castillejo), and of course a journalist (Walter Lippmann). Thus, although many Colloquium participants were French, this meeting had a strong international contingent consisting of Austrians, Germans, Americans (Hopper, Lippmann)—but not a single American economist, be it from “Chicago” or elsewhere—a Belgian (van Zeeland), a Spaniard (Castillejo), a New Zealander then teaching economics at the London School of Economics, or LSE (Condliffe), and a Hungarian (Polanyi) then in exile in England. Many others were exiles — Röpke, who had refused to bow to the Nazi regime, came from the Graduate Institute in Geneva (the Institut Universitaire des Hautes Études Internationales, HEI) and from Istanbul, like his friend Rüstow; Mises had been forced to flee Vienna and anti-Semitism, and his apartment had been emptied by German security forces during the Anschluss; and Schütz had likewise fled National Socialism and anti-Semitism. (Tradução nossa.)

As décadas de 1920 e 1930 viram os "neos" se proliferarem: o neo-sindicalismo, o neo-Saint-Simonismo, o neocapitalismo e assim por diante. Mas o mais famoso "neo", e o que assombrou a mente de Rougier, foi o "neo-socialismo", uma corrente heterodoxa do Partido Socialista Francês (SFIO) que buscou ir além do marxismo, promulgando um novo tipo de "planificação" inspirado no socialista belga Henri de Man. Sabe-se, através de seus escritos, que Rougier estava familiarizado com essa tendência. Assim como os "neo-socialistas" franceses na década de 1930 queriam reformar o velho socialismo modificando-o e "revisando-o" para enfrentar os novos desafios da época - para os neo-socialistas, isso significava lidar com a nova importância da "racionalização" no processo econômico, o papel-chave da classe média e as referências à autoridade e à nação, confrontadas com a ameaça fascista - os "neoliberais" de então procuravam rever o liberalismo.¹²⁰

(REINHOUDT & AUDIER, 2018)

Se Denord (2001, 2009) e Reinhoudt e Audier (2018) apontarão no Colóquio Walter Lippmann o episódio em que a denominação "neoliberalismo" será articulada como termo e conceito, Dardot e Laval (2016) sugerem que o evento terá enraizamentos mais profundos: a partir dali, o neoliberalismo será tornado *ideologia* e *movimento*. E, de fato, Reinhoudt e Audier lembrarão que as redes e formações acionadas no Colóquio, e organizadas em maior intensidade a partir dele, eram, há tempos, em atividade e dedicadas à disputa dos espaços acadêmicos e do debate público:

Além de uma contextualização histórica direta, uma análise do Colóquio Lippmann também deve recuperar a sociologia das redes acadêmicas e ativistas e das instituições. Vários dos participantes já se conheciam há muito tempo através de certas instituições: havia vários antigos membros do seminário de Mises em Viena (por exemplo, Hayek e Schütz); duas figuras da LSE (Hayek de novo, que lá lecionou ao lado de Lionel Robbins, ele próprio ex-participante do seminário de Viena, e também o economista Condliffe); Franceses que eram participantes mais ou menos regulares do grupo de "X-Mines" de Politécnicos (Detoeuf, Rueff, etc.); pesquisadores que trabalharam na École Normale Supérieure ao lado de Célestin Bouglé no Centre de documentation sociale (Aron e Marjolin); e vários

120 No original: Tradução do autor: The 1920s and 1930s saw "neo"s proliferate: neo-syndicalism, neo-Saint-Simonism, neo-capitalism, and so on. But the most famous "neo", and the one that haunted the mind of Rougier, was that of "neo-socialism", a heterodox current in the French Socialist Party (SFIO) that sought to move beyond Marxism by calling for a new type of "planning" inspired by the Belgian socialist Henri de Man. One knows, through his writings, that Rougier was familiar with this trend. Just as French "neo-socialists" in the 1930s wished to reform old socialism by modifying it and "revising" it to face the new challenges of the era—for the neo-socialists, this meant grappling with the newfound importance of "rationalization" in the economic process, the key role of the middle class and the references to authority and the nation, faced with the fascist threat—so "neoliberals" sought to revise liberalism. (Tradução nossa.)

associados ao Comitê Internacional de Cooperação Intelectual (como Castillejo), o local onde o Colóquio Lippmann foi realizado.¹²¹
(REINHOUDT & AUDIER, 2018)

Em avaliação a se aproximar de Dardot e Laval (2016), Burgin (2012) chega a sugerir que a centralidade do Colóquio à emergência da noção de neoliberalismo será tal que *The Good Society*, o livro cujo lançamento na França servirá de motivação ao encontro, poderia ser entendido como obra fundadora do pensamento neoliberal. A eminência de Hayek se entrelaçava, nesse momento de crise, entre a transição para um programa distante da ciência econômica em seus aspectos mais técnicos e, ao mesmo tempo, à galvanização de um programa cultural/ideológico (nos termos de Williams, (1987) como consolidação de uma versão completa de entendimento e funcionamento do mundo). Uma ação justificaria seu relativo protagonismo no que Dardot e Laval (2016) chamam de primeira tentativa de reinvenção do liberalismo no século XX, “de uma criação de uma “internacional” neoliberal que se prolongou em outros organismos”, apontando à expectativa de uma reconstrução dos espaços de interlocução associados a uma agenda liberal. E, de fato, Denord (2001) aponta que a “a conferência tinha como objetivo coordenar a ação internacional contra a “economia planificada” que estava na moda na época e fundar um “neoliberalismo” que levasse em conta as intervenções do Estado na economia” - ao que complementaré:

Em retrospecto, os participantes do Colóquio Lippmann pareceriam ter constituído um conclave de prestígio: seus membros mais tarde se tornariam um ganhador do Prêmio Nobel de Economia (Friedrich Hayek), o secretário geral da Organização para a Cooperação Econômica Européia (Robert Marjolin), os arquitetos da economia social de mercado alemã (Wilhelm Röpke, Alexander Rüstow), o diretor do Bank for International Settlements (Roger Auboin), o consultor financeiro do general Charles de Gaulle (Jacques Rueff), o

121 No original: In addition to a direct historical contextualization, an analysis of the Lippmann Colloquium should also recall the sociology of academic and activist networks and that of institutions. Several of the participants had known one another for a long time through certain institutions: there were several old members of Mises’ seminar at Vienna (for example, Hayek and Schütz); two figures of the LSE (Hayek again, who taught there alongside Lionel Robbins, he himself a former participant of the Vienna seminar, and also the economist Condliffe); Frenchmen who were more or less regular participants in the “X-Mines” group of Polytechnicians (Detoeuf, Rueff, etc.); researchers who worked at the École Normale Supérieure alongside Célestin Bouglé at the Centre de documentation sociale (Aron and Marjolin); and several associated with the International Committee on Intellectual Cooperation (like Castillejo), the premises where the Lippmann Colloquium was held. (Tradução nossa.)

poder por trás do projeto *Star Wars* de Ronald Reagan (Stephan Possony), e assim por diante.¹²²

(DENORD, 2009. pp 48)

As intenções à elaboração e disseminação de um novo programa para o liberalismo eram, a partir do Colóquio Walter Lippmann, colocadas em movimento como programa organizado e estruturado internacionalmente. Um programa que, como seus adversários, teria também, a seu modo, um manifesto como documento fundador. Um publicação apresentaria às massas um novo imaginário e uma nova alternativa para reorganização do mundo em contraposição às reformas radicais pretendidas pelo fascismo e pelo socialismo real.

Esse manifesto, porém, seria lançado apenas seis anos depois, em 1944. O ano em que Friedrich Hayek publica *Road to Serfdom*.

122 No original: In retrospect, the participants in the Colloque Lippmann would appear to have constituted a prestigious conclave: its members would later become a Nobel Prize winner in economics (Friedrich Hayek), the general secretary of the Organization for European Economic Co-Operation (Robert Marjolin), the architects of the German social market economy (Wilhelm Röpke, Alexander Rüstow), the director of the Bank for International Settlements (Roger Auboin), the financial adviser of General Charles de Gaulle (Jacques Rueff), the power behind Ronald Reagan's Star Wars project (Stephan Possony), and so on. (Tradução nossa.)

PARTE 3. CHICAGO

CAPÍTULO 5. *ROAD TO SERFDOM* E A CONSTRUÇÃO DE UMA AVANT-GARDE NEOLIBERAL

Em fevereiro de 1945, a Look Magazine, revista quinzenal de variedades editada nos EUA, trouxe uma história em quadrinhos pouco usual. Na estranha distopia mostrada em suas páginas, burocratas continuamente distorciam o funcionamento do universo social, afunilando o destino de todo seu entorno a um inescapável totalitarismo. A trama, ao que parecia, não contava com super-herói algum para salvar o dia.

Embora não devesse muito ao imaginário fantástico da época, o universo ilustrado nas páginas da Look Magazine traduzia o argumento de um livro mais próximo das estantes de economia, ou de ciência política, do que das de ficção científica. A obra, escrita por um acadêmico austríaco radicado em Londres, tinha, contra todos os prognósticos, se tornado um surpreendente sucesso de vendas no mercado editorial estadunidense. O nome do livro que informava os quadrinhos da Look Magazine (em verdade, apresentados como uma espécie de resenha ilustrada) era *Road to Serfdom*. Seu autor, Friedrich Hayek.

Ao longo de cerca de um ano, *Road to Serfdom* passou de obra publicada sem muito alarde no universo editorial britânico a fenômeno de vendas nos EUA. Uma trajetória inusitada que refletiria, também, a polarização política colocada em movimento pelo New Deal e os novos grupos políticos a se organizar em torno de uma agenda anti-intervencionista dos dois lados do Atlântico.

The *Road to Serfdom* é uma leitura complicada. Celebração e resgate de uma idealizada tradição liberal assentada sobre o universo britânico, é um livro que se equilibra de modo algo precário entre a erudição e a invenção. Ao mesmo tempo em que nomes centrais à tradição liberal são esgrimados contra o risco de um totalitarismo, eles são também lançados ao debate de modo vago, sem contextualização ou maior esclarecimento sobre sua carga conceitual ou posição no debate. Há, aí, um jogo que parece refletir a proposição de Boettke (2001) sobre o a atuação de Hayek como historiador econômico, e a uma margem à manobra a se alinhar à sua proposição conjuntural. O eixo histórico liberal ao qual Hayek se lança é,

mais que qualquer coisa, um convite à construção de um imaginário e de um posicionamento político para o tempo da publicação.

Escrito em tempos de crise, *Road to Serfdom* será uma provocação e um chamado à ação. Com a escalada da Segunda Guerra Mundial, a LSE foi transferida a Cambridge. Enquanto parte considerável de seus colegas de corpo docente foi absorvida em variadas posições de governo no esforço de guerra, Hayek, embora tenha sido naturalizado como cidadão britânico em 1938, foi deixado de fora. Mesmo tendo se voluntariado para participar de iniciativas de apoio aos Aliados junto ao Estado britânico, sua nacionalidade austríaca o colocou em posição de desconfiança em relação aos oficiais ingleses, e sua participação acabou vetada. O projeto apresentado por Hayek, em 1939, ao Ministério da Informação Britânico previa uma campanha de propaganda em que, a partir de sua experiência como intelectual formado no universo germânico, seria elaborada uma ação que

demonstrasse que os princípios de liberdade que a Inglaterra e a França defendiam eram os mesmos que foram enunciados pelos grandes poetas e pensadores alemães do passado, mas mostrando que estes foram eclipsados pela “visão distorcida da história sob a qual eles foram criados nos últimos sessenta anos”, isto é, desde o tempo de Bismarck.¹²³

(CALDWELL, 2007)

Esse front de disputa da linguagem e da cultura parece ter mobilizado boa parte das energias de Hayek desde sua chega a Londres. Já em meados da década de 1930, a ementa de seus cursos se propunha a um contraponto às elaborações do corpo docente da LSE dedicadas a uma investigação programática mais próxima do socialismo. À mesma época, em 1933, o austríaco se posicionou, em memorando a Sir William Beveridge, diretor da LSE, a respeito do diagnóstico corrente (e apoiado por parte considerável do corpo docente da instituição) que apontava o fascismo como um espasmo mobilizado pelo esgotamento do capitalismo. Em seu documento, Hayek afirma que fascismo seria, em verdade, uma deformação do capitalismo causada por intervenções impróprias do Estado em seu pleno, de certa forma “puro”, funcionamento – o oposto do sugerido por Beveridge.

123 No original: (...) demonstrated that the principles of liberty that England and France stood for were the same as those that had been enunciated by the great German poets and thinkers of the past, but showing that these had been eclipsed by “the distorted view of history, on which they have been brought up during the last sixty years,” that is, since Bismarck’s time. (Tradução nossa.)

A hipótese encapsulada no memorando a Beveridge será parte importante do que viria a se materializar em *Road to Serfdom*. Outro elemento importante será a iniciativa à qual Hayek dará o nome de Abuse of Reason. Planejado como um esforço de investigação intelectual, o projeto mobilizará Hayek numa tentativa de entender os circuitos históricos pelos quais o tecnicismo e o utopismo se sobreporiam ao espírito de Estado e à autonomia individual (traços de certa forma evidentes ao fascismo da época). Embora o livro nunca tenha se concretizado – seu título inicial seria *The Abuse and Decline of Reason* – a obra, para o qual eram planejadas duas partes, teria sua primeira metade chamada “Hubris,” e a segunda, “Nemesis” – a pesquisa realizada por Hayek servirá de subsídio para duas obras que virão a demarcar seu programa intelectual de modo: *Road to Serfdom* (1944/2007), e *The Counter Revolution of Science* (1953).

Um outline inicial, produzido por Hayek, da estrutura editorial de *The Abuse and Decline of Reason*

<u>THE ABUSE AND DECLINE OF REASON.</u>	
The Reflections of an Economist on the Self-Destructive Tendencies of our Scientific Civilization.	
<u>SYNOPSIS.</u>	
Preface and Plan.	
Introduction: The Humility of Individualism.	
<u>Part I. - The Collectivist Hybris.</u>	
<u>Section I. The French Phase.</u>	
Chapter	1. Scientism.
"	2. The Origin of the Scientific Hybris: L'Ecole Polytechnique.
"	3. L'Accoucheur d'idées: Saint-Simon.
"	4. The Religion of the Engineers: The Saint-Simonians.
"	5. Saint-Simonian Influence.
"	6. Social Physics: Auguste Comte.
<u>Section II. The German Phase.</u>	
Chapter	7. The Extremes Meet: Comte and Hegel.
"	8. Scientific Socialism and the Technological Interpretation of History.
"	9. Historicism and the Socialism of the Chair.
"	10. The "Social Empire".
"	11. Scientifically Organized Industry.
"	12. The Spiritual Bodyguard of the Hohenzollerns.
<u>Section III. The English Phase.</u>	
Chapter	13. England's Lost Intellectual Leadership.
"	14. Evolutionism and English Fabianism.
"	15. "We are all Socialists now."
"	16. Fabianism.
"	17. The End of Free Trade.
"	18. The End of Free Trade.
<u>Section IV. The American Phase.</u>	
(Will deal in succession with the influence of the Historical School, Pragmatism, Behaviourism, Institutionalism and Econometrics.)	
<u>Part II. - The Totalitarian Nemesis.</u>	

Fonte: Studies on the abuse and decline of reason: Text and documents (2010)

O memorando a Beveridge será expandido e publicado, em abril de 1938, como artigo, com o título “*Freedom and the Economic System*”. Em correspondência com seu amigo, e antigo participante do círculo hayekiano em Viena, Fritz Machlup, então nos EUA, Hayek diz que o artigo servirá, também, como eixo à segunda parte de seu *Abuse of Reason*. De todo modo, em 1939 o texto é outra vez adaptado, e transformado em panfleto sobre a natureza das políticas públicas.

Caldwell (2007, 2010) sugere que *Road to Serfdom* poderia ser entendido como uma espécie de amálgama, um esforço de chamado à ação elaborado a partir do memorando a Beveridge, da elaboração deste como artigo em “*Freedom and the Economic System*”, e do que Hayek teria imaginado como a seção final de seu *Abuse of Reason*. Embora o caminho a apontar a evolução de *Road to Serfdom* enquanto posicionamento político e ação de disputa da opinião pública pareça algo delineada, a conformação de sua argumentação como síntese da proposição hayekiana parece apontar a possíveis dubiedades ou pontos cinzentos. Enquanto o fundo do livro parece apontar a uma celebração do pensamento liberal britânico (e à profunda influência deste na reelaboração de um pensamento hayekiano informado, inicialmente, pelo neomarginalismo austríaco), ele ao mesmo tempo oferece acenos a programas positivos e negativos. E, enquanto para Hayek os alertas aos perigos do intervencionismo estatal, e das deformações subjetivas latentes em programas de planificação econômica, e de apagamento da tradição liberal britânica por um hipotético fascínio pelo socialismo e pelo fascismo seriam muitos, os acenos às possibilidades de um reformismo que mitigasse os efeitos problemáticos do capitalismo de livre mercado são, até, reconhecidos, mas pouco resolvidos. Ou, como apontado pelo rival e amigo Keynes sobre *Road to Serfdom*, em correspondência a Hayek,

Você admite aqui e ali que é uma questão de onde traçar a linha. Você concorda que a linha deve ser traçada em algum lugar e que o extremo lógico não é possível. Mas você não dá nenhuma orientação sobre onde desenhá-la. De certo modo, isso é evitar a questão prática. É verdade que você e eu provavelmente desenhariamos em lugares diferentes. Eu devo supor que, de acordo com minhas idéias, você subestima muito a praticabilidade do espaço médio. Mas assim que você admite que o extremo não é possível, e que uma linha tem que ser traçada, você está, em seu próprio argumento, feito, uma vez que você está tentando nos persuadir que assim que alguém move na

direção planificada, você é necessariamente lançado no caminho escorregadio que o levará, no devido tempo, ao precipício.¹²⁴

(KEYNES apud JONES, 2014)

A sugestão, por Keynes, de alguma confusão na construção de Hayek, e o aceno a um central, mas pouco levado em conta, papel da subjetividade nesse processo, pode soar como comentário entre colegas – como algo não tão relevante à investigação dos caminhos que viriam a galvanizar, em *Road to Serfdom*, uma proposta de síntese da produção científica hayekiana. Mas sugiro, para além da pressuposição de uma racionalidade científica que se sobreponha, inevitavelmente, sobre as circunstâncias, uma outra perspectiva para entendermos um pouco melhor *Road to Serfdom* e seus desdobramentos: o efeito da guerra, e as angústias, as crises, e as energias subjetivas a emergirem dessa radical desorganização do mundo, como período a mobilizar a emergência de novas sínteses intelectuais.

Um exemplo desse tipo de mobilização e transformação programática pode ser encontrado no perfil que Roudinesco (2017) fará de Jean-Paul Sartre (1905-1980). Embora Sartre seja posicionado em um universo intelectual não exatamente próximo ao de Hayek, ou ao debate britânico de modo geral, o modo como Roudinesco verá, na guerra, um catalisador de uma nova atuação de Sartre como intelectual público, pode apontar a alguns paralelos (e a alguns vetores a informar, de modo mais amplo, o debate europeu). Partindo do que ela vê como uma neutralidade, uma ideia de distanciamento intelectual puramente teórico, na juventude de Sartre, Roudinesco traçará, na transição do entreguerras ao período de crise imposto pela Segunda Guerra Mundial, um caminho de aproximação e engajamento com o debate público que, com o recrudescimento do fascismo, levará Sartre a se engajar não apenas no esforço de mobilização como ação de propaganda, mas também, em 1941, com a formação do grupo Socialismo e Liberdade, a se arriscar no circuito da resistência francesa à ocupação alemã e ao regime de Vichy. A atuação de Sartre, afinal, se disseminaria não só em obras em que tentaria entender e pensar num plano de ação contra o fascismo, mas também em

124 No original: You admit here and there that it is a question of where to draw the line. You agree that the line has to be drawn somewhere, and that the logical extreme is not possible. But you give no guidance whatever as to where to draw it. In a sense this is shirking the practical issue. It is true that you and I would probably draw it in different places. I should guess that according to my ideas you greatly underestimate the practicability of the middle course. But as soon as you admit that the extreme is not possible, and that a line has to be drawn, you are, on your own argument, done for, since you are trying to persuade us that so soon as one moves in the planned direction you are necessarily launched on the slippery path which will lead you in due course over the precipice. (Tradução nossa.)

iniciativas de disputa do imaginário do grande público em projetos de ficção. Em 1939, será publicado *Le Mur*, em que Sartre, em cinco contos, fará extrapolações sobre os sentidos subjetivos e políticos do fascismo então emergente (como, nos anos 1920, intelectuais públicos como Aldous Huxley, em seu *Admirável Mundo Novo*, e Yevgeny Zamyatin, com *Nós*, tinham testado). De todo modo, essas ações de Sartre, Roudinesco lembra, demarcavam uma ação que ia além da pura propaganda – em tempos de desorganização dos tradicionais espaços, e termos, do debate intelectual, a ficção, enfim, se impunha como laboratório não apenas para mundos possíveis, mas também para investigar, especialmente no caso das distopias, debates sobre os reais termos desses mundos imaginários. Do mesmo modo, novas plataformas de comunicação e recursos discursivos eram colocados em ação, numa dinâmica de mobilização e energização do corpo público. Na Inglaterra, a BBC teria papel central na organização da informação e na mobilização de circuitos de resistência ao fascismo. O alcance da rádio britânica, se espalhando para além do Canal da Mancha, seria um elemento essencial à resistência francesa, e serviria de inspiração, no pós-guerra, a conformação de um sistema de comunicação em que intelectuais se apresentariam não só como investigadores e analistas dos fatos do mundo, mas, principalmente, como agentes de mobilização e engajamento público – o mesmo Sartre, em 1947, se lançaria a um projeto nesse sentido, com seu programa radiofônico *La tribune des temps modernes* (MOODY, 2014).

Entre fascistas e antifascistas, e através de todo o espectro de afinidades políticas, intelectuais se viam forçados a um engajamento que se equilibrava entre duas tensões: num lado, o estudo e a defesa de um modo de vida, de uma visão do mundo e do indivíduo construídos pela história; de outro, a prospecção de um mundo futuro, a emergir e ser construído ao final da guerra. Na Inglaterra (e ao longo do continente europeu), intelectuais de campos diversos se organizavam em ações e em experimentos de construção discursiva em novos circuitos e tecnologias de comunicação (como os desenhados pelos públicos organizados em torno da mídia impressa de massa, ou pelo desenvolvimento técnico da radiodifusão). Do outro lado do continente, nos EUA, o cenário não era muito diferente.

Turner (2013) aponta como, nos Estados Unidos, movimentos entusiastas do nazifascismo se organizarão, ao longo dos anos 1930, em torno das possibilidades de disseminação e mobilização viabilizadas pelas tecnologias radiofônicas e pela imprensa de massa – um dos mais populares apoiadores do fascismo do país ao longo da década, o padre Charles Coughlin (1891-1979), comandava uma rede de rádios, a *Radio League of the Little Flower*, que tinha, às vésperas da Segunda Guerra Mundial, uma audiência estimada de 3,5

milhões de ouvintes. À época, as organizações influenciadas pelo nazifascismo e organizadas em torno de agendas de extrema direita se multiplicavam: dos abertamente nazistas da *German-American Bund*, ao *Christian Front*, até a *Ku Klux Klan*, os EUA viam a ascensão de novos grupos que, na mobilização de novas linguagens e ferramentas de comunicação, buscavam a galvanização de um público radicalizado. O que, de certo modo, levou, como na Europa, a uma movimentação do universo acadêmico e dos intelectuais públicos em torno de uma agenda propositiva e da mobilização de setores da sociedade para a ação política. Em 1935, à época em que Walter Lippmann, movido por esse engajamento, publicava *The Good Society*, outro nome popular da opinião pública, Sinclair Lewis, publicou *It Can't Happen Here* (1935/2014) (“Não vai acontecer aqui”), livro de ficção em que especulava os efeitos sociais e políticos de uma ascensão da direita radical populista ao poder, numa investigação sobre os mecanismos e a natureza do totalitarismo. Embora, com a entrada dos EUA na Segunda Guerra Mundial junto aos Aliados, os agrupamentos abertamente nazistas ou fascistas tenham sido colocados na ilegalidade, a instrumentalização da cultura e das ferramentas de comunicação de massa por grupos a disputar o comando de setores da política se manteve – assim como, por parte do Estado, o cuidado para, de certo modo, administrar essas energias populares organizadas em torno de novos programas ideológicos e práticas comunicacionais.

A urgência da guerra, e as variadas frentes de investigação e engajamento que se impunham em tal situação limite, pode ter servido de catalisador a mobilizar o austríaco não apenas na síntese intelectual proposta em *Road to Serfdom*, mas, também, no modo como o livro é organizado e construído. A influência – e, de certo modo, cópia – dos modos de ação dos fabianos, a operar plataformas de comunicação diversa, e elaborações discursivas que passavam da análise teórica à ficção e à comunicação popular, é um elemento assumido de modo cristalino por Hayek. Jones (2014) recorda que Hayek era “profundamente impressionado” pela influência da *British Fabian Society* no universo institucional inglês e no desenho de políticas públicas “através de seus livros, a LSE, e a infiltração de instituições governamentais e sociais com uma elite educada de servidores públicos”.

Resenha ilustrada de *Road to Serfdom*, publicada pela Look Magazine, em fevereiro de 1945

Fonte: Fontenot, A. Notes Toward a History of Non-Planning. Places Journal. 2015

A impressão deixada em Hayek pelo tempo vivido em meio ao circuito de pensamento e ação mobilizado pelo grupo do fabianismo britânico na LSE, para além da algo indireta inspiração sobre estratégias de ação, parece ter tido impacto profundo no modo como ele viria a posicionar seu programa de economia política, assim como os espaços de interlocução e persuasão com os quais se engajaria. Ebenstein (2014), resgatando os registros do período de lançamento de *Road to Serfdom*, aponta como Hayek

observou em seu painel de rádio de 1945 sobre *The Road to Serfdom*, que não foi um "ataque aos socialistas; é, antes uma tentativa de persuadir os socialistas, a quem dediquei meu livro. Minha tese principal é que eles estão errados nos métodos para conseguir o que querem alcançar." Ele disse mais tarde que *The Road to Serfdom* tinha um "propósito muito específico: persuadir meus colegas fabianos ingleses de que eles estavam errados". O livro era um argumento para a esquerda a partir de alguém que compartilhava amplamente suas visões éticas, embora não empíricas.¹²⁵

125 No original: (...) remarked in his 1945 radio panel on *The Road to Serfdom* that it was not an "attack on socialists; it is rather an attempt to persuade socialists, to whom I have dedicated my book. My main thesis is that they are mistaken in the methods for getting what they want to achieve." He said later that *The Road to Serfdom* had a "very specific purpose: persuading my English Fabian

(EBENSTEIN, 2014)

Road to Serfdom era, antes de tudo, um livro direcionado ao universo britânico. O modo como Hayek viria a elaborar sua defesa do liberalismo e do livre mercado como antídotos ao totalitarismo – no que ele vê um programa que, apagando diferenças de fundo ideológico ou de organização programática, sobreporia e confundiria as noções de nazifascismo e stalinismo – misturará elementos de elaboração teórica e crítica conjuntural, em um esforço no qual ele não se furtará de apontar dedos a todos os lados do debate europeu. *Road to Serfdom* será publicado pela Routledge, na Inglaterra, em março de 1944. Suas vendas, embora satisfatórias, não serão algo extraordinário – a tiragem inicial, de dois mil exemplares, será esgotada ao longo de seu primeiro mês, e seguida de uma segunda leva de dois mil e quinhentos livros (a Inglaterra vivia um período de racionamento de papel, o que teria dificultado, também, uma tiragem maior). (CALDWELL, 2007).

A carga de Hayek contra parte considerável do universo intelectual europeu não será livre de resposta. A resposta da crítica e do universo intelectual britânico a *Road to Serfdom* será dura, para dizer o mínimo. Alguns dos registros levantados por Caldwell (2007) são esclarecedores:

Então um diplomata na embaixada britânica em Washington, Isaiah Berlin, escreveu a um amigo em abril de 1945 que “ainda estava lendo o terrível Dr. Hayek”. O economista Gardiner Means não tinha a fortitude de Berlin; depois de ler 50 páginas, ele relatou a William Benton, da Encyclopaedia Britannica, que “não podia mais aguentar”. O filósofo Rudolf Carnap, escrevendo para o amigo de Hayek, Karl Popper, aparentemente não conseguia reunir nem mesmo a resistência de Means: “Eu estava surpreso ao ver seu reconhecimento de von Hayek. Eu mesmo não li o livro dele; é muito lido e discutido neste país, mas elogiado principalmente pelos protagonistas da livre iniciativa e do capitalismo irrestrito, enquanto todos os esquerdistas o consideram um reacionário.”¹²⁶

(CALDWELL, 2007)

colleagues that they were wrong.” The book was an argument to the left from one who largely shared its ethical, though not empirical, views. (Tradução nossa.)

126 No original: Then a diplomat in the British Embassy in Washington, Isaiah Berlin wrote to a friend in April 1945 that he was “still reading the awful Dr. Hayek.” The economist Gardiner Means did not have Berlin’s fortitude; after reading 50 pages he reported to William Benton of the Encyclopaedia Britannica that he “couldn’t stomach any more.” The philosopher Rudolf Carnap, writing to Hayek’s friend Karl Popper, apparently could not muster even the stamina of Means: “I was somewhat surprised to see your acknowledgement of von Hayek. I have not read his book myself; it is much read and discussed in this country, but praised mostly by the protagonists of free enterprise and unrestricted capitalism, while all leftists regard him as a reactionary.” (Tradução nossa.)

Road to Serfdom será, também, alvo das críticas de Orwell. Em resenha publicada no *Observer*, em 09 de abril de 1944, Orwell se dedicará à análise da obra de Hayek junto a uma publicação do *Left Book Club*, *The Mirror of the Past, Lest It Reflect the Future*, de Konni Zilliacus (1894-1967). Embora a crítica de Orwell pareça, à primeira vista, endossar as denúncias de Hayek sobre inevitáveis pulsões totalitárias latentes nos experimentos do socialismo real, as desconfianças do autor de *1984* em relação ao programa hayekiano se apresentam como maiores. Se Hayek via na social-democracia e na intervenção estatal sobre a economia um inevitável deslizamento ao totalitarismo, Orwell – ao contrário do que veio a se estabelecer como certo folclore entre entusiastas do livre mercado de contornos hayekianos – tinha profunda desconfiança na ideia de uma substituição do Estado, e das relações mediadas pelo governo, pelo livre mercado em funcionamento “puro”, ideal. Embora Orwell, na primeira frase de sua resenha, afirme que ambos livros “deem motivo para alarme” (ao que, pouco mais à frente, complementa dizendo que “cada escritor está convencido de que a política do outro leva diretamente à escravidão, e o mais alarmante é que ambos podem estar certos”), ele é claro ao demarcar o centro de sua resenha ao afirmar que “dos dois, o livro do professor Hayek é talvez o mais valioso, porque os pontos de vista que ele coloca são menos na moda” que o defendido na publicação do *Left Book Club*. Orwell sugere, em sua resenha, uma síntese dos programas positivo e negativo de Hayek:

A tese de Hayek é que o socialismo inevitavelmente leva ao despotismo, e que na Alemanha os nazistas conseguiram ter sucesso porque os socialistas já haviam feito a maior parte do trabalho para eles, especialmente o trabalho intelectual de enfraquecer o desejo de liberdade. Ao colocar toda a vida sob o controle do Estado, o socialismo necessariamente dá poder a um círculo interno de burocratas, que em quase todos os casos serão homens que querem poder para si mesmos e não se prenderão a nada para mantê-lo. A Grã-Bretanha, diz ele, está agora seguindo o mesmo caminho da Alemanha, com a intelligentsia de esquerda na frente e o Partido Conservador em um bom segundo. A única salvação está no retorno a uma economia não planificada, à livre concorrência, e à ênfase na liberdade, e não na segurança. Na parte negativa da tese do professor Hayek, há muita verdade. Não pode ser dito o bastante - de qualquer forma, não está sendo dito com frequência suficiente - que o coletivismo não é inerentemente democrático, mas, ao contrário, dá a uma minoria tirânica poderes com os quais os inquisidores espanhóis nunca sonharam.

O professor Hayek também provavelmente está certo em dizer que, neste país, os intelectuais têm uma mentalidade mais totalitária do que as pessoas comuns. Mas ele não vê, ou não vai admitir, que um retorno à competição "livre" significa para a grande massa de pessoas uma tirania provavelmente pior, porque mais irresponsável, do que a do Estado. O problema com as competições é que alguém as ganha. O

professor Hayek nega que o livre capitalismo necessariamente leva ao monopólio, mas na prática é aonde conduziu, e como a grande maioria das pessoas preferiria ter uma arregimentação do Estado do que recessões e desemprego, a tendência para o coletivismo continuará se a opinião popular tem alguma opinião sobre o assunto.¹²⁷

(ORWELL, 1944/2003)

O fato de Hayek ter seu livro comentado junto a uma obra do *Left Book Club* – que, afinal, era um dos projetos a se materializar em torno da ação dos fabianos organizados na LSE – viria a apontar que, de certa maneira, a intenção do austríaco de adaptar algumas das estratégias dos socialistas seria bem realizada. A breve interpretação que Orwell faz dos elementos gerais a constituir a obra de Hayek mapeia, e destaca, os programas – e o imaginário – que viriam, enfim, a informar o programa hayekiano pelas décadas seguintes. Há, em *Road to Serfdom*, a articulação de elementos de economia política elaborados por Hayek em sua virada metodológica: a centralidade do papel da comunicação e da informação como dimensões essenciais à coordenação econômica e à acomodação de expectativas subjetivas e riqueza material; o entendimento da arquitetura econômica como um processador de dados a ser analisado por uma perspectiva interdisciplinar; uma ambivalente definição de socialismo como uma variedade de manifestações de intervenção econômica, não necessariamente alicerçada sobre programas específicos no campo da filosofia política; a crítica da planificação econômica, do tecnicismo e da pretensão utópica como motores da ação política e da organização social; a denúncia dos possíveis efeitos (e deformações) éticos

127 No original: Hayek's thesis is that Socialism inevitably leads to despotism, and that in Germany the Nazis were able to succeed because the Socialists had already done most of their work for them, especially the intellectual work of weakening the desire for liberty. By bringing the whole of life under the control of the State, Socialism necessarily gives power to an inner ring of bureaucrats, who in almost every case will be men who want power for its own sake and will stick at nothing in order to retain it. Britain, he says, is now going the same road as Germany, with the left-wing intelligentsia in the van and the Tory Party a good second. The only salvation lies in returning to an unplanned economy, free competition, and emphasis on liberty rather than on security. In the negative part of Professor Hayek's thesis there is a great deal of truth. It cannot be said too often – at any rate, it is not being said nearly often enough – that collectivism is not inherently democratic, but, on the contrary, gives to a tyrannical minority such powers as the Spanish Inquisitors never dreamed of.

Professor Hayek is also probably right in saying that in this country the intellectuals are more totalitarian-minded than the common people. But he does not see, or will not admit, that a return to 'free' competition means for the great mass of people a tyranny probably worse, because more irresponsible, than that of the State. The trouble with competitions is that somebody wins them. Professor Hayek denies that free capitalism necessarily leads to monopoly, but in practice that is where it has led, and since the vast majority of people would far rather have State regimentation than slumps and unemployment, the drift towards collectivism is bound to continue if popular opinion has any say in the matter. (Tradução nossa.)

e morais a se impor em circunstâncias em que, através de processos de intervenção do governo na economia, o livre fluxo do mercado seria submetido a rupturas e a operação econômica se entrelaça à operação do poder político. Como eixo a informar, e articular essa tentativa de síntese, Hayek propõe um movimento que se realiza, ao mesmo tempo, como resgate, defesa, e atualização do que ele afirma ser a tradição cívica e intelectual do liberalismo britânico.

Assim como em *The Great Depression*, o programa delineado por Hayek em *The Road to Serfdom* é, essencialmente, negativo. E, embora exista a sugestão de um programa de organização social ideal, sua realização é deixada, de certo modo, como um chamado à ruptura e à imaginação. Se, como Keynes (apud JONES, 2014) aponta, em suas impressões sobre o livro, que Hayek concorda que “é uma questão de onde traçar a linha”, mas que ele “não dá nenhuma orientação sobre onde desenhá-la”, o perigo contra o qual o autor de *Road to Serfdom* se insurge e toca o alarme é descrito de modo claro.

Em *Road to Serfdom*, há uma operacionalização, uma tentativa de síntese, a articular e conectar o sentido de programas aos quais Hayek tinha se dedicado em sua reinvenção britânica. É possível dizer que, em seu processo de maturação, esses elementos do projeto intelectual hayekiano se realizarão, mais tarde, em trabalhos que aprofundarão as ideias experimentadas nos anos 1930. As proposições que avançarão o neomarginalismo austríaco como um programa de acomodação de expectativas e energias subjetivas serão consolidadas em 1947, em uma obra que virá a ser seminal ao programa hayekiano, “*The Use of Knowledge in Society*” (1945); do mesmo modo, as investigações de Hayek sobre os sentidos ideológicos, e de organização de programas de economia política, a reposicionarem seu entendimento do que seria a tradição do liberalismo britânico, serão organizadas em “*Individualism: True and False*” (1946); o estudo de Hayek sobre os perigos, e os sentidos históricos, da pretensão de um comando técnico do processo histórico – e das expectativas utópicas a emergir disso – serão organizados em “*Scientism and the Study of Society*”, e, entrando na década de 1950, em um livro, *The Counter-Revolution of Science* (1953). Obras que, ao mesmo tempo em que apontam à evolução e reposicionamento do programa hayekiano como um projeto de entendimento do mundo em tempos instáveis, servem também como marcos do que viria a ser sua transição e radicalização programática. Do mesmo modo, há traços a aproximar “*The Trend of Economic Thinking*”, a primeira palestra de Hayek em sua estadia britânica, a “*Intellectuals and Socialism*” (1949), escrita quando de sua transição aos EUA.

Embora aspectos diversos do programa hayekiano sigam gravitando, em maior ou menor escala, em torno do que seria o fundo ideológico de *Road to Serfdom*, o centro do programa proposto por Hayek em seu *esforço-de-guerra-tornado-livro* parece ser, em seu tom de urgência e denúncia, as ideias veiculadas no memorando/panfleto de Hayek a Beveridge. No argumento a demarcar, contra o consenso de parte razoável da academia britânica – e, especialmente da LSE – a ideia de que o fascismo não seria uma deformação do capitalismo em seus estágios finais, mas uma manifestação de problemas de funcionamento causados pela intervenção estatal sobre o processamento econômico, estão, de certo modo, a alma e o sentido de transformação encapsulados em *Road to Serfdom*.

Road to Serfdom, segundo a proposição deste trabalho, se organiza de modo urgente, e em meio a programas que, ainda em elaboração, tinham como sentido central uma recuperação, e atualização, da tradição liberal. Na revisão da literatura hayekiana, e de historiadores e historiadoras do pensamento econômico a se debruçar sobre *Road to Serfdom* (BURGIN, 2012; EBENSTEIN, 2014; DARDOT e LAVAL, 2016; FEIN, 2009.; FOUCAULT, 2008, JONES, 2014), podemos encontrar alguns dos motivos pelos quais, embora Hayek aponte à demarcação de um programa positivo (complicado e vago, segundo Keynes; ou puramente distópico, segundo Orwell), a transição de sua obra a um artefato de mobilização da opinião pública se dará, essencialmente, pelo caráter negativo de seu programa. Em verdade, o próprio Hayek parece ter perdido algo de controle sobre o programa negativo que propõe: embora *Road to Serfdom* tenha se notabilizado como um libelo contra qualquer espécie de intervenção do Estado sobre a economia, Hayek esclarecerá, após a Segunda Guerra Mundial, que parte de seus receios eram algo infundados. De todo modo, é interessante lembrar que, ao mesmo tempo, as censuras ou suavizações impostas pelo esforço de guerra – já que a URSS lutava aos lado dos Aliados contra a investida nazifascista – teriam levado *Road to Serfdom* a subestimar um dos principais riscos diagnosticados por Hayek ao longo de sua trajetória (como apontado por ele em seu prefácio para a reedição publicada em 1976):

O ponto em que agora sinto que errei neste livro é essencialmente em ter menosprezado o significado da experiência do comunismo na Rússia - uma falha que talvez seja perdoável quando se lembra que, quando escrevi, a Rússia era nossa aliada dos tempos de guerra - e que eu não tinha me libertado totalmente de todas as superstições intervencionistas atuais e, em consequência, ainda fiz várias concessões que agora considero injustificadas.¹²⁸

128 No original: Where I now feel I was wrong in this book is chiefly in that I rather understressed the significance of the experience of communism in Russia—a fault which is perhaps

(HAYEK, 1976/2007)

É compreensível, de todo modo, que uma interpretação sobre a superioridade moral, a eficiência técnica, e a tradição liberal refletidos em algumas das proposições centrais de *Road to Serfdom* tenham se imposto como uma espécie de imaginário e sensibilidade a informar parte considerável da opinião pública. Embora os termos de Hayek, por vezes, não sejam exatamente claros ao apontar onde, exatamente, seria "traçada uma linha", alguns dos elementos centrais de seu argumento sugerem conexões poderosas. O modo como Hayek tratará de dois temas talvez ofereça algumas pistas: o primeiro, será a relação entre planificação e Estado de Direito (tratado no capítulo 06, "*Planning and the Rule of Law*"); o segundo, a relação entre Segurança e Liberdade (tratado no capítulo 09, "*Security and Freedom*"). Nos trechos a seguir, podemos encontrar, numa síntese, alguns dos elementos centrais que ajudam a entender a recepção pública da renovação liberal proposta por Hayek:

Pode até ser dito que, para que o Estado de Direito (nota do autor: "Rule of Law") seja efetivo, é mais importante que exista uma regra aplicada sempre, sem exceções, do que o que essa lei é. Muitas vezes, o conteúdo da lei é realmente de menor importância, desde que a mesma regra seja aplicada universalmente. Para voltar a um exemplo anterior: não importa se todos nós dirigimos à esquerda – ou à direita – da estrada, desde que todos façam o mesmo. O importante é que a regra nos permite prever corretamente o comportamento de outras pessoas, e isso exige que ela se aplique a todos os casos - mesmo que, em um caso específico, consideremos injusto.¹²⁹

(HAYEK, 1944/2007)

A princípio, Hayek sugere que o Estado de Direito, ao estabelecer um conjunto de regras gerais, atua, em nível macro, como garantidor da "pureza" do mecanismo do mercado ao mesmo tempo que, em nível micro, subjetivo, impõe um ideal de igualdade circunscrito às suas premissas legais, reposicionando o indivíduo como igual e autônomo dentro, e em relação a, um mesmo esquema de funcionamento econômico. Há, nisso, uma clivagem em

pardonable when it is remembered that when I wrote, Russia was our wartime ally—and that I had not wholly freed myself from all the current interventionist superstitions, and in consequence still made various concessions which I now think unwarranted. (Tradução nossa)

129 No original: It may even be said that for the Rule of Law to be effective it is more important that there should be a rule applied always without exceptions than what this rule is. Often the content of the rule is indeed of minor importance, provided the same rule is universally enforced. To revert to a former example: it does not matter whether we all drive on the left- or on the right-hand side of the road so long as we all do the same. The important thing is that the rule enables us to predict other people's behavior correctly, and this requires that it should apply to all cases—even if in a particular instance we feel it to be unjust. (Tradução nossa.)

relação a uma noção universal de igualdade que, apontando ao socialismo, levaria a um escorregadio caminho rumo ao totalitarismo. Esse fundo político e moral, porém, embora sugira, por si só, uma guinada algo radical no entendimento da relação entre indivíduo, liberdade, e mercado, viria a se articular, também, à construção cognitiva e técnica do mercado como mecanismo de processamento de *inputs* e *outputs*. Mais do que um arcabouço legal e jurídico, o mecanismo de mercado sugerido por Hayek é, também, uma arquitetura dedicada a tornar mais eficiente a circulação de dados, informando seus operadores para que atuem com mais eficiência e, de certo modo, venham a "domar" as possíveis tendências intervencionistas de governos:

A questão de saber se o Estado deveria ou não “agir” ou “interferir” representa uma alternativa totalmente falsa, e o termo “laissez faire” é uma descrição altamente ambígua e enganosa dos princípios nos quais uma política liberal é baseada. Naturalmente, todo Estado deve agir e toda ação do Estado interfere em uma coisa ou outra. Mas essa não é a questão. A questão importante é se o indivíduo pode prever a ação do Estado e fazer uso desse conhecimento como um dado na formação de seus próprios planos, com o resultado de que o Estado não pode controlar o uso de sua máquina e que o indivíduo sabe precisamente até onde ele estará protegido contra a interferência de outros, ou se o Estado está em posição de frustrar esforços individuais.¹³⁰

(HAYEK, 1944/2007)

Hayek prosseguirá sugerindo uma complexa reorganização do Estado a partir de sua hipótese. A construção de um arcabouço legal nos termos hayekianos sugere a mobilização, afinal, de uma reforma da própria ideia de um corpo Legislativo e de sua relação com o Judiciário. Embora não seja apontado em *Road to Serfdom*, ainda, um programa efetivo a viabilizar essa transição, a desconfiança com o funcionamento da democracia liberal em termos gerais paira sobre seu diagnóstico -- afinal, vale lembrar que, embora sua denúncia seja a princípio apontada para o totalitarismo que emergia de Alemanha e Itália com o nazifascismo, sua preocupação central era a Inglaterra e o que ele via como riscos a uma tradição liberal britânica:

130 No original: The question whether the state should or should not “act” or “interfere” poses an altogether false alternative, and the term “laissez faire” is a highly ambiguous and misleading description of the principles on which a liberal policy is based. Of course, every state must act and every action of the state interferes with something or other. But that is not the point. The important question is whether the individual can foresee the action of the state and make use of this knowledge as a datum in forming his own plans, with the result that the state cannot control the use made of its machinery and that the individual knows precisely how far he will be protected against interference from others, or whether the state is in a position to frustrate individual efforts. (Tradução nossa.)

O Estado de Direito (nota do autor: "Rule of Law") implica, portanto, limites ao escopo da legislação: restringe ao tipo de regras gerais conhecidas como lei formal e exclui a legislação diretamente dirigida a pessoas específicas, ou permite que qualquer pessoa use o poder coercitivo do Estado para o propósito de tal discriminação. Isso não significa que tudo é regulado por lei, mas, ao contrário, que o poder coercitivo do Estado só pode ser usado em casos definidos antecipadamente pela lei e de tal modo que se possa prever como será usado. Uma emenda especial pode, assim, infringir o Estado de Direito. Qualquer pessoa pronta para negar isso teria que argumentar que se o Estado de Direito prevalece hoje na Alemanha, na Itália ou na Rússia, isso depende se os ditadores obtiveram seu poder absoluto por meios constitucionais.¹³¹

(HAYEK, 1944/2007)

Enfim, há no programa delineado por Hayek em *Road to Serfdom* uma ambivalente relação entre liberdade individual e autonomia econômica, num jogo que, por vezes, sugerirá uma sobreposição entre essas duas dimensões da experiência humana. Do mesmo modo, essa complicada relação abrirá margem a leituras que, no limite, virão a legitimar um paradoxal entendimento dessa ideia de liberdade e autonomia – afinal, Hayek sugere, no caso de operadores do maquinário jurídico subjacente ao funcionamento do mercado, seria justificável e necessária a existência de regimes especiais, em que a liberdade e autonomia do indivíduo se sobreporia à própria ordem imposta pelo sistema jurídico:

Como a espúria “liberdade econômica”, e com mais justiça, a segurança econômica é frequentemente representada como uma condição indispensável da liberdade real. De certa forma, isso é verdadeiro e importante. Independência da mente ou força de caráter raramente é encontrada entre aqueles que não podem ter certeza de que eles conseguirão o que querem por seu próprio esforço. No entanto, a ideia de segurança econômica não é menos vaga e ambígua do que a maioria dos outros termos nesse campo; e por causa disso, a aprovação geral dada à demanda por segurança pode se tornar um perigo para a liberdade. De fato, quando a segurança é entendida em um sentido demasiadamente absoluto, a luta geral por ela, longe de aumentar as chances de liberdade, torna-se sua mais séria ameaça.

131 No original: The Rule of Law thus implies limits to the scope of legislation: it restricts it to the kind of general rules known as formal law and excludes legislation either directly aimed at particular people or at enabling anybody to use the coercive power of the state for the purpose of such discrimination. It means, not that everything is regulated by law, but, on the contrary, that the coercive power of the state can be used only in cases defined in advance by the law and in such a way that it can be foreseen how it will be used. A particular enactment can thus infringe the Rule of Law. Anyone ready to deny this would have to contend that whether the Rule of Law prevails today in Germany, Italy, or Russia depends on whether the dictators have obtained their absolute power by constitutional means. (Tradução nossa.)

Será bom contrastar, no início, os dois tipos de segurança: a limitada, que pode ser alcançada para todos, e que, portanto, não é privilégio, mas um objeto legítimo de desejo; e a segurança absoluta, que numa sociedade livre não pode ser alcançada para todos e que não deve ser dada como um privilégio - exceto em alguns casos especiais como o dos juízes, onde a independência completa é de suma importância.¹³²

(HAYEK, 1944/2007)

Embora Hayek argumente que a demanda por segurança é um inevitável risco à liberdade, há, em sua defesa da *segurança da ordem de mercado*, a sugestão de um contraditório, não menos arriscado, perigo. Se os responsáveis pela aplicação das leis devem ser submetidos a um especial regime de liberdade (como os juízes), não seria uma extrapolação exagerada supor que outros espaços e operadores do Estado responsáveis pela manutenção do maquinário do mercado devam ser, também, objeto de salvaguarda: nesse sentido, o aparato judicial e o aparato de força do Estado, ao se entrelaçarem como mantenedores da ordem e do respeito às leis, se sobreporiam ao restante do corpo social, abrindo a mesma brecha à ascensão de dinâmicas totalitárias que Hayek pretende denunciar. Uma volta do parafuso que, se não explica de modo definitivo, ajuda a entender algumas das aproximações entre regimes totalitários e proposições neoliberais ao longo das décadas seguintes.

A equação hayekiana fica um pouco mais complicada quando, ao se debruçar sobre o mundo real, trata como desejáveis e justas certas expectativas de segurança individual, ao mesmo tempo em que, em sentido ideal, as sugere como riscos grandes demais:

Não há dúvida de que uma segurança adequada contra privações severas, e a redução das causas evitáveis de esforços mal direcionados e uma consequente decepção, terão que ser um dos principais objetivos de política pública. Mas, para que esses esforços

132 No original: Like the spurious “economic freedom,” and with more justice, economic security is often represented as an indispensable condition of real liberty. In a sense this is both true and important. Independence of mind or strength of character is rarely found among those who cannot be confident that they will make their way by their own effort. Yet the idea of economic security is no less vague and ambiguous than most other terms in this field; and because of this the general approval given to the demand for security may become a danger to liberty. Indeed, when security is understood in too absolute a sense, the general striving for it, far from increasing the chances of freedom, becomes the gravest threat to it.

It will be well to contrast at the outset the two kinds of security: the limited one, which can be achieved for all, and which is therefore no privilege but a legitimate object of desire; and absolute security, which in a free society cannot be achieved for all and which ought not to be given as a privilege—except in a few special instances such as that of the judges, where complete independence is of paramount importance. (Tradução nossa)

sejam bem-sucedidos e não destruam a liberdade individual, a segurança deve ser fornecida fora do mercado e a competição deve ser deixada desobstruída. Alguma segurança é essencial para que a liberdade seja preservada, porque a maioria dos homens está disposta a assumir o risco que a liberdade inevitavelmente envolve apenas enquanto esse risco não for grande demais. Mas enquanto essa é uma verdade que nunca devemos perder de vista, nada é mais fatal do que a atual tendência entre os líderes intelectuais, de enaltecer a segurança em detrimento da liberdade. É essencial que reaprendamos francamente a encarar o fato de que a liberdade só pode ser obtida a um preço e que, como indivíduos, devemos estar preparados para fazer sacrifícios materiais severos para preservar nossa liberdade.¹³³

(HAYEK, 1944/2007)

Em verdade, na introdução à edição de 1956 de *Road to Serfdom*, publicada nos EUA, Hayek chega a fazer um mea-culpa, explicando que, de fato, seu receio sobre o fascismo como parte indivisível da participação do Estado em mecanismos de mercado foi algo exagerado. Afinal, em 1945, o *Labour Party* venceu as eleições contra os conservadores liderados por Winston Churchill, instalando Clement Atlee como Primeiro Ministro britânico. E, mesmo após não poucos anos de governo trabalhista na Inglaterra, o risco de uma ordem política totalitária parecia sem qualquer fundamento. O que não significa que o governo Atlee não tenha implementado medidas de certo modo radicais, como a conformação, após a Segunda Guerra, de um amplo *welfare state* a cobrir setores essenciais, como a saúde pública – a implementação do *National Health Service* (NHS) viria a se tornar um ícone dessa guinada. O fato das novas políticas de bem estar social serem informadas, essencialmente, pelas orientações de Sir William Beveridge e seu *Beveridge Report* (originalmente elaborado em 1942), tornavam o diagnóstico de Hayek ainda mais complicado – afinal, o Beveridge responsável pelas amplas reformas sociais desenhadas na Inglaterra era o mesmo que, anos antes, quando estavam na LSE, Hayek tentava convencer a respeito dos riscos da intervenção estatal na economia:

133 No original: There can be no question that adequate security against severe privation, and the reduction of the avoidable causes of misdirected effort and consequent disappointment, will have to be one of the main goals of policy. But if these endeavors are to be successful and are not to destroy individual freedom, security must be provided outside the market and competition be left to function unobstructed. Some security is essential if freedom is to be preserved, because most men are willing to bear the risk which freedom inevitably involves only so long as that risk is not too great. But while this is a truth of which we must never lose sight, nothing is more fatal than the present fashion among intellectual leaders of extolling security at the expense of freedom. It is essential that we should relearn frankly to face the fact that freedom can be had only at a price and that as individuals we must be prepared to make severe material sacrifices to preserve our liberty. (Tradução nossa)

É claro que seis anos de governo socialista na Inglaterra não produziram nada parecido com um estado totalitário. Mas aqueles que argumentam que isso refutou a tese de *The Road to Serfdom* realmente ignoraram um de seus pontos principais: que a mudança mais importante produzida pelo controle extensivo do governo é psicológica, uma alteração no caráter do povo. Isso é necessariamente um assunto lento, um processo que se estende não por alguns anos, mas talvez por uma ou duas gerações.

(...)

Talvez eu também deva lembrar ao leitor que eu nunca acusei os partidos socialistas de deliberadamente visarem um regime totalitário, ou mesmo da suspeita que os líderes dos antigos movimentos socialistas pudessem mostrar tais inclinações. O que argumentei neste livro, e o que a experiência britânica me convence mais ainda como verdade, é que as consequências imprevisíveis, mas inevitáveis, do planejamento socialista criam um estado de coisas no qual, se essa política pública for perseguida, as forças totalitárias obtêm vantagem. Eu enfatizo explicitamente que “o socialismo pode ser colocado em prática apenas por métodos que a maioria dos socialistas desaprova”, e até mesmo chego a acrescentar que “os antigos partidos socialistas eram inibidos por seus ideais democráticos” e que “eles não possuíam a crueldade necessária para o desempenho de sua tarefa escolhida.”¹³⁴

(HAYEK, 1956/2007)

O medo de Hayek, em verdade, talvez apontasse a outros tempos. Antes da escalada armamentista, ainda em Viena, seu rival intelectual, Otto Neurath, tinha levantado uma proposição radical: a organização da economia austríaca como baseada no que ele apresentava como um prosseguimento da “economia de guerra” conformada em meio às tensões da Primeira Guerra Mundial, num movimento que abriria caminho à expansão, e manutenção de longo prazo, de mecanismos de planificação. A ideia de Neurath foi

134 No original: Of course, six years of socialist government in England have not produced anything resembling a totalitarian state. But those who argue that this has disproved the thesis of *The Road to Serfdom* have really missed one of its main points: that the most important change which extensive government control produces is a psychological change, an alteration in the character of the people. This is necessarily a slow affair, a process which extends not over a few years but perhaps over one or two generations.

(...)

Perhaps I should also remind the reader that I have never accused the socialist parties of deliberately aiming at a totalitarian regime or even suspected that the leaders of the old socialist movements might ever show such inclinations. What I have argued in this book, and what the British experience convinces me even more to be true, is that the unforeseen but inevitable consequences of socialist planning create a state of affairs in which, if the policy is to be pursued, totalitarian forces will get the upper hand. I explicitly stress that “socialism can be put into practice only by methods of which most socialists disapprove” and even add that in this “the old socialist parties were inhibited by their democratic ideals” and that “they did not possess the ruthlessness required for the performance of their chosen task.” (Tradução nossa)

apresentada no seminário de Böhm-Bawerk, numa memória que, talvez, tenha em algo mobilizado Hayek em sua temporada inglesa. De todo modo, a conformação de uma economia de guerra, planificada e organizada como descolada da lógica de livre mercado, parecia de fato ser o elemento central a mobilizar Hayek em seu *Road to Serfdom*.

Embora seja uma leitura permeada por guinadas e aproximações pouco claras às elaborações programáticas que, à época, mobilizavam Hayek, *Road to Serfdom* colocará em movimento um imaginário potente. A leitura da obra, ainda que por vezes se apresente de modo circular ou vaga, traz de maneira clara elementos centrais ao projeto hayekiano. Ecos do que Hayek apresentará como o debate sobre o cálculo no Socialismo (em sua divulgação do debate em *Collectivist Economic Planning*), poderão ser encontrados, por exemplo, no modo como Hayek verá como uma “deformação moral” inerente a economias não informadas pelos fluxos “puros” de informação:

Mas, enquanto para a massa dos cidadãos do Estado totalitário, isso muitas vezes é a devoção altruísta a um ideal, embora um que seja repulsivo para nós, o que os faz aprovar e até realizar tais atos, isso não pode ser pleiteado para aqueles que guiam sua política. Para ser um assistente útil na condução de um Estado totalitário, não é suficiente que um homem esteja preparado para aceitar justificativas ilusórias de ações vis; ele próprio deve estar preparado ativamente para quebrar todas as regras morais que ele já conheceu, se isso parecer necessário para alcançar o fim para ele estabelecido. Como é o líder supremo quem sozinho determina os fins, seus instrumentos não devem ter convicções morais próprias. Eles devem, acima de tudo, estar comprometidos sem reservas com a pessoa do líder; mas, junto a isso, o mais importante é que eles sejam completamente sem princípios e literalmente capazes de tudo. Eles não devem ter ideais próprios que desejam realizar; nem ideias sobre certo ou errado que possam interferir nas intenções do líder. Há, portanto, nas posições de poder, pouco para atrair aqueles que detêm crenças morais do tipo que, no passado, guiaram os povos europeus, pouco que possa compensar a natureza desagradável de muitas das tarefas específicas, e pouca oportunidade para gratificar desejos idealistas, para recompensar pelo risco inegável, o sacrifício da maioria dos prazeres da vida privada e da independência pessoal que envolvem os postos de grande responsabilidade. Os únicos gostos satisfeitos são o gosto pelo poder como tal e o prazer de ser obedecido e de fazer parte de uma máquina eficiente e imensamente poderosa à qual todo o resto deve ceder.¹³⁵

135 No original: But while for the mass of the citizens of the totalitarian state it is often unselfish devotion to an ideal, although one that is repellent to us, which makes them approve and even perform such deeds, this cannot be pleaded for those who guide its policy. To be a useful assistant in the running of a totalitarian state, it is not enough that a man should be prepared to accept specious justification of vile deeds; he must himself be prepared actively to break every moral rule he has ever known if this seems necessary to achieve the end set for him. Since it is the supreme leader who alone determines the ends, his instruments must have no moral convictions of their own. They must, above

(HAYEK, 1944/2007)

Do mesmo modo, a urgência do que Hayek sugere como um imaginário liberal para o debate público será apontada, de modo claro, nas primeiras frases do segundo capítulo de *Road to Serfdom*, “*The Great Utopia*” (“*A Grande Utopia*” – ou, enfim, sobre a pluralidade de manifestações que, para Hayek, poderiam ser entendidas como socialismo):

O fato do socialismo ter deslocado o liberalismo como a doutrina da grande maioria dos progressistas não significa simplesmente que as pessoas tinham se esquecido das advertências dos grandes pensadores liberais do passado sobre as consequências do coletivismo. Isso aconteceu porque eles foram persuadidos do oposto do que esses homens haviam previsto. O extraordinário é que o mesmo socialismo que não só foi logo reconhecido como a mais grave ameaça à liberdade, mas que também abertamente começou como uma reação contra o liberalismo da Revolução Francesa, ganhou aceitação geral sob a bandeira da liberdade.¹³⁶

(HAYEK, 1944/2007)

Tão presente quanto o receio de um mundo dominado pela maquinaria genocida do nazifascismo, Hayek se preocupava, também, com o que aconteceria se os aliados vencessem a guerra. O fascismo, para Hayek (e para um arco importante de intelectuais a se mobilizarem dos dois lados do Atlântico), embora pudesse ser vencido no campo de batalha, teria deixado latentes um conjunto de elementos culturais ainda passíveis de mobilização. Nas forças sociais e psíquicas articuladas pelo fascismo como *cultura*, o fim das movimentações

all, be unreservedly committed to the person of the leader; but next to this the most important thing is that they should be completely unprincipled and literally capable of everything. They must have no ideals of their own which they want to realize; no ideas about right or wrong which might interfere with the intentions of the leader. There is thus in the positions of power little to attract those who hold moral beliefs of the kind which in the past have guided the European peoples, little which could compensate for the distastefulness of many of the particular tasks, and little opportunity to gratify any more idealistic desires, to recompense for the undeniable risk, the sacrifice of most of the pleasures of private life and of personal independence which the posts of great responsibility involve. The only tastes which are satisfied are the taste for power as such and the pleasure of being obeyed and of being part of a well-functioning and immensely powerful machine to which everything else must give way. (Tradução nossa)

136 No original: That socialism has displaced liberalism as the doctrine held by the great majority of progressives does not simply mean that people had forgotten the warnings of the great liberal thinkers of the past about the consequences of collectivism. It has happened because they were persuaded of the very opposite of what these men had predicted. The extraordinary thing is that the same socialism that was not only early recognized as the gravest threat to freedom, but quite openly began as a reaction against the liberalism of the French Revolution, gained general acceptance under the flag of liberty. (Tradução nossa)

militares e a instituição de novos mecanismos democráticos não necessariamente garantiriam, portanto, sua capilaridade no corpo social como pensamento e utopia. Enfim, a disputa, em meio a um período em que não apenas o futuro do liberalismo britânico, mas também do mundo se impõe, parece mobilizar Hayek à luta: nomes a atuar no esforço de guerra britânico, e na disputa do que, afinal, viria depois da guerra, e do círculo de invenção dos dois lados do front, serão alvo de *Road to Serfdom*. Hayek, afinal, perto do fim do livro, no capítulo 14 ("*Material Conditions and Ideal Ends*", ou "Condições Materiais e Fins Ideais"), numa nota de rodapé, comentará sobre Ezra Pound:

Embora o assunto deste capítulo já tenha convidado mais de uma referência a Milton, é difícil resistir à tentação de acrescentar aqui mais uma citação, muito familiar, embora, ao que parece, hoje em dia ninguém, a não ser um estrangeiro, ouse citar: "Não deixe a Inglaterra esquecer sua precedência de ensinar as nações a viver." É, talvez, significativo que nossa geração tenha visto uma série de detratores americanos e ingleses de Milton - e que o primeiro deles, Ezra Pound, estivesse durante esta guerra transmitindo da Itália!¹³⁷

(HAYEK, 1944/2007)

Sobre os fabianos que dividiam a LSE com Hayek, ele será ainda menos contido. O capítulo 10, em que ele tratará do assunto, se chamará, "*Why the worst get on top*" (ou "por quê os piores vão para o topo"):

As propensões nacionalistas e imperialistas dos planejadores socialistas, muito mais comuns do que geralmente se reconhece, nem sempre são tão flagrantes como, por exemplo, no caso dos Webbs e de alguns dos primeiros fabianos, com quem o entusiasmo pelo planejamento era caracteristicamente combinado com a veneração pelas grandes e poderosas unidades políticas e o desprezo pelo pequeno Estado. O historiador Élie Halévy, falando dos Webbs quando os conheceu, há quarenta anos, registra que seu socialismo era profundamente antiliberal. "Eles não odiavam os *Tories*, na verdade eram extraordinariamente lenientes com eles, mas não tinham piedade do liberalismo Gladstoniano. Era a época da Guerra dos Bôeres e tanto os liberais avançados quanto os homens que estavam começando a formar o Partido Trabalhista tinham se colocado generosamente ao lado dos bôeres contra o imperialismo britânico, em nome da liberdade e da humanidade. Mas os dois Webbs e seu amigo Bernard Shaw estavam à parte. Eles eram ostensivamente imperialistas. A independência das pequenas nações

137 No original: Though the subject of this chapter has already invited more than one reference to Milton, it is difficult to resist the temptation to add here one more quotation, a very familiar one, though one, it seems, which nowadays nobody but a foreigner would dare to cite: "Let not England forget her precedence of teaching nations how to live." It is, perhaps, significant that our generation has seen a host of American and English detractors of Milton—and that the first of them, Ezra Pound, was during this war broadcasting from Italy! (Tradução nossa)

pode significar algo para o individualista liberal. Não significava nada para coletivistas como eles. Eu ainda posso ouvir Sidney Webb me explicando que o futuro pertencia às grandes nações administrativas, onde os oficiais governam e a polícia mantém a ordem.” E em outra parte Halévy cita George Bernard Shaw, argumentando, na mesma época, que “o mundo é para os Estados grandes e poderosos por necessidade; e os pequenos devem adentrar suas fronteiras ou ser esmagados para fora da existência”.¹³⁸

(HAYEK, 1944/2007)

Para além do tom de alarmismo e das sugestões de reforma radical, *Road to Serfdom* não se furtará a ser, também, uma provocação aos socialistas fabianos da LSE e aos liberais keynesianos do grupo de *Bloomsbury*. Não chega a ser surpreendente, portanto, que a resposta do universo intelectual britânico a *Road to Serfdom* tenha sido aquém do ideal:

Hayek mencionou (...) em uma entrevista: "Depois de *Road to Serfdom*, senti que tinha me desacreditado profissionalmente, não queria dar margem a ataques novamente. Eu queria ser aceito na comunidade científica. Para fazer algo puramente científico e independente da minha visão econômica... Eu provavelmente também senti que alguns dos meus conhecidos mais à esquerda (com considerável atrevimento) me deram a entender que na opinião deles eu tinha deixado de ser um cientista e me tornei um propagandista”.¹³⁹

(HAYEK apud CALDWELL, 2004, p. 257)

138 No original: The nationalist and imperialist propensities of socialist planners, much more common than is generally recognized, are not always as flagrant as, for example, in the case of the Webbs and some of the other early Fabians, with whom enthusiasm for planning was characteristically combined with the veneration for the large and powerful political units and a contempt for the small state. The historian Élie Halévy, speaking of the Webbs when he first knew them forty years ago, records that their socialism was profoundly antiliberal. “They did not hate the Tories, indeed they were extraordinarily lenient to them, but they had no mercy for Gladstonian Liberalism. It was the time of the Boer War and both the advanced liberals and the men who were beginning to form the Labour Party had generously sided with the Boers against British Imperialism, in the name of freedom and humanity. But the two Webbs and their friend, Bernard Shaw, stood apart. They were ostentatiously imperialistic. The independence of small nations might mean something to the liberal individualist. It meant nothing to collectivists like themselves. I can still hear Sidney Webb explaining to me that the future belonged to the great administrative nations, where the officials govern and the police keep order.” And elsewhere Halévy quotes George Bernard Shaw, arguing, about the same time, that “the world is to the big and powerful states by necessity; and the little ones must come within their border or be crushed out of existence.” (Tradução nossa)

139 No original: Hayek mentioned (...) in an interview: "After the *Road to Serfdom*, I felt that I had so discredited myself professionally, I didn't want to give offense again. I wanted to be accepted in the scientific community. To do something purely scientific and independent of my economic view... I probably also felt it as a smart that some of my more leftish acquaintances (with considerable cheek) gave me to understand that in their opinion I had ceased to be a scientist and became a propagandist. (Tradução nossa)

Seja do lado que for, a ideia de intervenção estatal sobre a economia viria a sugerir continuamente, na obra de Hayek, uma espécie de uma inevitável manifestação socialista – num eco do que, em *Collectivist Economic Planning*, ele proporia ao apresentar (e atualizar ao universo britânico de meados de 1930) os termos do debate sobre o cálculo no socialismo. Se Marx e Engels, em seu manifesto, deixarão para o fim o sentido de seu programa como imaginário e ação (“Os proletários nada mais têm a perder com ela do que seus grilhões. Têm, sim, um mundo a ganhar. Proletários de todos os países, unam-se!” (MARX e ENGELS, 1848/2012)), Hayek deixará a provocação e o alerta para as primeiras linhas: *To the socialists of all parties* (“Para os socialistas de todos os partidos”) (HAYEK, 1944/2007). Nos dois exemplos, serão demarcados os campos da economia política para as décadas futuras, e, de certo modo, o que esperar das disputas dali pra frente. É verdade que, passada a urgência da guerra, Hayek atualizará seu diagnóstico ao ponto de conceder que controles pontuais sobre a economia não resultem, necessariamente, na emergência de mecanismos totalitários. Isso não impedirá, porém, que a obra ganhe vida própria, e venha a ser definida como uma espécie de programa de denúncia sobre qualquer tipo de intervenção estatal.

O peculiar e, de certo modo, estridente programa de *Road to Serfdom* teve impacto razoável no universo britânico. Caldwell (2004, 2007) sugere que a tentativa de Hayek de se engajar no debate público teria gosto agri-doce. Enquanto, na Inglaterra, os termos, e o fundo científico, dos ataques de Hayek o colocariam como alvo de parte significativa da comunidade acadêmica, do outro lado do Atlântico a obra levaria o austríaco a uma inesperada guinada em sua trajetória.

Embora a recepção a *Road to Serfdom* fosse longe de unânime na Inglaterra, sua publicação pela *Routledge*, Caldwell (2007) sugere, não parece ter sido muito complicada. Nos EUA, onde a obra viria a tomar contornos de fenômeno popular, os caminhos que levariam à sua publicação seriam algo mais complicado. Antes de sua edição pela *University of Chicago Press*, *Road to Serfdom* foi rejeitado por três editoras, apesar do esforço do emissário de Hayek, Fritz Machlup – então, alocado no *Office of Alien Property Custodian*, em Washington.

O caminho para a publicação de *Road to Serfdom* nos EUA começa em 1942, quando, numa carta datada de 08 de agosto, Hayek pede a Machlup que o ajude a encontrar uma editora nos EUA. O fato do livro ter sido escrito para uma audiência britânica não tornava as coisas mais fáceis. Depois de tentativas com a *Macmillan*, com a *Little, Brown*, e com a *Harper and Brothers*, a *University of Chicago Press* parecia uma parada natural. Afinal, o

circuito estabelecido entre a Universidade de Chicago, a LSE, e a Universidade de Viena era, apesar da hegemonia do pensamento keynesiano, uma das redes centrais à elaboração e circulação do novo pensamento liberal. A simpatia entre departamentos, ou programa de economia política conjunto, não aliviarão o modo como Frank Knight (1885-1972), um dos patronos do novo programa econômico desenhado na Universidade de Chicago, avaliaria a obra de Hayek. O apoio de Knight à publicação de *Road to Serfdom* seria frio.

A avaliação a vir ao socorro da obra de Hayek seria, em verdade, obra de um socialista – ao contrário das primeiras impressões de Knight, que deixaram a publicação de Hayek em suspenso, foi o parecer de Jacob Marschak (1898-1977), um dos economistas socialistas da Universidade de Chicago, que viria garantir a publicação de *Road to Serfdom* nos EUA:

Marschak, um socialista, foi muito mais elogioso, escrevendo, seis dias depois, que “o livro de Hayek pode começar neste país um debate mais acadêmico... É escrito com a paixão e a clareza ardente de um grande doutrinário... Este livro não pode ser deixado de lado.” Baseado nos dois relatórios, o comitê de publicação da editora decidiu empreender uma edição americana. A carta de aceitação para Hayek foi datada de 28 de dezembro de 1943.¹⁴⁰

(CALDWELL, 2007)

Embora números exatos sejam difíceis, a University of Chicago Press estima que, desde sua publicação, *Road to Serfdom* teve mais de 350.000 cópias vendidas – para além dos milhares comercializados pela Routledge, e as cópias piratas e traduções parciais a circular na Guerra Fria. A grande presença de *Road to Serfdom* no imaginário público, porém, tem a ver com um evento que pegou Hayek de surpresa. Enquanto seguia aos EUA, de navio, seu livro foi republicado pelo *Reader's Digest*. Em verdade, a obra de Hayek, de cerca de 200 páginas, foi comprimida em apenas 20 páginas, numa edição feita por Max Eastman, um dos mais icônicos jornalistas do cenário editorial estadunidense no século XX. Embora a edição de Eastman tomasse liberdades razoáveis, e em fim não tivesse muito a ver com a obra de Hayek, o austríaco se mostrou satisfeito com o resultado. O efeito da adaptação do livro de Hayek na *Reader's Digest* foi colossal: publicado em abril de 1945, com ofertas de *reprints* e oferecido no *Book-of-the-Month Club*, iniciativa da revista dedicada à publicação de versões

140 No original: Marschak, a socialist, was far more complimentary, writing six days later that “Hayek’s book may start in this country a more scholarly kind of debate. ... It is written with the passion and the burning clarity of a great doctrinaire. . . . This book cannot be bypassed.” Based on the two reports, the publication committee at the Press decided to undertake an American edition. The acceptance letter to Hayek was dated December 28, 1943. (Tradução nossa.)

reduzidas de obras literárias, *Road to Serfdom*, teve, apenas no *Reader's Digest*, um alcance em torno de 8.750.000 leitores – era esse, afinal, o número estimado de sua circulação à época (CALDWELL, 2007).

O salto era mais que razoável – a primeira tiragem da obra, pela *University of Chicago Press*, foi de cerca de dois mil livros.

A partir de sua absorção pela comunicação de massa, e pelos novos dispositivos de linguagem a se articular em torno da grande imprensa, *Road to Serfdom* se descola do programa sugerido por Hayek e se estabelece como imaginário. Seja nas 20 páginas escritas por Max Eastman adaptando o que ele entendia como essencial ao programa hayekiano – antiestatismo, individualismo, livre mercado –, seja nas versões em quadrinhos (a edição da *Look Magazine* seria, depois, adaptada a uma cartilha quadrinizada, direcionada a operários), *Road to Serfdom* ganhava uma vida que não responderia mais apenas aos debates de economia política a gravitar Londres, ou Viena. Afinal, se a chegada de Hayek a Londres, no início dos anos 1930, ia ao socorro da trincheira liberal-conservadora na LSE contra o keynesianismo, seu livro o apresentava nos EUA como o pensador anti-New Deal com o qual parte razoável da direita estadunidense sonhava.

Se Hayek amargava as impressões não tão boas de *Road to Serfdom* na Inglaterra, sua viagem aos EUA abriu caminhos que o posicionariam no comando do que viria a ser a *avant-garde* do pensamento liberal. Hayek, reinventando-se em sua atuação acadêmica ou científica, trataria, àquela altura, abertamente de seu programa como uma iniciativa a mobilizar o imaginário público. A primeira grande oportunidade não demorou a surgir – em 1946 por conta das relações desenhadas em seu tour nos EUA, Hayek contatou (após conversações mal sucedidas com a *Brookings Institution*), uma nova instituição dedicada à circulação de ideias de livre mercado: o Volker Fund. Sediado em Kansas City, o Volker Fund era uma fundação estabelecida em 1932 por William Volker, um empresário fabricante de móveis que havia doado metade de seus bens para a instituição. Conforme envelhecia, Volker via sua organização passarem mais e mais às mãos de seu sobrinho, Harold Luhnow. E, nisso, prioridades começaram a mudar. Luhnow se aproximou do movimento de livre mercado, anti-New Deal, cultivado nos EUA ao longo dos anos 1930 e 1940.

A ação pró livre mercado do Volker Fund sugeria alguma continuidade. Na década de 1930, a *American Liberty League* (ALL), iniciativa financiada -- e, em certa escala, coordenada -- pela família Du Pont (controladora do grupo do setor químico que viria a se

estabelecer como um gigante da indústria), já articulava setores do empresariado e da direita dos EUA contra as políticas de estímulo social de FDR. Em 1935, a maioria dos fundos da ALL vinha do topo da pirâmide dos EUA, bancados por menos de duas dúzias de industrialistas, banqueiros, e executivos. Membros da família Du Pont, por sua vez, eram responsáveis por cerca de um terço do total do financiamento.

Embora o grupo tenha sido encerrado em 1940, após uma escalada da tensão entre suas ações e grupos políticos dos EUA ligados ao governo Roosevelt, a rede de contatos, e o contorno de um programa comum, seguiria a mobilizar iniciativas nos anos seguintes.

A *Foundation for Economic Education* (FEE), por exemplo, fundada logo após o fim da Segunda Guerra Mundial e comandada por Leonard Read (1898-1983), um veterano ativista de proposições de livre mercado e da agenda empresarial dos EUA, se engajaria na disseminação de ideias e na disputa do imaginário público sobre os sentidos da economia política. Fundada com o auxílio de David Goodrich, presidente da B. F. Goodrich Company, a FEE se propunha como distinta da ALL. Enquanto a segunda se promovia como um movimento de massa que defenderia ideias de parte da população (embora, em verdade, sua organização fosse realizada por executivos do conglomerado Du Pont, e coordenada pela família Du Pont), a FEE "não buscava representar o *"business"* de modo algum, mas advogava, em vez disso, uma visão rigorosa, cristalina do livre mercado. A FEE buscava, em incontáveis arenas e locais, através de inúmeros folhetos, panfletos e gravações em LP, disseminar os princípios básicos do *laissez-faire*" (FEIN, 2009). De certa maneira, essa atuação era uma evolução da iniciativa à qual Read se dedicou, na década de 1940: durante os anos de guerra, Read estabeleceu a *Pamphleteers, Inc.*, uma pequena organização dedicada ao envio, por mala direta, de obras de pensadores como "o teórico francês do *Laissez-Faire*, Frédéric Bastiat, e o darwinista social do século XIX, William Graham Sumner" (FEIN, 2009) a cerca de três mil assinantes.

Essa noção ressoaria fundo em um dos primeiros *trustees* da FEE, o vice presidente aposentado da Du Pont, Jasper Crane. Recuperando um intercâmbio entre Crane e um colega, Fein (2009) aponta, em passagem, uma fala que ajudaria a entender o sentido geral de boa parte do enfrentamento ao qual o universo empresarial dos EUA e quadros da direita do país se lançariam entre as décadas de 1930 e 1940 – e do importante papel de Mises e Hayek nessa disputa:

Crane, citando outro amigo, disse a Miller que "o cristianismo fez pouco progresso até que, no século II, teve os escritos do *Novo*

Testamento; O comunismo não chegou a lugar nenhum até que Marx escreveu *Das Kapital* (lido por muito poucas pessoas a princípio, mas gradualmente ganhando enorme influência); O nacional-socialismo precisava de *Mein Kampf* para ser eficaz”. O povo americano, em suma, precisava de um livro. Crane estava olhando ansiosamente, como ele disse, para o "Novo Testamento do capitalismo", a "bíblia" da livre iniciativa.

(...) em sua busca por uma nova “bíblia” da livre iniciativa, ele encontrou um par de pensadores econômicos, refugiados das catástrofes européias, que forneceram uma ampla justificativa intelectual para manter uma amarga oposição à nova ordem econômica.¹⁴¹

(FEIN, 2009)

Com a FEE, a disputa, assim como na *Pamphleteers, Inc.*, se voltaria aos trabalhadores e à nova opinião pública média. Nesse universo, o livro de Hayek, e sua circulação em escala nacional a partir do *Reader's Digest* (a versão adaptada por Eastman foi, também, oferecida como um volume do clube de livros organizado pela revista), se conformava numa espécie de chegada da cavalaria. Seu impacto no universo da direita foi intenso. Fein (2009) sugere que

A grande inovação de Hayek e Mises foi criar uma defesa do livre mercado usando a linguagem da liberdade e da mudança revolucionária. O livre mercado, não o reino político, permitiu que os seres humanos realizassem sua liberdade. Ele podia transcender a classe social; ele libertaria todos. Hayek e Mises não enfatizaram a eficiência do mercado livre. Eles não prometeram que isso criaria abundância material, embora eles acreditassem que o fizesse. Eles celebravam o mercado porque ele tornava as pessoas livres.¹⁴²

(FEIN, 2009)

141 No original: Crane, quoting another friend, told Miller that “Christianity made little progress until in the Second Century it had the writings of the New Testament; Communism got nowhere until Marx wrote *Das Kapital* (read by very few people at first but gradually gaining enormous influence); National Socialism needed *Mein Kampf* to be effective.” The American people, in short, needed a Book. Crane was eagerly looking, as he put it, for the “New Testament of capitalism,” the “‘ bible’ of free enterprise.”

(...) in his search for a new “bible” of free enterprise, he encountered a pair of economic thinkers, refugees from the European catastrophes, who provided a broad intellectual justification for keeping up a bitter opposition to the new economic order. (Tradução nossa.)

142 No original: The great innovation of Hayek and Mises was to create a defense of the free market using the language of freedom and revolutionary change. The free market, not the political realm, enabled human beings to realize their liberty. It could transcend social class; it would liberate everyone. Hayek and Mises did not emphasize the efficiency of the free market. They did not promise that it would create material abundance, although they believed it would. They celebrated the market because it made people free. (Tradução nossa.)

Luhnow conhecia Crane e, ao que parece, também compartilhava algo de sua busca por um manifesto do livre mercado. Eram, ambos, entusiasmados com a nova linguagem de elaboração e disputa política fundada por Mises e Hayek. Após uma palestra deste no *Economic Club of Detroit*, o responsável pelo Volker Fund se reuniu com o economista austríaco, sugerindo o estabelecimento de um “estudo de livre mercado” nos EUA. O entusiasmo de Luhnow com o projeto era tal que Hayek recebeu a oferta de financiamento para pagar assistentes na LSE e, até mesmo, que o austríaco se estabelecesse em um centro acadêmico estadunidense. O local escolhido foi a Universidade de Chicago, onde, em “outubro de 1948, o *Comitee on Social Thought* da Universidade de Chicago concordou em contratar o economista austríaco, com seu salário de US\$ 15.000 ao ano a ser totalmente coberto pelo Volker Fund.” (FEIN, 2009) Hayek ficaria na Universidade de Chicago entre 1950 e 1962. O produto a ser encomendado a Hayek (e ao grupo de pesquisadores que viriam a auxiliá-lo no projeto, e que se desenhariam na formação conhecida como Escola de Chicago) (VAN HORN e MIROWSKI, 2009) ecoava a ideia de Crane, “elaborar em detalhe considerável, mas numa linguagem simples o suficiente para ser entendida pelo homem comum, um plano completo para uma sociedade de livre iniciativa funcional” (LUHNOW apud FEIN, 2009).

Embora existissem convergências entre a elaboração hayekiana crítica ao welfare state britânico e a resistência ao New Deal nos EUA, eram presentes, também, elementos de tensão. A obra de Hayek, era, afinal, um contra-ataque ao entendimento em que

As opiniões de Keynes eram típicas da metamorfose do liberalismo do século XX em um credo que defendia a intervenção e o conhecimento técnico de autoridades esclarecidas, imbuídas de serviço público. Idéias semelhantes animaram os *New Dealers*. Mas eles também representavam tudo contra o qual Hayek e seus amigos lutavam.¹⁴³

(JONES, 2014)

Essa percepção, porém, não animava, da mesma maneira, nomes centrais ao universo econômico dos EUA associados ao pensamento liberal, como Henry Simons e Frank Knight

143 Keynes's views were typical of liberalism's twentieth-century metamorphosis into a creed that espoused intervention and technical expertise by enlightened officials imbued with public service. Similar ideas animated the *New Dealers*. But they also represented everything that Hayek and his friends were fighting against."

– ambos, referências do pensamento da Universidade de Chicago. Embora fossem, ambos, críticos ao New Deal, sua percepção do papel do universo empresarial como elemento constituinte de uma sociedade de livre mercado era, em boa escala, de ceticismo. A concentração de poder econômico em mãos privadas, e a criação de estruturas monopolistas a partir disso, seria para eles tão problemática quanto nos casos em que o centro desse processo está no Estado (uma percepção que será revista na geração seguinte da Escola de Chicago, como, por exemplo, no caso de Milton Friedman, que defenderá aproximações radicais ao pensamento antiestatista e defenderá o monopólio empresarial, em certas circunstâncias, como preferencial ao monopólio estatal – como, por exemplo, nos setores de infraestrutura, onde o aporte de capital e a capacidade gerencial seriam de tal escala que diminuiriam a capacidade de competição e aumentariam demasiadamente o risco de investimento). Para além disso, a tradição liberal da Universidade de Chicago, assim como sua constituição, diferiam em muito dos espaços acadêmicos pelos quais Hayek tinha passado na Europa.

A Universidade de Chicago é fundada, e viabilizada financeiramente, em meio a um processo de modernização radical que, em seus próprios termos, se realizava, na passagem do século XIX ao XX, do outro lado do Atlântico. Viabilizada como um projeto de John D. Rockefeller, presidente da Standard Oil Company, como uma entre diversas iniciativas filantrópicas às quais ele se lançaria, a Universidade de Chicago se impunha, também, como um projeto de modernização. Estabelecida na última década do século XIX (suas portas foram abertas em 1892), a universidade recebeu de Rockefeller, em seus anos iniciais, algo em torno de US\$ 35 milhões – o que, equivaleria, no período em que este trabalho é escrito, a mais de US\$ 1 bilhão (EBENSTEIN, 2015). O projeto de uma universidade em Chicago era, também, imposto pelo próprio capitalismo em franca, acelerada expansão impulsionado pelos novos tempos, um fenômeno que teria no próprio Rockefeller um operador. Eksteins (1989) lembra, afinal, que Chicago, assim como Berlin e Nova Iorque, era uma “*cidade parvenu*”, um empreendimento novo-rico a se espalhar pela segunda metade do século XIX.

Desde seu início, a Universidade de Chicago teve alguns dos mais proeminentes economistas dos EUA em seus quadros. O primeiro coordenador do que, inicialmente, seria conhecido como Departamento de Economia Política, foi James Laurence Laughlin (1850-1933). Durante sua estada no comando do departamento, passaram por lá nomes Thorstein Veblen (1857-1929) (possivelmente o mais famoso economista estadunidense do primeiro quarto do século XX, com longa carreira na instituição, ajudando a estabelecer seu departamento de economia), e Wesley Clair Mitchell (que, na década de 1920, quando

lecionava em Nova Iorque, foi professor de Hayek na primeira temporada do austríaco nos EUA) (EBENSTEIN, 2015).

O mergulho de Hayek, em sua ida à Universidade de Chicago, e em seu contato com os acadêmicos formados na aproximação estadunidense ao liberalismo, o mobilizará, novamente, em direção a uma nova síntese. Assim como, na Inglaterra, a tradição neomarginalista de Hayek será transformada a partir de sua relação aprofundada com intelectuais, e com o corpo de pensamento, forjados em uma tradição do liberalismo distinta. Enquanto, no debate britânico, Cannan era o nome a defender e estabelecer os parâmetros de um programa liberal, em Chicago, o corpo de pensamento hayekiano encontraria novas formulações em seu debate com a tradição mantida por nomes como Frank Knight e Henry Simons. É interessante sugerir, porém, que essa reformulação se dará em mão dupla.

Dekker (2016) lembrará que Hayek levará, à Universidade de Chicago, a investigação interdisciplinar que informava sua formação em Viena, e que seria expandida e avançada em Londres:

Dado o contexto da vida acadêmica da Guerra Fria, não foi mera coincidência que Hayek tenha acabado não na faculdade de economia da Universidade de Chicago, mas no *The Committee on Social Thought*. Um corpo docente separado, criado na universidade por John Nef e Frank Knight, entre outros, com a ideia de que questões compartilhadas estão por trás de todas as formas de erudição, incluindo as artes. De fato, Hayek estava feliz com essa posição, precisamente porque estava preocupado com o que ele descreveu como "problemas limítrofes nas ciências sociais", e, em uma entrevista, ele mais tarde afirmou que estava entediado com a atmosfera puramente econômica na LSE.¹⁴⁴

(DEKKER, 2016)

De fato, Burgin (2012) e Dekker (2016) recordarão que Hayek tratará abertamente de seu projeto para o *Committee on Social Thought* como uma possibilidade de reconstruir, e atualizar, os espaços de discussão interdisciplinar dos *kreiss* vienenses. Junto às novas

144 No original: Given the context of Cold War, academic life it was no mere coincidence that Hayek ended up not in the economics faculty of the University of Chicago, but in The Committee on Social Thought. A separate faculty set up at the university by John Nef and Frank Knight, among others, with the idea that shared issues underlie all forms of scholarship, including the arts. In fact, Hayek was happy with this position precisely because it was concerned with what he described as 'borderline problems in the social sciences', and in an interview, he later claimed that he was bored with the purely economic atmosphere at the LSE. (Tradução nossa.)

sínteses mobilizadas pelo trânsito internacional, pelas novas dinâmicas metropolitanas de organização social e de circulação do conhecimento, e de disputa e transformação social, o programa hayekiano se transforma ao se aproximar de outras escolas de pensamento econômico, e de suas novas gerações. Se o trabalho junto à segunda geração do liberalismo conservador na LSE, capitaneada por Lionel Robbins serviu, em alguma dimensão, à organização do que viria conformar sua *virada metodológica*, a de Hayek junto à nova geração da tradição liberal da Universidade de Chicago se aproximaria a uma guinada radical em seu programa. (EBENSTEIN, 2015). As contornos radicais que o programa hayekiano de livre mercado ganharia nos EUA seriam um elemento central a informar, por exemplo, as ideias propostas por Milton Friedman (que seria colega de Hayek na Escola de Chicago), e seria um elemento a influenciar a constituição do programa libertariano fundado nos EUA.

Assim como os *kreiss* serviam de referência a Hayek na construção de seu núcleo de pesquisa em Chicago, também a memória das redes internacionais a animar, na Europa, o debate continental sobre cultura e política – e, principalmente, sua proposição modernista de *disputa e transformação* – serão parte importante de seu projeto no novo continente. A batalha intelectual à qual ele se preparava seria longa e insistente, luta. A empreitada de Hayek contra o que entendia como um viés socialista e liberal (este, no sentido estadunidense do termo) do debate público, exigiria, para o austríaco, a consolidação de um novo imaginário liberal e, concomitantemente, a coordenação de frentes de ação conjunta, numa rede a articular centros de pensamento, intelectuais, e grupos dedicados à ação. Para esse front, foi resgatada, e novamente colocada em movimento, uma rede que, embora em suspenso pela Segunda Guerra Mundial, teria, ainda, musculatura.

Em 1947, retomando as redes organizadas no Colóquio Walter Lippmann, Hayek viabilizará um grande evento. Reunido em um hotel na base do Mont Pèlerin, na Suíça, um grupo de jornalistas, empresários, e acadêmicos de países diversos do mundo Atlântico se comprometeria com a elaboração e disseminação de um programa a recuperar o novo liberalismo forjado no Colóquio Walter Lippmann. O encontro, financiado inicialmente, também, pelo Volker Fund, se conformaria em um dos mais tradicionais, e influentes, eventos do calendário político pelas décadas seguintes. Da iniciativa, será formada a Sociedade de Mont Pèlerin, que se tornará o caldo de cultura onde, ao longo das décadas seguintes, serão tornados viáveis, e atuantes, grupos dedicados ao amplo programa neoliberal. Grupos que se constituirão em *think tanks*, como o britânico *Institute of Economic Affairs* (IEA), e os estadunidense *Foundation for Economic Education* (FEE) e *Cato Institute*; e em

“organizações guarda-chuva”, como a *Atlas Economic Research Foundation* (GROS, 2008; JONES, 2014; MIROWSKI e PLEHWE, 2009).

Burgin (2012) sugere que, entre os anos 1940 e 1950, o Volker Fund tinha um orçamento anual de cerca de 1 milhão de dólares, cobrindo desde o núcleo que Hayek viria a estabelecer na Universidade de Chicago, até o salário de Mises – que havia se estabelecido na New York University (NYU). E, se a rede galvanizada no Colóquio Walter Lippmann será mobilizada – e oferecerá caminhos à ação – na investida de Hayek em sua atuação nos EUA, Mises também terá, na figura do organizador do Colóquio, Louis Rougier, um personagem importante à sua trajetória. Forçado a seguir aos EUA, em 1940, após investidas do exército alemão, Mises teria escapado através das fronteiras espanholas, então fechadas, pela intercessão direta de Louis Rougier e sua influência no regime de Vichy. Recipiente de um visto especial, Mises foi capaz de seguir aos EUA, onde teve, após dificuldades, estabelecida sua posição como professor visitante na NYU, em fevereiro de 1945. A defesa sem concessões que Mises fará do livre mercado terá frutificações no universo da economia política dos EUA, e ele se tornará o centro de gravidade a informar programas elaborados por associados estadunidenses como Murray Rothbard (1926-1995), formulador de uma variação radical no neoliberalismo, o *libertarianismo americano*.

A recepção, nos EUA, de *Road to Serfdom*, mobilizará uma sensibilidade de disputa e transformação. Um programa que, em suas imagens e em sua urgência, conseguirá, como em manifestos anteriores, encapsular o chamado à ação e a expectativa de um novo mundo. Seja em resumos, adaptações gráficas, ou cópias independentes (é impossível calcular a tiragem relativa a adaptações e reproduções a cruzar a Cortina de Ferro durante a Guerra Fria), o livro de Hayek, ao se capilarizar em muitas obras derivadas, e ao permear os meios e linguagens da cultura de massa, de certo modo também parece, ao organizar *um programa prático de renovação do liberalismo*, a encarnação de um novo tipo de manifesto. Se para Luhnnow e Crane o livro de Hayek apontava a um manifesto de livre mercado, também nas trincheiras opostas essa percepção era presente – uma das mais incisivas críticas a *Road to Serfdom*, o volume *The Road to Reaction* (1945), escrito por Herman Finer, o analisa como um “manifesto dos reacionários”. (BURGIN, 2012; CALDWELL, 2007.)

O universo empresarial e a direita tinham encontrado o mapa para um manifesto de livre mercado, e Hayek tinha, enfim, formado seu próprio grupo. Um maquinário de disputa, de construção de sensibilidades e representações do mundo. Uma formação a se capilarizar em *fronts* diversos, organizados em torno de periódicos e revistas; de espaços de debate e

elaboração; de eventos recorrentes a catalisar membros e processos de produção intelectual; de líderes estabelecidos em seus campos a atuarem como inventores e pedagogos.

Hayek tinha inventado, enfim, uma *avant-garde* neoliberal.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este é um trabalho escrito em um tempo de crise. Inicialmente, essa pesquisa foi imaginada como uma investigação sobre o entrelaçamento entre o ideário neoliberal e o universo da cibercultura. Em meu mestrado, me debrucei sobre a Wikipedia, e me deparei com a centralidade do pensamento de Hayek, especialmente de seu “*The Use of Knowledge in Society*”, na documentação wikipediana e daquele que é, hoje, um projeto sinônimo dos vastos caminhos à colaboração e ao processamento do conhecimento abertos pela Internet. Na tentativa de entender o fascínio por variedades do liberalismo na conformação da cibercultura, me lancei a um caminho que, ao seguir suas muitas pistas, me lançou a uma queda ao buraco de Alice.

Assim como no caso de Alice, a busca pelo caminho de volta foi tortuoso. Ao me aprofundar na investigação, cruzei o período inicialmente imaginado (o arco entre os anos 1960 e 1980), e me encontrei em tempos a se mostrar tão encharcados de invenção, novas plataformas, e modos de organização do trabalho e do conhecimento, quanto as décadas mais recentes: a primeira metade do século XX, e as novas tecnologias de comunicação, processos cognitivos, e arranjos produtivos que viriam a ser encapsulados num termo escorregadio, *Modernismo*.

Foi a partir da relação entre cultura, filosofia política, e os novos processos colocados em ação pelo Modernismo, que este trabalho buscou entender a relação entre o novo liberalismo sugerido por Hayek e o imaginário de autonomia e realização subjetiva prometidos pela técnica e pela comunicação – se o arco histórico se apresentava muito diferente do inicialmente planejado, as promessas se pareciam, afinal, algo similares.

A noção de *informação* a ser mobilizada em Hayek, afinal, assim como nos projetos de expansão cognitiva prometidos pelos pioneiros da computação pessoal e da cibercultura nos anos 1960 e 1970 (TURNER, 2010), conformam, ontem e hoje, um esforço para apreender e administrar de modo técnico, cientificamente, as emanções da “energia psíquica” – este que é, afinal, o grande combustível do Modernismo. E é a partir dessa noção de informação e energia cognitiva como elementos essenciais tanto ao programa modernista, como à renovação liberal proposta por Hayek, que este trabalho se debruçou sobre as interfaces a aproximarem – e a afastarem – economia política, frentes de disputa social, dispositivos sociotécnicos, formações culturais, e o imaginário de transformação social e política.

A partir daí, duas questões se impuseram: a primeira, como o Modernismo mobiliza o as forças da política e da sociedade, e quais expectativas, programas, promessas, articula em relação ao público?; a segunda, como essas forças poderiam se relacionar à tradição liberal central ao pensamento hayekiano?

Em relação à primeira, a conclusão é que o imaginário político modernista se assenta, essencialmente, sobre uma ideia de ultrapassagem histórica. Nessa *quebra* do fluxo da história, e de imposição a uma nova ordem do mundo, os destinos podem ser variados. Da aceleração que forçaria ao fim do capitalismo, nos experimentos do socialismo real; ou, num jogo mais nuançado, uma ruptura a travar o fluxo histórico e *resgatar ao presente* as promessas da tradição que teriam sido deformadas pelas imperfeições da ideologia, ou da condição humana sob forças aquém do ideal. Um jogo que, ao mesmo tempo em que serve à tradição conservadora reformada pelas forças do nazifascismo, por exemplo, não seria estranho, também, à recuperação *tecnicamente aperfeiçoada* de outra tradição, talvez não necessariamente conservadora: a liberal. E que, de certa forma, ajuda a entender o estranho relacionamento entre programas que, à primeira vista, seriam essencialmente antitéticos – afinal, o Nobel de Economia de Hayek, e o de seu pupilo na Escola de Chicago, Milton Friedman, seriam em escala razoável questionados pela ambivalente relação que teriam, ambos, com o regime de Pinochet.

É verdade que o posicionamento de Hayek, e de seu neoliberalismo, no arco modernista, são tema de discussão anterior. Embora Caldwell (1994), por exemplo sugira um posicionamento do programa hayekiano como modernista, Burczak (1994) verá em Hayek, e na centralidade que dá à relação entre subjetividade e constituição do mundo material -- e a operacionalização que isso terá na noção de informação, e em seu maquinário -- um precursor do que viria a se conformar no pós-modernismo. E, se o modernismo se estabelece como terreno escorregadio, sua relação com sua ultrapassagem, o pós-modernismo, não será menos complicada, como argumenta Fredric Jameson (1991).

Se o imaginário marxista aponta à ruptura, como sugerem Foucault (2008) e Berman (1982), o imaginário liberal aponta ao gradualismo. A revolução a caminho do liberalismo real, da utopia liberal proposta por Hayek, se impõe no tempo e na transformação, no ajuste de mecanismos institucionais econômicos, e na conformação subjetiva do indivíduo, tornando-o ao mesmo tempo operador e garantidor de um novo, infalível modo de vida liberal – numa suspensão do tempo, *num eterno presente*.

Como maquinário a operar esse novo modo de vida liberal – esse *neoliberalismo* – muitos programas serão mapeados. Para David Harvey (2007), a eminência do pensamento da Escola de Chicago no desenho de políticas públicas apontará a uma sobreposição, em que o monetarismo de Friedman se impõe como essencial a entender as transformações programáticas sugeridas pela renovação liberal. Klein (2007) aprofundará os termos da crítica de Harvey, e associará o ideário de Chicago a intervenções radicais do capital sobre as instituições políticas constituídas, num processo de destruição e reordenamento institucional a mobilizar grupos econômicos transnacionais e Estados nacionais – uma manifestação à qual Klein dará o nome de “doutrina do choque”. De uma perspectiva do Sul Global, Santos (2002, 2003) associará ao Neoliberalismo as transformações tecnológicas que aceleraram o impacto da circulação do capital global sobre os tecidos sociais e políticos, demarcando novas velocidades e espaços de convivência, forçando a uma cada vez maior internalização de disciplinas do mercado em espaços de vida. Mbembe (2003) recuperará o debate pós-colonial de Frantz Fanon, e encontrará pontos de conexão entre o neoliberalismo e a economia colonial, e as mobilizações subjetivas que, na aceleração econômica tecnofinanceira, reposicionariam o centro do maquinário do poder na administração da morte: uma forma de organização social à qual dará o nome de *necropolítica*. Roudinesco (2008) encontrará, na tensão entre o individualismo radical das relações de mercado hayekianas, e sua intolerância aos pactos de solidariedade do pós-Segunda Guerra, uma ultrapassagem subjetiva que sobreporá, aos contratos de cuidado mútuo, um imaginário de normalização de certa perversidade.

Do ponto de vista abertamente crítico à tradição liberal, Losurdo (2015) afirmará que o Novo Liberalismo é uma atualização de uma tradição de ruptura, concentração de poder e contradições essencialmente vinculadas ao pensamento liberal. Sobre a expansão e aplicação prática nos instrumentos de organização da vida teorizados pelos neoliberais, e sua transição a novos programas de políticas públicas, Fukuyama (2006) e Giddens (2013) oferecem diagnósticos engajados, ancorados numa ultrapassagem das tensões do espectro político a movimentar o último século e meio. Chesnais (2005) se debruçará sobre o neoliberalismo visto pela perspectiva da globalização (ou “mundialização”, como denomina em uma de suas obras pioneiras) como transformação do grid tecnofinanceiro, com a expansão da financeirização como novo sistema ontológico. Essa aproximação do programa de reinvenção liberal hayekiano será também o caminho a ser apontado, numa chave mais otimista, por Castells (1999), em sua elaboração sobre “A Era da Informação”. Uma elaboração pessimista,

que também articula a ontologia elaborada pelo neoliberalismo a um novo *framework* global para a organização da vida, é oferecido por Ulrich Beck (1992) e sua "Sociedade do Risco" -- um eco, amadurecido, do projeto de controle e disciplina mapeado em Dekker. (2016)

Crary (2013) e Byung Chul-Han (2017), por sua vez, sugerirão que o neoliberalismo é assentado sobre a expansão dos espaços de extração de valor à vida subjetiva – afinal, na expansão do mercado à informação e à cognição, e à sua inesgotável fonte de energia, as limitações do mundo material seriam resolvidas. O sono e o sonho, os sentimentos e a mobilização psíquica, seriam, assim, a fronteira última a separar indivíduos e capital. Nessa captura, estaria, enfim, uma manifestação definitiva do mercado.

Minha sugestão, nesta jornada, é que o neoliberalismo é uma manifestação de todas essas proposições. O neoliberalismo é ruptura e invenção. É o projeto modernista em energia e funcionamento. O neoliberalismo é uma quebra com o presente (e com as expectativas *históricas* do presente) e um retorno a uma idealizada, tecnicamente aperfeiçoada, *tradição liberal*. E, assim como a tradição liberal, é mobilizado por sentidos variados, e equilibrado em meio a tensões. De alguma maneira, o Neoliberalismo é, também, uma *meta-estética* -- uma projeção de neutralidade histórica, para a acomodação de todas as tradições do liberalismo, de variadas manifestações de energia psíquica, de muitos fluxos estéticos e subjetivos. Um jogo que se definiria, no limite, como uma *utopia*. Um mundo ideal cujos contornos, ao se entrelaçarem a muitos programas e circunstâncias, viriam a encontrar distintas manifestações, e distintos caminhos.

Em um e outro caso, minha investigação, assim como a jornada de Alice, passeiam por territórios em que as ideias fogem de controle. E, de certo modo, há, sob a superfície, lugares onde o que pareceria peculiaridade epistemológica, ou pura loucura, encontram sustentação, e fascínio, ao se delinearem em experiências de racionalidade com o poder de transformar seus mundos.

Na tela em branco oferecida pelo neoliberalismo, no *presente perpétuo* ao qual se propõe, a negação da utopia à qual Hayek se lançou em sua crítica do cientificismo se torna, afinal, um novo tipo de utopia. Uma virada à qual o próprio Hayek (1949), em 1949, se renderia. Em sua transição a Chicago, após o estabelecimento da Sociedade de Mont Pèlerin e do grupo que veio a ser conhecido como Escola de Chicago, Hayek publicou um texto em que define um plano de ação aos intelectuais comprometidos com um projeto radical de livre

mercado. Ao tratar da construção de um novo mundo liberal, Hayek, de modo incisivo, propõe:

Precisamos tornar a construção de uma sociedade livre, uma vez mais, uma aventura intelectual, um feito de coragem. O que nos falta é uma Utopia liberal, um programa que parece não ser uma mera defesa das coisas como elas são, nem um tipo diluído de socialismo, mas um radicalismo verdadeiramente liberal que não poupa as suscetibilidades dos poderosos (incluindo os sindicatos), o que não é muito severamente prático, e que não se limita ao que parece, hoje, politicamente possível. Precisamos de líderes intelectuais dispostos a trabalhar por um ideal, por menores que sejam as perspectivas de sua realização inicial. Eles devem ser homens dispostos a se ater a princípios e a lutar por sua plena realização, por mais remota que seja. Os compromissos práticos, eles devem deixar para os políticos.¹⁴⁵

(HAYEK, 1949)

Se Hayek se lançou ao mar, resoluto a navegar, a partir dali, à sua ilha de Utopia, o efeito do mapa que ele deixou para trás parece, ainda, fascinar novas embarcações. O que não impede que os mais afoitos a se lançar ao oceano sigam, porém, engolidos e engolidos de novo. Afinal, ensina o conselho de Ursula K. Le Guin (2016) (que encerra este trabalho):

Desde então, a utopia foi localizada não na vida após a morte, mas logo ali fora do mapa, através do oceano, sobre as montanhas, no futuro, em outro planeta, um habitável ainda que inatingível outro lugar.

Toda utopia desde a Utopia também tem sido, de modo claro ou obscuro, de fato ou possivelmente, no julgamento do autor ou dos leitores, tanto um lugar bom quanto um mau. Cada eutopia contém uma distopia, cada distopia contém um eutopia.¹⁴⁶

(Le Guin, 2016)

145 No original: We must make the building of a free society once more an intellectual adventure, a deed of courage. What we lack is a liberal Utopia, a program which seems neither a mere defense of things as they are nor a diluted kind of socialism, but a truly liberal radicalism which does not spare the susceptibilities of the mighty (including the trade unions), which is not too severely practical, and which does not confine itself to what appears today as politically possible. We need intellectual leaders who are willing to work for an ideal, however small may be the prospects of its early realization. They must be men who are willing to stick to principles and to fight for their full realization, however remote. The practical compromises they must leave to the politicians. (Tradução nossa.)

146 No original: Ever since, utopia has been located not in the afterlife but just off the map, across the ocean, over the mountains, in the future, on another planet, a liveable yet unattainable elsewhere.

Every utopia since Utopia has also been, clearly or obscurely, actually or possibly, in the author's or in the readers' judgment, both a good place and a bad one. Every eutopia contains a dystopia, every dystopia contains a eutopia. (Tradução nossa.)

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Perry. The intransigent right at the end of the century. **London Review of Books**, v. 14, p. 7-11, 1992.

ANUATTI, F. Persuasão racional: Uma análise do esforço de Keynes na formação de uma opinião pública favorável à mudança nas políticas econômicas. In: GALA, P; REGO, J. M. (Eds.) **A história do pensamento econômico como teoria e retórica**. Editora 34, 2003. p. 203-303.

BBC. How wealth has increased. **BBC Genome Project**. Disponível em: <<https://genome.ch.bbc.co.uk/e63597ad64764ff091a74a1d2f377526>>

_____. Industry and trade – II. **BBC Genome Project**. Disponível em: <<https://genome.ch.bbc.co.uk/a26be218581a4568aa10ef4dee3a7a29>>

_____. Industry and Trade – III **BBC Genome Project**. Disponível em: <<https://genome.ch.bbc.co.uk/f60c03b696ef4b369e7f5ce4638f429c>>

_____. How wealth has increased – IV. **BBC Genome Project**. Disponível em: <<https://genome.ch.bbc.co.uk/dbbfb7142fd345f4b8c4c079d4416c9f>>

_____. How has the state met the Change? – II. **BBC Genome Project**. Disponível em: <<https://genome.ch.bbc.co.uk/6bf3b32e183247c7b8e55797296a2495>>

_____. Must Britain Starve?. **BBC Genome Project**. Disponível em: <<https://genome.ch.bbc.co.uk/3eacd85be4db486e9bc6c3076ade0ead>>

_____. Workaday World – II **BBC Genome Project**. Disponível em: <<https://genome.ch.bbc.co.uk/f7a6374ae2104f5f9f56bcb75d5fb69b>>

_____. This Planning Business. **BBC Genome Project**. Disponível em: <<https://genome.ch.bbc.co.uk/2c97c6a5801548a99f8b22c87404289a>>

_____. Can the growth of towns and industries be controlled? **BBC Genome Project**. Disponível em: <<https://genome.ch.bbc.co.uk/6211889b1f764e23b8ae9288f1ae5665>>

_____. For the schools. **BBC Genome Project**. Disponível em: <<https://genome.ch.bbc.co.uk/4d8fa3ee9c494340925c5171a3119895>>

_____. History inthe Making. **BBC Genome Project**. Disponível em: <<https://genome.ch.bbc.co.uk/31f40967a7584dc7b7061b1add80a17c>>

BECK, Ulrich. **Risk society: Towards a new modernity**. sage, 1992.

BEEBE, M. Introduction: What Modernism Was. **Journal of Modern Literature**, p. 1065-1084, 1974.

BERGHAUS, G. Violence, war, revolution: Marinetti's concept of a futurist cleanser for the world. **Annali d'Italianistica**, v. 27, p. 23-71, 2009.

BERMAN, M. **All That Is Solid Melts into Air: The Experience of Modernity**. Penguin, 1982.

BEVIR, M. (Ed.) **Modernism and the Social Sciences: Anglo-American Exchanges, c. 1918-1980**. Cambridge University Press, 2017.

BOBBIO, N. **Direita e Esquerda razões e significados de uma distinção política**. Unesp, 2011.

_____. **Liberalismo e Democracia**. São Paulo: Brasiliense, 2013.

BOETTKE, P. J., F. A. Hayek as an Intellectual Historian. In: MEDEMA, S.; SAMUELS, W. (Eds.). **The construction of disciplinary memory**. Routledge, 2001. p. 117-128.

BOLAÑO, R. **Los detectives salvajes**. Alfaguara, 2016.

BURCZAK, T. A. The postmodern moments of FA Hayek's economics. **Economics & Philosophy**, v. 10, n. 1, p. 31-58, 1994.

BURGIN, A. **The great persuasion: Reinventing free markets since the depression**. Harvard University Press, 2012.

CALDWELL, B. Hayek and socialism. **Journal of Economic Literature**, v. 35, n. 4, p. 1856-1890, 1997.

_____. **Hayek's challenge: An intellectual biography of FA Hayek**. University of Chicago Press, 2004.

_____. Hayek's Nobel. In: **Revisiting Hayek's Political Economy**. Emerald Group Publishing Limited, 2016. p. 1-19.

_____. Hayek's scientific subjectivism. **Economics & Philosophy**, v. 10, n. 2, p. 305-313, 1994.

_____. Hayek's transformation. **History of Political Economy**, v. 20, n. 4, p. 513-541, 1988.

_____. Introduction. In: HAYEK, Friedrich; CALDWELL, B. (Ed.). **The Collected Works of FA Hayek: Contra Keynes and Cambridge**. Routledge, 2013.

_____. Introduction. In: HAYEK, F. A.; CALDWELL, B. (Ed.). **The road to serfdom: Text and documents: The definitive edition**. Routledge, 2007.

CANNAN, Edwin. **A History of the Theories of Production and Distribution: In English Political Economy, from 1776 to 1848**. PS King & son, 1894.

CASTELLS, M. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. Paz e terra, 1999.

CENTRE POMPIDOU. **Le Futurisme à Paris - Une avant-garde explosive**. 2008-2009. Disponível online em: <<http://mediation.centrepompidou.fr/education/ressources/ENS-futurisme2008/ENS-futurisme2008-02-manifeste.html>>

CHESNAIS, F. A finança mundializada. **São Paulo: Boitempo**, 2005.

COHEN, Milton A. **Movement, manifesto, melee: the modernist group, 1910-1914**. Lexington Books, 2004.

CORNISH, S. Review: Keynes on the wireless. **Agenda: A Journal of Policy Analysis and Reform**, v. 17, n. 2, p. 95-98. 2010. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/43199633?seq=1#page_scan_tab_contents>

CRARY, J. **24/7: Late capitalism and the ends of sleep**. Verso Books, 2013.

DACK, J. "It certainly isn't cricket!" — Media Responses to Mosley and the BUF. In: COPSEY, N.; OLECHNOWICZ, A. (Ed.). **Varieties of Anti-fascism: Britain in the Inter-war Period**. Palgrave Macmillan, 2010. p. 140-161.

DARDOT, P.; LAVAL, C.. **A nova razão do mundo**. Boitempo Editorial, 2016.

DEKKER, E. Schumpeter: Theorist of the avant-garde. **The Review of Austrian Economics**, v. 31, n. 2, p. 177-194, 2018.

_____ The Vienna circles: cultivating economic knowledge outside academia. **Erasmus Journal for Philosophy and Economics (EJPE)**, v. 7, n. 2, p. 30-53, 2014.

_____ **The Viennese students of civilization**. Cambridge University Press, 2016.

DENORD, François. Aux origines du néo-libéralisme en France. **Le mouvement social**, n. 2, p. 9-34, 2001.

DENORD, François. French neoliberalism and its divisions. In: MIROWSKI, P.; PLEHWE, D. (Eds.). **The road from Mont Pèlerin: The making of the neoliberal thought collective**, Harvard University Press, 2009. p. 45-67.

EBENSTEIN, A. **Friedrich Hayek: a biography**. St. Martin's Press, 2014.

EBENSTEIN, L. **Chicagonomics: The evolution of Chicago free market economics**. Macmillan, 2015.

EKSTEINS, Modris. **Rites of spring: The Great War and the birth of the modern age**. Houghton Mifflin Harcourt, 1989.

ELIOT, T. S. **The Waste Land (Liveright Classics)**. WW Norton & Company, 2013. (Obra original publicada em 1922.)

ESTY, J. National objects: Keynesian economics and modernist culture in England. **Modernism/modernity**, v. 7, n. 1, p. 1-24, 2000.

- ETKIND, A. To the east of Freud's Vienna in the previous turn of the century. **Psychotherapie und Psychoanalyse in Osteuropa**, v. 1, p. 71, 2003.
- FELDMAN, M. Pound and Radio Treason: An Empirical Reassessment. In: FELDMAN, M.; MEAD, H.; TONNING, E. (Eds.). **Broadcasting in the Modernist Era**. Bloomsbury Publishing, 2014. p. 169, 2014. p. 213, 2014.
- FISHER, M. **Ezra Pound's radio operas: the BBC experiments, 1931-1933**. Mit Press, 2002.
- FISCHER, K. The Influence of Neoliberals in Chile before, during, and after Pinochet. In: MIROWSKI, P.; PLEHWE, D. (Eds.). **The road from Mont Pèlerin: The making of the neoliberal thought collective**, Harvard University Press, 2009.
- FONTENOT, A. Notes Toward a History of Non-Planning. **Places Journal**. January, 2015 <https://placesjournal.org/article/notes-toward-a-history-of-non-planning/?cn-reloaded=1>
- FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica. Curso dado no Collège de France (1978-1979)**. Martins Fontes, 2008.
- FUKUYAMA, Francis. **The end of history and the last man**. Simon and Schuster, 2006.
- GARRITY, Jane. Selling Culture to the "Civilized": Bloomsbury, British Vogue, and the Marketing of National Identity. **Modernism/modernity**, v. 6, n. 2, p. 29-58, 1999.
- GARVY, G. Keynes and the economic activists of pre-Hitler Germany. **Journal of Political Economy**, v. 83, n. 2, p. 391-405, 1975.
- GAY, P. **Modernism: The Lure of Heresy**. WW Norton & Company, 2010.
- _____. **Schnitzler's century: the making of middle-class culture, 1815-1914**. WW Norton & Company, 2002.
- GENTILE, E. The conquest of modernity: from modernist nationalism to fascism. **Modernism/modernity**, v. 1, n. 3, p. 55-87, 1994.
- GIDDENS, A. **The third way: The renewal of social democracy**. John Wiley & Sons, 2013.
- GRAY, John. **Hayek on liberty**. Routledge, 2013.
- _____. The Friedrich hayek I knew, and what he got right—and wrong. **New Statesman**, v. 30, 2015.
- GROS, Denise Barbosa. Considerações sobre o neoliberalismo como movimento ideológico internacional. **Ensaio FEE**, v. 29, n. 2, p. 565-590, 2008.
- HABERLER, G. Mises' Private Seminar: Reminiscences. **The Mont Pèlerin Quarterly** 3. p. 20–21, outubro, 1961. Disponível em <<https://mises.org/library/misess-private-seminar-reminiscences-gottfried-haberler>>
- HARVEY, David. **A brief history of neoliberalism**. Oxford University Press, USA, 2007.

- _____. **Paris, Capital da Modernidade**. São Paulo: Ed. Boitempo, 2015.
- _____. **Condição pós-moderna**. Edições Loyola, 1992.
- HAN, Byung-Chul. **Psychopolitics: Neoliberalism and new technologies of power**. Verso Books, 2017.
- HAYEK, F. A.. Economics and knowledge. **Economica**, v. 4, n. 13, p. 33-54, 1937.
- _____. **Individualism: true and false**. Hodges, Figgis & Company, 1946.
- _____. **Monetary theory and the trade cycle**. Harcourt, Brace & Co., inc., 1933.
- _____. **Prices and production**. George Routledge and Sons, Ltd, London, 1932.
- _____. **Profits interest and investment and other essays on theory of Industrial fluctuations**. George Routledge and Sons Limited, London, 1939.
- _____. Scientism and the study of society. Part I. **Economica**, v. 9, n. 35, p. 267-291, 1942.
- _____. Scientism and the study of society. Part II. **Economica**, v. 10, n. 37, p. 34-63, 1943.
- _____. Scientism and the study of society. Part III. **Economica**, v. 11, n. 41, p. 27-39, 1944.
- _____. **Studies on the Abuse and Decline of Reason: Text and Documents**. Routledge, 2013.
- _____. **The constitution of liberty: The definitive edition**. Routledge, 2013.
- _____. **The counter-revolution of science**. 1953.
- _____. The intellectuals and socialism. **The University of Chicago Law Review**, v. 16, n. 3, p. 417-433, 1949.
- _____. **The pure theory of capital**. University of Chicago Press, 2007. (Obra original publicada em 1941)
- _____. **The road to serfdom: Text and documents: The definitive edition**. Routledge, 2014.
- _____. **The sensory order**. Chicago: University of Chicago Press, 1952.
- _____. The Trend of Economic Thinking. **Economica**, n. 40, p. 121-37, 1933
- _____. The use of knowledge in society. **The American economic review**, v. 35, n. 4, p. 519-530, 1945.
- HOBBSBAWM, Eric. **Age of empire: 1875-1914**. Hachette UK, 2010.
- HUXLEY, A. **Brave New World**. Vintage UK. 2007 (Obra publicada em 1932)
- JAMESON, F. **Postmodernism, or, the cultural logic of late capitalism**. Duke University Press, 1991.
- JOHNS, Adrian. **Death of a pirate: British radio and the making of the information age**. WW Norton & Company, 2010.

JONES, D. S.. **Masters of the Universe: Hayek, Friedman, and the Birth of Neoliberal Politics-Updated Edition**. Princeton University Press, 2014.

JOYCE, James. **A Portrait of the Artist as a Young Man**. Oxford Paperbacks, 2008. (Obra original publicada em 1916.)

_____. **Ulysses**. Random House, 1993. (Obra original publicada em 1918.)

KERSHAW, Ian. **Hitler: A biography**. WW Norton & Company, 2010.

KEYNES, J. M. **A treatise on money in two volumes. 1.: The pure theory of money. 2.: The applied theory of money**. London: Macmillan & Co, 1930.

_____. **Essays in persuasion**. Palgrave Macmillan, 2010.

_____. **The economic consequences of the peace**. Routledge, 2017. (Obra original publicada em 1919.)

_____. **The general theory of employment, interest, and money**. Springer, 2018. (Obra original publicada em 1936.)

_____. The End of Laissez-Faire. In: Johnson, E.; MOGGRIDGE, D. (Orgs). **The Collected Writings of John Maynard Keynes**. v. 9, p, 272–94. Royal Economic Society, 1978. (Obra original publicada em 1926)

KEYNES, J. M.; MOGGRIDGE, D. (Ed.). **Keynes on the Wireless**. Palgrave Macmillan, 2010.

KEYNES, J. M.; SKIDELSKY, R. (Ed.). **The Essential Keynes**. Penguin, 2016.

KIZNER, I.M. Austrian School of Economics. In: Durlauf S., Blume L. (eds) **The New Palgrave Dictionary of Economics**. Palgrave Macmillan, London. 1987

KLEIN, Naomi. **The shock doctrine: The rise of disaster capitalism**. Macmillan, 2007.

KRESGE, S., WENAR, L.. **Hayek on Hayek: An autobiographical dialogue**. Routledge, 2005.

LE GUIN, U. K. Utopiyyin, Utopiyyang. In: MORE, T.; MIEVILLE, C. (Ed.). **Utopia**. Verso. 2016.

LEVIN, H. What Was Modernism?. **The Massachusetts Review**, v. 1, n. 4, p. 609-630, 1960.

LEWIS, Sinclair. **It can't happen here**. Penguin, 2014. (Obra original publicada em 1935)

LIGGIO, L. P. **Literature of Liberty: A Review of Contemporary Liberal Thought**. Cato Institute. 1978

_____. **Literature of Liberty: A Review of Contemporary Liberal Thought**. Cato Institute. 1979

LIMA, R. C.. Otto Neurath e o legado do ISOTYPE. **InfoDesign, Pernambuco**, v. 5, n. 2, 2008.

- LIPPMANN, W. **The good society**. Routledge, 2017. (Obra original publicada em 1937.)
- LONDON, J. **The iron heel**. Penguin, 2006. (Obra publicada em 1908)
- _____. **The people of the abyss**. Macmillan, 1903.
- _____. **The scarlet plague**. Courier Dover Publications, 2015. (Obra publicada em 1912)
- LOSURDO, Domenico. **Contra-história do liberalismo**. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.
- MARINETTI, F. T. Manifesto futurista. In: BERNARDINI, Aurora Fornoni (Ed.). **O Futurismo Italiano**. Perspectiva, 2013.
- _____. Manifesto do Partido Político Futurista. In: BERNARDI, Aurora Fornoni (Ed.). **O Futurismo Italiano**. Perspectiva, 2013.
- MARX, K; ENGELS, F. **The communist manifesto**. Penguin, 2002. (Obra original publicada em 1848)
- MATTL, Siegfried. O caso da Viena Vermelha. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 89, p. 191-213, 2013.
- MBEMBE, J. A. Necropolitics. **Public culture**, v. 15, n. 1, p. 11-40, 2003.
- MCCLOSKEY, D. N. The rhetoric of economics. Univ of Wisconsin Press, 1982.
- MEAD, Henry. 'Keeping Our Little Corner Clean': George Orwell's Cultural Broadcasts at the BBC. In: FELDMAN, M.; MEAD, H.; TONNING, E. (Eds.). **Broadcasting in the Modernist Era**. Bloomsbury Publishing, 2014.
- MILLER, S. (Eds.) **The Viennese Cafe and Fin-de-Siecle Culture**. Berghahn Books, 2013. p. 78-97.
- MIROWSKI, Philip. Cyborg agonistes: economics meets operations research in mid-century. **Social Studies of Science**, v. 29, n. 5, p. 685-718, 1999.
- _____. Defining neoliberalism. In: MIROWSKI, P.; PLEHWE, D. (Eds.). **The road from Mont Pèlerin: The making of the neoliberal thought collective**, Harvard University Press, 2009. p. 417-450.
- _____. **Machine dreams: Economics becomes a cyborg science**. Cambridge University Press, 2002.
- MIROWSKI, P.; NIK-KHAH, E.. **The knowledge we have lost in information: the history of information in modern economics**. Oxford University Press, 2017.
- MISES, L. Mises's Review of Keynes's End of Laissez-Faire. **Mises Institute**, 07/20/2005. <<https://mises.org/library/misess-review-keyness-end-laissez-faire>> (Obra original publicada em 1927, em "Das Ende des Laissez-Faire, Ideen zur Verbindung von Privat- und Gemeinwirtschaft". Zeitschrift für die gesamte Staatswissenschaft. 82, p. 190-91, 1927.)

_____. **The historical setting of the Austrian school of economics.** pp. 53-76. Ludwig von Mises Institute. 2003. (Obra publicada em 1969) <<https://mises.org/library/historical-setting-austrian-school-economics>>

MOODY, Alys. Conquering the Virtual Public': Jean-Paul Sartre's La tribune des temps modernes and the Radio in France. In: FELDMAN, M.; MEAD, H.; TONNING, E. (Eds.). **Broadcasting in the Modernist Era.** Bloomsbury Publishing, 2014.

MULLER, C & SELDON, A. The influence of classical liberalism and monetarist economics: Christopher Muller interviews Arthur Seldon, **Contemporary British History**, v. 10, n. 1, p. 199-209, 1996. Disponível em <<https://www.tandfonline.com/doi/citedby/10.1080/13619469608581378?scroll=top&needAccess=true>>

MYRDAL, Gunnar. **An American Dilemma: The Negro Problem and Modern Democracy, Volume 1.** Routledge, 2017.

NEAVILL, G. B. Victor Gollancz and the left book club. **The library quarterly**, v. 41, n. 3, p. 197-215, 1971.

OHLIN, B. Keynesian Economics and the Stockholm School. A Comment on Don Patinkin's Paper. In: **The Theoretical Contributions of Knut Wicksell.** Palgrave Macmillan, London, 1979. p. 16-19.

O'NEILL, J. Austrian economics and the limits of markets. **Cambridge Journal of Economics**, p. 1073-1090, 2012.

OPOCHER, Arrigo. **Marginalist (or Neoclassical) Economics.** Routledge, 2017

ORWELL, G. **1984.** Signet Classic, 1961. (Obra publicada em 1949)

_____. **Down and out in Paris and London.** Penguin UK, 2001. (Obra publicada em 1933)

_____. Review of Mein Kampf by Adolf Hitler. **Worldview**, v. 18, n. 7-8, p. 27-27, 1975. 1940

_____. The Road to Serfdom by F.A. Hayek / The Mirror of the Past by K. Zilliacus. In: ORWELL, G. **Orwell: the Observer years.** Atlantic Books (UK), 2003. (Obra original publicada em 09 de abril de 1944.)

_____. **The road to Wigan pier.** Penguin UK, 2001. 1937

PASSET, René. **A ilusão neoliberal.** Record, 2002.

PATINKIN, D. On the relation between Keynesian economics and the "Stockholm School". In: **The Theoretical Contributions of Knut Wicksell.** Palgrave Macmillan, London, 1979. p. 7-15.

PAULANI, L. **Modernidade e discurso econômico.** Boitempo Editorial, 2005.

PAXTON, Robert O. **The anatomy of fascism**. Vintage, 2007.

PERLOFF, Marjorie. **Edge of Irony: Modernism in the Shadow of the Habsburg Empire**. University of Chicago Press, 2016.

_____. **The futurist moment: Avant-garde, avant guerre, and the language of rupture**. University of Chicago Press, 2003.

_____. The first futurist manifesto revisited: Rett Kopi: Manifesto issue: Dokumenterter fremtiden (2007): 152-56. **New Sound-International Magazine for Music**, n. 34-2, p. 7-15, 2009.

_____. "Violence and Precision": The Manifesto as Art Form. *Chicago Review* 34, no. 2: 65-101. 1984.

PINSKER, Shachar. Between 'The House of Study' and the Coffeehouse: The Central European Café as a Site for Hebrew and Yiddish Modernism. In: CHARLOTTE, A.; TAG, G.; SHAW

POPPER, K.; GOMBRICH, E., HAVEL, V. **The open society and its enemies**. Routledge, 2011. (Obra publicada em 1945)

POUND, Ezra. **Jefferson And/or Mussolini: L'idea Statale: Fascism as I Have Seen it**. Liveright, 1970.

_____. **Make it new**. Faber and Faber, 1934.

PUCHNER, Martin. **Poetry of the Revolution: Marx, Manifestos, and the Avant-gardes**. Princeton University Press, 2006.

PUCHNER, Martin. The Aftershocks of Blast: Manifestos, Satire, and the Rear-Guard of Modernism. In: MAO, D.; WALKOWITZ, R. L. (Eds.) **Bad modernisms**. Duke Univ Press, 2006.

RAE, Patricia. Orwell's heart of darkness: The road to Wigan pier as modernist anthropology. **Prose Studies**, v. 22, n. 1, p. 71-102, 1999.

RAGNEDDA, Massimo. Radio Broadcasting in Fascist Italy: between censorship, total control, Jazz and Futurism. In: FELDMAN, M.; MEAD, H.; TONNING, E. (Eds.). **Broadcasting in the Modernist Era**. Bloomsbury Publishing, 2014. p. 169, 2014. p. 195-211.

REINHOUDT, J.; AUDIER, S. **The Walter Lippmann Colloquium. The Birth of Neo-Liberalism**. Palgrave Macmillan, 2018.

ROBBINS, Lionel. **The great depression**. Transaction Publishers, 2011. (Obra original publicada em 1934)

RODGERS, T. The Right Book Club: text wars, modernity and cultural politics in the late thirties. **Literature & History**, v. 12, n. 2, p. 1-15, 2003.

ROUDINESCO, E. **A parte obscura de nós mesmos: uma história dos perversos**. Zahar, 2008.

_____. **Filósofos na tormenta: Canguilhem, Sartre, Foucault, Althusser, Deleuze e Derrida**. Zahar, 2017.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. Edusp, 2002.

_____. **Economia espacial: críticas e alternativas**. Edusp, 2003.

SCHORSKE, C. E. **Fin-de-siècle Vienna: politics and culture**. Vintage, 1981.

SCHWARZ, E. Mass Emigration and Intellectual Exile from National Socialism: The Austrian Case. **Austrian History Yearbook**, v. 27, p. 1-20, 1996.

SILVERTHORNE, Diane. Project Review: 'The Viennese Café and Fin-de-Siècle Culture'. **Dandelion**, v. 2, n. 1, 2011.

SKIDELSKY, Robert. **Keynes: the return of the master**. PublicAffairs, 2010.

SMITH, A; CANNAN, E. (Ed.) **An Inquiry into the Nature and Causes of the Wealth of Nations by Adam Smith, edited with an Introduction, Notes, Marginal Summary and an Enlarged Index by Edwin Cannan**. London: Methuen, 1904. Disponível em: <<https://oll.libertyfund.org/titles/171>>

THE NEW YORK TIMES. Myrdal and von Hayek Share a Nobel. Archive. 10 de outubro de 1974. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1974/10/10/archives/myrdal-and-von-hayek-share-a-nobel-myrdal-winner-with-von-hayek.html>>

THE NOBEL PRIZE. Economics prize for works in economic theory and inter-disciplinary research. Press Release. 09 de outubro de 1974. Disponível em: <<https://www.nobelprize.org/prizes/economic-sciences/1974/press-release/>>

TRIBE, Keith. Liberalism and neoliberalism in Britain, 1930-1980. In: MIROWSKI, P.; PLEHWE, D. (Eds.). **The road from Mont Pèlerin: The making of the neoliberal thought collective**, Harvard University Press, 2009.

TURNER, F. **From counterculture to cyberculture: Stewart Brand, the Whole Earth Network, and the rise of digital utopianism**. University of Chicago Press, 2010.

_____. **The democratic surround: Multimedia and American liberalism from World War II to the psychedelic sixties**. University of Chicago Press, 2013.

TRYPHONOPOULOS, D. P.; ADAMS, S. (Ed.). **The Ezra Pound Encyclopedia**. Greenwood Publishing Group, 2005.

UNIVERSITY OF STIRLING. Archives and Special Collections: Left Book Club. Disponível em <<https://libguides.stir.ac.uk/c.php?g=530467&p=3628584>>

WAPSHOTT, Nicholas. **Keynes Hayek: The clash that defined modern economics**. WW Norton & Company, 2011.

WHITE, L. H. Susan Howson, Lionel Robbins. **Œconomia. History, Methodology, Philosophy**, n. 5-3, p. 419-422, 2015. Disponível em <<http://journals.openedition.org/oeconomia/2104>>

WILLIAMS, Raymond. **Culture**. London: Fontana, 1981.

_____. **Culture and materialism: selected essays**. Verso, 2005.

_____. **Marxism and literature**. Oxford Paperbacks, 1977.

WILLIAMS, Raymond; PINKNEY, T. (Ed.) **The politics of modernism: Against the new conformists**. London: Verso, 2007.

VAN HORN, R.; MIROWSKI, P. The rise of the Chicago School of Economics and the birth of neoliberalism. In: MIROWSKI, P.; PLEHWE, D. (Eds.). **The road from Mont Pèlerin: The making of the neoliberal thought collective**, Harvard University Press, 2009. p. 149-163.

WOOD, Alice. Made to Measure: Virginia Woolf in Good Housekeeping Magazine. **Prose Studies**, v. 32, n. 1, p. 12-24, 2010.

ZAMYATIN, Y. **We**. Penguin, 1993. (Obra publicada em 1924)